

ANDREW
SMITH

MINHA METADE

SILENCIOSA

"STICK"

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ANDREW
SMITH

MINHA METADE

SILENCIOSA

"STICK"

 GUTENBERG

**ANDREW
SMITH**

MINHA METADE
SILENCIOSA

“ S T I C K ”

TRADUÇÃO

Rodrigo Seabra



GUTENBERG

Para Laura Rennert

PRIMEIRO:

O quarto de São Fillan

O que você ouviria
se minhas palavras

produzissem
sons?

E, se elas fizessem
isso,
que música eu escreveria
para você?

ME CHAMAM DE PALITO

Tenho 1,82 m, dois centímetros a mais que meu irmão Bosten, que está no segundo ano do ensino médio.

Tenho 13 anos, e sou um palito.

Na verdade, meu primeiro nome é Stark. Para mim, isso é pior que ser chamado de Palito. Era o nome do meu tataravô. Acho que meus pais estavam muito interessados em se ligar às nossas raízes ou algo assim quando decidiram que eu teria esse nome. Meu tataravô passou sua vida inteira na Irlanda, morreu por lá e nunca me viu na vida. Mas tenho certeza de que ele me chamaria de Palito também, se tivesse me conhecido.

É muito comum que, depois que as pessoas fiquem sabendo do meu nome, elas digam alguma coisa do tipo “Olha, mas que nome *diferente*”. Isso, para mim, é o mesmo que dizer “Olha só o pobre garoto deficiente”.

Quando eu digo que não gosto de ser chamado de Stark, parece que todo mundo quer dizer algo para consolar.

– Aposto que você vai gostar do seu nome quando crescer.

Acho que as únicas coisas de que as pessoas gostam mais depois que crescem são bebidas e cigarros.

Meus pais fumam o tempo todo.

E eu passo tão despercebido quanto uma lata de milho.

Me incomoda quando as pessoas me encaram. Na maioria das vezes, elas não têm como evitar, porque eu não tenho a orelha direita.

Além disso, com nomes como os que meu irmão e eu temos, nós deveríamos andar por aí com placas escritas “Olhem para nós”. Afinal, pelo menos aqui onde a gente cresceu, no estado de Washington, o normal seria que todos os garotos tivessem nomes como “Chip” ou “Robert”.

Não Bosten e Stark McClellan.

Não Palito.

O mundo para mim soa diferente de como soa para todas as outras pessoas.

Basicamente o tempo todo, ele soa assim.

Metade da minha cabeça fica em silêncio.

Eu nasci assim.

A maioria das pessoas não percebe isso logo de cara, mas assim que percebem, dá para ver no rosto delas. Eu fico observando quando elas dão uma olhada do outro lado – o lado em que falta um pedaço – para ver o que há de errado comigo.

Tudo bem, olhem para mim.

Eu sou feio.

Quando você me vê pela primeira vez, eu pareço ser só mais um adolescente, talvez apenas mais alto e mais magro. Se você chegar de frente, olhando direto nos meus olhos, provavelmente vai achar que tenho boa aparência, que sou um garoto até simpático, com meus olhos verdes, cabelo castanho, uma expressão tranquila (e isso é por eu não sorrir muito, provavelmente). Mas aí você chega do outro lado e vai notar. Eu tenho algo que parece o contorno de uma orelha normal, mas ela é espremida contra a cabeça, amassada como se fosse feita de argila. Não tem um buraco, ou o que eles chamam de um “canal”.

Nada entra na minha cabeça por ali.

Não consigo disfarçar bem porque meu pai não me deixa ter cabelo comprido. Ele grita comigo quando eu uso meu gorro dentro de casa. Diz que não tem nada de errado comigo.

Mas eu sou feio.

Você vê o que eu estou fazendo, não vê?
Estou fazendo você me ouvir
do jeito que eu ouço o mundo.
Mas não vou fazer isso demais, prometo.
Sei o que isso pode fazer com você.

Sei o que pode acontecer com uma pessoa quando ela não tem um buraco ali.

Seres humanos precisam daquele buraco, para que as coisas possam sair.

As coisas entram na minha cabeça e ficam quicando lá dentro até arrumarem um jeito de sair.

Minha mãe nunca fala sobre minha orelha. Aliás, ela dificilmente fala comigo.

Acho que ela é triste e horrorizada comigo. Acho que ela se culpa.

Mais que tudo, acho que ela queria que eu nunca tivesse nascido.

Na tarde de uma sexta-feira de março, tudo começou a mudar.

Depois de Bosten, minha melhor amiga era Emily Lohman. Ela também estava no nono ano e era a única menina que eu conhecia que nunca tinha gozado da minha cara.

Eu ficava encantado com a perfeição dela.

Era o fim do inverno.

Nós morávamos no litoral.

Quando Bosten era mais novo, nós três costumávamos caminhar da casa dos meus pais até a praia. Íamos para debaixo do cais e levantávamos as pedras atrás de siris, que a gente levava para casa em latinhas cheias de pontos de ferrugem. E depois, nos perguntávamos por que eles morriam tão rápido sob nossos cuidados.

Aos 16 anos, Bosten disse que estava muito velho para ir catar siris comigo e com Emily. Acho que ele ainda queria fazer isso às vezes, mas havia outras coisas na cabeça dele naquele momento, outras coisas que ele procurava.

Ele era agressivo e rebelde como um cavalo, que preferiria morrer a se deixar montar. Ele me fazia rir também. Eram risadas de verdade, que me faziam cócegas por dentro e deixavam meus olhos com lágrimas. E, ao longo dos anos, Bosten saiu com o nariz sangrando várias vezes, por me defender.

Eu sempre me importei muito menos em ouvir provocações do que em ver meu irmão levar alguma surra por minha causa.

Tem algo naquele céu cinza de fim de inverno em Washington que faz a gente se sentir molhado por dentro, como se estivéssemos enterrados sob uma pilha de folhas apodrecidas, como se não conseguíssemos nunca ficar secos e aquecidos.

Minha calça jeans e minhas botas estavam ensopadas de água do mar. De algum jeito, grãos de areia conseguiram ir parar dentro das minhas meias e se alojaram entre meus dedos meio adormecidos.

Eu sempre tinha problemas com a minha mãe se chegasse em casa com os pés molhados. Já estava bolando um plano de parar em algum lugar no bosque e jogar fora minhas meias.

– Eu odeio o inverno – disse Emily.

Ela sempre andava do meu lado esquerdo e nunca comentou nada a respeito daquele hábito. Estávamos indo para o norte, longe do cais, com a água preta e serrilhada do Estreito de Puget me empurrando contra ela sempre que eu tentava fugir do arrasto do mar.

– Eu também – e vi minhas palavras se transformarem em névoa na frente do rosto. – Aqui tem um bom.

Um siri gordo de coloração arroxeada e garras amarelas correu feito uma aranha para fora da areia lamacenta entre dois pedregulhos pontiagudos.

Existe um truque para se pegar siris. Se eles te virem, geralmente vão correr e se enfiar em fendas aparentemente impossíveis de entrar entre as pedras. É

preciso pegá-los de forma rápida e confiante, por trás e de cima, em um ângulo de ataque perfeito.

Meu ângulo estava meio errado naquele dia.

O siri me pinçou justamente na pele macia entre o polegar e o indicador.

Eu gani feito um chihuahua cuja pata foi pisada e sacudi minha mão.

O siri correu livre para a água.

Emily riu.

– Que merda! – eu disse.

E aí eu ri também.

Ela era a única pessoa além do Bosten na frente da qual eu podia fazer qualquer coisa sem ter vergonha.

Passamos por uma área cheia de pedaços pontudos de madeira cinzenta e branca que tinham boiado até ali, caminhando em direção a uma fileira de árvores escuras onde Bosten e seu melhor amigo, Paul Buckley, tinham construído um forte de chapas de compensado junto comigo dois verões antes. O forte era meio enterrado no chão, como um bunker subterrâneo que podia nos proteger de tudo o que imaginávamos existir lá fora.

Começou a chover.

Emily inclinou sua lata na beira da água.

– Vou deixar eles irem – ela disse.

Só tínhamos dois, mas eles eram dos grandes.

Fechei meu casaco até em cima e puxei o capuz de lã sobre a cabeça, até que ele fizesse uma linha do horizonte preta acima dos meus olhos. Dei um suspiro.

– Vamos correr para debaixo das árvores, Emi. Minha mãe...

– Não era para chover hoje!

– Bom, bem-vinda ao inverno.

Nós nos escondemos no forte ficando bem juntos em um banco de piquenique feito de madeira de sequoia. Dava para sentir as gotas da chuva passando pela madeira encharcada, enquanto eu sentava sobre as mãos para aquecê-las.

Era tarde de sexta-feira. Os garotos da nossa idade sentem uma felicidade quase etílica nas tardes de sexta-feira.

Eu precisava enxugar o nariz. Às vezes, o som da chuva me rodeava. E eu ficava ouvindo.

– Então... Ano que vem... Ensino médio... Você pensa nisso, Palito?

A maioria dos garotos em Point No Point sonhava com coisas como crescer logo ou em lugares como a Califórnia. Eu só suspirei.

– Não vou ter amigos e vou levar surras o tempo todo.

Emily riu. Ela sabia que eu não estava com medo de verdade.

– Você precisa aprender a lutar.

Eu não conseguia ouvir o que ela dizia por causa da chuva e da forma como estávamos sentados. Soou como se ela tivesse dito algo sobre “entender” e “gritar”.

– Se você conseguir bater em um dos caras-chave, ninguém vai folgar com você de novo – ela disse. – Olha para você, Palito. Você é o garoto mais alto do nono ano.

– Você tem uma lista de caras-chave?

Ela riu.

Eu mudei de lugar. Tinha entrado uma farpa na minha mão.

Ela nunca me deixava nervoso.

– Acho que eu preciso ir para casa. Bosten e eu vamos ao jogo de basquete.
– É disso que eu estou falando – ela disse. – Você deveria jogar basquete.
Já te vi jogando.
– Eu não sou bom...
– Não seja bobo.
– Quer ir com a gente?
Ela sorriu. Tinha um jeito de sorrir que dizia “não” em forma de música.
Emily não gostava dos jogos do colégio. Bosten e eu nunca jogávamos nos times com os outros garotos, mas gostávamos de ir assistir porque o Paul estava no time.
Comecei a desamarrar os cadarços de couro cru das botas.
– Preciso jogar minhas meias fora – expliquei.
– Ah...
Ela sabia como minha mãe era às vezes.
Meus pés estavam pálidos. Pareciam expostos e assustados, como aquelas salamandras sem olhos que a gente encontra nas cavernas em que não bate sol e que ficam no escuro permanente. Quando me inclinei para a frente para puxar a segunda meia, Emily fez uma coisa que teria me feito correr dali e gritar de raiva se fosse com qualquer outra pessoa, exceto ela e Bosten.
Ela empurrou a beirada do meu gorro com as pontas de dois dedos e tocou minha orelha.
Ou o lugar ao lado da minha cabeça onde uma orelha normal estaria.
Ela nunca tinha feito aquilo.
Quando eu me encolhi como se tivesse levado um tiro, ela puxou a mão de volta e logo disse...
– Desculpa.
– O que você está fazendo? – eu não pude evitar demonstrar que estava contrariado. As pessoas não costumavam encostar em mim.
Eu senti aquilo. O som veio do outro lado, misturou-se à leveza dos dedos dela e rodopiou dentro da minha cabeça.
E me fez tremer.
– Desculpa, Palito. Eu só...
Amarrei minhas botas tão apertadas que machucaram meus pés sem meias.
Não conseguia olhar para ela, estava com vergonha demais.
E ela era perfeita.

Não havia nada entre mim e Emily que não ficasse bem resolvido. Nossa amizade era um pilar.

Eu não pensava em garotas do mesmo modo que os outros rapazes. Não parecia para mim que eu ou ela estivéssemos prontos para isso. Nós gostávamos de catar siris e de escondê-los no forte do Bosten.

Os garotos no nono ano gostam de implicar uns com os outros. São piores que siris acuados, mesmo quando você não tem nenhuma parte do corpo faltando.

Por alguma razão, Emily não era assim. Ela nunca dava bola para os garotos que vinham cheios de garras.

Mas, naquele dia, Emily semeou em mim um milagre.

– Por que você está sorrindo desse jeito? – sussurrou Bosten. Seus olhos se apertavam sempre que ele queria fazer graça ou pregar uma peça em alguém.

Eu nem tinha percebido que estava sorrindo. Tenho certeza de que não pareceria um sorriso para ninguém mais, só para meu irmão.

– Nada...

Ele deu uma espiada sobre o ombro. Estava vendo se nossa mãe estava por perto. Fiquei lá parado, molhado e tremendo de frio, descalço na antessala. As bochechas de Bosten estavam vermelhas. Ele deslizou na minha direção pelo chão liso com suas grossas meias brancas.

– Eu deveria ter entrado em casa do jeito secreto. Mas tinha lama demais.

– E é por isso que você está feliz?

– Não. Larga de ser bobo, Bosten.

Tirei meu gorro. Ele pingava na minha mão.

Nós chamávamos de “jeito secreto” as portas laterais reforçadas que davam no porão. Às vezes, em noites de verão, fugíamos por elas. Só voltávamos quando o céu começava a clarear.

Bosten dizia que era como se fôssemos vampiros e eu sempre adorava isso.

– Vem – disse ele.

Entramos sorrateiramente pelas escadas escuras e estreitas que iam para o porão.

Elas rangiam sempre, não importava o quanto devagar a gente pisasse, mas a mãe não nos ouviu.

Eu era a única pessoa da família cujo quarto ficava lá embaixo.

– Tira a roupa. Vou ver se consigo colocá-la na secadora sem ser pego.

Bosten saiu levando minhas coisas molhadas, todo carregado com aquela bagunça pesada nas mãos, passando pela área do porão que era aberta e tinha um piso de cimento que ia do meu quarto até a lavanderia debaixo das escadas.

Dava para sentir o cheiro da fumaça de cigarro que vinha de logo acima de nós e chegava lá embaixo.

– Pai, posso pegar o carro hoje à noite e levar o Palitoso para ver o jogo?

Sempre que o Bosten me chamava de Palitoso eu sabia que ele estava planejando alguma loucura. Era nosso código, a única coisa que nossos pais nunca tinham descoberto.

Terminamos o jantar. Hoje era a minha vez de tirar os pratos da mesa.

– O Pontiac não, pai. O Toyota.

Meu pai fumava um cigarro e ainda estava de gravata. O Pontiac era seu carro de ir para o trabalho, o que ele usava com os clientes da imobiliária.

– Qual de vocês estava usando a secadora lá embaixo? – perguntou a mãe.

Ela sabia que era eu.

Colocou o cigarro aceso no cinzeiro ao lado de seu guardanapo.

Ela não estava nada feliz.

Olhei para Bosten.

– Fui eu – ele disse.

– Não – eu balancei a cabeça. – São as minhas coisas. Eu me molhei voltando para casa depois da escola com a Emily. O Bosten só as colocou na secadora para mim.

Meu pai expirou fumaça pelas narinas.

– Agora a secadora está cheia de terra – disse minha mãe, com um ar desapontado. Era o modo como ela sempre começava suas broncas.

– É um desperdício de eletricidade – disse o pai.

Eu liguei a torneira e dei uma enxaguada nos pratos, de modo que o barulho encobrisse tudo. Mas alguns sons não são facilmente abafados.

– Eu não trabalho sete dias por semana para...

Senti no chão a vibração de passos que vinham na direção das minhas pernas. Não me virei. Era melhor me fingir de surdo algumas vezes.

Minha mãe estendeu a mão e desligou a água. Ela então pôs uma lata branca de Fórmula 409 e um pano no balcão perto da minha mão.

Ela segurava o cigarro de trás para a frente entre o indicador e o dedo médio. Eu gostava daquilo. Sempre pensei que, se eu algum dia fumasse, ia querer segurar o cigarro daquele jeito.

– Limpe a secadora antes de você e Bosten saírem para o jogo.

– Tudo bem – eu disse. – Desculpa.

– Não faça isso de novo – ela disse com sua voz rígida e fria como restos de carne.

– Não vou fazer.

Talvez eles nem saíam – disse meu pai. – Os dois já estão bem crescidos para serem tratados feito malditos

bebezinhos o tempo todo.

Bosten começou a implorar. – Mas pai... O Paul vai jogar. É sexta à noite.

Meu pai respirou fundo. – Depois de lá, vocês não vão para nenhum lugar. Vou ficar de olho nos dois.

– Nós só vamos para o Crazy Eric com o Paul depois do jogo. Com o pai e a mãe dele – completou Bosten.

Eu sabia que ele estava mentindo. O Crazy Eric era a lanchonete para onde a garotada do colégio ia. Eu sabia que a gente não ia para lá.

Minha mãe pôs a mão no meu ombro como se eu não estivesse ouvindo.

– E você, faça algo a respeito das suas coisas molhadas – ela disse.

Mamãe e papai queriam que tudo estivesse sempre perfeito.

Minhas roupas molhadas estavam espalhadas pelo chão em frente à secadora aberta. Dei uma balançada nelas e as levei para meu quarto, procurando por qualquer quina ou prateleira onde pudesse deixá-las para secar. Assim minha mãe não iria me xingar.

No chão onde elas estavam ficou uma marca úmida. Achei que ficou parecendo o mapa da Groenlândia.

Tive de me agachar bem em cima para limpar a secadora.

Ficaram dois círculos escuros nos joelhos das calças onde encostei na mancha de água. Eu estava com cheiro de banheiro de posto de gasolina. O 409 me fazia espirrar quando eu enfiava a cabeça dentro da secadora para passar o pano. Não

vi terra nenhuma por lá, mas limpei assim mesmo.

– Precisa de ajuda? – disse Bosten, encostado na porta do meu quarto e assistindo.

– Nah...

Dei uma espanada nos joelhos e olhei para meu irmão com pedidos de desculpas nos olhos. Não queria fazê-lo se atrasar.

– Vai precisar trocar as calças?

– É água, não xixi.

Bosten sorriu. – Tudo bem, vai secar. Eu ligo o secador em você.

No escuro, com a porta do motorista aberta e os pés do lado de fora, no cascalho à beira da estrada de Pilot Point, Bosten estava com a cabeça enfiada sob o painel, dando uns grunhidos.

Eu sabia o que ele estava fazendo.

Já tínhamos percorrido a mesma distância de uma ida e uma volta à sua escola.

Não dava para ouvir barulho nenhum, mas eu sabia, pelo jeito como seus ombros tensionavam e relaxavam, que Bosten tinha soltado o cabo do odômetro por baixo do painel.

Estávamos livres.

O papai nunca sabia dos lugares para os quais a gente ia depois que Bosten descobriu como era fácil dar aquele jeitinho no carro. O único risco era que meu irmão não tinha como saber a velocidade com que estava dirigindo, porque o ponteiro do velocímetro nem se mexia. E também, uma vez ou outra, esquecíamos de reconectar o cabo e um de nós tinha de sair sorrateiramente de casa no meio da noite e recolocá-lo no lugar.

Bosten voltou para o banco do motorista, bateu a porta e ligou o Toyota. Então, se inclinou inteiro em cima da alavanca de câmbio.

– Vamos botar para quebrar, Palito.

– Beleza, vamos.

Ele fez um retorno proibido pelo meio da rodovia molhada e fomos de volta ao colégio David H. Wilson.

Não faço ideia de quem foi David H. Wilson.

Bosten sorriu e levou a mão embaixo do banco, entre suas pernas.

– Olha o que eu achei.

Ele puxou alguma coisa grossa e pesada e jogou no meu colo.

Pof.

– Onde você arrumou isso? – perguntei.

Bosten deu um tapa no volante e riu alto. – Achei no

Pontiac. É do papai.

Havia algo de excitante e aterrorizante ao mesmo tempo em segurar uma revista *Penthouse* macia e volumosa daquele jeito. E que pertencia ao meu pai!

Eu a abri e folheeí algumas páginas.

– Doido demais, hein?

Eu dei uma engasgada. Minha garganta pareceu fechar.

– Demais.

Bosten deu outra risada e ficou espiando a revista no meu colo enquanto dirigia.

Minhas mãos tremiam e minha boca estava escancarada. Eu virava as páginas para a frente e para trás, uma depois da outra. Elas mostravam tudo sem vergonha nenhuma, e as imagens eram bem grandes.

Vi uma chamada que dizia “Três em uma banheira”. Dois homens e uma mulher tomavam banho juntos. O banheiro era muito bonito, do tipo que você só veria em um filme. Quase dava para ver o vapor subindo naquele recinto. A mulher estava deitada na banheira. Seus seios bronzeados brilhavam com as gotas d’água e seus escuros pelos pubianos se emaranhavam sob a superfície como algas marinhas. Homens nus estavam na água, um de cada lado dela.

Eu não tinha pelo pubiano nenhum, exceto um ou outro debaixo do braço.

Era só mais uma coisa para me deixar preocupado na escola. O senhor Lloyd, professor de educação física, ficava no vestiário e ia riscando os nomes em sua chamada enquanto distribuía toalhas que nunca eram grandes o suficiente para enrolar na cintura nem dos garotos mais magros, certificando-se de que todos nós tomássemos banho depois da aula. No nono ano, a maioria dos garotos já tinha cabelo crescendo nas bolas, mas não eu. Enquanto todos os garotos usavam aquela toalhinha tamanho escolar na frente, tapando suas partes, eu usava a minha na cabeça, sobre o cabelo, para esconder minha maior vergonha.

Então havia outra foto, depois daquela do banho, dos homens de pé atrás da mulher secando-a com toalhas, seus pênis ali pendurados bem ao lado dos quadris dela, quase a tocando. Eu sabia o que era sexo, mas nunca tinha visto nada como aquilo antes.

Eu me perguntava se todo mundo tomava banho a três quando tinha pelos pubianos.

Fiquei curioso também sobre como os homens enfiaram os pênis nela. Não parecia haver lugar para eles. Não consegui ver nenhum lugar nela onde eles poderiam caber. E me perguntava se os homens tinham tomado algum tipo de tranquilizante ou coisa assim, porque como é que era possível ficar ao lado de uma mulher nua como aquela da fotografia e não ter uma ereção?

Meu pinto já estava duro só de olhar para ela na revista.

Subitamente desconfortável, mudei de posição e virei a página, bastante embaraçado com o que estava se passando comigo. Meio que doía e eu tive de dar uma puxada na frente do meu jeans para abrir espaço.

Eu estava impressionado e extasiado ao mesmo tempo.

Bosten ficava rindo de mim.

– O que você vai fazer com isso? – perguntei.

– Ah! – disse Bosten. – O que você acha que eu vou fazer? Vou ficar com ela para mim.

– A mamãe vai achar.

– Vou guardar no meu armário da escola.

– Papai vai ficar furioso.

Bosten se dobrava de rir sobre o volante.

– O que ele vai dizer? “Qual de vocês dois desgraçados pegou a revista que eu comprei para tirar uma no trabalho?”

Até eu ri daquilo.

Olhei mais algumas páginas. Eu esperava que o Bosten fosse me deixar lê-la depois, mas tinha medo de pensar em ser pego com aquilo em casa (eles pegavam tudo o que a gente conseguia!). E eu precisava ver mais fotos.

Bosten olhou para mim com uma expressão maliciosa.

– Você se masturba?

– O quê? – eu disse, como se não soubesse do que ele estava falando. Me pegou desprevenido o fato de ele perguntar.

– Sabe... Você bate umazinha, manezão?

Bate?

– Não – respondi rapidamente.

Bosten explodiu em gargalhadas de novo. Deu um tapa no meu ombro tão forte que eu quase bati o rosto na janela. – Você é muito mentiroso, Palito!

Eu fechei a revista.

Minhas mãos tremiam. Eu sabia que não podia mentir para meu irmão. Seria burrice mesmo.

– Beleza. Bom, às vezes eu faço isso...

– Às vezes? – ele disse. – Haha! Eu bato pelo menos duas vezes todo dia!

Bosten pegou a revista do meu colo e a abriu. Ia dirigindo com os joelhos. – “Três em uma banheira”. Que coisa mais safada! Uma vez eu bati tantas vezes no mesmo dia que deu uma irritação. Ficou em carne viva e sangrando.

– Sua mão?

– Não – Bosten parecia orgulhoso, sem vergonha nenhuma. Ele sempre falava besteira comigo por perto e agia assim. – Meu pau.

Eu ri. – Você é burro...

– Não estou brincando, Palitoso. Pensei que ia infeccionar ou coisa assim. Deu medo.

Pensei que eu ia ter de ver um médico e contar para ele que eu estava batendo punheta demais.

Ele voltou com a *Penthouse* para debaixo do banco. – Tive de parar por uns dias. Deixar de fazer é quase impossível, mas meu pau finalmente melhorou. Foi um alívio.

O colégio era logo adiante. Já dava para ver os faróis dos outros carros que iam parando no estacionamento em frente ao ginásio.

– Eu prefiro morrer a ter de falar para um médico que estou batendo punheta demais – eu disse. – E você nunca ouviu falar que pode ficar cego ou que isso vai impedir seu crescimento?

– Você não acredita nisso de verdade, acredita? – ele perguntou. – Isso é coisa que as pessoas mais velhas falam para que a gente não fique batendo uma o tempo todo. Quantos garotos cegos você já viu na vida?

Eu não lembrava de algum dia ter visto um garoto cego. Mas o senhor Lloyd falou conosco na aula de educação física que masturbação causava esse tipo de coisa. Eu até pensei que talvez fizesse sua orelha cair.

– Você tem certeza de que não impede o crescimento nem deixa cego? – perguntei.

– Bom, talvez seja por isso que eu sou mais baixo que você.

Bosten saiu do carro bem ao lado da perua dos Buckley. Eu olhei para fora, com um ar culpado, como se os pais de Paul estivessem olhando para a gente ou nos ouvindo, mas eles não estavam lá.

– Além disso – Bosten disse, agarrando a virilha e se ajeitando –, eu posso ficar baixo e cego, mas fico feliz.

– Você é muito burro – eu ri. Eu não ficava com vergonha nenhuma de falar com o Bosten a respeito de masturbação. Amava demais meu irmão para ficar com vergonha de qualquer coisa perto dele.

Abri a porta e saí.

E Bosten começou

– Palito! Palitoso! Me ajuda! Eu tô cego! Não consigo ver nada!

Eu ri de novo. Bosten saiu e veio para o meu lado do carro. Pôs o braço sobre meu ombro e sussurrou bem dentro do lado saudável da minha cabeça, seus

lábios tão perto que senti até o calor de sua respiração.

– Sabe o que eu vou fazer hoje mais tarde, quando a gente chegar em casa? Quando eu chegar hoje à noite, vou bater uma punheta bem dentro daquela maldita secadora.

– Você é muito doente, Bosten.

Chovia naquela noite.

Entre as poças do estacionamento, andamos em direção ao ginásio, que irradiava calor, barulho e luz.

Eu puxei meu gorro mais para baixo. Bosten usava um boné que dizia “C.D.W.”.

Durante o jogo, nós nos sentamos perto de Joy e Ian Buckley, pais de Paul. Eles eram muito amigos dos nossos pais, então meu irmão e eu sabíamos que tínhamos de tomar cuidado com o que dizíamos perto deles.

Eu me sentei entre Bosten e a senhora Buckley. Ela estava à minha direita e eu não conseguia ouvi-la direito. Ocasionalmente, ela punha a mão no meu joelho para chamar minha atenção e fazia alguma pergunta ou dizia algo agradável. Eu tinha de inventar respostas para parecer educado.

– Como estão sua mãe e seu pai, Stark?

Ela me chamou de Stark.

– Estamos ansiosos para receber sua família no jantar de domingo.

Quando ela punha a mão no meu joelho, era um toque suave e quente. Pensei naquela mulher da banheira. A senhora Buckley me fez ter uma ereção bem ali, nas arquibancadas do colégio do meu irmão.

Eu adorava basquete, mas nunca tive coragem de jogar.

Como eu poderia ir para a quadra com todos aqueles garotos e seus corpos perfeitos e sem problemas correndo em volta de mim, e ainda ser observado por tantos olhos?

O colégio Wilson jogava contra o time de Bremerton. Paul foi ativo durante todo o jogo; bem, pelo menos do que pudemos assistir do jogo.

Bosten e eu fomos expulsos do ginásio durante o segundo tempo.

A senhora Nolan, diretora do corpo discente, disse que tínhamos sorte de não ter sido presos, mas não importava. Eu sabia que o senhor e a senhora Buckley contariam aos nossos pais o que nós tínhamos feito se tivessem só ouvido isso dos outros alunos que estavam no jogo aquela noite.

Esperamos até o intervalo para fazer xixi. Durante aquela pausa, os banheiros ficaram tão cheios que era quase impossível mijar. Bosten ficou na fila para comprar uma Coca e eu fui ao banheiro dos homens.

Havia outro garoto em pé na frente do mictório. Eu sabia que era um cara do nono ano chamado Ricky Dostal. Ele estava na mesma turma de educação física que eu e tinha um físico considerável, que conseguiu jogando futebol americano e passando uma hora todos os dias na garagem de casa levantando pesos. Seu pai se sentava ao lado fumando e dizendo para o rapaz como ele seria um sucesso na vida. Ricky era um ano mais velho que todos os outros garotos do nono ano. O senhor Dostal o havia atrasado um ano de propósito, para que ele fosse o maior e mais forte no futebol do colégio. Pessoalmente, eu preferiria ter de ir ao médico por bater punheta demais do que ficar mais um ano na escola. Nós sempre nos odiamos, então o melhor que dava para fazer era ignorá-lo e fingir que não havia ninguém ali.

Não deu certo.

Quando ele saiu do mictório, percebeu que eu estava alguns centímetros atrás dele.

– E aí, retardado, como vai esse machucado na cabeça? – disse Ricky.

O que eu podia fazer?

Não dá para dizer ou fazer nada enquanto você está em pé lá, segurando o pinto.

Ricky então arrancou o gorro da minha cabeça.

– Seu filho de uma puta! – puxei o zíper na pressa e me virei na direção dele.

Lembro que eu estava pensando no que Emily me disse mais cedo, sobre o quanto eu precisava aprender a lutar.

Mas eu não era aquela pessoa.

Ricky me empurrou, eu virei de costas e quase caí dentro do mictório.

Era um daqueles que se estendem ao longo da parede, aberto, sem divisórias, mais ou menos até a altura do peito.

– O que você falou da minha mãe, esquisitão?

Sempre tem mijo por todo o chão em banheiros de ginásios escolares.

Ricky jogou meu gorro na urina que estava no fundo do mictório. Então sorriu para mim e olhou bem dentro dos meus olhos.

Eu odiava quando as pessoas me encaravam.

Imaginei que ia levar um soco.

Olhei para meus pés.

– E aí, não é seu gorro ali perto do ralo cheio de mijo, Palito?

Eu não respondi.

Foi aí que Bosten entrou segurando uma Coca. Eu nem o ouvi.

Acho que o Ricky também não.

– Você deveria pegá-lo de volta, Palito. Tem de cobrir essa merda aí na sua cabeça.

Eu olhei para a frente outra vez. Não estava com medo dele.

Bosten calmamente deixou sua Coca na pia atrás de Ricky e limpou a garganta. Bem no momento em que Ricky Dostal se virou, Bosten deu nele um soco tão forte, logo abaixo do olho, que eu senti até a vibração do punho do meu irmão pelo chão já amarelado do banheiro.

Ricky girou tão rápido de volta na minha direção que gotículas do seu sangue respingaram nos azulejos sobre o cano cromado que fazia fluir a água ao longo do mictório.

Ele apagou antes mesmo de chegar no chão, completamente inconsciente, deitado de lado com a cara no mijo que cobria o piso. Um rasgo vermelho escuro em forma de arco se abriu na maçã do rosto de Ricky e o sangue se espalhou por todo o chão e pelo rosto apagado do rapaz.

Quase parecia que alguém tinha sido assassinado ali.

Bosten não me disse uma palavra. Apenas deu um gole pelo canudo da Coca, voltou com ela para a pia, passou por cima de Ricky e foi até a ponta do mictório para fazer xixi.

Eu fiquei em pé ao lado do desmaiado, assistindo ao sangue que ia preenchendo os rejuntas dos azulejos, se misturando à urina e abrindo caminho até finalmente chegar à canaleta do canto.

– Quer um pouco? – Bosten me ofereceu sua Coca.

Eu estava com sede.

Ricky grunhiu e rolou de lado. Era uma bagunça, ele estava todo ensopado de

sangue e urina.

– Só um segundo – disse Bosten. – Toma aqui.

Ele tirou seu boné e o pôs na minha cabeça.

– Enquanto eu viver, Palito, ninguém nunca mais vai fazer isso com você de novo.

Durante o jogo, sentados ao lado da senhora Buckley, que aliás nem notou que eu usava o boné do meu irmão, vimos a diretora andando ao lado da quadra, procurando nas arquibancadas por Bosten e por mim.

Ele então se inclinou e sussurrou. – Vamos lá, Palito. É melhor a gente se entregar.

E foi assim que Bosten e eu fomos expulsos do ginásio aquela noite.

Esperamos no carro até o jogo acabar.

Acabei me sentindo mal pelo Ricky.

Tinha certeza de que, naquele momento, ele estava deitado em um pronto-socorro, cheirando a mijô, enquanto algum médico se debruçava sobre ele e costurava o corte que meu irmão havia aberto em seu rosto.

Eu me virei e olhei para fora. A chuva tinha parado e dava para ver algumas estrelas entre as nuvens.

Eu não queria olhar para Bosten.

– Quer seu boné de volta? – perguntei.

– Não. Está tudo bem? Espero que você não esteja com raiva de mim.

Foi quando me veio uma certa vontade de chorar.

Por isso eu não queria olhar para Bosten.

Ele sabia.

– Sinto muito, Palito.

Eram palavras como aquelas, vindas do meu irmão, que entravam na minha cabeça e zumbiam dentro de mim como vespas furiosas tentando achar uma saída.

Com certeza ele sentia muito.

Eu sabia o que ele queria dizer.

Ele não estava se desculpando por abrir a cara daquele puto.

Não estava se desculpando por ser expulso do maldito jogo de basquete.

Aquelas eram coisas das quais se orgulhar.

Eram coisas das quais você ria e sobre as quais contaria histórias repetidamente.

São coisas que fazem dos garotos normais garotos normais.

Mas que merda, merda, MERDA!

Eu sabia pelo que Bosten sentia muito.

Ele sentia muito por mim, como se se responsabilizasse pelo que eu era.

Era como se ele soubesse o que nossa mãe estava pensando toda vez que olhava para mim, então ele sentia muito por aquilo.

Como se ele tivesse de admitir que, já que ninguém sentia muito por mim, esse era o papel dele.

Como ter de limpar a maldita secadora.

Mas não era o papel dele sentir muito por mim, e MERDA,

EU SINTO MUITO

PELO QUE FIZ A VOCÊ, BOSTEN.

ME DESCULPE.

Carros foram ligados. As pessoas marcharam para fora do ginásio.

Bosten abriu sua porta e saiu.

– Senhora Buckley – ele disse.

Aí eu não consegui ouvir mais nada.

Ele fechou a porta.

Eu o vi falando com os pais de Paul até que eles entrassem no carro e fossem embora. Bosten apenas se apoiou sobre o capô do Toyota, encarando o ginásio, esperando os jogadores saírem.

– Não estou com raiva de você, Bosten – eu disse. – Por que estaria?

Mas ele também não podia me ouvir.

Fui para fora e fiquei ao lado de Bosten quando vi Paul saindo. Sabia que eles me pediriam para ir no banco de trás.

Dei um cutucão no ombro do meu irmão.

– O que você falou para os Buckley?

– Conteí que a gente foi expulso. E que bati num cara que estava mexendo com você no banheiro.

– Ah.

Isso ia ser problema.

– Não se preocupe com isso. É comigo, não com você – ele disse. – Também perguntei para eles se poderia levar o Paul ao Crazy Eric antes de ir para casa. Eles disseram que tudo bem.

– Nós vamos mesmo ao Crazy Eric?

Bosten riu.

– É claro que não.

Ele puxou a aba do boné até meu nariz.

Do outro lado do estacionamento, Paul se despedia aos berros dos outros jogadores.

Paul Buckley era um pouquinho mais alto que eu e tinha físico. Definitivamente, não era um palito. Ele vinha carregando uma sacola de lona no ombro. Seu cabelo estava molhado. Dava para dizer pelo jeito que ele andava que seu time tinha ganhado o jogo.

Ele chegou mais perto de nós sorrindo, com o rosto vermelho, e cumprimentou Bosten.

– Belo jogo – disse Bosten.

– E aí, Palito? – Paul acenou com a cabeça e eu retribuí.

– E aí, Buck?

– Olha, para ser bem honesto – Bosten emendou –, a gente não viu o jogo todo. Fomos expulsos antes do fim porque eu dei uma porrada no Ricky Dostal no banheiro.

– Foram vocês? – Paul deu um sorriso, com expressão de espanto. – Eu ouvi que alguém quase foi morto lá dentro.

– Eu peguei ele de jeito porque ele estava sacaneando o Palito.

Eu me senti mal.

– Vocês vão ser suspensos – disse Paul, ainda sorrindo.

– Eu sei – Bosten falou, chacoalhando as chaves do carro. – Então vamos fazer farra e bagunçar um pouco antes que minha mãe e meu pai acabem de vez com a minha vida e a do Palito.

Que jeito ótimo de o Bosten me garantir que ia cair tudo nas costas dele.

Mas eu já sabia como seria, de qualquer modo. Nenhum castigo era exclusivo do Bosten lá em casa.

Paul abriu um sorriso largo.

– Espera até você ver o que eu consegui com o Francis.

Francis era o irmão de Paul. Ele estava no exército, lotado no Texas, e visitava a família de poucos em poucos meses. Sempre que Francis trazia alguma surpresa para seu irmão mais novo, geralmente significava que eu teria de assistir a Paul e a Bosten tentando fumar maconha ou então explodir algo.

Aquela noite, seriam as duas coisas.

Bosten dirigiu até a pequena praia de areia de Pilot Point e parou o carro.

Ele manteve os faróis ligados e eu reparei em como o brilho do painel o deixava verde.

– Talvez você tenha de levar a gente para casa, Palito – ele disse.

Eu já sabia.

E já tinha visto garotos do oitavo ano enrolarem um baseado melhor que Bosten, mas eu adorava ver como ele e Paul ficavam completamente incapazes quando resolviam entrar em “modo perigo”.

Pessoalmente, eu odeio o cheiro de maconha.

Mas me perguntava como é que minha mãe seguraria um baseado, se alguma vez ela fumasse um.

Paul se virou para o banco de trás e me passou seu embrulho com a erva e os papéis de seda.

– Põe na sacola pra mim?

Quando abri a sacola de Paul, saiu uma névoa de vapor e suor. Quase engasguei. Minha mão ficou até úmida ao enfiar o pacote lá dentro. Encostei em alguma coisa de tecido que estava molhada. Tentei não pensar em qual parte nojenta do uniforme de Paul teria sido.

– Buck, as coisas na sua bolsa estão fedendo feito um sovaco – eu disse.

Bosten riu. Paul acionou o isqueiro do carro no painel. Ele começou a fazer uns cliques.

Dei uma batidinha no encosto do banco de Paul. – Vocês não podem fumar maconha dentro do carro.

Bosten abriu a porta e Paul me pediu para pegar sua sacola.

– Não quero por a mão naquilo.

Eles então abriram a toalha de Paul na areia e se sentaram, revezando o baseado enquanto eu chegava mais perto da água.

O vento soprava contra mim. Eu não sentia o cheiro e estava feliz assim. Olhei para longe, além da escuridão do Estreito de Puget, e pude ver as luzes de Seattle em meio à neblina. Virei para trás e vi a pontinha laranja do baseado levitar entre as duas sombras que estavam deitadas de costas perto uma da outra, olhando para as estrelas.

Bosten se levantou primeiro.

Então caiu.

Paul começou a rir dele.

Estavam chapados.

– Olha isso – disse Paul, ficando em pé e pondo a mão dentro de sua sacola. Tirou duas coisas que pareciam ser latas grandes e verdes. Também puxou uma meia que derrubou no chão.

– Número um

e

número dois – ele falou. Deixou cair a segunda lata e ela rolou para perto de seu pé.

– Não me diga que essas coisas explodem – eu disse.

– O quê? Minha meia? – Paul disse jogando a meia na minha cara.

Consegui me desviar.

Bosten começou a rir tanto que eu achei que ele iria se mijar.

– Bom, elas meio que explodem, sim – disse Paul. – Essa aqui é uma granada de fumaça, uma porra de uma fumaça verde.

– Que doido! – disse Bosten engatinhando sobre os joelhos e com a cara bem perto dela.

– O Francis falou que ela explode inclusive embaixo d’água – explicou Paul. – Ele me disse que, se a gente colocar dentro de uma piscina, ela deixa a água verde e continua soltando fumaça.

– Você vai jogar no mar? – perguntei.

– Vamos jogar na piscina do colégio Wilson – riu Bosten.

Balancei a cabeça.

– Vocês vão arrumar encrenca.

– Eu já vou ser suspenso mesmo por foder a cara do Ricky Dostal.

Paul pegou meu irmão pelo ombro. – Mas calma aí – e passou a mão sobre a segunda lata, que era um pouquinho maior. – Essa aqui é chamada de *handpop*. Ela faz uma chama no céu e desce de paraquedas.

Bosten estava com uma expressão quase religiosa no rosto. – Meu Deus do céu, isso é doido demais!

– Vocês vão acabar estourando a mão – eu disse.

Eles morreram de rir daquilo.

Eu fiquei longe. Sabia que não tinha como convencer Paul e Bosten a não fazer idiotices como aquelas. Alguma coisa com certeza ia explodir na praia de Pilot Point aquela noite.

– Sabe de uma coisa, Palito? O Francis disse que, quando a gente estourar essa coisa, as pessoas vão pensar que é uma porra de um disco voador.

– Uaaau – eu disse, com o mínimo de entusiasmo possível. – Era justamente o que eu queria...

Bosten se atrapalhou todo ao ficar em pé. A toalha grudou nele e ficou pendurada na traseira de suas calças como um rabo de cometa. Ele enfiou a mão no bolso e foi seguindo o amigo pela areia até a beira da água.

Ouvi um chacoalhar.

Bosten jogou as chaves do carro perto dos pés.

– Aqui. Liga o carro, Palito.

O que eu podia fazer? Tentei dizer a mim mesmo que não era nada demais.

Já tínhamos explodido coisas antes, mas nunca disparado nada que voasse a 150 metros de altura e acendesse feito uma maldita bomba atômica sobre Seattle.

Eu me sentei ao volante e fiquei assistindo enquanto Bosten e Paul riam e

robavam um no outro lá perto da água. Deixei no ponto morto, dei um suspiro e girei a chave.

Meu pai mataria a gente se soubesse quantas vezes o Bosten me fez dirigir até em casa.

Vi Paul largar a *handpop* aos seus pés. Pensei:

– Ótimo, ela vai rolar para a água e eles não vão mais conseguir achá-la.

Eles só estavam se divertindo mesmo, rindo e brincando de lutar. Eu me perguntava por que é que alguém gostava de fumar maconha, se tudo o que ela fazia era deixar a gente mais bobo.

Puxei a Penthouse de debaixo do banco e fiquei estudando as fotos sob as luzes do painel. Justo quando eu estava me maravilhando com aquela cena quente da banheira, tudo à minha frente se acendeu com o brilho de uma explosão súbita e de um branco tão forte quanto o sol.

Pelo para-brisa, pareceu um velho filme de ficção científica em preto e branco. Foi como um vídeo distorcido e granuloso de Bosten e Paul vagarosamente se afastando da água, suas sombras se projetando na areia molhada em um tom de preto intenso e absoluto. À frente deles jorrava o cordão enrolado de fumaça que ia saindo da *handpop* enquanto ela subia, e então se acendeu feito um grande olho, um pêndulo de fósforo que se erguia sob um manto negro em forma de morcego.

Era fantástico.

Os garotos ficaram na borda da areia com os queixos levantados, se escorando com os braços nos ombros um do outro, como se estivessem assistindo a uma coisa que nunca mais fosse ser vista de novo.

Eu abri a janela e gritei.

– Venham pra cá, seus manés! Alguém já deve ter chamado a polícia a essa altura!

Eles se viraram e começaram a vir para o carro, mas como se fosse em câmera lenta. Paul enfiou sua toalha na sacola e a pendurou no ombro. Bosten entrou no banco de trás e Paul veio ao meu lado na frente. A sacola estava aberta e eu ainda podia sentir o cheiro do uniforme de basquete ensopado de suor saindo pelo zíper.

Enrolei a revista e joguei em cima das roupas dele.

– Toma aqui.

– Uma Penthouse? O que você estava fazendo com isso sozinho aqui, Palitinho? – Paul riu e cutucou meu ombro.

– Nada – e afastei o carro da areia. Ele derrapou. Eu não era um grande motorista. – Precisamos que você a esconda por um dia ou dois.

– Isso – reforçou Bosten de forma abestalhada no banco de trás.

Eu estava achando difícil passar a primeira.

– Mas Buck, você tem de devolver ela pra gente de qualquer jeito – eu disse.

Paul jogou sua sacola no chão entre os pés e abriu a porta.

– Espera aí. Minha meia! A porra da meia! Deixe lá na praia.

Eu me inclinei sobre ele para alcançar a porta e impedir Paul de sair do carro. Quando fiz isso, sem querer soltei a embreagem e o motor parou.

– Você é muito burro, Buck...

Ele me escapuliu e correu em direção à praia.

Aquele objeto voador não identificado já estava voando baixo, se aproximando da escuridão do estreito.

Bosten então empurrou o banco para a frente e saiu, seguindo Paul.

Dei um suspiro e liguei o carro de novo.

Os dois estavam completamente chapados e eu não conseguia deixar de pensar que eles iam acabar se metendo em alguma encrenca séria.

Fiquei sentado ali pelo que pareceu uma meia hora com o motor ligado, olhando nervoso para os retrovisores, já esperando ver as luzes da polícia chegando. Tinha certeza de que eles viriam atrás da gente. De repente, o brilho da handpop diminuiu e ela mergulhou no mar. Por fim, desliguei o carro e fui lá fora procurar meu irmão e o amigo dele.

Logo os encontrei. Tinham dormido na areia molhada bem ao lado da meia fedida de Paul.

Bosten estava deitado de costas com uma expressão de perfeita paz e felicidade em seu rosto. Paul dormia com a cabeça no ombro de Bosten, como um travesseiro. Eu queria ter uma câmera para tirar um retrato e depois mostrar pros dois como eles estavam ridículos.

Cutuquei a bunda de Paul com a ponta do meu All-Star.

Ele deu uma fungada profunda e se sentou.

– O quê?

– Acorda, Buck.

– Hein?

– Você tá doidão. Entra no carro.

Cutuquei Bosten também.

– E não esqueça a maldita meia.

Paul ainda tentou argumentar, inebriado como estava.

– Aquela é uma das poucas meias de uniforme que eu tenho, Palito.

E se algum policial a encontrasse e concluísse que um jogador do time Wilson estava envolvido com o caso do disco voador? Já pensou? Hein?

– Nossa – eu disse. – Você realmente é muito esperto, Buck...

A maioria dos caras já acharia aquilo tudo o suficiente para uma noite, que era hora de ir para casa e tudo mais. Mas não Bosten e Paul. Aquele cochilo deu uma revigorada nos dois e, quando a gente finalmente entrou no carro, eles exigiram duas coisas: que eu os levasse a algum lugar onde pudessem enrolar e fumar mais um de seus ridículos baseados, e que a noite só terminaria quando eles disparassem a granada de fumaça verde na piscina do colégio David H. Wilson.

O colégio estava completamente às escuras quando chegamos lá. Durante a ida, Bosten ficou brincando com a granada de fumaça só para me irritar. E não foi uma boa ideia, porque acabei dirigindo para cima da calçada duas vezes, o que fez Paul derrubar um pouquinho da maconha nos tapetes de plástico do carro dos meus pais.

– Jesus Cristo, Palito... A rua não é larga o suficiente para você? – reclamou Paul.

Do banco de trás, Bosten ficava provocando. – O que será que acontece se eu puxar esse pino enquanto a gente ainda está dirigindo?

– Nós todos vamos morrer, só isso – eu disse.

Peguei a rua ao lado.

– Mas aposto que ia ser muito doido – ele respondeu.

– Pronto! – disse Paul, levantando com orgulho um baseado todo torto e babado.

O segundo cigarro não os deixou tão tontos quanto o primeiro. Talvez eles já estivessem anestesiados demais, pensei. Eu com certeza estava.

Minhas mãos estavam congeladas de frio ali naquele lugar, no campo atrás da piscina. Eu as enfiei tão fundo nos bolsos do meu casaco que meus dedos foram se dobrar lá embaixo da minha coxa.

Não fiquei olhando eles fumarem sua erva, mas não deu para evitar minha irritação com aquele cheiro horrível e com os barulhos nojentos que eles faziam sugando aquele baseado. Mantive os olhos na piscina. Mesmo com todas as luzes desligadas, dava para ver a névoa cinzenta que subia da água e ia ao topo da cerca pontuda de ferro que ficava em torno da área de natação e mergulho.

Pensei que um banho quente cairia muito bem naquele momento.

– Chegou a hora – Paul disse.

Ele segurava a granada encolhida feito uma mola na mão direita atrás dele, e meu irmão o seguia até a cerca. Eles devem ter combinado alguma coisa de antemão, pensei, porque Paul segurou a lata pronto para jogar e meu irmão imediatamente passou o dedo pelo anel da granada.

– Pronto? – Bosten disse.

– Vai!

Bosten puxou o pino.

A fumaça envolveu a mão de Paul instantaneamente.

Ele arremessou a granada para o alto na escuridão.

Ela acertou o topo da cerca, fazendo um som metálico.

Assobiando e jorrando fumaça, ela ricocheteou e caiu na grama bem no meio de nós três.

A última coisa que consegui enxergar foi Bosten caindo no chão com um ataque de riso. Enquanto o mundo desaparecia atrás de uma névoa verde intoxicante, dava para ouvir meu irmão gargalhando.

– Maldito jogador de basquete que arremessa feito uma menininha!

E Paul, rindo tanto quanto o outro, respondeu:

– Cala a boca! Aquela porra me deu um medo desgraçado e é pesada pra cacete!

Engatinhei de quatro para fora da fumaça até encontrar um ponto em que o ar estivesse limpo.

– Vocês dois são manés demais. Será que dá para ir para casa agora?

Mas Paul e Bosten só rolavam no chão em meio àquela nuvem verde-escura, rindo como se nunca mais fossem parar.

PAPAI E MAMAE

Era pouco antes da meia-noite quando Bosten e eu chegamos em casa.

Meu pai e minha mãe estavam nos esperando.

Nem viram que não era Bosten quem estava dirigindo quando a gente parou o carro ao lado do Pontiac do meu pai. Não tinha a menor chance de eles saberem que eu tinha enfiado a mão atrás do painel e reconectado o cabo do odômetro, ou que eu tinha batido os tapetes para tirar os traços da maconha que Paul tinha derramado em sua tentativa desajeitada de fazer um baseado.

Mas eles nem precisavam saber de nada daquilo, porque já estavam sabendo do suficiente.

Coisas assim aconteciam na nossa casa mais ou menos uma vez por semana.

Meu pai já tinha tirado o cinto e estava com ele enrolado na mão antes mesmo de a gente passar pela antessala. Minha mãe ficou mais para dentro, na porta da sala de estar.

Logo que Bosten pisou na sala, meu pai o agarrou, segurando sua camisa de flanela como uma bola em frente ao pescoço. Então o puxou para dentro da sala, na frente da mamãe, e jogou meu irmão no chão próximo à poltrona onde sempre fumava enquanto assistia à televisão. Bosten caiu feio e ainda derrubou um cinzeiro cheio de bitucas. Tive certeza de que meu pai ficou com mais raiva ainda.

Todo mundo sabia o que aconteceria a seguir. Era sempre a mesma cena, só que às vezes mudava de ator quando o astro era eu. O roteiro podia variar um pouco também. Mas, na minha opinião, se você já tivesse visto uma vez, não precisava assistir de novo.

Meu pai acertou Bosten bem no meio das costas. Com força. Soou como se o cinto pudesse partir meu irmão ao meio.

Bosten deu um grito.

Saiu patético.

Como sempre, eu pensava que poderia desaparecer dali sem ser notado, então bem furtivamente tirei os sapatos e comecei a ir para a escada do porão.

Tudo cheirava a fumaça.

Mas minha mãe estava logo atrás de mim. Ela me agarrou pelo cabelo – ambos gostavam de me pegar pelo cabelo nessas situações, e isso ainda os lembrava de que eu tinha de cortar o cabelo no dia seguinte – e me conduziu à sala, segurando minha cabeça de modo que eu não podia deixar de olhar para o meu pai e meu irmão.

– O pai de Ricky Dostal me ligou – disse papai.

E bateu em Bosten de novo, não tão forte dessa vez, só um safanão do tipo que se daria em um cavalo. Era o jeito de ele assegurar que Bosten e eu soubéssemos o título da história que viria em seguida.

Bosten juntou os braços na poltrona como se a abraçasse, como se amasse muito aquela poltrona. Ele nem tentaria se mover.

– Quatrocentos dólares! – meu pai disse, e bateu o cinto contra Bosten

mais uma vez.

Dessa vez, não estava apenas querendo nossa atenção.

– É isso o que ele quer que eu pague pelo pronto-socorro! Malditos 400 dólares!

Ele então atingiu Bosten na nuca.

Ouvi meu irmão berrar.

Mas foi baixo, encoberto pela almofada da poltrona onde meu pai fumava.

Eu ouvi assim mesmo.

Mamãe torceu sua mão em mim, como se me dissesse que era melhor eu não olhar para o outro lado.

– Você acha que é muito durão, batendo em um menino de 14 anos? Como você acha que eu vou pagar 400 dólares?

Eu nem desejava que ele parasse.

Sabia que desejar era bobagem.

Minha mãe agarrava meu cabelo com mais força a cada palavra raivosa que meu pai proferia. Papai pegou a barra da camisa de Bosten e puxou para cima, expondo suas costas brancas e ossudas. Então pôs as duas mãos por dentro do cinto de Bosten e abaixou as calças dele até abaixo do joelho. Eu estava aterrorizado e com vergonha por meu irmão.

Só que essas coisas aconteciam o tempo todo.

Era só o modo como a família McClellan fazia as coisas. Eu e Bosten nunca nos perguntamos se talvez houvesse alguma outra forma de resolver assuntos de família.

Todo mundo fazia assim, não é?

Meu pai começou a bater no Bosten, deixando belos vergões vermelhos na pele entre as costas e o traseiro.

Tentei ficar calado, mas a cada estalo do cinto eu sentia um choque passando pela minha espinha. Fechei os olhos e jurei que não ia chorar, mas só conseguia pensar que a razão para meu irmão estar apanhando era eu ser um desgraçado feioso.

Abri os olhos de novo quando minha mãe virou minha cabeça.

Meu pai bateu nele com o cinto repetidas vezes e Bosten ia aguentando, gemendo, tremendo uma vez ou outra, até que meu pai perdeu o fôlego e finalmente parou.

Minha mãe soltou um pouco meu cabelo.

Papai olhou para mim. Pensei que eu seria o próximo, mas ele desviou o olhar como se eu não estivesse ali. Calmamente, voltou o cinto aos passadores de sua calça e apanhou do chão o maço de cigarros que Bosten tinha derrubado.

Meu irmão ficou deitado lá, esticado sobre a poltrona, tremendo. Ele não chorou. Eu sabia que Bosten nunca choraria na frente de minha mãe e de meu pai.

Ele faria isso mais tarde.

Minha mãe largou meu cabelo e meu pai acendeu um cigarro, jogando o maço de volta no chão ao lado da poltrona. Agarrou meu irmão pelo colarinho e o pôs de pé. Fiquei grato pela camiseta de Bosten ter voltado para o lugar e assim coberto seu traseiro e as marcas vermelhas em suas costas. Eu esperava que, de alguma forma, a maciez da flanela fosse ajudar para que aquilo não doesse tanto.

Bosten tentou erguer as calças, mas meu pai não o deixou se curvar. Ele o conduziu para fora da sala e pelo corredor, e meu irmão foi sendo levado, sem poder andar direito por causa das calças abaixadas. Eu sabia o que aconteceria

em seguida. O mesmo de sempre. Bosten ficaria confinado no quarto extra da casa – que eu chamava de quarto de São Fillan, e já explico o porquê – sem luz, sem nada, nem mesmo roupas. Só tinha um balde de metal para usar como privada e uma cama dobrável bastante fina. Isso geralmente durava uns dois dias, às vezes mais. Acontecia comigo com tanta frequência quanto com ele.

Todo mundo criava os filhos daquele jeito.

O pai parou antes que eles fossem mais adiante no corredor.

– Diga

“boa noite”,

Bosten.

– Boa noite.

Era como um jogo, mas sem qualquer diversão ou chance de ganhar.

Um minuto depois e eu ainda estava lá, sem saber o que fazer, quando uma porta bateu no fundo do corredor.

Eu saí de fininho.

Quando estava para descer as escadas do sótão, minha mãe falou comigo.

– Boa noite,
Palito.

Era um jogo.

Eu não respondi.

– Mas que diabos!? Eu disse boa noite, Palito!

Tentei me trancar no quarto.

Era um jogo.

Passos na escada.

– Não ouviu sua mãe? Volta essa cara feia lá em cima e diga boa noite!

Ele me agarrou pelo cabelo e me puxou escada acima até a sala. Para dizer “boa noite”.

Era um jogo, e era sempre daquele jeito.

Num canto do meu quarto, havia um cano que descia da casa para a fossa séptica. Ele corria pela parede de concreto do porão no mesmo canto onde ficava minha cama.

Se eu pressionasse minha única orelha a ele à noite, quando a casa estava silenciosa, às vezes conseguia ouvir coisas do andar de cima.

Com a cabeça pressionada daquele jeito contra o cano, deitado na minha cama, eu não conseguia ouvir mais nada.

Os sons entravam na minha cabeça e não tinham jeito nenhum de sair de lá.

Eu deitava lá, com o topo da cabeça no concreto
duro e então ouvia o andar de cima.

Ficava de olho na janelinha acima da cama.

Era um retângulo perfeito – em proporção áurea –,
que eu já até tinha medido e
ficava na altura do chão de cima.

Na primavera, eu podia ver o quanto a grama tinha crescido.

Era como estar enterrado,
mas ainda assim poder ver e ouvir o mundo dos vivos.

Ouvi Bosten
chorando
lá em cima.

Parecia uma tosse a princípio,

mas eu conheço meu irmão.
Eu tinha um prego grande que ficava embaixo da minha cama.
Com ele, eu batia no cano
para o Bosten ouvir
e às vezes
eu acho que ele ouvia.

Robert Beckett sempre cheirava a urina.

Era a lembrança mais clara que eu tinha dos meus primeiros dias na escola.

Eles me mantiveram na sala dos mentalmente retardados por dois anos até
que eu começasse a falar.

Na primeira vez em que falei, disse para Robert parar de mijar em si mesmo, e
foi o que ele fez. Ficamos amigos depois disso.

Eu gosto dos retardados mentais. Ter uma orelha só era suficiente para eles.

No quarto ano, me puseram junto com os garotos normais.

No quarto ano,

me
puseram
junto
com os garotos normais.
No quarto ano me puseram junto com os garotos normais.
Garotos normais do quarto ano não gostam de garotos
que não têm aquele buraco.

Eu não era bom na maioria das matérias, mas era especialmente ruim em
matemática.

Bosten e eu estávamos andando no bosque um dia e ele anunciou:

– Palito, eu fiz as contas. Alguma vez você já pensou no porquê de não haver
fotos do casamento da mamãe e do papai? Ela estava grávida de mim, é por isso!
– e ele ria. – Eu fiz as contas. Eles se casaram em maio. O anúncio está no livro
de recortes só duas páginas antes da minha certidão de nascimento. Agosto foi só
três meses depois.

Haha!

O que você acha, Palitoso?

Eu não sabia o que pensar. Pelo menos ele tinha nascido inteiro.

De manhã, tentei sair escondido enquanto eles fumavam seus cigarros e tomavam café.

Minha mãe me parou.

– Stark McClellan – ela disse. – Você não vai sair de casa desse jeito. E eu sabia o que ela queria dizer com “desse jeito”.

Meu pai me deu uma olhada.

– Você parece um maldito mendigo.

Parei no alto da escada do porão. Minha mãe veio da cozinha, segurando seu cigarro ao contrário em uma mão e a máquina de cabelo na outra, ligada em uma extensão verde atrás dela.

Tire essa camisa

e a que está por baixo e vá lá pegar a escova.

Eu odiava quando ela cortava meu cabelo.

Fiquei lá parado na varanda da frente, sem nada da cintura para cima, ouvindo o ruído que vinha daquele lado, a máquina zumbindo feito um inseto. Ficava fascinado com o fato de mãe conseguir fumar sem precisar usar as mãos; afinal, uma estava firmando minha cabeça e a outra conduzia o pente da máquina para cima, para cima e mais para cima, desbastando desde a base do pescoço e em volta da única orelha, e então para o outro lado, naquele ponto vazio à direita da minha cabeça.

Eu gostava de como as lâminas beliscavam meu pescoço. Mas estava bem frio ali fora e eu tremia.

– Fique parado.

Tudo coçava. Meu cabelo ia caindo em tufo compridos sobre meu peito e ombros e até entrava na minha calça e chegava às pernas. Meus braços estavam firmemente cruzados suportando as cócegas dos cabelos e o frio da manhã. Tentei soprar os cabelinhos da ponta do nariz.

– Por que você não consegue ficar parado?

Minha mãe estava ficando nervosa.

– Desculpa.

Ela desligou a máquina.

– Pronto. Agora limpa isso.

Fiz um rastelo com os dedos e tentei tirar o máximo possível do que estava na pele antes de vestir de novo minha camiseta e a camisa por cima, para dentro da calça.

Na minha casa, havia regras sobre como os dois filhos deveriam se vestir.

Meu pai as estipulou.

Nosso cabelo nunca passava de um centímetro.

Sempre deveríamos pôr a camisa para dentro da calça antes de sair de casa, e tínhamos de usar camisetas brancas por baixo.

Sempre.

Nunca podíamos sair de casa usando só uma camiseta comum, como faziam todos os outros garotos.

Meu pai dizia que isso era desrespeitoso, como andar em público só de cueca, que, aliás, não podia ser de nenhuma outra cor a não ser branca.

E nunca usávamos pijama, não importava o quanto estivesse frio.

Meu pai disse que os filhos dessa família nunca usavam pijamas para dormir.

Bosten e eu nunca, nem por uma vez, questionamos as regras.

Eram apenas regras.

– E você tem de comer alguma coisa no café antes de sair para fazer qualquer coisa.

– Sim senhora.

Tinha de varrer cada fiapo de cabelo da varanda e depois limpar até os pelos da vassoura antes de entrar em casa.

Esfreguei a mão na cabeça. Os toquinhos de cabelo pareciam um veludo áspero. Eu gostava da sensação e de como conseguia ouvir a fricção da minha mão por dentro da cabeça. Passei os dedos no lugar onde qualquer garoto normal teria uma orelha. Aquilo fazia um som também. Mas só dentro da minha cabeça.

Eu odiava minha feiura.

Olhei para a porta. Então atravessei o pátio molhado e fiquei do lado de fora da janela do quarto extra. Se me pegassem ali, iam me bater.

Afinal, por que não bateriam?

Era o que eu esperava que fizessem.

Bati com um dedo na janela.

Bosten deu uma espiadela pela beirada da cortina escura. Piscou para mim, eu pisquei de volta.

– Aquelas bombas ontem... Foi legal demais, Bosten.

Pelos olhos que se espremeram, vi que ele sorriu. Fez que sim com a cabeça.

Voltei para dentro e fiz uma tigela de cereais.

Naquela manhã, fui à casa de Emily Lohman.

Os Lohman viviam do outro lado da estrada, e a gente tinha de caminhar um belo pedaço pelo bosque para chegar lá. Eu tinha de me encolher para passar pela cerca de arame farpado e cruzar o pasto onde a família de Emily mantinha dois bezerros. E daí seguia pela margem do lago por uns quatrocentos metros para só então conseguir ver a casa.

– Palito!

Bom dia!

A senhora Lohman abriu a porta, sorrindo.

Eu a achava a melhor pessoa do mundo, mas ela não era tão bonita quanto a mãe de Paul. Desamarrei os sapatos e os deixei pendurados na varanda. Estavam molhados depois da caminhada.

Tirei o boné de Bosten e o pendurei em um cabideiro quando entrei.

A casa cheirava a panquecas e flores.

– Emily! Seu amigo está aqui! – gritou a senhora Lohman pela vastidão da casa.

Eu gostava de ouvir quando ela me chamava de “amigo” da Emily.

O senhor Lohman estava sentado à mesa da cozinha vestindo uma camiseta manchada e calças de pijama. Usava óculos, mas seus olhos sorriram quando ele me viu ali no piso frio da cozinha. Estava lendo o jornal de Kingston dobrado em uma mão, com um copo de suco na outra. Um prato grande com restos de calda e

migalhas estava afastado dele mais para o centro da mesa.

– Parece que alguém cortou o cabelo – disse o senhor Lohman. – Você

está bem bonito para uma manhã de sábado, com a camisa para dentro e tudo.

Pude sentir meu rosto ficando vermelho.

– Dora, faz um prato para o garoto.

Eles sempre me davam comida. Eu ia à casa deles desde o quarto ano.

O senhor e a senhora Lohman nunca perceberam que havia alguma coisa errada comigo.

Emily não tinha irmãos ou irmãs.

Talvez por isso o senhor Lohman não tivesse as mesmas regras do meu pai. E, se fosse mesmo possível comer até explodir, eu faria isso com satisfação com as panquecas da senhora Lohman. Quando Emily finalmente desceu do quarto e se sentou ao meu lado à mesa, eu já estava com a cara toda cheia de calda.

Ela não era como as outras garotas do nono ano. Os garotos do nono ano eram difíceis de aguentar. Mas as meninas podiam ser realmente cruéis. Talvez fosse por isso que Emily não tinha muitas amigas.

As outras meninas faziam maldades com Emily às vezes. Elas a provocavam por ela ser mais certinha e não se envolver nos joguinhos das outras garotas, ou então porque o pai dela era dono da lojinha que ficava perto do cais, ou ainda porque ela tomava conta de vacas. Nenhuma outra menina da escola fazia aquelas coisas.

E nenhuma outra menina da escola falava comigo.

Uma vez, eu perguntei por que ela era minha amiga.

Ela só sorriu e deu de ombros.

– De quem mais eu seria amiga?

Eu não sabia responder.

Eu temia que Emily às vezes se sentisse muito sozinha.

Mesmo que a gente nunca comentasse, acho que precisávamos um do outro.

– Oi, Emi – eu disse, com a boca cheia.

– Oi – e passou manteiga em cima de sua única panqueca. – O que você quer fazer hoje?

– Não sei. O que você quer fazer?

Nós sempre perguntávamos isso um ao outro pelo menos vinte vezes. Especialmente nas manhãs de sábado.

– Como foi o jogo de basquete? – Emily perguntou como se pudesse ver a história inteira escrita na minha testa sob a calda das panquecas.

A senhora Lohman pôs um copo de leite na mesa perto do meu prato e se sentou ao meu lado. Ajeitou meu colarinho e pude sentir seus dedos no meu pescoço.

– Eu juro que você está crescendo mais ainda – ela disse. – Quer mais?

– Não, obrigado – respondi. Dei um gole no leite e olhei para Emily.

Ela estava sentada do meu lado esquerdo, como sempre.

– Bosten e eu fomos expulsos do jogo. Bosten arrumou briga.

A senhora Lohman reclinou-se sobre a mesa para olhar bem para mim. Ela conhecia Bosten pelo mesmo tempo que me conhecia.

– Com quem? – disse Emily.

– Ele bateu no Ricky Dostal dentro do banheiro masculino.

A senhora Lohman franziu a testa, mas o pai de Emily fez que sim com a cabeça, como se concordasse com o fato de meu irmão acabar com Ricky.

– Aposto que Ricky pediu para isso acontecer – ele disse. – O que ele fez dessa vez?

Pensei por um momento. Me senti mal por mentir, mas respondi. – Não sei, não vi nada.

Eu não queria dizer a eles o que Ricky Dostal tinha feito. Desenhei um círculo com os dentes do garfo no resto de calda no meu prato. – Ricky teve de ir para o hospital e tomar pontos.

Tomei o final do leite. – E agora o Bosten vai se encrencar na escola segunda-feira e já está levando castigo em casa.

Emily deixou cair seu garfo no prato com um barulhinho.

– Quer fazer alguma coisa? – perguntei.

A senhora Lohman fez com a cabeça para Emily que ela podia ir.

– Pode deixar que eu lavo os pratos, querida.

Então Emily respondeu:

– Tudo bem. O que você quer fazer?

Ela sorriu para mim. Afastamos nossas cadeiras e ficamos em pé.

O senhor Lohman virou a capa do jornal e me mostrou, rindo.

– Só não deixe os

alienígenas te pegarem.

Lá estava, bem na capa do *Kingston Register*, uma foto granulada da nossa bomba. O clarão da *handpop*. Era tão bonito e ameaçador. Embaixo dela, a manchete perguntava: “OVNI ou boato?”.

Me inclinei sobre o jornal e o senhor Lohman o girou para que ficasse bem de frente para mim.

– Isso... – eu olhei bem nos olhos do senhor Lohman. – Isso é legal demais!

Por favor, será que posso ficar com essa parte, senhor Lohman?

Ele deu uma risada amigável.

– Garotos adoram essas coisas, não é? Claro, Palito, pode pegar.

Comecei a rasgar cuidadosamente em volta do artigo quando o senhor Lohman tirou da gaveta uma tesoura e me passou. Segurei o recorte e fiquei olhando maravilhado para a fotografia, pensando em como Bosten iria adorar aquilo.

– Você acha que é uma espaçonave mesmo? – perguntou o senhor Lohman.

Eu sorri.

– Acho.

Dobrei o papel duas vezes e pus no bolso da frente da minha camisa.

É bem raro em Washington ter um dia em março em que o céu está aberto e azul como estava naquele sábado de manhã. Fomos para o bosque e seguimos a trilha que Emily fazia todos os dias até o ponto do ônibus para a escola.

Ali, no limite norte da propriedade dos Lohman, as árvores eram escuras e tinham cheiro de orvalho.

– Tudo bem, desembucha – ela disse.

– O quê?

– Me diz o que realmente aconteceu nessa história com Ricky.

– Ah – eu parei. Havia uma lesma gigante preta tão grande quanto meu dedo

médio na trilha estreita, bem na frente do meu pé esquerdo. – Ele começou a mexer comigo no banheiro. Jogou meu gorro no ralo do mictório. Bosten viu e aí deu um soco nele. Só um. Abriu um talho no rosto de Ricky e ele apagou de uma vez.

– É você quem deveria ter dado um soco nele – disse Emily.

Fiquei sem jeito.

– Pensei em fazer isso, mas não consegui – e apontei para o meu zíper. – Eu estava urinando.

– Caras como ele nunca vão te dar sossego se você não reagir.

Comecei a andar de novo.

– Olha, eu tenho quase certeza de que agora o Ricky vai me dar sossego.

– Tudo bem. Se você diz...

– Bom, depois do jogo, eu, o Bosten e Paul Buckley fomos para Pilot Point e estouramos uma granada do exército. Sabe aquela foto do OVNI no jornal? Fomos nós que fizemos aquilo.

– Ah, não acredito... – ela provocou.

– Foi a gente mesmo – eu disse. – E depois Bosten e Paul dispararam uma bomba de fumaça verde no campo ao lado da piscina do colégio Wilson.

– Vocês são loucos – ela disse.

– É verdade. E eles me fizeram dirigir para casa.

– Talvez na próxima eu vá com vocês – decidiu Emily.

Paramos onde o córrego cortava a trilha. Às vezes, parávamos naquele lugar para catar pererecas.

– Paul e Bosten fazem umas coisas erradas – eu disse. Então sussurrei, como se alguém pudesse me ouvir confessar aquilo. – Eles fumam maconha.

– Não me admira que peçam para você dirigir. Você não fuma, fuma?

– De jeito nenhum. Precisa ver como eles ficam bobos quando estão chapados.

Emily passou à minha frente. Foi saltando de pedra em pedra e atravessou para o outro lado do córrego.

– Sabe de uma coisa que eu queria tentar? – ela perguntou.

– O quê? – e fui seguindo para o outro lado.

– Vamos tentar montar nas vacas.

Eu ri.

– Isso parece bobeira.

– Quer?

– Tudo bem.

Eu a segui pelo atalho na beirada do pasto.

– Quero te perguntar uma coisa, Emi.

– O quê?

Ela se virou e chegou do meu lado esquerdo.

– Ontem... – e engoli a bola que se formou na minha garganta. – Por que você me tocou?

– Não sei – e ela disse aquilo tão calmamente. Como eu não poderia acreditar em qualquer coisa que ela dissesse? – Só meu deu vontade, eu acho. Por quê?

– É que ninguém nunca me toca naquele lugar. Só o Bosten quando a gente brinca de luta ou coisa assim. Por isso.

– Bom, desculpa. Só queria saber como era. Não faço isso de novo se você não gostou.

– Não, tudo bem – eu disse. – É só que... é tão feio.

Ela deu de ombros.

– Eu não acho. Acho legal. Todo mundo é tão... igual, sabe?

Emily chegou mais perto de mim. Eu não ficava nervoso ou com vergonha perto dela, nunca, mas aquilo meio que me assustou. Sentia meu coração batendo muito forte e o som

retumbava dentro
da minha cabeça.

Eu queria que aquelas batidas nunca achassem jeito de sair.

– Olha para o meu rosto se você não acredita – ela disse. – Você vai ver.

– Ver o quê?

Então ela estendeu a mão bem de leve e devagar. Foi como assistir àquele bólido no céu. Ela tirou o boné do Bosten que eu usava e pôs a mão esquerda do lado da minha cabeça. Seus dedos se curvaram suavemente pelo meu cabelo curto. Olhei nos olhos dela.

Achei que ia ver repulsa.

Mas ela era tão delicada e perfeita. Ela baixou de novo a mão e disse:

– Viu?

Mas eu não consegui responder.

Ela aprisionou meu coração dentro da minha cabeça.

Tudo estava mudando.

Tudo, menos aquela metade silenciosa da minha cabeça.

Decidimos que íamos montar as vacas e brincar de justa.

Vacas não ouvem muito bem.

A vaca de Emily correu para o bosque assim que ela tentou montar, e eu estava com dificuldade de fazer a minha vaca ficar quieta. Acabei ficando estatelado em cima dela e, quando ela começou a trotar, antes que eu pudesse me endireitar, já estava de bunda no chão com os cotovelos na grama molhada, assistindo à vaca defecar, comer e fugir de mim, tudo ao mesmo tempo.

– Vaca estúpida – eu disse.

Emily riu.

Vi ela correr pelo pasto na minha direção.

As vacas desapareceram. Acho que elas não acharam muito divertido brincar de justa.

Eu também não achei, para dizer a verdade.

Emily puxou a minha mão para eu ficar em pé. Ela era bem mais baixa que eu, mas era bem forte para uma menina.

Aqueles eram os nossos sábados.

Não fazíamos nada e fazíamos de tudo ao mesmo tempo.

Andamos ao lado do arame farpado até a estrada que levava ao cais.

– Ei, Emi...

– O quê?

– Você toma banho de banheira, não toma?

– Por quê? Estou fedendo?

– Não, não... Digo, você tomaria banho com mais alguém?

– É uma coisa bem estranha de se perguntar, Palito.

Então contei a ela sobre o que vi naquela *Penthouse*.

– Parecia divertido – eu disse. – Você tomaria banho com mais alguém?

– Sim, acho que tomaria.

– Ah, então tá.

– Olha, mais tarde, quando meus pais saírem para fazer compras, podemos

tomar um banho de banheira juntos na minha casa, se você quiser. É melhor não fazer enquanto eles estiverem em casa. Pode ser que eles não gostem. Quer?

– De verdade?

– Claro – ela riu. – Deve ser divertido. E é só um banho, afinal. Por quê? Ficou com medo?

Eu estava com medo. Nunca pensei que ela fosse reagir daquele jeito, como se não fosse nada de mais nós dois tomarmos banho juntos. Mas era assim que Emily era. Ela nunca via nada de mais em nada.

Talvez fosse por isso que coisas como a minha orelha não importassem para ela.

– Claro que eu não estou com medo – eu disse. – Eu dirijo e faço coisas explodirem à noite.

Eu estava apavorado.

Deixei meus sapatos na varanda, meu casaco e o boné de Bosten no cabideiro e segui Emily até o andar de cima. Ela parou ao lado do aparador no corredor e tirou duas grandes toalhas verdes.

– Prefere com espuma ou sem? – ela perguntou.

Precisei respirar fundo. Me sentia tonto.

– Com espuma – falei vacilante.

Ela deu a volta e estendeu a mão atrás de mim. Era a porta do banheiro.

– Espere aqui fora. Eu te aviso quando puder entrar – Emily disse.

– Tudo bem.

Fiquei lá encostado na parede ao lado da porta, ouvindo o barulho

da água
enchendo a banheira.

Meus joelhos batiam, meu estômago parecia um cavalo galopante. Mas, para Emily, aquilo não era nada de mais, só um banho de espuma com um amigo.

Depois do que pareceu ser uma hora, a água parou.

– Tudo bem, pode entrar agora.

Eu já havia estado naquele banheiro pelo menos umas cem vezes, mas nunca com Emily sentada lá, nua na banheira cheia de espuma e água quente. O banheiro era todo branco, com as paredes envernizadas, azulejos brancos e frios sob minhas meias, um pouco de luz do sol entrando pelas cortininhas finas, uma névoa discreta embaçando o espelho, nossas toalhas no chão. E lá estava Emily, a espuma chegando até seu queixo e seu cabelo amarrado no topo da cabeça. Acho que foi a primeira vez que notei seu pescoço, o quanto era perfeito.

Se tentasse falar, sei que iria gaguejar.

Era como estar no céu.

Ou em uma revista.

Então notei que as roupas dela estavam dobradas no balcão da pia, bem organizadas e com sua calcinha por cima.

– Pode ligar o rádio se quiser – ela disse.

Minha mão não queria funcionar.

Quando o som finalmente saiu, o locutor de Kingston estava falando do ataque do OVNI na noite anterior, e então começou a rir e pôs para tocar “It Came Out of the Sky”, do Creedence. Eu abaixei o som.

– Foram vocês que fizeram isso mesmo?

Fiz que sim.

– Quer que eu feche os olhos? – ela perguntou.

Balancei a cabeça.

– Aqui está muito bom e quentinho – ela disse, sem desviar o olhar.

Tirei minha camisa e a camiseta branca. Tentei dobrá-las, mas não deu muito certo. Deixei-as do lado das roupas de Emily. Dei uma respirada funda e puxei para baixo minhas calças. Deixei-as ali no chão mesmo. Então, tirei as meias. Elas pareciam coelhinhos brancos mortos ao lado das calças.

Praticamente todo mundo que eu conhecia do nono ano já tinha me visto pelado. Bom, digo, todos os garotos. Era o único jeito, já que todos tomávamos banho juntos naquele vestiário grande e aberto, todos os dias depois da educação física. Eu tinha alguns amigos além de Emily, e todos eles já tinham me visto nu. Então me convenci de que não era nada demais, era só mais uma amiga.

Tentei me acalmar, respirei e finalmente baixei minha cueca. Dobrei a perna para me livrar dela e senti o chão frio sob meus dedos. Só fiquei parado lá, sem saber direito o que fazer em seguida.

Não me sentia sensual ou pervertido nem nada assim, porque Emily era minha amiga, e isso era tudo o que havia para ser dito.

Na verdade, depois de tirar a cueca, me senti totalmente confortável e relaxado ali na frente dela.

Na frente de Emily, nunca me sentia com vergonha de nada.

Ela assistiu a tudo enquanto eu me despia e continuou olhando depois, quando fiquei lá em pé sem saber o que fazer.

– Nunca tinha visto um garoto pelado antes – ela disse.

Dei de ombros.

– A maioria tem cabelo aqui – e desenhei um círculo no ar em volta das bolas.

– Eu ainda não tenho, só debaixo do braço. Está vendo?

Levantei meu braço direito e puxei alguns fios de cabelo com o polegar e o indicador.

– Você vai entrar na água também ou o quê?

Dei dois intermináveis passos até a borda da banheira e Emily chegou para o lado para que eu pudesse me acomodar. Entrei na água e me sentei ao seu lado. Nossos pés se tocaram. Nossas pernas se esfregaram. Não dava para evitar e, quando me inclinei para encostar do outro lado da banheira, minhas costas tocaram suavemente o ombro dela.

Eu sentia a pele dos quadris dela contra os meus.

Não sabia o que fazer com as mãos, então só as deixei sobre os joelhos.

– Isso é divertido – ela disse.

– É mesmo.

O que mais eu podia dizer? Nem conseguia prestar atenção ao rádio, já que meu coração batia forte dentro da cabeça.

Emily se moveu.

Ela começou a lavar meu pescoço e os ombros com um pano molhado.

Eu nunca tinha sentido nada tão bom como aquilo a minha vida inteira.

– Está cheio de cabelo grudado em você – ela disse.

– É que eu cortei o cabelo hoje.

Ela continuou me esfregando, tirando a água que ficava no alto das costas.

– Sempre depois de cortar o cabelo, você

tem de tomar um banho.

– Estou tomando...

Ela riu.

– Lá em casa, só podemos tomar banho no sábado e no domingo à noite. É a regra, já que durante a semana temos de tomar banho na escola todo dia mesmo.

– Ah.

Ela tinha um potinho de plástico que algum dia já devia ter servido para pôr margarina. Mergulhou-o na água à minha frente. – Feche os olhos.

Despejou a água morna vagarosamente sobre minha cabeça. Então, senti alguma coisa fria correndo pelos cabelos. Tremi levemente.

– É só xampu – ela disse. – Relaxa...

Tinha cheiro de bala.

– Nós não usamos xampu – eu disse. – Pelo menos eu e meu irmão.

Ela começou a esfregar minha cabeça com os dedos. As duas mãos estavam em mim, massageando.

– Isso é tão... gostoso. E o cheiro é tão bom.

– Fecha os olhos, vou enxaguar.

– Tudo bem.

Ela continuava jogando água em mim, penteando meu cabelo com as mãos. Então disse:

– Isso é condicionador.

E outra coisa fria e mais grossa fluiu pela minha cabeça.

– Para que isso serve?

– Deixa seu cabelo suave e cheiroso.

Eu me sentia feito um rei em um palácio.

– Pronto – ela disse. – Você está bonito. Agora, vamos almoçar.

Assim, do nada.

Emily era assim.

Eu me levantei, tirei a espuma da pele e saí da banheira, pingando nos azulejos do chão. Me enxuguei tão rápido quanto podia enquanto Emily ficou sentada lá, assistindo à minha luta contra as roupas que iam chegando no lugar, minha camisa para dentro da calça.

Eu me sentia novo.

Olhei para o meu cabelo no espelho.

Estava muito bonito.

– Desculpa pela água no chão – eu disse. – Eu... hã... vou te esperar lá fora.

– Eu enxugo tudo – Emily disse.

Abri a porta e ela me chamou logo em seguida. – Foi muito legal, Palito. Ótima ideia. Temos de repetir isso qualquer dia desses.

– É. Temos... De novo... – eu disse.

Fechei a porta e esperei por ela no corredor.

Eu estava muito confuso.

Querida contar a Bosten o que tínhamos feito, mas achei que não seria legal com Emily.

Também não tinha sido nada parecido com aquela revista besta.

Não tinha nada de sensual.

Pelo menos, nada como na revista.

Era uma coisa diferente de tudo o que eu já tinha visto antes.

A senhora Lohman sempre deixava o almoço preparado para nós aos sábados, quando eles iam fazer compras na cidade. Naquele sábado, era sanduíche de atum e torta de maçã.

Emily se sentou à minha esquerda na mesa da cozinha, como se não fosse nada demais o fato de que tínhamos acabado de tomar banho juntos.

Observei enquanto ela deu uma mordida no sanduíche. Eu me sentia mal, como se tivesse roubado alguma coisa da senhora Lohman. Não parecia certo eu me sentar ali e comer aquela comida, então a deixei no prato e fiquei observando Emily.

– O que foi? – ela perguntou.

– Nada.

– Então tá.

– Talvez seja melhor eu ir para casa.

Eu nunca saía da casa da Emily tão cedo assim no sábado.

– Eu não sei por que você tem de ficar todo estranho assim, Palito. Nós não fizemos nada de mau. Na verdade, foi bem legal. Você toma banho com outros garotos todos os dias, não é?

Fiz que sim.

– Então...? – ela disse.

– Foi a coisa mais legal que eu já fiz na vida, Emily – admiti.

– Tá vendo? Agora, come seu sanduíche.

– Eu... hã... Obrigado por lavar meu cabelo. E pelo condicionador. Ninguém nunca tinha feito isso comigo antes. Nunca.

– De nada.

Peguei metade do meu sanduíche. A senhora Lohman sempre cortava o sanduíche na diagonal. Eu gostava disso.

– Você falou sério, Emi? Quando disse que a gente deveria fazer isso de novo qualquer dia desses?

– Não se preocupe, você for ficar todo esquisito desse jeito. Afinal, não é nada demais.

– Prometo que não vou ficar esquisito da próxima vez.

– Então come seu sanduíche e vamos andar na praia.

A regra era que eu deveria estar em casa antes que o sol descesse abaixo da linha das árvores no lado oeste da trilha de cascalho que ia para minha casa.

Era o melhor dia da minha vida.

Passei a mão pelo meu cabelo e cheirei.

Na antessala, tirei meus sapatos e o casaco. Levei o boné de Bosten nas mãos e cuidadosamente entrei na sala. Tudo lá dentro cheirava a cigarros e ao salmão que fritava na cozinha.

Meu pai ia pescar todo fim de semana.

Ele estava vendo televisão quando entrei. Olhou para mim, para ter certeza de que eu não estava usando nada na cabeça, então tirou outro cigarro do maço e gritou para a cozinha.

– Ele chegou.

Ouvi minha mãe tossir ou coisa assim, e meu pai olhou para mim de um jeito mais detido. – O que há com você? – ele disse.

– Hein? Ah... Nada... Pai.

Às vezes, na nossa casa, era como se eu e Bosten fôssemos como insetos em papinha de bebê.

Eu me movia com cuidado para onde quer que fosse. Não conseguia ouvir nada que eu mesmo fazia, mas me perguntava o quanto eu deixava o mundo deles barulhento, já que eles tinham duas orelhas e tudo.

Fui para o lado da televisão, ainda segurando o boné de Bosten. Dei uma olhada discreta para o corredor, bem rápido, torcendo para que meu pai não notasse que eu estava espiando. A chave ainda estava na fechadura abaixo da maçaneta da porta do quarto extra.

Ou seja, Bosten ainda estava lá dentro.

Assim que cheguei à escada do porão, meu pai falou comigo.

– Pegue umas roupas para o Bosten e mande-o tomar um banho antes de jantar. Ele já pode sair.

– Certo.

O quarto de Bosten era ao lado do quarto extra. O quarto dos meus pais era no andar de cima. Nós nunca íamos lá. Quando passei pela porta do quarto extra, dei duas batidinhas com os dedos para ele saber que eu estava chegando.

Deixei o boné de Bosten em sua cama e peguei roupas limpas e uma toalha para ele.

Eu estava feliz pelo meu irmão. Parecia já ter passado anos desde o jogo da noite passada.

Pus todas as coisas que peguei no degrau mais baixo no fim do corredor. Dei uma olhada mais uma vez para ter certeza de que ninguém estava me observando, então subi com muito cuidado para o banheiro da minha mãe.

Não era nada como o banheiro de Emily. O da mamãe cheirava a cigarro e ao tipo de sabonete floral que minha professora de inglês usaria. Havia um pote azul pequeno de creme para as mãos ao lado da pia com um monte de coisas

esquisitas de mulher espalhadas em volta. Eu não tinha a menor ideia de para que serviam todas aquelas coisas.

Pensei que aquelas eram coisas que apareciam nas revistas, porque os apetrechos sexuais não tinham me ensinado nada de verdadeiro.

Furtei aquele pote de creme para as mãos. Coloquei-o dentro da minha camisa, abotoei e voltei escada abaixo para falar com meu irmão.

Girei a chave e abri a porta do quartinho escuro.

Bosten estava deitado naquele projeto de cama, coberto com um lençol. Estava de lado com as costas voltadas para mim, então eu não soube dizer se ele estava dormindo ou não. O balde de metal estava no chão ao pé da cama.

Deixei as roupas e a toalha perto do pé de Bosten.

– Ei – eu sussurrei e me ajoelhei próximo a ele. – Papai disse que você pode sair agora e mandou você tomar um banho antes do jantar.

– Certo.

– Vou limpar o quarto e levar o balde para fora.

Bosten não disse nada.

– Você está bem?

– Tô.

– Deixa eu dar uma olhada. Tudo bem?

Puxei o lençol para baixo, bem abaixo dos ombros de Bosten, de um jeito que pudesse ver suas costas.

Nós dois já tínhamos apanhado muitas vezes antes. Essa era uma das piores. Acontecia com alguma frequência.

– Está bem feio – eu disse.

Do meio das costas, passando pelo traseiro e indo até as coxas, Bosten estava cheio de faixas roxas. Algumas das marcas mais estufadas até tinham sangrado. Todas eram retas feito barras, como frações sem os números.

Voltei a falar com ele bem baixinho.

– Vire de bruços. Vou passar uma coisa pra fazer você se sentir melhor.

Bosten rolou sobre a barriga. Encaixou o queixo no antebraço e encarou a parede acima da cama.

– Eu os odeio.

Vi uma sombra chegar por trás no corredor.

Papai havia ouvido o que Bosten dissera. Vi isso nos olhos dele.

Meu pai não disse nada. Deu um trago em seu cigarro e calmamente voltou pelo corredor até a sala.

– Ele te ouviu.

– Não estou nem aí.

Desabotoei minha camisa e assim me lembrei do que vinha carregando o dia todo no bolso.

Desdobrei o recorte de jornal e o segurei na frente de Bosten.

– Olha para isso – eu disse. – Nós invadimos. Todos os terráqueos devem se render ou morrer.

Meu irmão olhou para mim e sorriu.

– Sabe, você é o meu herói, Bosten, de verdade – eu disse.

– Ah, cala a boca – Bosten virou o rosto para a imagem do nosso OVNI e a matéria sobre o fazendeiro em pânico que tirou a foto com sua Brownie antiquíssima. – Mas isso é legal pra caralho, Palitoso.

Enquanto Bosten lia o recorte, tirei a tampa do creme da minha mãe. Era gelado e parecia banha de porco ao toque.

– Dói? – perguntei, acompanhando os vergões nas costas de Bosten com o creme.

– Não, é bom.

– Vou levar escondido lá para o meu quarto. Posso passar mais depois que você tomar banho.

– Se a mamãe achar isso, vai ser você aqui neste quarto.

– Não se preocupe. Vou jogar isso no incinerador mais tarde.

Enquanto Bosten tomava banho, eu limpei o quarto extra.

O quarto de São Fillan.

Tive de trocar o lençol e a roupa de cama por algo mais limpo, de modo que o quarto ficasse mais parecido com um quarto de hóspedes – o que ele definitivamente não era – caso alguma visita passasse pelo corredor. A porta só ficava fechada se houvesse alguém lá dentro, mas ninguém jamais ficou naquele quarto na minha vida toda exceto eu e Bosten.

Eu pensava que meus pais eram muito infelizes, mas eu e Bosten não éramos.

Pelo menos não ainda.

Às vezes, eu me perguntava o que os havia deixado daquele jeito, mas Bosten me explicou que não são as coisas que deixam as pessoas do jeito que elas são. Ele disse que não era como pegar um resfriado ou coisa assim.

Você simplesmente é de determinado jeito.

Então Bosten dizia:

– Eu fiz as contas, Palitoso – e concluiu que ele mesmo tinha sido o primeiro erro a destruir a vida de nossos pais.

– Então olha para mim – eu disse. – Eu sou o segundo.

Isso é que era matemática.

O balde sempre deveria ser esvaziado no recipiente do incinerador, lavado com a mangueira e limpo com água sanitária. Então deveria ser deixado de cabeça para baixo nas pedras ao lado da casinha do poço artesiano.

Era assim que a gente deveria fazer.

Sendo assim, depois do jantar, fui lá fora pegar o balde e voltar com ele para o armário vazio do escuro quarto extra.

Aproveitei e joguei o pote de creme da minha mãe no incinerador.

De manhã, meu pai foi pescar com Ian Buckley.

Ele saiu com o Pontiac antes que acordássemos.

Minha mãe nunca fazia café da manhã. O desjejum para ela era um cigarro e dois ou três copos de café com leite e açúcar. Bosten e eu comemos torrada com manteiga. Ele não conseguiu se sentar com as costas na cadeira. Na noite anterior, papai achou ruim quando ele se inclinou para jantar, então Bosten teve de comer bem encostado.

Na tarde de domingo, iríamos à casa dos Buckley. Quando os pais voltassem da pescaria, faríamos o jantar e então os adultos iriam beber, fumar e jogar baralho até a hora de irmos embora.

O senhor Buckley fumava cachimbo.

Quando eu era pequeno, mesmo antes de começar a falar, achava que o cachimbo do senhor Buckley era mágico, porque ele soltava fumaça o tempo todo e nunca parecia se apagar.

Eu gostava daquelas noites.

Ninguém se importava com o que nós, garotos, estávamos fazendo.

Era como se os ratos tivessem escapado da ratoeira.

Minha mãe fazia salada de batatas na cozinha.

Eu entrei furtivamente na sala e, bem baixinho, disquei o número da casa de Emily no telefone que ficava próximo à poltrona de meu pai. Depois de sete toques, a mãe dela atendeu.

– Alô, residência dos Lohman.

– Ah, oi, senhora Lohman. É o Stark.

Me sentia culpado só de falar com ela. Me senti empalidecendo.

– Com quem você está falando? – minha mãe apareceu na soleira da porta, segurando uma faca em uma mão e um cigarro na outra.

Ela não gostava que eu falasse no telefone. Dizia que era um mau hábito para garotos da minha idade. Acho que ela talvez pensasse que telefones eram portas de entrada para a masturbação.

Eu poderia tê-la ajudado a entender melhor a questão.

Para um garoto, até oxigênio era uma porta de entrada para a masturbação.

– Hã... É com a senhora Lohman, mãe. Eu estava ligando para Emily.

– Palito? Você quer falar com Emily?

– Sim senhora.

Minha mãe deu de ombros e voltou para a cozinha, deixando um rastro de fumaça atrás dela como se fosse o nosso disco voador.

– Quero você fora desse telefone em dois minutos.

– Sim senhora.

A senhora Lohman não entendeu que eu estava falando com minha mãe.

– Está tudo bem, Palito?

Como eu poderia tê-la deixado preocupada daquele jeito? A senhora Lohman

era a melhor pessoa deste mundo.

– Sim senhora, está tudo bem.

– Emily

disse que vocês se divertiram muito ontem.

Senti como se fosse vomitar, pensando no maldito mentiroso que eu era.

– É, a gente se divertiu.

– Adoramos quando você vem aqui, Palito. Quero que você saiba disso. Talvez no feriado da Páscoa você possa vir e ficar uns dois dias aqui em casa.

– Seria muito bom. Obrigado, senhora Lohman.

– Vou falar

com seus pais a respeito. Peço a eles para você.

– Obrigado.

– Espere só um minutinho, querido, já vou passar para ela.

Mordi meu lábio. Acho que ele começou a sangrar.

Finalmente, Emily veio ao telefone.

– Ei, Palito.

– Emi.

– E aí?

– Eu... só queria falar oi. É porque não vou poder ir aí hoje, já que estamos indo para a casa dos Buckley.

– Você está estranho. Tem certeza de que não ficou esquisito de novo?

– Não. De verdade. É só que eu me senti meio mal falando com sua mãe, e me senti mal pelo Bosten ter tido problema por minha causa. Papai bateu feio nele. E eu queria muito que a gente pudesse se encontrar hoje.

Pude ouvir Emily pondo a mão no bocal do telefone para cochichar.

– Aposto que eu sei por que você queria me encontrar hoje.

Dei um suspiro.

– Não é por isso...

– A que horas vocês saem?

– A mamãe tem de acabar a salada de batatas. Estamos por conta disso. Deve ser mais ou menos daqui a uma hora e meia.

– Ótimo. Nós fomos a

Poulsbo ontem à noite ver um filme e eu trouxe uma coisa para você.

– Trouxe?

– Vou levar para você aí.

Me senti ficando vermelho. Era novidade para mim. Emily nunca havia feito eu me sentir daquele jeito antes. Talvez eu estivesse mesmo agindo esquisito com ela.

– Hora de sair do telefone – minha mãe gritou da cozinha.

– Eu... tenho de desligar, Emi.

– Eu chego em uns dez minutos.

– Tudo bem.

Bosten sabia que tinha algo acontecendo quando me viu pegar os sapatos e o casaco na antessala.

– Posso usar seu boné? – perguntei.

– Onde você está indo?

– Encontrar a Emily na estrada.

– Posso ir também?

– Ahn... Pode.

Eu não queria que ele fosse. Senti como se ele, ao nos ver juntos, fosse adivinhar que tínhamos feito algo errado.

Mas o que eu podia fazer? No momento em que saí pela porta, ele já tinha retornado com o boné e veio me seguindo pela entrada de cascalho.

– Não quer isso? – Bosten disse, acelerando atrás de mim com seu boné C.D.W.

– Ah, é.

Passei a mão pelo meu cabelo, mas resisti à vontade de cheirar para ver se o perfume do condicionador de Emily ainda estava lá. Eu sabia que não estaria mesmo. Tudo na nossa casa cheirava a cigarro.

– Obrigado – eu disse.

– Tem alguma coisa errada? – Bosten perguntou.

– Não. A Emi disse que tem um presente para mim.

– Ah... – disse Bosten.

Mas a maneira como ele disse “ah” não foi só um “ah”. Foi todo um solilóquio.

– É isso – respondi.

Nós a vimos chegando pelo portão onde ficavam as caixas de correio tortas em seus pedestais já podres. Notei que Bosten andou mais devagar e ficou uns metros para trás quando nos aproximamos dela.

Emily tinha nas mãos alguma coisa preta.

– Oi – eu disse.

– Ei. Oi, Bosten.

Me virei e vi Bosten acenar para ela.

– Bom, aqui está – ela disse. – Arranjei isso para você. Sei que vocês já devem estar de saída daqui a pouco.

Ela estendeu a mão para mim. Era um gorro de lã dos Pittsburgh Steelers.

– Achei que você ia gostar disso.

Era fantástico.

– É a coisa mais legal do mundo, Emi. Obrigado!

Bem, eu pensei, não era a coisa mais legal do mundo se comparada com o que a gente tinha feito no dia anterior.

– Achei que você ia precisar de um novo.

– Você ficou sabendo do que aconteceu? – disse Bosten. Ele pegou seu boné da minha cabeça e o vestiu.

– Eu daria tudo para estar lá e ver o Ricky levar uma surra pelo que fez.

Eu vesti o gorro e o puxei sobre as orelhas. Caía muito bem.

– Você não poderia estar lá, Emi. Foi no banheiro masculino.

Emily sorriu.

– E nós o deixamos lá no chão, deitado numa poça de mijo e sangue – disse Bosten.

Emily olhou para ele.

– Por que você não o ensina a bater desse jeito?

– Ele sabe bater – disse Bosten. – Pode acreditar.

– Bom, ficou bem em você, Palito – ela disse.

Me senti ruborizando de novo. Deu vontade de chutar alguma coisa por eu ser tão bobo. Olhei de volta para o meu irmão e percebi que ele se sentia meio embaraçado de estar ali também, o que me deixou ainda mais vermelho.

– Obrigado, Emi. A gente se vê no ponto de ônibus amanhã.

– Tudo bem – ela disse.

No que eu me virei e comecei a subir de volta para casa, ela falou mais alto.

– E ficou mesmo muito bem em você.

No caminho de volta pela entrada, Bosten veio andando bem do meu lado. Só uma vez, ele bateu o ombro contra o meu e disse de novo “Ah...”, naquele mesmo tom que já indicava que ele sabia de tudo mesmo sem conversarmos a respeito.

Então ele disse:

– Desculpa por atrapalhar você e a Emi, Palito.

Mas Bosten nunca atrapalhava.

Minha mãe e meu pai me davam coisas no meu aniversário e no Natal.

Mas ninguém nunca tinha me dado alguma coisa só por dar até aquele dia.

Minha mãe se sentou no banco da frente, no mesmo lugar onde eu tinha ficado com o pinto duro duas noites antes, olhando para a revista de masturbação do papai. Ela levava uma grande bacia laranja de plástico cheia de salada de batatas encaixada entre as pernas sobre o vestido colorido.

O vestido era azul, tinha papagaios vermelhos e laranja e bambus em um verde intenso.

Eu me perguntei se papagaios realmente viviam em bambuzais ou se talvez o artista que tinha criado o vestido imaginou que papagaios e bambus juntos faziam uma combinação divertida.

Ela acendeu um cigarro com o mesmo isqueiro do painel que foi usado nos baseados de Bosten e Paul na noite da invasão do disco voador.

Juro que aquela coisa ainda cheirava a maconha quando ela o puxou, mas parece que ela não percebeu.

Bosten entrou no banco do motorista todo duro, vagarosamente.

Ele gemeu de leve ao se sentar. Não pude ouvir, mas sei que ele gemeu.

Mamãe não sabia dirigir carros com câmbio manual.

E nem poderia, com aquela tigela de salada de batatas no colo.

Dava para ver como deve ter doído para ele se sentar daquele jeito. Seus olhos ficaram marejados.

– Você vai ficar bem? – perguntei. O carro já estava todo enfumaçado pelo cigarro da minha mãe.

Bosten começou a dizer alguma coisa, mas só saiu um

“É...”.

– Eu posso dirigir...

Minha mãe se virou, mas não conseguia olhar direto na minha cara. Eu estava sentado bem atrás dela. Era o único assento do carro no qual eu conseguia ouvir o que se passava.

Pude ver os olhos de Bosten no retrovisor. Sabia o que ele estava pensando.

– Bom, eu tenho altura e já vi o Bosten fazer isso muitas vezes. Tenho certeza de que eu conseguiria.

– Você é louco se pensa que vou deixar uma criança de 13 anos dirigir um carro – minha mãe falou e então se virou rapidamente para trás, para reafirmar o que disse, mas a tigela de salada quase caiu em cima do Bosten.

– Está tudo bem, Palito – e percebi que Bosten falava isso com certo nervosismo.

– Não tem nada de errado com você – minha mãe decidiu. – Pare de agir feito um bebê e dirija.

Então pôs a mão suavemente no ombro de Bosten. Eu entendi que ela estava

tentando ser simpática e gentil, mas não era muito boa naquilo.

– E o que é isso na sua cabeça, Palito? – ela perguntou.

Me senti como se estivesse encolhendo no banco.

– A Emily que me deu.

– Muito gentil da parte dela.

Bosten olhou para mim pelo retrovisor.

Deu uma piscadela.

A casa dos Buckley era bem grande e o terreno em volta tinha uma porção comprida de praia com um atracadouro próprio, onde o pai de Paul mantinha dois barcos, um para velejar e o outro, menor, que ele e meu pai tinham usado naquela manhã para ir pescar no estreito.

Paul, Bosten e eu ficamos no quarto de Paul enquanto nossas mães se sentaram no solário para fumar.

– O que poderia ser mais doido que isso? – perguntou Paul. Ele já tinha pregado o recorte de jornal com uma tachinha na parede em cima de sua cama.

– Estamos invadindo o planeta – eu disse.

– Haha, você não está

invadindo nada, Palito. Você ficou sentado no carro olhando aquela revista de mulher pelada enquanto o Bosten e

eu acendemos aquela merda.

Eu gostava do Paul, mas, às vezes, quando Bosten não estava por perto, ele era meio rude comigo. Uma vez ou outra, como hoje, ele deixava claro que preferiria que eu não estivesse por perto quando ele e meu irmão saíam. Quando isso acontecia, Bosten meio que ia na onda também.

Dava para entender. Eu pensava que devia ser um saco sempre ter uma criança por perto. Especialmente uma como eu.

– Deixa o Palito – disse Bosten. – Se ele não tivesse ido com a gente, provavelmente nós teríamos nos encrencado bastante.

Olhei feio para Paul.

– Aliás, você tem de devolver aquela revista.

– Beleza – disse Paul. – Por que então eu não a entrego para sua mãe agora mesmo, hein?

Me sentei na cama de Paul como se não estivesse nem um pouco preocupado. Eu sabia que ele não estava falando sério. Então disse:

– Porque você não tem colhão para isso. Só por isso.

Paul se agachou e estendeu as mãos no chão entre meus pés, procurando algo embaixo da cama.

– É mesmo? Então vamos ver.

– Muito engraçado, Buck – disse Bosten. E então pulou nas costas de Paul como se estivesse lutando contra um jacaré ou coisa assim e plantou seu amigo no chão, com a cara no carpete, em não mais do que três segundos.

Paul começou a rir.

– Tudo bem, tudo bem, eu não ia fazer isso.

– Você não tem colhão – eu repeti.

Bosten olhou para mim. Ele tentou soar sério, mas eu vi em seus olhos que era brincadeira. – Você ainda vai me arrumar mais merda este fim de semana, Palito?

Eu sabia que era só uma brincadeira, mas ainda assim me senti mal.

Brincadeiras fazem isso às vezes.

Então eu disse:

– Desculpa, Buck.

– É só brincadeira. Só brincadeira – Paul grunhiu. – Agora dá para você me largar, Bosten?

Então, ouvi minha mãe me chamando, gritando lá de baixo, do solário. Era assim que eles faziam as coisas. Nunca vinham e falavam com a gente, nunca chegavam perto, só gritavam quando queriam alguma coisa de nós.

– Palito!

Respirei fundo.

– Eu já volto.

Tirei meu gorro dos Steelers da cabeça e pus no bolso de trás enquanto descia para o corredor onde minha mãe e a senhora Buckley esperavam por mim.

O solário era uma extensão do fundo da casa, todo rodeado de janelas que davam para a pequena baía onde os vizinhos dos Buckley deixavam seus barcos. O chão de madeira bem liso era escorregadio sob as meias e eu tive de resistir à forte tentação de deslizar nele.

Minha mãe e a senhora Buckley estavam sentadas uma ao lado da outra em um pequeno sofá azul. Elas tomavam café e ambas deixaram seus cigarros acesos apoiados em um cinzeiro. A senhora Buckley estava tão bonita que fiquei realmente sem jeito e senti um nó na garganta quando a vi, pensando em como eu tinha ficado com o pinto duro naquele dia, quando ela pôs a mão no meu joelho durante o jogo de basquete.

Alguma coisa estava acontecendo comigo.

E era de repente. Tudo estava mudando. Acho que não gostava muito disso.

Então ela disse:

– Stark, não acredito em como você está alto! E nem dá para imaginar que vocês três vão estar no ensino médio juntos no ano que vem. Você deveria pensar em entrar para o time de basquete com o Paul. Não seria ótimo?

Claro que eu já tinha pensado nisso.

Me sentia com os joelhos fracos ao ver a senhora Buckley sorrindo daquele jeito, radiante, me olhando de cima a baixo. Tentei a todo custo me convencer a não ter uma ereção, mas esse tipo de pensamento sempre teve um efeito inverso no meu pênis.

– Eu não sou bom o suficiente para isso – eu disse.

– Ah, mas claro que é – disse ela, acariciando meu braço com os dedos.

Então minha mãe deu uma última tragada em seu cigarro e disse cada palavra com pequenas baforadas de fumaça.

– Joy disse que Bosten contou a ela uma história diferente daquela do senhor Dostal, sobre a briga com Ricky.

Meu pai nunca tinha nos perguntado
o que havia acontecido.

Nunca perguntava nada.

Estava ocupado demais
espancando pra cacete meu irmão.

Não estava nem aí para o que tinha acontecido.

E você só ficou lá me segurando, suas mãos agarrando
meu cabelo para eu não desviar o olhar.

Vocês dois têm tanta raiva de nós.

Por que se importariam com o que quer que nós tivéssemos para dizer?

Tudo o que importava era que ficássemos

– Hã... Eu não sei o que o senhor Dostal falou para vocês – eu disse.

Então a senhora Buckley olhou para mim com aqueles olhos tão delicados e azuis.

– Bosten disse que Ricky começou a briga no banheiro.

Dei de ombros. Eu só pensava em como é que esse pessoal podia morar aqui e ainda não saber que Ricky Dostal era sempre o responsável por começar todas as brigas.

– Bom, foi mesmo o Ricky. O Bosten nunca caçaria briga com ninguém.

Então me bateu uma certa raiva e eu olhei bem direto para minha mãe.

– Papai nunca nos perguntou o que tinha acontecido. Nem ele e nem você.

– Não use esse tom comigo, rapazinho – mamãe disse.

Me virei para a senhora Buckley. Dava para notar que ela ficara desconfortável com aquilo. Eu certamente ouviria muito a respeito do meu “tom” mais tarde, quando chegássemos em casa.

– Desculpa, mãe.

Ela apertou os lábios e respirou fundo pelo nariz.

– Deixei um maço extra no porta-luvas. Vá lá e traga para mim.

Fiquei aliviado de sair de cena por um minuto e me virei, deslizando sobre as meias.

– Sim senhora.

Paul e Bosten aproveitaram enquanto eu estava no solário para brincar de se esconder. Quando voltei ao quarto, nenhum dos dois estava lá.

Eles faziam aquilo o tempo todo, e a casa de Paul tinha tantos lugares para se esconder que eu quase sempre perdia o jogo.

– Vocês que se danem – eu disse para o quarto vazio. – Vamos ver quem dirige para casa da próxima vez que vocês resolverem ficar chapados.

Por um momento, pensei em procurar a revista do meu pai debaixo da cama, mas fiquei receoso de todas as coisas nojentas que Paul provavelmente guardava lá embaixo. Eu não queria minhas mãos naquilo. Então, saí discretamente pela porta lateral e fui até o atracadouro procurar por ele e por meu irmão.

Era um dia de falsa primavera, do tipo em que os garotos de Washington aproveitariam para ir brincar lá fora sem camisa, como se aquela pele pálida de inverno tivesse o poder de magicamente mudar as estações. Até eu mesmo pensei em tirar minha camisa enquanto andava para o pequeno cais dos Buckley a fim de procurar no barco por Paul e Bosten. Já na entrada do porto dava para ver o pequeno barco de alumínio voltando do estreito, trazendo meu pai e o senhor Buckley, para cima e para baixo contra a marola à medida que se aproximavam.

Eu me virei e fui para uma trilha que levava para dentro do bosque.

Vaguei pelo terreno por uns vinte minutos e já estava prestes a desistir de procurar Paul e Bosten quando os vi de relance por entre as árvores. Só os percebi porque eles tinham tirado a camisa e a palidez de Paul era como uma lanterna brilhando no meio do bosque.

Bosten estava logo abaixo de um alto pinheiro sem folhas.

Eles estavam se beijando.

Mas não apenas dando um beijinho; Paul e Bosten estavam realmente se beijando. Suas bocas estavam entreabertas e seus queixos se movimentavam, abrindo e fechando como se ambos estivessem sugando as línguas um do outro. E não era nenhuma brincadeira ou joguinho. Dava para saber pelo modo amável

com que Bosten acariciava os cabelos de Paul.

Eu já tinha ouvido a respeito de coisas assim. Os garotos sempre faziam piada disso na escola, mas, até aquele dia, eu honestamente nunca pensei que pudesse ser verdade e nunca achei que conhecesse algum garoto que quisesse fazer aquilo de verdade com outro.

Fiquei com certo medo e com vergonha ao mesmo tempo.

Era como ver minha casa pegando fogo, mas não dava para desviar o olhar. Afinal, quantas vezes na vida você vê uma casa queimar?

Paul abriu o cinto de Bosten e correu a mão para dentro da calça do meu irmão. Daí começou a beijar seu peito e a barriga. Então ele puxou para baixo a calça e a cueca até os pés de Bosten.

Depois disso, não vou dizer o que aconteceu. Isso porque o que aconteceu não dizia respeito a mim. Era algo só entre meu irmão e Paul.

Eu sabia que tinha de sair dali, deixá-los sozinhos e nunca comentar nada daquilo com Bosten.

Tinha de deixá-los fazer o que eles quisessem. Não era assunto meu e eu nem deveria estar lá. De repente, me senti triste por Bosten, como se eu o estivesse magoando ou fazendo alguma coisa errada com ele. Mas em momento algum pensei que Bosten estivesse fazendo qualquer coisa de errado com Paul. Acho que foi só algo surpreendente para mim.

Nesse minuto, Bosten abriu os olhos e olhou diretamente na minha direção.

Eu me virei e corri.

Sei que Bosten gritou algo para eu ouvir. Havia algum som urgente atrás de mim, como que implorando, mas eu não conseguia ouvir mais nada, a não ser meus pés pisando em galhos e derrapando em poças de lama e folhas.

Eu só corri.

Era burrice pensar que eu poderia correr mais que Paul Buckley.

Quando veio de trás e me alcançou – e eu não o ouvi chegando –, ele me empurrou bem no meio das costas e eu caí de cara em uma touceira espinhenta de amoras.

Doeu.

Minhas mãos e os pulsos começaram a sangrar, com pequenos cortes por causa dos espinhos, e eu estava totalmente sem fôlego. Me virei e vi Paul em pé logo atrás de mim. Ele tinha uma expressão ensandecida no rosto. Suas bochechas estavam vermelhas, seu peito e abdômen pulavam nervosamente.

– Que porra você acha que está fazendo?

Eu não sabia o que dizer. Estava com muito medo de que Paul fosse fazer alguma loucura.

Ele deu um passo na minha direção. Seu pescoço latejava. Parecia que ele iria explodir. Deu um soco no ar e então chutou a moita que estava perto do meu pé. E ele gritava.

– QUE PORRA É ESSA, PALITO?

Olhei fixamente dentro dos olhos de Paul e nenhum dos dois arrefeceu ou desviou o olhar.

Senti escorrer o sangue que descia do meu pulso para minha mão.

– Eu... Me desculpa, Buck. Eu não...

Paul brigava comigo descontrolado.

– O que você viu?

O que você viu?

Eu não consegui dar uma resposta.

– Se você falar disso com alguém, eu juro que...

Então deu mais um passo na minha direção, deixando o peso todo em uma perna. Ele ia me dar um chute. Mas, naquele momento, Bosten já tinha chegado mais perto.

– Ei! Esfria a cabeça!

Paul olhou para trás e então se acalmou.

Bosten já tinha vestido suas roupas, mas sua camisa ficou aberta e seu cinto estava frouxo, dependurado. Ele veio trazendo o moletom de basquete de Paul.

Bosten olhou para mim, mas rapidamente retornou seu olhar para Paul.

Meu irmão estava com uma aparência doentia e cansada. Estava pálido. Dirigiu um olhar raivoso para o amigo.

– O que você fez?

Antes que Paul pudesse dizer alguma coisa, eu mesmo respondi.

– Eu tropecei. O Buck não fez nada.

Paul olhou para baixo e Bosten estendeu o blusão para ele.

– Toma – ele disse.

Rapidamente, Paul o vestiu e se virou, deixando claro que não queria encarar nenhum de nós dois. Estava tudo muito silencioso. Nós três parecíamos congelados no lugar.

– Me desculpa, Bosten.

Meu irmão deu de ombros.

– Pelo quê?

– Se vocês tivessem me falado para deixar vocês em paz, eu teria ficado longe.

– Eu sei.

Paul ficou lá em pé, olhando para o outro lado. Puxou o capuz para cima da cabeça. Esfregou os olhos e então enfiou as mãos nos bolsos. Bosten estendeu a mão para mim.

– Vem, levanta.

– Minha mão está sangrando.

– Deixa eu ver.

Ele se atrapalhou ao afivelar o cinto e me dirigiu um sorriso amarelo ao ajeitar suas roupas. Então se ajoelhou e começou a puxar as trepadeiras secas que se enganchavam nos meus tornozelos.

– Não está tão feio assim – eu disse. Mostrei as palmas das mãos à minha frente e as girei. Os cortes ardiam e as mangas da camisa de flanela estavam manchadas em torno do pulso.

– Vem – Bosten disse, puxando minha mão e soltando um breve grunhido ao me ajudar a levantar.

– Estão tocando o sino – Paul disse.

Eu não consegui ouvir.

A senhora Buckley tinha um grande sino de latão que ficava pendurado nos fundos da casa. Ela sempre o usava para chamar Paul de volta. Eu fui seguindo os dois. Paul não olhou para mim nenhuma vez no caminho de volta à sua casa.

Nenhum de nós deu uma palavra.

Quando chegamos, minha mãe e meu pai estavam sentados na sala de estar com o pai de Paul. A senhora Buckley esperava à porta, estendendo o braço pelo corredor e dizendo para irmos nos lavar no banheiro de Paul antes do jantar.

Ela notou o sangue em minhas mãos e nas mangas e me parou, surpresa e com um ar gentil e preocupado.

– Stark! O que aconteceu com seus braços?

Paul e Bosten pararam no corredor.

– Ah, a gente estava brincando e eu caí em cima de umas amoras.

– Está bem feio! – ela disse. – Paul, me traga o antisséptico.

Ela pôs a mão no meu ombro e me conduziu para a cozinha até a pia. Abriu a água e sentiu a temperatura com as costas da mão. Fiquei olhando a água correr por sobre aquela pele de pêssego. Então se virou para mim e começou a desabotoar minha camisa.

Achei que iria desmaiar.

Aquele estava sendo o dia mais louco que eu poderia ter imaginado. Aliás, acho que eu nunca poderia tê-lo imaginado.

– Vamos tirar isso, querido – a senhora Buckley disse, puxando a barra da camisa para fora da minha calça. Meu pinto estava tão duro que eu achei que ela tivesse percebido, mas é claro que eu não podia falar nem fazer nada. Me sentia como um peixe, só parado lá, limitado a abrir minhas guelras inúteis.

Ela embolou minha camisa e a deixou no balcão da pia. Então, gentilmente pegou meu braço e começou a enxaguá-losob a água morna, acariciando minha pele e limpando o sangue seco e a terra. Fechou a torneira.

– Fique aqui, Stark. Vou colocar essa camisa na lavadora e já volto.

Eu a segui com os olhos até fora da casa. Bosten e Paul estavam atrás de mim com o remédio na mão.

– Por favor, não diga nada, Palito. Me desculpa por ter perdido a cabeça – Paul disse.

Ele soou frágil. Eu sussurrei:

– Por que eu falaria alguma coisa? Por que eu iria fazer uma coisa dessas com meu irmão? E você é meu amigo também, Buck.

Bosten olhava para os pés e balançou a cabeça.

A senhora Buckley voltou trazendo uma toalha e um moletom limpo. Era dos blusões de basquete de Paul. Ela enxugou meu braço com a toalha e passou o *spray* nos cortes.

Aquilo ardeu, mas tinha um cheiro bom ao mesmo tempo. Ela então me deu o moletom.

– Tenho certeza de que vai servir bem em você. Você é tão alto quanto Paul.

Bosten e Paul ficaram me olhando em silêncio enquanto eu o vestia.

PAPAI E MAMAE

Paul tinha sua própria televisão em cores no quarto.

Os Buckley até tinham um serviço de cabo especial que lhes permitia ver filmes para maiores de 16 anos. Eu nunca tinha ouvido palavrão ou visto um seio nu na TV até ver televisão no quarto de Paul.

Depois do jantar, nossos pais sempre jogavam baralho e bebiam. Meu pai e o senhor Buckley, aliás, já tinham voltado bêbados da pescaria. Eu achava isso bom porque ainda estava preocupado com a possibilidade de minha mãe me xingar quando chegássemos em casa, por eu ter faltado ao respeito com ela na frente da senhora Buckley.

E isso quase certamente significaria que eu teria de passar a noite no quarto extra.

Às vezes, meu pai e minha mãe se esqueciam das coisas quando bebiam bastante.

Então, estávamos os três vendo televisão com a luz apagada no quarto de Paul. Mas eu estava com dificuldade de prestar atenção. Minha cabeça estava muito cheia de coisas.

Mais que tudo, eu queria conversar com meu irmão.

Sentei no chão com as pernas cruzadas em frente à televisão. Paul e Bosten estavam sentados na cama. Paul estava com um braço em torno de Bosten e com a cabeça encostada no rosto dele. Eles esfregavam os pés uns nos outros. Eu o ouvi dizer:

– Já não tem problema a gente fazer ou dizer qualquer coisa na frente dele.

Eu tentei não ouvir.

Em um momento, enquanto assistíamos a um comediante, ouvi Bosten dizer:

– Pare!

Os dois riram e brincaram de lutar sobre a cama.

Mas não me virei para saber o que ele estava dizendo para o Paul não fazer.

Queria só desaparecer e deixar os dois sozinhos.

Meus pais levaram o Pontiac de volta para casa aquela noite.

Bosten e eu voltamos juntos no outro carro menor.

No começo, foi bem desconfortável. Nenhum dos dois sabia o que dizer; as coisas nunca tinham sido daquela maneira entre a gente antes. Nunca na minha vida inteira.

Bosten nem mesmo olhou para mim uma única vez.

Finalmente, quando chegamos na estrada de Pilot Point, eu disse:

– Então... Você é gay ou algo assim?

Ele olhou bem para mim. O brilho do retrovisor refletia nos seus olhos, formando uma faixa branca.

– Pois é.

– Ah.

Eu me perguntei se aquilo importava. Se tinha algum significado para mim.

– E o Paul?

Bosten deu uma risadinha.

– Dã! O que você acha?

– Bom, é que eu vejo ele com garotas o tempo todo...

Achei bom ele ter sorrido. Ele então limpou a garganta e disse:

– Olha, para ser bem honesto, não sei bem a respeito do Buck. Talvez ele só goste de... bom, de fazer isso. Não sei dizer com certeza. Nós sabíamos há muito tempo que queríamos isso, mas ficamos com medo. Eu levei muito tempo para convencê-lo a finalmente fazer alguma coisa comigo.

– Parece que ele se adaptou bem à situação.

Bosten sorriu e me deu um encontrão no ombro.

– Há quanto tempo vocês vêm fazendo isso?

Bosten chegou o carro para o acostamento. Virou-se para mim, colocando o joelho entre nossos bancos. Pela primeira vez em algumas horas, finalmente parecia estar confortável comigo outra vez. Parecia de novo com meu irmão Bosten. Isso fez eu me sentir muito melhor.

Dava para ver o mar dali.

– Começou no verão passado.

– Ah.

– É só isso que você quer saber?

Eu mordi o lábio.

– É que... é meio estranho. Eu... bom, eu acho que não gostaria que isso acontecesse comigo.

Bosten então soltou uma risada.

– Haha! Você é muito maneirão, Palito! Isso não “acontece” com você. Eu sou assim. E pode acreditar, eu sei com certeza que você não é gay.

– Eu fico com o pinto duro toda vez que a mãe do Paul olha para mim.

– Haha! Todo mundo percebe isso.

Engoli em seco.

– Todo mundo?

– Eu achei que você ia arrebentar o zíper da calça hoje na cozinha.

Me senti ficando quente e vermelho de novo.

– Olha, vocês não precisam se preocupar. Quero dizer, se preocupar comigo, com eu falar para alguém alguma coisa sobre você e Paul.

– Eu sei, Palito.

– E eu não ligo nem um pouco para nada disso. Só, da próxima vez, me avisem para eu deixar vocês dois sozinhos.

– Ah, cala a boca...

– Como é que é isso, estar apaixonado por alguém? – perguntei.

– Olha, é muito bom, Palito. Fica tudo do jeito como sempre deveria ser.

Eu me perguntei se alguma vez sentiria aquilo. E se alguém, alguma vez, sentiria aquilo por mim.

Bosten ligou o carro. Eu abri a janela. Estava bem frio.

– Bosten?

– O quê?

– E se eles descobrirem?

Ele sabia do que eu estava falando. De mamãe e papai.

– Sabe o que o pai falou para mim ontem de manhã? Eu estava no quartinho e ele disse “Dezesseis anos já é idade suficiente para sumir daqui se você não quiser viver pelas regras desta casa”. Mas sabe de uma coisa? Acho que ele me mataria, Palito. Eu cheguei a achar que ele ia me matar por causa daquela coisa com o Ricky.

– Você fica com medo?

– Às vezes sim.

– Eu não quero que nada de mau aconteça com você. Você tem de tomar cuidado.

Bosten me estendeu a mão e eu a segurei.

Nós não precisávamos conversar mais nada depois daquilo.

Era assim que as coisas eram.

Tudo em volta podia mudar e virar uma loucura. Mas aquilo não.

Na vez seguinte em que fomos jantar na casa dos Buckley, eu fiquei vendo televisão sozinho no quarto de Paul.

Minha mãe não se esqueceu de contar ao meu pai sobre o que eu tinha feito. E ele ainda ficou com raiva por eu e Bosten termos demorado tanto a chegar em casa.

– Onde você arrumou esse linguajar? – ele disse. – Onde você arrumou esse linguajar imundo para falar com sua mãe desse jeito em frente da Joy Buckley?

Ele me puxou pelo colarinho. Seus dedos vieram como garras no meu pescoço e ele me jogou sobre sua poltrona. Mas não usou o cinto daquela vez, só a mão, dando tapas que ardiam feito ferroadas de vespas devorando minha pele. Ele arrancou o moletom de Paul que eu vestia. Achei que aquilo fosse me sufocar, mas o blusão saiu fácil e meu pai o jogou no chão.

Vi Bosten parado em pé lá perto, assistindo.

Ele tinha de fazer isso.

Essa era a regra.

Então papai puxou minhas calças e me bateu nas costas e nas pernas. Também me deu socos, e sua mão fazia um som mais agudo e mais encorpado que o cinto faria.

Não deu para evitar o choro. Eu não era tão valente quanto Bosten. Nunca conseguiria ser forte daquele jeito.

Minhas lágrimas saíram límpidas e reconfortantes como a água da pia da senhora Buckley, e formaram uma mancha circular na poltrona. Quando terminou, meu pai me pegou por trás do braço e me fez marchar pelo corredor em direção ao quarto de São Fillan.

Ele nem precisou parar no meio do caminho. Eu conhecia as regras. Eu o venci.

– Boa noite, mãe – eu disse. E emendei: – Boa noite, Bosten. Eu te amo.

Quase engasguei ao falar aquelas palavras de tanto que eu chorava, mas me senti ganhando o jogo quando Bosten respondeu:

– Te amo também, irmãozinho.

Então fui jogado em cima da fria cama de acampamento daquele quarto escuro. Meu pai arrancou o resto de minhas roupas e trancou a porta.

E era assim que tudo no mundo funcionava.

Às vezes, Bosten falava em fugir.

Ele sonhava com a Califórnia.
Quando éramos pequenos,
quando Bosten ainda brincava comigo,
gostávamos de brincar de Califórnia.
Dirigíamos nas autoestradas
fumando cigarros de mentirinha
com os cotovelos na janela.
Achávamos
que garotos como nós podiam
fazer suas próprias regras na Califórnia.
Mas eu disse que não poderia fugir com ele.
Eu achava que eles me colocariam
em uma escola californiana para
retardados mentais e eu ia sentir
muitas saudades
da Emily.

Quando estava no nono ano, Bosten uma vez fugiu de verdade.

Sumiu por quatro dias.

Fiquei morto de medo que ele tivesse morrido. A polícia vinha em casa todos os dias. Ele tinha ido para Seattle.

Quando o trouxeram de volta para casa, duas coisas aconteceram: primeira, eu implorei a ele que nunca me deixasse; segunda, meu pai bateu nele até ficar exausto e depois o trancou naquele mesmo quarto.

Estava tão frio lá dentro que não consegui dormir.

Bosten saiu para a escola. Paul veio e lhe deu uma carona enquanto eu ainda estava lá embaixo trocando de roupa. Sempre que eu pensava nos dois juntos e a sós, imaginava coisas feias acontecendo, e eu mesmo não achava que era justo pensar assim. Mas acho que eu só estava com ciúmes porque meu irmão estava apaixonado e eu tinha medo de que Paul fosse tirá-lo de mim.

O que mais eu tinha na vida além de Bosten?

Eu não tinha tido oportunidade de tomar meu banho do domingo à noite, mas não importava. Eles teriam de me deixar sair do quarto para ir à escola, e minhas mãos ainda cheiravam ao sabonete da senhora Buckley. Logo que minha mãe disse que eu poderia sair, corri para o banheiro. Durante toda a noite, não usei o balde, porque sabia que aquilo ficaria ali o dia inteiro enquanto eu estivesse na escola, e eu teria de limpar quando chegasse em casa.

Então me contive e então corri nu pela escada abaixo até o porão, para poder fazer xixi no banheiro logo que ouvi a chave mexer na fechadura.

Eu quase não consegui segurar. Aquele tipo de coisa acontecia direto na nossa casa.

Eu estava usando meu gorro dos Steelers.

Levara também uma pasta com todas as minhas coisas da escola, meu almoço em um saquinho de papel e meu uniforme limpo de educação física de todas as segundas de manhã, perfeitamente enrolado conforme o senhor Lloyd nos ensinou que deveria ser. Na parte externa do rolo estava a camiseta com um “S. MCCLELLAN (8)” bem aparente, escrito em pincel atômico preto, fortemente amarrada ao short verde, às meias brancas e a uma saqueira.

Era outra coisa a que éramos obrigados: usar saqueira. O senhor Lloyd sempre conferia isso todo dia, se os garotos estavam ou não usando. Para ele, as notas de educação física dependiam de duas coisas: usar saqueira e tomar banho.

Eu finalmente cheguei à conclusão, no nono ano, de que educação física tinha menos a ver com a adequação física e mais com adequação às regras. E como um garoto com uma orelha só poderia algum dia esperar se adequar ao mundo, mesmo usando saqueira e tomando banho todo dia?

Eu nunca entendi qual era a função daquele acessório, a não ser criar mais uma regra. Segundo o senhor Lloyd tinha explicado, era para proteger as bolas, mas eu já tinha visto pelo menos cem caras usando saqueira serem atingidos nas bolas e sempre pareceu doer tanto quanto se estivessem com tudo pendurado e exposto. Digo, um golpe nas bolas é sempre um golpe nas bolas, não importa o que se está usando.

Ou melhor, talvez uma armadura até faça diferença, mas não dá para praticar tiro livre usando uma coisa daquelas.

Duas vezes por ano, o pessoal da escola nos punha em fila para que fôssemos pesados e medidos. O senhor Lloyd ia anotando tudo aquilo. Todas as turmas de cada série que fazia educação física tinham de esperar na fila, organizada por

sobrenome, vestindo só a saqueira, até que chegasse a vez de cada um ter aquela informação valiosa registrada no caderninho do senhor Lloyd.

Para mim, parecia que estávamos todos em algum tipo de experimento científico cruel nazista, mas ninguém questionava. Cheguei à conclusão de que é difícil questionar regras quando você está em uma fila organizada por ordem alfabética, com frio e assustado, usando nada mais que um protetor para o saco.

A última vez que tivemos essa checagem foi em janeiro. Ricky Dostal e Corey Barr, que já tinham passado pela fila e sido medidos pelo senhor Lloyd antes de mim, foram lá e vestiram seus uniformes de novo, e aí me tiraram da minha posição entre os outros garotos que tinham sobrenome irlandês. Pensei em resistir, mas foi só um pensamento.

Aparentemente, quando você está vestindo somente uma saqueira, isso faz você ser ainda mais pacifista.

Eles me arrancaram do chuveiro masculino e me seguraram junto à parede exterior que dava para as quadras de tênis, com minhas nádegas desprotegidas espremidas contra os tijolos frios e úmidos do vestiário, tudo enquanto as turmas femininas saíam do outro lado do prédio e podiam ver minha pálida e gelada quase-nudez. Ricky e Corey me informaram que aquilo era para mostrar a todas as garotas como um retardado magrelo de uma orelha só fica quando está usando só saqueira.

Depois, naquele mesmo dia e nos que se seguiram, mais ou menos metade das garotas que tinham me visto vieram perguntar por que os garotos usam aquilo. Eu senti que estava mentindo todas as vezes em que respondi “porque protege as bolas”.

Minha saqueira nunca protegeu parte nenhuma minha.

Naquele dia, pensando em tudo aquilo enquanto carregava aquele acessório devidamente lavado e perfeitamente enrolado em meio ao meu uniforme de educação física, pensei se Ricky e Corey seriam dois daqueles “caras-chave” de que a Emily tinha falado, aqueles que eu deveria ter colhão o suficiente para socar.

Eu tinha colhões.

Só não sabia por que socar alguém me levaria a sentir que ter colhões fazia alguma diferença.

Era Dia de São Patrício.

Emily esperava por mim perto das caixas de correio.

Ela estava usando um cachecol verde em torno do pescoço. Eu reparava nela muito mais agora.

Assim, de um dia para o outro.

E eu estava usando uma camisa verde de flanela abotoada e enfiada para dentro da calça jeans, claro, com uma camiseta branca por baixo. Ela sorriu ao me ver chegando perto das caixas de correio. Era um sorriso de aprovação ao meu verde.

Sou irlandês, afinal de contas...

– Nenhum de nós dois vai ser aporrinhado hoje – ela disse. – Os garotos-siri vão nos deixar em paz.

Uma vez, no verão passado, enquanto andávamos pelo bosque silencioso, contei a ela a história do meu nome.

– Às vezes – eu disse –, nomes significam o oposto do que a gente é de

verdade.

– Oh...

– Era para eu ser forte e resistente – eu expliquei. – É o que significa “*stark*”. Só poderia estar mais longe da verdade se significasse “garoto com duas orelhas”.

– Não gosto disso – ela disse.

– O quê? Do meu nome? Eu também não.

– Não. Do seu nome eu gosto. Stark.

Foi a primeira vez que eu me dei conta de que quando ela pronunciava meu nome, fazia soar quase musical.

– O que eu não gosto é de quando você caça de si mesmo.

– Ah. Então tá.

– Então você não pode mais fazer isso na minha frente.

– Tudo bem.

– Porque é legal ter um amigo como você.

– Acho que nenhuma garota sairia para catar siris com você. Ou iria para o nosso forte.

Ela assentiu. – Mas, quando você faz pouco de você mesmo, é como se dissesse que qualquer pessoa que gosta de você é um derrotado ou coisa assim.

Ela fazia tudo parecer mais fácil.

– O outro nome, McClellan, tem uma história.

Paramos perto de uma árvore caída. Tinha cogumelos brancos que formavam degraus saindo de seu tronco cheio de musgo e se acumulavam em camadas, como se possuísse orelhas fantasmagóricas. Na clareira adiante, com pouca luz entre as árvores, ficava nosso forte de compensado.

– Ele significa “filho do devoto de São Fillan”. Esse nome, eu acho, é que diz mesmo quem a gente é.

– Quem é São Fillan? – perguntou Emily, enfiando um graveto em uma estreita fenda entre os cogumelos.

– Ele é o santo padroeiro dos loucos. Seu braço esquerdo brilhava, então era possível vê-lo no escuro. As pessoas mentalmente retardadas tomavam banho na lagoa de São Fillan. Então, eram deixadas acorrentadas a uma maca a noite toda. De manhã, se as correntes estivessem frouxas, era o sinal de que estavam curadas. Simples assim. Então, eu e Bosten somos filhos do devoto de São Fillan.

– E você acredita nisso tudo? – Emily estava com uma expressão de estranheza.

– Sim – eu disse. – Ninguém inventaria uma coisa dessas.

– Bom, alguém inventou.

Nós dois éramos os únicos que esperavam ônibus naquele ponto.

Não que eu estivesse “esquisito”, como Emily diria, com relação a nenhuma coisa específica naquela manhã de segunda-feira. O caso é que o fim de semana inteiro ricocheteava dentro da minha cabeça e me fazia sentir como se eu estivesse contendo uma explosão dentro de mim; tudo aquilo começando por Emily ter tocado minha orelha (e eu não conseguia pensar em outra coisa que não fosse o toque de seus dedos) e da invasão do disco voador na sexta à noite até eu acabar de castigo ontem, e mais as coisas todas que aconteceram nesse meio-tempo.

Tudo estava mudando.

Eu me sentia mal e Emily percebeu isso.

– Tudo bem com você?

– Acho que eu vou passar mal.
– Você deveria ficar em casa hoje e não ir à aula.
– Eu preferiria beber veneno...
– Eu mataria aula com você se você quisesse – ela disse.
– Será que a gente podia tomar outro banho? – arrisquei.
– Não. Minha mãe está em casa. Ela não entenderia – e a lógica de Emily mais uma vez me dava a impressão de que ela não pensava que nosso banho implicava em qualquer coisa a mais que simplesmente passar um tempo juntos.

Era como catar siris na praia.

Emily...

– Pois é – eu disse, sorumbático. – A minha também está.

– Então acho que é melhor a gente ir para a escola.

Essa era Emily.

Perfeita.

Havia um banco especial no ginásio para os garotos que não podiam fazer educação física.

Ricky Dostal, com a cara costurada parecendo um zíper com linhas retas e pontos pretos sob o olho esquerdo, estava sentado no tal banco e me observava enquanto eu o vigiava.

Duas fileiras para cima, nas arquibancadas, sentado quase no mesmo exato lugar em que eu tinha tido uma ereção quando a mãe de Paul pôs a mão no meu joelho, estava o senhor Lloyd, fazendo anotações a lápis no seu livrinho azul de registros.

Ele sempre usava óculos escuros. Mesmo em lugares fechados, como no vestiário. Acho que eu nunca tinha visto seus olhos. Talvez até faltasse um deles. Ou talvez ele tivesse ficado cego de tanto se masturbar quando era garoto.

Às vezes, alguns caras chegavam para conversar com Ricky. Pude perceber que estavam falando dos pontos no rosto dele, de Bosten McClellan e de mim. Uma vez ou outra, Ricky levantava o dedo médio bem esticado para mim, com a mão na frente da cintura, para parecer um pênis, de um jeito que o senhor Lloyd não podia ver.

O ginásio ficava abafado com nosso suor. As aulas do senhor Lloyd sempre tinham três partidas de basquete acontecendo ao mesmo tempo: cinco com camisa *versus* cinco sem camisa em cada meia-quadra, nas duas cestas principais, e mais um jogo em uma tabela que podia ser abaixada mecanicamente no espaço em que normalmente ficavam as arquibancadas do time visitante, que eram mais afastadas.

Do modo como as coisas tinham sido organizadas naquele dia, no jogo em que eu estava, o melhor amigo de Ricky, Corey Barr, se colocou na posição de meu marcador. Sendo assim, toda vez que meu time pegava a bola, Corey começava a me pressionar. Às vezes, até parecia que ele queria montar em mim, esfregando o peito suado nas minhas costas, se curvando sobre mim com o queixo na minha coluna e os quadris contra meu traseiro, mesmo nos momentos em que estávamos distantes da jogada.

Quando os times estavam disputando a bola no garrafão e ele via que eu estava fora, agarrava minha camiseta e me puxava, me chamando de covarde e dizendo que eu não tinha como chamar meu irmão. Tentei ignorá-lo, mas ele continuou no meu pé o jogo inteiro. Acabei mandando ele se foder.

Corey estava fazendo marcação cerrada por trás de mim e tentou se apoiar no

meu ombro, mas ele era bem mais baixo, então pôs a testa nas minhas costas.

– Você é uma bichinha, Palito. Eu vou acabar com sua raça! – ele disse.

Só sei que, no momento seguinte, passaram a bola para mim. Corey chegou próximo ao meu quadril e tentou me tirar a bola com um tapão muito forte que me atingiu bem no saco.

Doeu tanto que eu quase caí no chão. Pensei em Bosten, no que ele faria. E pensei em Emily também. E, mesmo sem saber que eu queria fazer aquilo, me virei rapidamente, já me sentindo mal e tonto depois daquele golpe nas bolas, cerrei a mão e fechei os olhos, e então esmurrei Corey Barr bem no nariz.

Aquilo machucou minha mão.

Corey ficou atordoado. Tombou sobre os cotovelos, caindo de bunda no piso de madeira. Ele logo ficou em pé de novo, balançando o corpo feito louco, e fomos imediatamente rodeados por metade dos garotos que estavam no ginásio. Pude ouvir o senhor Lloyd pisando duro arquibancada abaixo, gritando.

– Ei! Ei! Seus merdinhas! Podem parar com isso agora! Parem com isso AGORA!

Corey me acertou uma vez nas costelas, mas eu nem senti. Já estava com dor demais por ter levado aquela mão no saco. Na verdade, eu estava pronto para cair de quatro, mas fiquei com medo de Corey tentar me chutar no rosto. Antes que eu pudesse desferir qualquer outro golpe, o senhor Lloyd se pôs entre nós, empurrando com uma mão o peito suado e sem camisa de Corey e, com a outra, segurando na minha camiseta úmida bem onde meu nome estava escrito.

O nariz de Corey sangrava.

Eu o fiz chorar.

Era uma sensação horrível e eu honestamente fiquei com vergonha do que tinha feito. Sei que aquilo era burrice, considerando o que ele tinha feito comigo, mas me deu uma vontade estranha de dar um abraço em Corey e dizer que eu sentia muito. Os garotos da educação física ficaram em volta, excitados e extasiados, alguns deles provocando Corey por ele ter levado um soco do retardado e mais ainda por ter chorado em seguida.

Corey foi deixando um rastro de pingos vermelho-escuros que marcavam um caminho no chão desde o local da luta até a porta do ginásio, por onde o senhor Lloyd furiosamente nos conduziu até a sala do diretor.

Quando fomos para fora naquela manhã gelada, eu tremi um pouco pelo frio e um pouco pela dor nas bolas, mas mais que tudo por causa do que eu tinha feito com Corey Barr. O senhor Lloyd chegou bem perto do meu ouvido esquerdo e sussurrou:

– Até que enfim você fez isso, McClellan. Bom trabalho.

Para piorar nossa situação, o diretor estava ocupado, então tivemos de esperar do lado de fora do escritório, sentados em um mesmo banco e usando aquelas roupas suadas de fazer exercício, enquanto todo mundo que passava para lá e para cá ficava olhando para nós. Pelo menos eu estava vestindo minha camiseta. E não estava coberto de sangue. Nem chorando.

O choro era a pior parte, porque todo mundo que nos via imediatamente fazia uma cara de que já tinha entendido tudo o que havia ocorrido, e “tudo” nesse caso significava que eu era o cara mau da história, já que não estava coberto de sangue, seminu e às lágrimas.

Tive vontade de mandar Corey calar a boca.

Fiquei apavorado em pensar no que minha mãe e meu pai fariam se eu fosse expulso da escola por aquilo. Me peguei desejando que tivesse tomado uma

decisão diferente e matado aula com a Emi quando ela se ofereceu, com ou sem banho.

No fim das contas, Corey e eu fomos levados de volta ao vestiário onde fomos vigiados enquanto tomávamos banho e vestíamos o uniforme da escola, para que não brigássemos de novo.

Nenhum dos dois foi suspenso. Eles tendiam a ser mais complacentes com garotos que brigavam no ensino fundamental do que seriam no colégio de Bosten, e acho que o senhor Lloyd deve ter falado algo com eles a respeito de Corey ter começado o problema. Mas assim mesmo tivemos de passar o dia todo juntos na detenção.

Só que um telefonema para minha casa tinha sido feito e eu já sabia o que isso significava.

Quando acabou o período escolar aquele dia, parecia que todo mundo do nono ano estava comentando o fato de que eu tinha surrado Corey Barr e o feito chorar.

Todos os dias, eu tomava o ônibus para casa e me sentava ao lado de Emily. Naquele dia, enquanto ela se aproximava do assento, já dava para ver pela expressão em seu rosto que ela também tinha ouvido a respeito do que havia acontecido na aula do senhor Lloyd.

Ela sorria e seus olhos brilhavam. Quando se sentou ao meu lado, ela me deu um abraço bem forte. Eu senti o lado de seu rosto no meu pescoço e seus seios firmes contra o meu braço. Era a primeira vez que ela me abraçava daquele jeito. Eu achei muito mais sensual do que nós dois nus juntos na banheira. Tentei pensar no nariz do pobre Corey Barr, para não ficar com o pinto duro, mas não funcionou.

Era muito tarde.

Tudo tinha mudado.

Tudo.

– Que orgulho de você, Palito!

E aquela era a primeira vez que alguém dizia algo assim para mim.

Fiquei sem fala por muito tempo. Achei que a gente iria se beijar ou algo assim, mas se beijar no ônibus trazia mais problemas que acertar o nariz de um babaca.

Mesmo assim, não pude evitar o pensamento de enfiar minha língua na boca dela, como eu tinha visto Bosten fazer, e me perguntava como seria a sensação. E todo esse questionamento vinha misturado com a sensação quente de constrangimento por eu ter tido uma ereção com a Emily sentada ao meu lado, e ainda com a frustração que sentia por não saber bem o que pensar a respeito do que eu tinha feito com Corey. Então, só fiquei sentado lá, amuado e besta.

Mas nós seguimos de mãos dadas por todo o caminho até em casa.

E ela disse:

– Eu sabia que você conseguiria fazer isso! Qual foi a sensação? Corey Barr é um idiota tão grande quanto o Ricky Dostal. Com os dois fora do caminho, você agora é como um Júlio César ou algo assim.

Como eu poderia responder qualquer coisa depois daquilo? Estava tão confuso e aturdido que nem sabia o que ela queria ouvir de mim.

– Bom... Eu me senti mal por fazer o Corey chorar.

Emily riu e apertou forte minha mão.

– Se sentiu mal de verdade?

– Ah, isso eu vou superar logo.

Quando cheguei em casa, Bosten já estava lá. Eu sabia que ele tinha sido suspenso aquele dia por causa do que aconteceu no jogo na noite de sexta. Meu pai teve de ir ao colégio Wilson assinar uns papéis com a diretora do corpo discente e então deixar o Bosten fora da escola por três dias.

Aquela era a punição usual para garotos do ensino médio que se metiam em brigas.

Bosten nem ligava, eu acho, mas minha mãe o fez ficar no quartinho o dia todo até a hora de eu chegar em casa. Acho que ela esperava nunca ter de nos ver ou fazer nada conosco durante as horas em que deveríamos estar na escola.

Eu me perguntava como ela ia lidar com o fato de que ficaríamos em casa por duas semanas durante o recesso de Páscoa que se aproximava. Estava realmente esperando que a senhora Lohman fosse ligar, como ela disse que faria, e pedir para eu ir dormir na casa da Emily por um tempinho.

Se eu durasse até lá.

Então, Bosten saiu e foi minha vez de entrar no quarto de São Fillan.

Minha mãe nem encostou em mim. Ela só ficou lá parada no corredor e disse:

– Seu pai vai decidir o que fazer com você quando ele chegar.

Bosten perguntou:

– O que foi agora?

– Dei um soco no Corey Barr na aula de educação física.

Bosten sorriu em aprovação.

E isso foi tudo.

E aí eu fui trancado lá dentro.

Em uma dessas vezes, eles vão me deixar sair e eu vou estar curado.

Meu pai chegou tarde em casa.

Ele estava bêbado, e eu tinha dormido na cama dobrável sem comer nada no jantar. Ouvi Bosten discutindo com minha mãe a meu respeito, mas não deu em nada.

Eram 10 horas da noite.

A chave girou. Papai entrou no quarto. Quando abri os olhos, ele parecia um fantoche de sombra com um olho vermelho de ciclope por onde sugava o cigarro que trazia nos lábios. Eu estava todo vestido. Aquela não era uma das idas de sempre para o quarto de São Fillan; naquele dia, funcionou mais como uma cela de prisão. A camisa de flanela que eu usava estava meio úmida por causa do suor que apareceu enquanto eu dormia, e senti um leve calafrio quando puxei o lençol fino que me cobria.

– Bosten – ele falou, embolando as letras, e correu a mão no ar sobre minha cabeça.

Me encolhi.

– Não, sou eu.

– Bos...

Ele agarrou minha camisa e começou a puxá-la para fora da calça.

– Não! – eu disse. – Sou eu, Palito!

Ele caiu de joelhos ao lado da cama. Seu cheiro era terrível, como vômito misturado com gasolina. Seu cigarro caiu da boca e foi ao chão.

De repente, meu pai era só mãos em cima de mim, não batendo, mas agarrando, puxando minhas roupas, deslizando aquelas mãos frias para debaixo da minha camiseta branca, esfregando minha pele.

Eu o empurrei para longe.

– Pare!

Eu nunca tinha falado com meu pai daquele jeito a minha vida toda. Aquilo o assustou. Seus olhos cinzentos se estreitaram com raiva sob a luz velada que vinha do corredor. Ele parecia surpreso, como se não entendesse o que estava acontecendo. Então, caiu fragilmente sobre a cama de armar.

Me liberei dele e fui para a porta.

Meu pai já estava apagado.

Olhei de novo e vi o cigarro ainda queimando no chão bem ao lado da roupa de cama. Pensei em deixá-lo lá, mas o catei do chão.

O resto da casa estava escuro e morto.

Eu fui para o porão.

Deitado na minha cama, apertei minha orelha contra o cano e olhei pela janelinha.

Não dava para ver nada, mas lá fora tinha mais luz que dentro. Nenhum som vinha do cano.

Já que eu dormia no porão, geralmente deixava minha porta aberta. Mas não

naquela noite. Meu pai tinha me assustado.

Às vezes, não ouvir as coisas era até bom. Outras vezes, era aterrorizante.

A porta do meu quarto se abriu.

– Shhh... Palito? Sou eu – sussurrou Bosten.

Sua voz me assustou assim mesmo.

Me sentei prontamente, e Bosten se aproximou na ponta dos pés e se sentou na cama comigo.

– Você me assustou pra cacete.

– Foi mal, Palitoso. Só queria saber se estava tudo bem com você.

– Tá tudo bem. Papai dormiu no quartinho.

– Eu o vi.

– Ele achou que eu fosse você.

Bosten só soltou um “oh...”

Mas o jeito como ele disse aquele “oh...” me fez sentir mal.

– Ele está bêbado. Sei só pelo cheiro.

E eu disse:

– Oh...

Como se aquilo explicasse alguma coisa.

Ficamos sentados lá por um tempo. Nenhum de nós se mexeu ou disse qualquer coisa. Eu sentia o calor irradiando do corpo de Bosten.

– E a mãe? – perguntei.

– Ela foi lá pra cima há muito tempo. Está fula da vida.

– Comigo?

Bosten balançou a cabeça.

– Aposto que você está com fome.

– Estou mesmo.

– Quer ir no Crazy Eric?

– Agora?

– É, manezão, agora.

Pulei da cama em menos de um segundo, procurando em volta minhas calças para vestir rápido.

– Vai estar fechado.

Eu estava com muita fome.

– Então a gente vai a outro lugar.

– Onde?

– Pra Califórnia. Sei lá, não importa porra nenhuma, importa?

Dei de ombros. E Bosten disse:

– Se você puser a camisa para dentro, eu te dou um cacete.

Já tinha começado a deslizar meus braços pela manga da camisa, mas então só a deixei cair no chão de qualquer jeito, perto dos meus pés.

– Dane-se – eu disse. – Nem vou usar camisa.

– É só socar seu primeiro babaca que você já fica pronto para quebrar todas as regras desta casa maldita.

– É isso aí!

Eu amava tanto meu irmão.

Nós sabíamos o que fazer.

Bosten e eu destravamos as portas laterais e escapulimos do nosso jeito secreto noite afora. Estava frio e eu tremi, mas nunca ia admitir para meu irmão

que eu deveria ter vestido algo mais que meu gorro dos Steelers e uma camiseta fininha.

Não fizemos barulho nenhum. Até mantivemos as portas do Toyota abertas, só uma frestinha, já que o clique da fechadura poderia ser suficiente para alertar mamãe e papai. Bosten manteve pressionada a embreagem, de modo que podíamos nos afastar por toda a rampa até lá embaixo na rua, perto das caixas de correio, e só então ligar o motor.

– E o odômetro? – perguntei.

– Que se foda. Ele nem sabe o que está acontecendo. E talvez a gente nem volte pra casa.

– Você está só brincando, né?

Bosten sorriu.

Fomos para o sul pela estrada, no caminho oposto ao Point. Eu sugeri:

– Que tal ir até lá ver se o Buck quer ir com a gente?

– Não. Hoje, somos só eu e meu irmão.

Aquilo me deu uma sensação muito boa.

A lanchonete chamada Crazy Eric estava fechada. Eu sabia que estaria.

Estávamos os dois famintos por alguma outra coisa, algo que não era comida.

Bosten ia dirigindo.

Em Bremerton, achamos um café chamado Nico que ficava aberto a noite toda.

– Só tenho três dólares – disse Bosten quando sentamos à mesa.

– Eu tenho dois.

Bela fugida de casa, eu pensei.

Pedimos hambúrgueres e duas Cocas.

Estava sendo uma das melhores noites de todos os tempos.

Eu me sentia muito livre de estar fora de casa com Bosten, como se estivéssemos nos escondendo em um lugar em que ninguém pudesse nos encontrar. Bosten pôs uma moeda de 25 centavos na *jukebox* do café. Não éramos os únicos por lá. Um grupo de marinheiros estava sentado fumando, com suas calças boca de sino brancas, bebendo cerveja Olympia e ocasionalmente olhando para nós com suas barbas por fazer e expressões vazias.

A música tocava alto.

David Essex cantava “Rock On” e, enquanto Bosten voltava para nossa cabine, veio dublando a letra e jogando os quadris para os lados. Ele se sentou ao meu lado.

– Sabe qual é a única razão pela qual eu não sumo? – disse Bosten. – Sabe, como o papai falou outro dia...?

Claro que eu sabia. Mas não respondi. Não queria dizer aquilo. Então ele disse.

– A única razão pela qual eu não sumo é porque tenho medo do que ele poderia fazer com você.

– Não vamos falar disso – eu disse.

Bosten estava com um olhar peculiar. Era como se quisesse me dizer alguma coisa. Mas eu já sabia o que era. Meu irmão não precisava fazer aquelas palavras ocuparem espaço entre nós.

Não naquela noite.

Bosten deu de ombros e cantou:

– “*Still lookin’ for that blue jean baby queen...*”

Então ele, por razão nenhuma, desenhou um círculo com o catchup no papel encerado que cobria a cesta de batatas fritas.

– Tudo bem – ele disse.

– Tudo bem – e dei um gole na minha Coca. Mamãe e papai nunca nos deixariam tomar Coca depois das 10 da noite. – Bosten...

– O quê?

– Hã... Nada não.

Ele olhou para mim e pegou uma batata frita.

– Eu sempre soube que você era mais forte que eu, Palito.

– Você é doido.

– Certo. Se você diz...

Eu também gostava daquela música.

– Eu digo.

Bosten sorriu e piscou para mim.

À meia-noite, estávamos na estrada na direção norte, de volta a Point.

– Não estou cansado – eu disse.

– Beleza. Vamos para a praia então.

– Tudo bem.

Bosten parou o carro no mesmo lugar onde tínhamos estacionado naquela noite em que Paul disparou a granada OVNI.

– E também – eu disse –, você sentiria muita saudade do Paul Buckley.

– Hein?

– Digo, se você fugisse de casa.

– Eu o levaria comigo.

– Mas não fuja, tá?

Bosten abriu a porta e saiu do carro. Eu o segui, e andamos os dois pela praia, na linha onde a água arrebenta na areia.

– Não vou a lugar nenhum, Palito. Pelo menos por enquanto.

– Isso é bom.

Quando estávamos sob o cais, Bosten disse:

– Agora me mostra como é que você socou aquele bosta do Corey Barr.

Depois:

Califórnia

Tudo mudou.

Mas, de algum modo, as coisas deram um jeito de se acalmar em casa depois daquele fim de semana.

E Bosten e eu conseguimos evitar o quarto de São Fillan pelos sete dias seguintes, o que representava um longo período de calmaria.

Bosten voltou para a escola e nós visitamos os Buckley de novo no domingo seguinte, como sempre fazíamos. Só que, dessa vez, deixei Bosten e Paul sumirem sossegados, sem ficar no pé deles.

Me senti sozinho com isso.

Mas dava para ver nos olhos de Bosten o quanto ele amava Paul.

Minha mãe fumava cada vez mais. Meu pai falava cada vez menos.

Eu e ele fingíamos que não nos lembrávamos do que ele tinha feito no quarto, ou preferíamos não acreditar que era verdade.

À noite, com meu ouvido colado no cano, fiquei imaginando formas de matá-lo se ele alguma vez machucasse Bosten de novo.

A partir da última semana de março, Bosten e eu ficaríamos sem aulas por duas semanas, por causa do recesso de Páscoa. A senhora Lohman cumpriu sua promessa de perguntar se eu poderia dormir na casa de Emily por alguns dias naquela primeira semana, enquanto Bosten ficou de ir para a casa de Paul. A ideia de Bosten ficar junto dele me deixou um pouco preocupado com eles poderem se meter em confusão.

Eu comecei a ficar preocupado com tudo.

Bosten foi seguindo o Pontiac. Voltamos para casa juntos da nossa visita aos Buckley. Paul e Bosten tinham agido de maneira incomum durante o jantar. Notei que eles evitaram olhar um para o outro. Não houve piadas nem qualquer conversa, exceto a dos adultos, que não pareceram perceber nada fora do comum entre os garotos.

Mas eu notei.

Fiquei observando as mãos de Bosten, como elas apertavam para a frente e para trás o volante do Toyota, enquanto ele mantinha os olhos fixos à frente, mal se movendo, como se estivéssemos sendo rebocados pelo carro de meus pais.

– Tem alguma coisa errada, não tem? – eu perguntei.

– Não precisa se preocupar com isso.

– É com você e o Buck?

– É.

E ele ainda não olhava para mim.

– Sabe, eu gosto do Buck, ainda que ele não converse mais comigo – eu disse.

– Espero que fique tudo bem entre você e ele.

Bosten esfregou os olhos.

Eu podia ver minha mãe fumando no carro à nossa frente.

– Você ainda vai ficar na casa dele amanhã, não vai?

Bosten assentiu.

– Eu mal posso esperar para ir pra casa da Emily também.

Queria que ele me perguntasse sobre ela. Queria contar para ele o que tínhamos feito. Eu sabia que agora não teria problema, porque Bosten e eu tínhamos de criar uma espécie de concha em volta de nós dois e as coisas ficariam lá dentro, e assim manteríamos as outras coisas lá fora. Mas ele não perguntou.

– Mas eu vou sentir saudades de você esta semana.

– Vou sentir saudades de você também, Palitoso.

Talvez você pudesse vir junto e ficar
na casa de Paul comigo – Bosten disse.

Eu dei um sorriso.

– Você não me quer por lá.

– Cala a boca – e Bosten apertou as mãos no volante de novo e respirou fundo. – Paul me disse que agora tem uma namorada. Ele disse que não está... que só pode ser meu amigo a partir de agora.

– Oh...

Bosten mordeu o lábio inferior.

Acho que não tinha mais ninguém no mundo para quem ele pudesse contar uma coisa daquelas.

Me senti mal. Não só pelo Bosten, mas porque eu meio que torcia para aquilo acontecer.

Era como se eu estivesse esperando ou acreditando que Bosten fosse sair daquela situação e “melhorar”, e deixar de ser do modo como ele era. Mas isso era estupidez. Eu sabia disso. Então, pensar assim fez eu me sentir culpado.

– Mas você ainda vai para lá? – perguntei.

Ele confirmou de maneira cuidadosa e bem pensada.

– Se eu ficar em casa esta semana, vou acabar me matando.

O que eu podia dizer quanto a isso?

– Me mata primeiro, tá?

– Cala a boca.

– Bosten?

– O quê?

– Sinto muito. Sobre você e o Buck.

Quando chegamos em casa, Bosten e eu demos os boas-noites obrigatórios, mas minha mãe nos segurou na sala, dizendo que ela e meu pai tinham algo a nos contar.

Na nossa casa, surpresas nunca aconteciam da mesma maneira que em outras casas.

Mas minha mãe estava especialmente animada aquele dia. Ela parecia aliviada por algum motivo, e eu não tinha a mínima ideia do que poderia estar causando nela aquele sentimento. Sabia que algo estava para acontecer, ou então talvez ela só tivesse bebido tanto quanto meu pai. Suas bochechas estavam coradas como se ela tivesse tomado um ar fresco. Ela ficou bem no meio da sala, olhando alternadamente para mim e para Bosten, ambos de costas para nossas respectivas rotas de fuga.

Meu pai se sentou em silêncio em sua poltrona, nos encarando sem nenhuma

expressão.

Minha mãe deu uma bafurada de fumaça.

– Sua tia Dahlia ligou hoje de manhã. Ela vai levar vocês dois para a Califórnia durante esta semana.

Olhei para meu irmão aterrorizado. Foi como se Corey Barr tivesse batido nas minhas bolas de novo. Eu mal sabia quem era tia Dahlia, fora o fato de que ela era irmã da minha avó, e nós estávamos sendo mandados para ficar com ela como se fôssemos cartões-postais vagabundos que você manda para as pessoas de quem não gosta muito, e aí elas passam a gostar menos ainda de você.

Bosten disse, engolindo:

– Por quê?

O sorriso de minha mãe se desfez.

– O que você quer dizer com “por quê”? Ela é sua tia-avó e quer que vocês dois a visitem. Só por isso. Ela vai pagar as passagens de avião e tudo mais. E ela mora na Califórnia.

– E daí? Um monte de gente mora na Califórnia. Eu nem sei quem a tia Dahlia é – discutiu Bosten.

Meu pai chegou para a frente em sua poltrona. Pensei que, com certeza, haveria briga. E, por algum motivo, eu não consegui segurar minha boca.

– Já combinei de ir para casa dos Lohman amanhã. E Bosten vai para casa do Buck. Eu não quero ir pra porra nenhuma de Califórnia.

Eu nunca tinha falado um palavrão na frente dos meus pais. Na verdade, eu raramente falava algum palavrão. Então já sabia o que esperar daquilo, mas ainda assim não consegui manter as palavras só na minha cabeça.

Meu pai agarrou meu ombro com a mão. Não queria que ele encostasse em mim. Me desvencilhei. Dessa vez, ele não brigou comigo. Não fez nada. Foi como se ele estivesse com medo de mim ou algo assim.

Então minha mãe me deu um tapa tão forte que até voou saliva da minha boca.

– Isso não está aberto para discussão – meu pai disse. – Pode tratar de ir para sua maldita cama. Agora!

Pus a mão no rosto.

Bosten era mais esperto. Ele sabia quando parar. Disse boa noite de novo e sumiu pelo corredor.

Eu fui para o porão. E mal tive chance de explicar as coisas para Emily, que eu ainda teria uma segunda semana de férias e será que ainda poderia, por favor, ficar na casa dela quando eu voltar. Isso porque, na tarde de terça, Bosten e eu já estávamos na casa de tia Dahlia, a 1.800 quilômetros de distância, em uma praia arenosa imensa em um lugar chamado Oxnard.

TIA DAHLIA

Nem sabíamos quem deveríamos procurar quando saímos do avião em Los Angeles, mas a tia Dahlia aparentemente nos conhecia. Eu me perguntava como isso era possível.

Quando eu olhava para ela por muito tempo, ela parecia uma versão mais velha e mais feliz da minha mãe. Uma versão que não fumava.

Ela veio direto até nós e deu primeiro um abraço em Bosten. Em seguida, me abraçou também. Então, justo como eu esperava e temia, ela me afastou com o braço e disse:

– E o que se passa com você aqui?

Exatamente como Emily diria, se fosse oitenta anos mais velha e nunca tivesse me visto antes.

Dahlia, sem nem um pouco de timidez ou reservas, levantou meu gorro e me virou para poder ver – não, para examinar – o lado direito da minha cabeça. Me senti empalidecendo de vez.

Acho que Dahlia era provavelmente o tipo de mulher que já tinha tomado muitos banhos com rapazes em sua vida.

Vi Bosten ficando tenso e com uma atitude defensiva. Nenhum de nós estava realmente feliz de estar ali. Ao que corri as mãos para o gorro para puxá-lo para baixo, Dahlia disse:

– Você lutou com um urso cinzento ou coisa assim?

Ela sorriu para mim e acariciou com os dedos o lado da minha cabeça, como se não tivesse nada de errado em fazer aquilo.

Por fim, recuei um pouco do alcance da tia Dahlia.

– Eu nasci assim...

Me senti sujo e envergonhado.

Feio.

Puxei o gorro tão para baixo quanto pude, de modo que ele cobrisse inteiramente minha orelha.

– Eu nunca soube disso – ela disse, com uma voz cheia de alegria e espanto. Olhei para o meu irmão. Já estava com raiva o suficiente para voltar para Washington a pé, e queria voltar naquele minuto.

– Ele não gosta que as pessoas o toquem – Bosten disse.

Tia Dahlia pareceu magoada.

– Peço desculpas, Stark. Foi rude da minha parte. Você consegue ouvir bem?

Ela voltou sua cabeça para meu lado normal. Eu queria morrer.

– Eu ouço direito – disse. – Aliás, as pessoas me chamam de Palito.

– Ah.

Queria que ela soubesse sem sombra de dúvidas que eu não planejava deixar as coisas mais fáceis para ela depois daquele cumprimento que ela tinha me dado.

Queria muito estar lá em Point No Point, na casa de Emily.

Tia Dahlia pôs a mão no meu ombro, em um gesto tranquilizador.

- Há muita coisa que eu não sei.
- Todos nós somos muito bons em guardar segredos – eu disse.

Ela foi dirigindo seu Dodge Dart 1968 para o norte, em direção à sua casa na praia. Tanto Bosten quanto eu queríamos ir no banco de trás, mas Dahlia disse que aquilo era muito esquisito e nos fez sentar na frente, ao lado dela. Fiquei no meio, então sabia que não seria capaz de ouvir o Bosten muito bem.

De qualquer modo, eu tinha a sensação de que ele não estava muito disposto a conversar. Ele mal tinha falado alguma coisa comigo desde o voo e eu sabia que ainda estava magoado e preocupado com Paul Buckley.

- Sabia – ela disse – que eu já tinha visto seu irmão quando ele tinha, ah, uns 2 anos de idade, eu acho? Mas só tinha visto você em fotografia, Stark.

- Palito.

- Você se importa se eu chamá-lo de Stark? É um nome tão bonito. É meio cruel, eu acho, chamá-lo desse outro nome.

Revirei os olhos.

- Me chame do que você quiser.

- Então está ótimo! – disse Dahlia com um tapinha amigável no meu joelho. – Será Stark!

A casa de Dahlia era um bangalô verde e branco de telhado reto construído bem na praia, com paredes finas e sem sótão. Parecia que podia ir para os ares durante uma tempestade, e eu me perguntava como ela fazia para mantê-lo aquecido durante o inverno.

Deixamos nossas malas porta adentro e Dahlia apontou para um quarto na parte de trás da casa.

- É o quarto dos rapazes. Venham. Deixa eu mostrar para vocês.

Só havia dois quartos com um banheiro entre eles; uma sala de estar com janelas que davam para o oceano e para um cais de pedra que ficava na frente da casa; e uma cozinha comprida e larga com piso de cerâmica mais ao fundo. A propriedade era toda cercada por cedros velhos e espaçados que se dobravam ao vento, e o quintal era nada mais que morros de areia e tufos de grama nativa.

Era o exato oposto de Washington.

Pusemos nossas coisas no quarto. Era ensolarado, iluminado, e percebi que todas as janelas da casa estavam abertas e mesmo assim não estava nem um pouco frio.

Dahlia ficou atrás de nós, assistindo.

Só havia uma cama *queen size* no nosso quarto.

Bosten ainda não havia dito nada.

- Se vocês se incomodarem de dividir a cama, um dos dois pode dormir no sofá da sala – disse Dahlia. – A casa é pequena, como vocês podem ver.

- Eu não ligo – eu disse.

Dahlia deu um suspiro. Eu sabia que não estava sendo muito legal com ela.

Bosten se sentou na cama.

- Vocês têm alguma bermuda? – ela perguntou. – Os garotos aqui na Califórnia não se vestem todos abotoados e com a camisa para dentro como vocês estão.

- É como a gente se veste lá em casa – disse Bosten.

- Bom... Então eu tenho uma ideia. Vamos até Ventura comprar umas roupas

de praia para vocês, para parecer que vocês são daqui.

Olhei para Bosten. Ele deu de ombros. Achei que tudo bem.

Já saindo pela porta, Dahlia ainda disse:

– E você deveria tirar esse gorro de lã, Stark. Aqui é a praia, afinal de contas.

Alguma coisa nela me fazia começar a sentir que estava tudo bem.

Deixei meu gorro dos Steelers sobre a cama, e tia Dahlia nos levou de carro pela praia até uma cidade chamada Ventura.

Ela comprou roupas novas para nós e nos levou a um lugar chamado Sal para comer comida mexicana, que nenhum de nós dois jamais tínhamos provado antes. Era muito bom. E eu certamente não queria isso, mas lá pela hora em que voltamos para casa aquela noite, estava começando a gostar da tia Dahlia.

Bosten também estava.

Enfiamos nossas roupas de Washington em sacolas de compras e passamos a usar nossas coisas novas – bermudas largas, tênis Adidas e camisetas coloridas (coloridas de verdade, não brancas, e nós podíamos usá-las sem colocar nada por cima ou por baixo) – o resto do dia. Eu me sentia particularmente perturbado, porque a tia Dahlia insistiu em me comprar uma camiseta da marca Mr. Zogs Sex Wax de surfista, e uma tal de parafina Sex Wax, dizendo que todos os garotos da praia usavam uma daquelas. Era como um uniforme não oficial para adolescentes da Califórnia, ela dizia.

Eu não sabia o que era aquela marca Sex Wax e aquela parafina, então me senti muito desconfortável quando ela balançou a camiseta como uma bandeira na minha frente lá na loja, em público, onde todo mundo podia nos ver.

Dahlia explicou que aquela parafina era usada pelos surfistas para impedir que eles deslizassem e caíssem da prancha.

Então, quando ela foi pagar pelas compras, o cara da loja de coisas de surfe me deu sem cobrar um embrulhinho de plástico com a parafina Sex Wax, já que eu não sabia o que era aquilo. Senti que estava ficando completamente vermelho, mas achei que aquela coisa tinha um cheiro melhor que qualquer outra coisa que eu já tivesse cheirado na vida.

Não entendi bem a parte do “Sex” naquele nome, mas então pensei que eu não sabia quase nada de sexo mesmo, para começo de conversa.

Mas nada daquilo importava, porque eu sabia que nunca poderia usar aquela camiseta Sex Wax na casa dos meus pais, e isso a deixava ainda mais atraente. E, se eu levasse a parafina para casa e tentasse escondê-la no meu quarto, era certo que minha mãe a acharia e daria um escândalo, dizendo que eu estava me masturbando ou qualquer coisa assim. Então fiquei um pouco triste em pensar que minha nova camiseta Sex Wax preferida e aquela cheirosíssima parafina provavelmente teriam de ser deixadas para trás na casa de tia Dahlia quando Bosten e eu voltássemos para Washington.

Depois de tudo, ainda por cima, ela não nos fez pular da cama cedo.

O único motivo pelo qual acordei na manhã seguinte foi porque precisei fazer xixi.

Quando saí do banheiro, a tia Dahlia e o cheiro de bacon me fizeram parar. Ela me pegou pela mão e me fez sentar à mesa da cozinha – descalço e de cueca – para tomar café enquanto ela cozinhava e conversava comigo.

Realmente, aquilo era tão o oposto de tudo em Washington que eu jamais sonharia que poderia ser daquela maneira.

Talvez as coisas devessem ser sempre assim.

– Você gosta de café? – ela perguntou.

– Hã... Não, obrigado.

– Acho que não faz bem mesmo para alguém da sua idade – e abriu uma caixinha de leite nova e me serviu um copo. Então ela pôs um prato cheio de bacon, ovos e torradas na minha frente, na mesa.

– Obrigado, tia Dahlia.

Ela puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado.

– Ah, não precisa ser tão formal, Stark. Só me chame de Dahlia. É o que todo mundo faz.

– Tudo bem.

Ela sorriu. Parecia tão feliz ali sentada, me olhando comer.

Decidi que estar na Califórnia não era tão ruim, afinal.

– O que você gosta de fazer? – Dahlia perguntou.

– Hein? – e comi um pedaço de torrada.

Dahlia franziu a testa um pouco, então ficou em pé e andou para se sentar do meu lado esquerdo. Ela pôs a mão na minha perna nua. Foi uma sensação meio engraçada, como se alguém me fizesse cócegas. Pensei que aquilo era algo que as mães de verdade faziam o tempo todo na Califórnia.

– Eu ouvi direitinho – eu disse. Pensei a respeito da pergunta. Concluí que não seria uma boa ideia dizer que eu gostava de tomar banho com Emily Lohman. Eu guardaria aquilo para um outro momento, quando não tivesse mais nada a dizer. E isso porque tive a impressão de que a tia Dahlia provavelmente não veria problema nenhum em eu gostar de tomar banho com uma garota. – Hã... Eu não sei bem o que gosto de fazer.

– Bem, está um dia maravilhoso lá fora. Acho que, depois que seu irmão tomar café, nós todos deveríamos sair e explorar a praia.

– Lá em casa, nós nunca podemos ficar na cama. Pode ser que a gente não veja o Bosten até amanhã.

– Haha! – Dahlia riu. Era uma risada genuína e calorosa.

Como eu poderia não sorrir de volta?

– Tem umas pessoas que você talvez vá gostar de conhecer. Evan e Kim, os gêmeos. Falei para eles a seu respeito. Eles moram duas casas para baixo daqui. É importante que você faça amizade com alguém da sua idade. Afinal de contas, você não vai querer ficar andando comigo para cima e para baixo o tempo todo, não é?

– Não é nada ruim – eu disse.

Naquele momento, Bosten entrou na cozinha totalmente vestido, com a camisa abotoada e para dentro da calça.

Dahlia apontou o dedão para ele e revirou os olhos, olhando para mim e sorrindo.

E Bosten disse:

– Palito, você percebeu que está sentado à mesa do café só de cueca?

Dahlia riu e eu disse:

– Pois é. É muito legal, não é?

Bosten olhou para nós como se fôssemos loucos. Mordi mais um pedaço de torrada.

– Eu disse pra Dahlia que, lá no estado de Washington, são os garotos de 13 anos que fazem as regras da casa. Então proclamei que nunca mais vai ser permitido usar calças no café. Nunca mais!

Tia Dahlia assentiu.

Meu irmão então baixou as calças e as chutou em direção à sala. E aí se sentou como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Cutuquei a mão dele com o dedo. Apontei para seu colarinho e balancei a cabeça em desaprovação. Ele deu um sorriso, embolou aquela camisa de flanela com cara de Washington e a jogou no chão da cozinha.

E eu anunciei:

– Agora você pode comer.

Bosten era a melhor pessoa do mundo para brincar de Califórnia.

Passamos pelo portão na cerca de Dahlia e fomos andando descalços pela areia em direção ao cais.

– Aqueles são Evan e Kim – disse Dahlia, apontando para duas figuras escuras que subiam e desciam nas ondas feito focas perto das pedras da arrebentação. – Vou voltar em casa para limpar a mesa do café. Vocês dois sentem aqui e esperem por eles. Disse a eles que vocês estariam aqui. Eles vão vir quando virem vocês.

Bosten se sentou perto de mim na areia. Estava tão quente que tiramos nossas camisetas.

– Então eles surfam aqui – disse Bosten.

Ao fundo, atrás dos dois garotos nas pranchas, alguns quilômetros água adentro, dava para ver vagos contornos de ilhas. Dei um chutezinho no pé do meu irmão.

– Este deve ser o lugar mais legal do mundo.

– Palito...?

– O quê?

– Você alguma vez já pensou em...

Bosten começou a perguntar alguma coisa, mas eu o cortei.

– Não. Nunca.

Porque eu sabia o que ele ia dizer, e, sim, eu pensava naquilo o tempo todo: como seria viver longe dos nossos pais. E ele sabia que eu pensava nisso. Não era necessário falar.

Uma ondinha quebrou por perto. A água profunda e esverdeada se erguia acima do topo na extremidade do cais de pedra, cuspindo espuma branca sobre as rochas pontudas. Fiquei olhando enquanto os garotos na água se deitaram sobre suas pranchas e começaram a remar diagonalmente em direção à crista da onda.

Me perguntei se eles usavam a parafina.

Um dos vultos de surfista apontou a prancha na direção contrária e escapuliu por cima da onda, enquanto o outro esticou os braços contra sua prancha, se agachou devagar e, daquele jeito mesmo, deslizou pela onda que se armava, virando-se quando chegou embaixo, escalando de novo e descendo mais uma vez até sumir completamente, engolfado pela espuma da onda que quebrou.

Pouco depois, ambos reapareceram em pé com a água na altura dos joelhos e vieram andando pela praia na direção de Bosten e eu, carregando embaixo do braço suas pranchas com as cordinhas atadas aos tornozelos.

Um cutucou o outro e eles apontaram para nós com o queixo. Pareciam mergulhadores ou coisa assim, usando aquelas roupas emborrachadas, somente com os pés, mãos e rostos bronzeados à mostra.

– Vocês são os sobrinhos da Dahlia? – perguntou Evan.

Olhei para Bosten. Ele disse:

– Somos nós. Oi.

– Oi – disse Evan. Ele largou sua prancha na areia à nossa frente, então se abaixou e soltou o laço de seu tornozelo. Sua irmã também tirou a cordinha do pé. Gotas d'água pingaram da prancha da garota nas minhas pernas.

Evan e Kim Hansen tinham 15 anos. Eles pareciam aqueles jovens que a gente vê nas revistas em fotos da Califórnia: pele bronzeada, corpos em forma e os cabelos compridos com laivos dourados por conta das muitas horas que eles obviamente passavam no mar. Demorei um pouco para perceber que minha boca tinha ficado aberta quando vi a garota. Na verdade, nem me surpreenderia se eu tivesse babado um pouco. Aquele traje se colava às formas dela e a fazia parecer que estava nua. Não pude evitar ficar encarando seus seios, pensando em como seria o gosto da água salgada em sua pele se eu pudesse lamber seu pescoço.

Tentei pensar em qualquer outra coisa, mas não consegui. Tudo o que pude fazer foi torcer para que as boas maneiras não exigissem que eu ficasse em pé naquele momento. Então, fiquei feliz quando os gêmeos também se sentaram na areia com as pernas cruzadas em frente ao meu irmão e a mim.

Nós nos apresentamos e estendemos a mão para cumprimentar. As mãos deles estavam frias e úmidas e dava para sentir o cheiro do mar vindo deles.

Kim olhou para mim e então para Bosten.

Acho que, naquele exato momento, fiquei totalmente ciente do quanto as coisas tinham mudado dentro de mim desde o dia em que Emily e eu fomos juntos fazer aquela caminhada na praia e catar siris, algumas semanas antes. Kim era a menina mais atraente que eu já tinha visto na vida, concluí. Mais sensual ainda que a mãe de Paul e, para mim, aquilo significava admitir algo gigantesco.

– Vocês têm nomes interessantes – ela disse.

– Todos me chamam de Palito – eu disse. Pensei que Bosten não estava muito disposto a conversar mesmo, e eu queria que Kim olhasse para mim. Até estiquei meu pé na areia para que meus dedos ficassem perigosamente perto dos dela.

– E por quê? – perguntou Kim.

– Porque ele é muito alto – explicou Bosten.

Aquilo destruiu totalmente o clima para mim.

Eu me senti com um ciúme estúpido do meu irmão homossexual, por ele conversar com uma garota que parecia querer flertar com ele. E eu já sabia, em pânico, o que viria em seguida...

– Quanto você mede? – Kim perguntou.

– Fica em pé, Palito.

Senti como se fosse vomitar. Pensei em algum problema de saúde, como uma convulsão ou coisa assim, que eu pudesse fingir naquela hora, só para não ter de ficar em pé diante dela e lutar contra a inevitável ereção que tinha se formado na minha bermuda no momento em que vi Kim saindo da água, toda lisa e brilhante.

Foi a única vez na vida em que fiquei agradecido pela minha horrível orelha faltante.

Isso porque Evan se inclinou para aquele lado meu e disse “Legal!” quando notou como era, como se aquilo fosse uma tatuagem de motoqueiro ou algo assim.

Olhei para a areia entre meus pés.

– É, eu nasci assim...

Não queria mais que Kim olhasse para mim. Mas ela deu uma risadinha e disse:

– Isso não é nada. O Evan tem três mamilos.

Levantei o rosto.

– Oh...

– É – ela disse. – Mostra para eles, Ev.

Evan sorriu e deu de ombros.

– Ah, tá certo...

Ele então contorceu o braço até as costas e abriu o zíper de sua roupa. Notei que ele ficou meio sem jeito e eu também me senti mal por ele. Digo, eu sabia como era isso de as pessoas ficarem olhando para você só porque nasceu com alguma coisa diferente no corpo. Mas fiquei muito aliviado por eles terem esquecido daquela sugestão de eu ficar em pé em frente da Kim. E Evan pareceu tolerar bem nossos olhares, enquanto tirava a parte de cima de seu traje e se ajoelhava na areia, esticando com os dedos a pele do lado esquerdo do peito e apontando o mamilo extra com a outra mão.

– Tá vendo? – ele disse.

– É meio que legal – eu disse. – Acho que deve ser bem melhor nascer com partes a mais do que com partes faltando.

Os dois riram.

– Talvez nós sejamos alienígenas – disse Evan. – Somos de outro planeta ou coisa assim – e se sentou de novo, tranquilo, com os joelhos dobrados e os braços apoiados na prancha de surfe.

– Pois é – eu sorri para ele, e então para Bosten. Senti que era bom estar ali, que Evan e Kim tinham decidido logo de pronto que nós não éramos esquisitões ou algo do gênero, e tive certeza de que poderíamos ser amigos.

– Umas semanas atrás, Bosten e eu fizemos todo mundo achar que estava havendo uma invasão de disco voador.

Ficamos lá sentados na praia com eles, contando nossas histórias de Washington e ouvindo as histórias deles da Califórnia. Os dois às vezes fitavam o mar, estudando as ondas. Por fim, Kim perguntou:

– E vocês surfam por lá?

– Acho que não – eu disse. Achei que aquilo soou estúpido e decidi ficar calado.

– Se vocês quiserem tentar aprender, temos muito equipamento que poderiam usar – ofereceu Evan.

– Seria legal demais! – disse Bosten. Olhei para ele e pensei que finalmente meu irmão começava a sair daquele humor cabisbaixo em que estava.

– Doido – disse Evan, ficando em pé. Seu traseiro estava todo branco com a areia colada na roupa. A parte de cima do traje estava pendurada à sua frente, como um torso preto sem vida, sem cabeça nem coluna. – Vamos lá em casa pegar umas pranchas e roupas de borracha para vocês.

Começamos a andar pela praia, seguindo Evan e Kim. Eles deixaram suas pranchas lá na areia, viradas para baixo, para que a parafina não derretesse.

E Kim então perguntou:

– Você é regular ou *goofy*?

Fiquei horrorizado.

Olhei para Bosten, pensando no que ele iria responder. Tinha certeza de que a pergunta de Kim era só um jeito surfista, cheio de gírias, que os garotos da Califórnia tinham de perguntar se alguém era gay ou não, já que garotos californianos eram tão claramente à vontade e abertos com coisas incomuns, como mamilos extras, parafina e camisetas Sex Wax e, concluí, também com o

fato de alguém ser gay.

Graças a Deus que Bosten era muito tranquilo em relação àquelas coisas.

Ele disse:

– Eu nem sei o que isso quer dizer.

Kim riu e pôs a mão no ombro descamisado de Bosten. Me odiei por sentir que acabaríamos tendo algum tipo de competição entre nós. Eu nunca havia competido com Bosten por nada, e pensar naquilo me deixou com raiva.

Ela disse:

– Quer dizer se você é destro ou canhoto.

Aquilo tinha sido um alívio.

– Isso que você disse sobre o esquerdo, sou eu – eu disse.

– É *goofy* – disse Evan. – Como eu.

– É. Isso. Eu sou *goofy*. Ou seja, o Bosten é regular.

– Se você precisar fazer xixi, faz dentro da roupa mesmo. Te deixa mais aquecido – Evan explicou.

Nós quatro já havíamos remado para além da arrebentação, perto da ponta do cais de pedra.

– Meninos são nojentos – Kim disse.

– Você está mentindo se acha que alguém vai acreditar que você não faz isso também, Kimmy – disse Evan.

– Mas eu não faço.

– É isso mesmo que você deve fazer? Só mijar na roupa mesmo? – perguntei.

– Faça isso o tempo todo – disse Evan.

Aquilo me fez sentir um pouco esquisito, como Emily diria, já que Bosten e eu estávamos usando trajes que pertenciam a Evan. E, antes de a gente vestir, Evan explicou que a gente deveria ficar completamente nu por baixo, o que me fez sentir particularmente exposto e ainda por cima mijado, e isso na frente da irmã dele.

Ainda bem que a água estava bem fria.

Depois que ele falou aquilo, realmente cogitei fazer xixi só para ver se iria esquentar o interior da roupa um pouquinho, mas fiquei nervoso demais para conseguir fazer qualquer coisa.

Eu nunca tinha estado na água daquele jeito antes. Parecia perigoso e excitante ao mesmo tempo, como se eu estivesse voando.

E eles usavam a parafina também. Eu achei especialmente prazeroso espalhar aquela coisa melequenta de cheiro delicioso na superfície reta da prancha antes de seguir Evan e Kim mar adentro.

Evan mostrou como ficar sentado na prancha, montando com uma perna de cada lado. Bosten era bom naquilo, mas ficar me equilibrando era meio complicado para mim. Depois que nos enfiámos pelados naquelas roupas na casa dos gêmeos, eles nos ensinaram como ficar em pé na onda. Puseram nossas pranchas atravessadas na cama de Evan para que pudéssemos treinar como dobrar as pernas rapidamente embaixo do peito.

Na hora, pareceu bem fácil.

Eu tinha uma posição *goofy*, como eles diziam. Meu pé esquerdo sempre queria ficar atrás, como Evan me explicou que seria, e como o próprio Evan fazia. Eles nos mostraram como observar os picos das ondulações se juntando no horizonte do mar, e então achar uma crista e remar junto com ela.

Mas estar sentado na prancha fazia com que as ondas parecessem

monstruosamente maiores do que elas aparentavam quando a gente estava no conforto e na segurança da areia.

– É assim que se faz.

Evan pegou sua primeira onda. Fiquei assistindo ele se levantar e então descer a onda, desaparecendo completamente em frente ao paredão de água que se enrolava, correndo de costas para a água, *goofy*, enquanto a onda quebrava mais perto da praia e na direção contrária à do cais. Então, o vi voltar ao alto da onda, com o bico da prancha cortando o ar como se fosse a barbatana de um tubarão espalhando um arco de gotículas de água, enquanto ele seguia com os braços abertos e girava os quadris rapidamente, levando sua prancha de volta para a frente da onda.

Era lindo e aterrorizante.

Eu não sabia se teria coragem de tentar aquilo. Ficaria feliz de só continuar sentado lá assistindo, mas então Bosten remou na onda que veio em seguida. Ela o carregou para longe muito rápido e eu o vi ficando em pé por não mais que um segundo antes de capotar de cara na água espumante.

Ele deu um berro de alegria, um som que eu nunca tinha ouvido meu irmão fazer antes.

Era puro. Genuíno.

Eu estava lá na água sozinho com Kim.

– Ele é uma graça – ela disse.

– Pois é.

Digo, o que eu poderia responder àquilo? “Não, ele é feio. E ainda por cima é gay.”

Eu amava Bosten demais para sacaneá-lo daquele jeito.

– Ele tem namorada lá em Washington?

Ela me pôs em uma situação terrível. Não havia jeito de dar uma boa resposta para nenhum dos dois lados, não importava o que eu respondesse. Vi Bosten e Evan mais adiante, perto da praia, lutando para remar de volta contra as ondas que se sucediam para chegar onde estávamos.

– É, ele tem... – eu menti. Bom, era só meia mentira, se é que tal coisa é possível. Então dei uma piscadela e emendei:

– Mas sempre vale a pena tentar, Kim. Nunca se sabe, em se tratando do meu irmão.

Ela me deu a mão e sorriu.

– Valeu, Palito. Você também é uma graça.

Eu sou feio.

Ficamos na água até o sol se pôr.

Bosten pegou rápido a técnica do surfe. Parecia que ele tinha feito aquilo a vida inteira. Depois de muitas tentativas, eu finalmente consegui ficar em pé duas vezes até o fim do dia. Era uma sensação ótima; era também aterrorizante, e acho que engoli uns vinte litros do oceano Pacífico. Mas, no fim, foi um dos melhores dias que tive na vida.

Carregando nossas pranchas e passando o braço pelo nariz que insistia em pingar um filete incessante de água salgada, nós quatro fomos andando – molhados, descalços e cheios de areia – pela avenida Oceânica, a via que corria paralelamente à praia.

Sentia como se eu e meu irmão pertencêssemos àquele lugar.

Bosten, Evan e eu tiramos a parte de cima de nossas roupas até a cintura, e elas ficaram pendendo na frente até os joelhos. Mas eu tinha de ficar segurando a minha com a mão esquerda para que ela não caísse abaixo dos meus quadris. Eu era mais magro que Evan, então, a cada poucos passos, o traje escorregava um pouco e mostrava minha bunda magra e branca de Washington para quem estivesse atrás, que no caso era a Kim.

– Talvez amanhã a gente possa ir à rua C – ela disse.

Eu nem queria saber se a rua C era uma colônia de leprosos onde a gente era torturado. Se a Kim queria ir lá, podia contar comigo.

– O que é isso? – perguntou Bosten.

– Rua Califórnia. É onde tem a feirinha em Ventura – Evan disse. – As ondas são mais tranquilas. Dá para subir em uma e ficar lá para sempre. É o melhor lugar nas redondezas para quem está aprendendo.

– Claro que queremos ir – eu disse.

– Mas temos de ir bem cedo – disse Evan. – Você acha que a Dahlia te empresta o carro?

Bosten assentiu.

– Ah, acho que empresta.

Comparando as duas experiências, acho que me senti tão limpo e tão completo – tão bem, fisicamente e no todo – depois de tomar uma chuveirada quente e vestir minhas roupas secas (incluindo, claro, minha camiseta Sex Wax) naquela noite na casa dos gêmeos quanto me senti depois de tomar aquele banho com a Emily.

Bosten e eu prometemos voltar de manhã. Então, seguimos pela avenida Oceânica para a casa de Dahlia, já no escuro.

Estava quieto e silencioso lá por perto, e dava para ouvir o barulho das ondas quebrando na noite.

Ou talvez naquele dia o som do mar tenha ficado preso na minha cabeça.

– Você alguma vez se divertiu tanto na vida, Palitoso?

– Se já, não lembro.

Bosten riu.

– Isso aí. Nem eu.

Dahlia ficou muito feliz de nos ver quando chegamos em casa. Seus olhos brilharam e sua face ficou corada quando Bosten e eu a agradecemos por nos apresentar Evan e Kim.

Por toda a casa, havia um cheiro delicioso, e nós estávamos famintos.

Tudo lá era diferente, e isso me fazia pensar.

Então, depois de jantar e de comer o bolo de chocolate que ela tinha feito para nós, Bosten e eu estávamos exaustos e prontos para ir para a cama.

Bosten bocejou.

– Dahlia, você acha que tem algum problema se você me emprestar seu carro de manhã para que eu, o Palitoso e os gêmeos possamos ir para...

Ela o cortou.

– Pode usar o carro sempre que você quiser, querido.

– Eu dirijo bem – disse Bosten.

– Não me importa que seja para roubar um banco ou estacionar de cabeça para baixo. Estou dizendo que você pode usá-lo. As chaves ficam penduradas

perto da porta. Depois do café, eu te dou algum dinheiro para pôr gasolina e para vocês almoçarem. Isso se vocês forem ficar fora o dia todo, como ficaram hoje.

– Obrigado, Dahlia – ele disse.

Abri a porta de nosso quarto.

– Obrigado, Dahlia. Boa noite.

– Posso pedir uma coisinha para vocês antes de irem dormir? Por favor, sentem-se e conversem comigo só um minutinho.

– Ah, tudo bem.

– Aqui – e Dahlia apontou para o sofá.

Ela se sentou entre a gente, então pôs o braço em volta de mim e me apertou. As pessoas nunca me tocavam.

Bosten se sentou na ponta, longe de nós, e Dahlia pediu:

– Venha mais para cá, Bosten.

Ela levantou o braço para que ele também pudesse se encostar ao lado dela.

Ficou lá sentada, nos abraçando.

Era meio estranho, mas foi bom também. Eu não sabia se era para eu dizer alguma coisa.

Então, Dahlia fez duas coisas que eu acho que ninguém nunca tinha feito comigo e com Bosten. Ela se inclinou, deu um beijo na bochecha de cada um e disse:

– Só quero que vocês dois saibam que eu os amo e que faria qualquer coisa por vocês.

Aquilo me deixou confuso.

E eu sabia que Bosten também tinha ficado.

Porque... o que você diz depois de algo assim?

Dahlia então pôs suas mãos nos nossos joelhos, olhou para mim e depois para o Bosten e disse:

– Só quero que vocês saibam disso. E tenho de dizer que conversei com sua mãe hoje. – Ela chegou um pouco para o lado. – As coisas serão um pouco diferentes quando vocês voltarem para casa na semana que vem.

Diferentes do quê?, eu pensei.

– Sua mãe e seu pai... Eles vão viver separados por um tempo.

E aí ela não disse mais nada. Ficamos sentados lá pelo que pareceu uma eternidade. Um milhão de pensamentos pulavam dentro da minha cabeça e nenhum deles era bom.

– É por isso que eles nos mandaram pra cá? – perguntei.

Ela deu uma batidinha nos nossos joelhos. Não precisava responder. E Bosten, com precisão cirúrgica, perguntou:

– Quem fica e quem está saindo de casa?

Ela disse:

– Sua mãe acha que é melhor que garotos fiquem com o pai.

Tia Dahlia chorou por nós quando demos boa noite.

Ela não precisava fazer aquilo.

Eu queria dormir, mas não conseguia.

Fiquei encarando um ponto no escuro onde a minha janelinha estaria e imaginei ouvir o som das ondas na praia.

Mas era só a respiração pesada de Bosten, e fiquei assustado de ver que meu irmão estava chorando.

– Não tem problema, Bosten. Vai ficar tudo bem.

– Eu sei.
– Então não precisa chorar.
– Eu quero ir pra casa. Quero ver Paul.
– Ah... Sabe de uma coisa engraçada que aconteceu hoje? Kim me disse que acha você uma graça. E me perguntou se você tinha namorada.
Bosten rolou na cama de um jeito que pudesse olhar para mim.
– E o que você disse?
– Eu disse que você tinha namorada, mas que ela não deveria deixar de tentar alguma coisa assim mesmo, porque “é assim que meu irmão é”.
Bosten deu uma fungada, limpou o nariz e soltou uma risadinha.
– Você é muito mané, Palito.
E me empurrou com o pé.
– Você é que é muito mané.
Empurrei de volta.
Eu amava meu irmão.
– Tá certo – e ele então emendou. – Eu queria não ser assim.
– Você é a melhor pessoa e a mais sortuda deste mundo, Bosten.
– Palito?
– O quê?
– Eu não consigo mais viver junto com o papai.
– Eu sei.

Dahlia fez rabanadas e bacon para o café da manhã.

Bosten e eu nos sentamos na cozinha, de cuecas, com os cotovelos na mesa, os olhos inchados e o rosto pálido, comendo em silêncio enquanto o céu ficava mais claro lá fora.

Tudo estava diferente.

Dahlia se sentou e ficou nos observando. Ela tomava café. Eu não queria que ela ficasse triste com a situação.

– Você pode vir surfar com a gente, Dahlia – eu disse.

Ela pôs sua mão sobre a minha e sorriu.

– Você é muito gentil. Mas eu acho que ia ficar muito preocupada de ver vocês lá naquela água.

E eu me perguntei o que ela pensaria se visse como era lá em casa.

Dahlia afastou sua cadeira e foi até a sala de estar. Ao voltar, deixou as chaves do carro e uma nota de 20 dólares na mesa, perto da mão de Bosten.

– Quero que vocês se divirtam – ela disse.

Bosten olhou para ela e agradeceu com a cabeça. Então olhou para baixo e deu um sorriso. – No momento, não tenho nenhum bolso para guardar isso.

Eu o cutuquei por baixo da mesa com meus dedos do pé e ri.

– Você é muito mané.

– E daí?

Levei meu prato para a pia, então me aproximei de Dahlia e dei um beijo nela. Eu nunca tinha dado um beijo em ninguém na vida. Me senti enrubescendo.

– Obrigado, Dahlia. Vem, vamos lá, Bosten.

Ela nem foi ver o carro indo embora nem nada assim. Acho que Dahlia queria mostrar a Bosten o quanto ela confiava nele e o quanto realmente não se importava com coisas como o carro, quando existem outras coisas mais importantes no mundo, como as pessoas.

Eu nunca tinha pensado assim antes.

Às vezes, eu me perguntava por que ela nos tratava daquele jeito, por que tinha nos aceitado tão bem. Não era aquele tipo de tolerância estéril que podíamos esperar do professor de educação física ou da enfermeira que nos dava vacinas contra tétano; era diferente.

Uma vez, ela me contou a respeito do seu marido que morreu quando tinha apenas 25 anos. Eu disse que ele devia ter sido um sujeito muito bom, mas não consegui olhar para ela quando disse isso. Aquilo me deixou mais triste que qualquer outra coisa. Era difícil entender como coisas que deixam as pessoas más e cruéis não funcionam da mesma maneira para todo mundo.

Ela era uma pessoa extraordinária, eu pensei.

E minha cabeça estava tão cheia de admiração e espanto depois daqueles poucos dias na casa de tia Dahlia que eu não sabia se algum dia conseguiria me desapegar daquilo e voltar a tolerar Washington de novo.

Enquanto dirigíamos pela Oceânica até a casa dos gêmeos, comecei a fazer as contas, como Bosten faria, calculando quantos dias faltavam até voltarmos para casa. Aquilo fez com que eu me sentisse escuro por dentro.

Só mais cinco dias. Segunda-feira. O dia depois da Páscoa.

Teríamos de voltar para casa.

– Por que você está todo quieto?

– Nada não – e aponteí adiante. Evan e Kim já estavam do lado de fora nos esperando. – Estacione aqui.

Na rua C, paramos o carro no chão de terra sem sinalização que ficava do lado da praia. Ficamos atrás das portas abertas do Dodge e trocamos de roupa. Todo mundo na rua C fazia aquilo. Não era nada de mais.

Alguns dos carros que estavam por lá tinham música tocando, com as portas e as janelas abertas.

Paramos ao lado de uma picape que estava virada ao contrário e com a caçamba aberta. Dois rapazes que pareciam um pouco mais velhos que Bosten estavam sentados, admirando as ondas. Estavam molhados e com os trajes removidos até a cintura. Cumprimentaram Evan.

Evan se aproximou deles.

– E aí, Mark...? Dave...?

Eles estavam fumando um baseado. Muitos caras estavam fumando naquele estacionamento. Tinha cheiro de maconha por todo lado. Uns rapazes estavam até bebendo cerveja, e ninguém ali deveria ter mais que 18 anos. As crianças mais novas tinham uns 7 ou 8 anos e estavam usando roupas como as nossas ou camisetas Sex Wax, exatamente como os mais velhos. Mas, em todos os lugares em volta de nós, os garotos riam, conversavam alto e faziam palhaçadas. Ainda era por volta de 9 horas da manhã.

Um adolescente que estava ao lado de uma perua atrás de nós tinha um grande corte em cima da sobrancelha. O sangue escorria pelo seu rosto e chegava no peito, mas dava para ouvi-lo rindo e se gabando com os amigos de que ele voltaria para a água.

E ali era assim.

Mark passou o baseado para Evan e ele deu uma tragada longa e profunda, segurando a fumaça pelo que pareceu facilmente ser mais de um minuto. Eu fiquei observando. Ele era bem melhor em fumar maconha que Bosten ou Paul. Dava para notar que tinha prática naquilo.

Evan disse:

– Esses são meus amigos de Washington. O Bosten e o irmão dele, o Palito.

Mark e Dave nos cumprimentaram com a cabeça. Mark ainda disse:

– E aí, Washington...?

Dave apontou o baseado para o Dodge.

– Quer um pouco?

Olhei para Kim.

– Não, obrigado.

Mas Bosten já estava por lá fumando com os outros garotos.

Kim sussurrou:

– Eu também não fumo. Eles sabem.

– Acho que isso fede – eu disse. – E espera só para ver como o Bosten fica bobo quando está chapado. Só observa. Ele vai me fazer dirigir na volta.

Ela sorriu para mim e balançou a cabeça de um jeito que fez seu cabelo

perfeito pular para trás do ombro.

– Você dirige?

Eu gostava dela. Bastante.

Eu tentava estufar o peito e fazer os músculos dos braços aparecerem embaixo do traje de Evan, sem sucesso.

– Eu dirijo à noite. E faço coisas explodirem.

Kim riu.

– Isso é bem sensual.

– Sei disso.

Tínhamos de descer pelas rochas que ficavam nos limites do chão de terra. Chegando lá embaixo, o único jeito de entrar no mar era esperando pelo momento certo entre as ondas, jogando a prancha no mar sem as amarras nos pés e então pular na água e nadar atrás dela sem ser esmagado contra as pedras pela maré.

Eu achava aquilo uma insanidade, mas era o que todo mundo fazia.

Bosten e Evan riam e uivavam.

Eu fui por último, depois de ver Evan, Bosten e Kim conseguirem. E eles tiveram de gritar para que eu fosse, porque eu achava mesmo que não teria coragem de fazer aquilo.

Kim se sentou em sua prancha e gritou:

– Vamos lá! Você dirige à noite e explode coisas, não é?

Se ela me pedisse para pular de cara nas pedras eu faria isso.

Então, decidi que não ficaria ali em pé o dia todo feito um idiota em uma roupa emprestada só assistindo. Por fim, respirei fundo, pensei por um breve momento na possibilidade de morrer e dei um passo adiante.

Surfamos até ficarmos exaustos naquele dia.

Evan tinha razão a respeito das ondas na rua C. Eram bem mais tranquilas que as ondas ligeiras e escorregadias da praia em frente à casa de Dahlia. Se eu remasse para longe o suficiente, Evan me levava para um ponto em que as ondas quebravam para a esquerda, então nós dois podíamos surfá-las de frente. Por alguma razão, a água ali era mais quente que lá na praia. Era clara e límpida, mas também turva, e tinha tantas algas sobre a superfície que todas as vezes em que caía da minha prancha me sentia como se estivesse sendo atacado por monstros marinhos.

Eu não gostava nada dessa parte das algas, mas tentei parecer corajoso. Afinal de contas, Kim tinha dito que eu era sensual. Ou quase isso.

Consegui ficar em pé na prancha tantas vezes que realmente comecei a me sentir mais confiante, o que era uma coisa nova e estranha para mim. Bosten e eu ríamos e gritávamos e uivávamos, e não pensávamos em mais nada a não ser em estar ali, juntos, na água com nossos novos amigos. Era como se tivéssemos abandonado completamente a terra e tudo o que havia nela.

Em um momento, todos flutuamos juntos, nos segurando uns nos outros, e assim fizemos uma ilha particular para além da arrebenção.

– Este é o melhor dia da minha vida – Bosten disse.

Kim segurava minha mão de um lado e Bosten do outro, e Evan agarrou a cordinha de sua irmã.

– Estou feliz que vocês tenham vindo – disse Kim.

Senti meu rosto corando quando ela olhou para mim, porque eu estava

urinando no traje de Evan.

E ele tinha razão sobre aquilo também.

Quando decidimos que já estava suficiente, pegamos ondas que nos levaram quase até um cais próximo, de onde poderíamos sair da água andando e ir até a praia.

Encontramos um ponto mais quente na areia, deixamos nossas pranchas e desabamos por lá, sem vida, como focas sob o sol, deixando o calor da tarde sair do chão e lentamente penetrar em nossos trajes.

Eu poderia facilmente ter dormido ali, mas, depois de uns vinte minutos deitado, Evan se sentou.

– Estou morrendo de fome – anunciou.

Bosten grunhiu e rolou para deitar de costas, com o rosto cheio de areia e sal.

– Eu também.

Então nos levantamos e fomos cambaleando até o estacionamento de terra onde estava o Dodge. Fechamos a tampa do porta-malas com nossas quatro pranchas para fora, descascamos nossos corpos enrugados e pálidos daqueles trajes e trocamos de roupa. Eu casualmente tentei olhar enquanto Kim se despia no lado oposto do carro, mas ela tinha um método perfeito de trocar de roupa com uma toalha amarrada embaixo dos braços, então não dava para ver nada. Foi nesse momento também que aprendi que areia na cueca junto com uma ereção pode levar você quase às lágrimas.

Evan e Bosten se sentaram nas pedras em frente ao carro e começaram a fumar maconha. Evan tinha um grande embrulho de erva e com certeza sabia como enrolar um baseado. Ele provavelmente chutaria Bosten para fora da Califórnia se visse aquelas coisas esfarrapadas de baseado que ele e o namorado faziam. A maconha de Evan era muito verde e tinha um cheiro bem diferente daquela erva mexicana que o irmão de Paul trazia do Texas.

Fedia mais ainda, se é que isso era possível.

Me sentei ao lado de Bosten e bati meu joelho contra o dele.

– Dá as chaves – e estendi minha mão em sua frente.

Bosten procurou no bolso e então me jogou as chaves do carro de Dahlia. Pôs o braço em volta de mim e me apertou, cutucando o ombro de Evan.

– Eu tenho o irmãozinho mais legal do mundo.

Eles riram. Mantive minha mão à frente.

– Sua carteira também.

Eu não queria ser pego sem habilitação em outro estado. Olhando de frente, eu me parecia com Bosten o suficiente para que ninguém questionasse. Era uma boa coisa que eles não tivessem um registro de número de orelhas nas carteiras de motorista de Washington.

Bosten disse:

– Palitoso, se você está procurando uma camisinha, eu usei minha última um mês atrás.

Evan e Bosten quase caíram das pedras de tanto rir. Revirei os olhos.

– Você é muito mané.

Enquanto ficava em pé, sussurrei para eles:

– Mas o trato é o seguinte: vocês dois vão no banco de trás e a Kim vem na frente comigo.

Evan estendeu a mão e eu dei um tapinha. Ele disse:

– Beleza.

Enfiei a carteira de Bosten na frente da minha bermuda e brinquei com as chaves enquanto andava de volta na direção do carro. Kim esperava em frente ao capô e olhava para mim.

– Tá vendo como ele fica bobo? – eu disse.

Tentar dirigir um carro grande como aquele de Ventura a Oxnard com um cara de 15 anos chapado no banco de trás ditando o caminho era provavelmente como se eu estivesse chapado também. Bosten só ficava rindo, especialmente quando esqueci que o Dodge tinha câmbio automático e apertei o freio achando que era a embreagem.

Pois é, isso também não me valeu nenhum ponto com a Kim. Ela quase bateu a testa no painel.

Evan tentou nos levar até a lanchonete mexicana do Sal, aquele primeiro lugar onde Bosten e eu comemos em nossa primeira noite na Califórnia.

– Todo mundo lá da praia come no Sal – disse Evan. – Nós até já fomos lá com a Dahlia.

– Beleza, você já disse isso mil vezes. Agora, para onde eu tenho de virar? – eu disse.

Pelo retrovisor, vi Evan se sentar reto de repente. Ele olhou em volta e disse:

– O que estamos fazendo na porra de El Rio?!

Bosten explodiu de rir.

– Palitos! Para que você está nos levando para a porra de El Rio?

Se eu dirigisse um pouco melhor, provavelmente teria pensado a sério em virar para trás e dar um safanão nos dois. Estavam rindo tanto que dava para ver lágrimas saindo dos olhos de Evan, e os dois começaram a cantar repetidamente:

– A porra de El Rio!

– A porra de El Rio!

– A porra de El Rio!

Então percebi que aquele não parecia o lugar certo. Ali só havia terrenos de sítios, plantações de laranja e uns barracos com galinhas correndo nos quintais e crianças mexicanas brincando na terra ao lado da estrada. Parei o Dodge no acostamento, embaixo de um abacateiro empoeirado. Suspirei.

– Vocês dois são burros pra cacete.

Então Kim começou a rir. Correu a mão pelo assento de vinil branco e pegou a minha mão.

Eu olhei para ela. Queria ter certeza de que aquela não era uma pegada na mão do tipo que se usa para acalmar uma criança ou para chamar minha atenção e ainda me dizer “Vê se cresce!”. Ela estava sinceramente pegando na minha mão.

Era tão gostoso quanto Emily lavando meu cabelo.

Talvez até melhor.

Tive de desviar o olhar no mesmo segundo. O que ela estava fazendo?

Ela era tão linda e... Será que ela não vê como eu sou desgraçadamente feio?

As pessoas não costumam me tocar.

Me senti enjoado, como se fosse desmaiar. Começou um formigamento debaixo do meu cabelo. Apertei a mão dela também. E eu já estava dolorosamente ciente de cada grão de areia pontudo feito agulha dentro da minha cueca.

Kim disse:

– Eu sei como chegar ao Sal.

– Por que você não me disse antes? – se minha voz fosse uma casca de ovo, ela teria milhares de rachaduras naquele momento.

– É que andar de carro por aí com você está divertido.

– Ah...

No fim, a lanchonete do Sal ficava só a uns cinco minutos da porra de El Rio.

Queria que fosse mais longe, porque eu já estava ficando bom em dirigir com uma mão só.

Kim Hansen foi a primeira garota a me dar um beijo. Ela fez isso enquanto Bosten e Evan carregavam suas pranchas ao redor da casa dos gêmeos para pendurá-las no quintal dos fundos. Ali mesmo, à sombra do lado da casa, ela simplesmente me agarrou pelo pescoço e puxou meu rosto em direção ao dela.

Eu não sabia nada sobre beijar, mas dava para dizer que Kim tinha tanta prática naquilo quanto seu irmão tinha em enrolar baseados. Eu nunca soube que línguas podiam ter tantas utilidades, ou que o interior da boca de uma pessoa podia ter um gosto tão bom. E Kim fazia uns barulhinhos agudos de satisfação enquanto a gente se agarrava.

Ela até deslizou a mão para debaixo da minha camiseta Sex Wax e acariciou minhas costas.

Mas fiquei tão assustado que não consegui falar nada depois do beijo. E me senti terrivelmente culpado e envergonhado também porque, em algum lugar do fundo da minha mente, eu tinha essa noção de que, se eu nunca fosse ter mesmo meu primeiro beijo com a mãe de Paul, com certeza seria com a Emily Lohman. E agora eu estava horrorizado, porque... o que Emily faria se eu a beijasse de um jeito como se soubesse muito bem o que estava fazendo? Ela saberia que eu já tinha feito aquilo antes com outra pessoa. E aquilo me fazia me sentir mal.

– Certo – disse Kim. – Desculpa. Eu só precisava saber como era beijar você.

Então, ela só jogou o cabelo de lado e foi ver onde Bosten e Evan estavam. Simples assim.

Mas antes que Bosten e eu voltássemos para a casa de tia Dahlia, segui Kim até dentro da casa dela e a parei no caminho do chuveiro.

– Não é justo – eu sussurrei. – Você não pode simplesmente fazer uma coisa assim e dar o fora.

– Por que não? Eu estava louca pra saber.

– É? Só que eu nun... E como é meu beijo, afinal?

– Muito, muito gostoso.

– Obrigado.

– Por nada. Agora você pode dizer pras pessoas que você dirige à noite e... ah, com uma mão só, e explode coisas e beija de língua meninas mais velhas quando ninguém está olhando.

Pensei em adicionar alguma coisa como e toma banho completamente nu com Emily Lohman.

Não, ninguém tinha um currículo tão grande assim.

Levei o carro de volta para a casa de Dahlia. Ainda estava claro lá fora, e nós estávamos felizes de estar em casa. E satisfeitos.

Tudo mudou quando passamos aqueles dias com a tia Dahlia. E não tinha nada que pudéssemos fazer a respeito. Era como a maré.

Eu nunca menti para a tia Dahlia. Uma coisa era guardar segredos sobre as

outras pessoas – Bosten, Emily, minha mãe e meu pai –, mas não conseguia ter segredos com ela sobre mim. Então, contei que tinha dirigido o carro de volta para casa aquele dia. Não disse por que, mas talvez ela até já soubesse. Talvez tivesse segredos com o Bosten também.

– Eu já dirigi muitas vezes – eu disse.

Seus olhos sorriram para mim como se aquilo não fosse surpresa alguma. E ela disse:

– Quando eu tinha a sua idade, não existia esse negócio de “ter idade suficiente”. Ou você sabia fazer alguma coisa ou então não sabia.

– Bom... Então, eu sei dirigir.

– Você é o mais alto de nós – ela disse.

– Se você quiser esconder alguma coisa de mim, não ponha em cima da geladeira.

Dahlia riu.

– Um dia desses, você vai me levar para passear de carro, Stark.

Eu concordei.

Quando Bosten e eu já estávamos deitados, o telefone tocou. Eu me sentei e vi a sombra de Dahlia passando pela fresta de luz embaixo da nossa porta. Um telefonema à noite nunca é boa coisa.

– Aposto que são eles – Bosten disse.

– Você vai querer levantar e falar com eles?

– Não.

Então veio uma batida suave em nossa porta. Tudo o que Dahlia fazia era de forma suave. Ela deu uma espiada pela porta.

– Sua mãe está no telefone – sussurrou.

Bosten nem se moveu. Foi como se ele estivesse falando com o teto quando disse:

– Por favor, diga que a gente está dormindo ou então que estamos com nossos amigos na praia. Pode dizer qualquer coisa que vier à cabeça.

Dahlia assentiu com a cabeça e fechou a porta sem fazer barulho nenhum.

– Bosten?

– O quê?

– Você está dormindo?

– Seu maneirão...

– Sabe de uma coisa?

– O quê?

– Eu beijei a Kim hoje. Ela pôs a língua dentro da minha boca.

– Mentira!

– Juro por Deus.

– Por quê?

– Ela disse que queria. Simples assim. E eu achei muito sensual.

– Você gostou?

– Gostei.

– Viu? Eu falei pra você.

– O quê?

– Que você é o que é, Palito. Nada nem ninguém vão fazer você mudar.

Meu irmão sabia as verdades a respeito de tudo.

O domingo de Páscoa foi dia de lavar roupa.

Tínhamos de nos aprontar para voltar para casa.

Eu nunca tinha ido a um velório, mas não dava para imaginar nada que pudesse fazer Bosten e eu nos sentirmos mais pesarosos do que a ideia de deixar Dahlia e a Califórnia.

Naqueles últimos dias na praia, surfamos da manhã até o começo da noite.

Kim não me beijou de novo, mas desejei aquilo desesperadamente. Nenhum dos dois disse uma palavra a respeito. Às vezes, ela segurava minha mão ou passava o braço em torno de mim quando estávamos na água, mas ela fazia esse tipo de coisa com Bosten ou com o irmão dela também. Era como se nada tivesse acontecido, o que fazia aquilo parecer ainda mais com um sonho, mesmo que eu não conseguisse tirar o gosto de Kim Hansen da minha boca.

A única parte boa de voltar para casa – se é que havia uma – é que a senhora Buckley e Paul iriam nos buscar no aeroporto de Seattle. Eles me levariam para a casa dos Lohman e Bosten ficaria na casa de Paul até o fim de semana antes de as aulas começarem. Aquilo significava que eu poderia ficar com minha camiseta Sex Wax e até usá-la para mostrar para Emily em Washington.

E provavelmente, com a minha mãe fora de casa, ninguém mais iria achá-la.

Eu estava descalço, usando apenas minha calça jeans de Washington e mais nada, carregando toda e qualquer peça de roupa que eu e Bosten tínhamos em uma trouxa pela cozinha da tia Dahlia.

– Me mostra como funciona a máquina de lavar? – pedi.

– Ah, querido, só deixa essas coisas em cima da mesa que eu lavo para vocês.

– De verdade? – e hesitei em deixar nossas coisas em cima da mesa.

– De verdade. Deixa de besteira...

Então, deixei a trouxa de roupa. Meias e tudo mais.

– Bosten e eu sempre temos de lavar nossas coisas

lá em casa. Minha mãe diz que coisas de garotos são sujas.

– Que ideia louca é essa?

Eu não sabia que ideia louca era aquela.

Bosten estava vestido da mesma forma que eu – jeans e mais nada – e veio apressado do quarto quando Evan e Kim bateram à porta da frente da casa. Seria nosso último dia surfando juntos.

Os gêmeos já estavam usando seus trajes de surfista. Tinham cheiro de parafina.

Eu só sei que nunca vou conseguir tirar aquele cheiro da minha cabeça, não importa o quanto eu viva ou não. As quatro pranchas estavam escoradas contra a frágil cerquinha de Dahlia, e Evan vinha trazendo em cima do ombro os dois trajes extras que tinha nos emprestado a semana toda, como se fossem peles de dois animais mortos.

Podíamos ver a tristeza nos olhos uns dos outros. De alguma forma, eu acho, aquilo era uma coisa boa, porque significava que realmente éramos amigos e que talvez Bosten e eu tivéssemos encontrado um lugar que nos aceitasse. E era um lugar que só tinha uma regra, até onde eu sabia, e era uma regra fácil de seguir: amem-se uns aos outros.

Evan largou os trajes no chão da sala de Dahlia.

– Podem ficar com essas roupas.

Levem para Washington com vocês.

– Sério?

– Sério. Eu vou ganhar uma roupa nova em poucos meses mesmo.

Bosten disse:

– Acho que ninguém surfa lá em Washington.

– Então fiquem com elas até vocês voltarem – disse Evan. Dava para notar que foi meio difícil para ele dizer aquilo. Ele deu de ombros. – Além disso, vocês mijaram nelas.

– Ha! – eu disse. – Só umas mil vezes! Obrigado, Evan.

Bosten pegou seu traje e começou a voltar para o quarto para vesti-lo. Eu notei que Kim ficara atrás do irmão na calçada que levava à casa de Dahlia. Ela disse:

– Sabia que tem ovos aqui fora?

– O quê? – eu disse.

– Ovos. Ovos coloridos. Pra todo lado na areia.

Dahlia veio da cozinha, rindo.

– Vocês não vão a lugar

nenhum sem antes

fazer a caça aos ovos.

E então emendou, quase como pedindo desculpas:

– Não dá pra esconder muito bem na areia, eu acho.

Então, fui lá fora na calçada. O quintal de Dahlia estava apinhado de ovos coloridos para todo lado. Ficava lindo na luz da manhã.

– Essa é a caça ao ovo mais legal e mais fantástica de todos os tempos – eu disse.

Então, eu disse algo que simplesmente escapuliu da minha boca:

– Eu te amo, Dahlia.

Bosten e eu corremos para vestir nossos trajes, então fomos para o quintal com os gêmeos e tia Dahlia para procurar os ovos.

E, às vezes,

fingíamos

que não os víamos

só para fazer

Dahlia

ficar lá fora

conosco

mais

um pouco.

Dahlia nos deixou ligar para Washington naquela noite. Não para falar com mamãe e papai. Eu queria falar com Emily, e Bosten queria ouvir a voz de Paul. Acho que ele queria fazer um teste e ver como Buck estava se sentindo a respeito dele, depois de ficarem separados por uma semana.

Eu fui primeiro.

Como de costume, a senhora Lohman atendeu ao telefone.

Conseguí tocar no assunto depressa pois, pela gravidade em sua voz, ela já sabia da separação de meus pais. Mas ela não sabia de verdade como estavam as coisas. Afinal, papai e mamãe sempre pareceram muito perfeitos.

Tudo sempre parecia perfeito.

– Ah, meu Deus, Palito! Você está bem?

– Hã... Tudo bem comigo, senhora Lohman. E eu estou ansioso para ir visitar vocês amanhã.

– Ah, Palito...

Ela souu como se fosse chorar.

– Espero que você saiba que se precisar de qualquer coi...

– Hã... Posso falar com a Emily, por favor?

– Claro, querido. A gente se vê amanhã.

Dahlia ficou sentada à mesa. Estava ouvindo, mas eu não me importava. Eu não tinha nada a esconder dela, e ela me fazia me sentir quase normal na maior parte do tempo.

– Palito?

– Oi, Emi!

– Como está a Califórnia?

Pelo menos ela sabia como falar comigo sem fazer me sentir como se estivesse morrendo em uma cama de hospital.

– Meu Deus, Emi, aqui é tão incrível! Bosten e eu aprendemos a surfar. E somos bons nisso. Bom, o Bosten é melhor que eu.

– Mas... a sua tia surfa?!

Eu ri.

E foi assim. E tia Dahlia nem por uma vez me fez sentir como se meu prazo para falar estivesse se esgotando, ou que telefones não fossem coisas saudáveis para garotos. Mas eu também não queria que ela pagasse muito pela ligação interurbana, e sabia que Bosten estava esperando pacientemente para ligar para Paul. Então, conversei com Emily por uns cinco minutos e, durante aquele tempo, percebi o quanto estava com saudades dela e precisava vê-la. E, pela primeira vez na minha vida, pensei honestamente em beijá-la. Não apenas pensei: eu queria fazer isso.

Na boca. Como Kim havia me ensinado.

Quando desliguei, notei que Bosten estava em pé na porta entre a cozinha e a sala de estar. Dei uma piscada para ele e disse:

– Ei, Dahlia. Quer dar uma volta comigo?

E os olhos de Dahlia se iluminaram como se eu estivesse dando a ela um presente ou algo assim. Ela se levantou e disse:

– Devemos esperar pelo seu irmão?

– Não, só você e eu – eu disse.

– Emily é uma amiga especial?

Saímos em direção ao cais de pedra. O sol já tinha se posto, mas o céu estava bem claro no horizonte e tudo parecia muito límpido.

– Sim, ela é minha melhor amiga. Bom, além do Bosten. E de você.

– É melhor, eu acho, ter uma melhor amiga que uma namorada – disse Dahlia. – Namoradas são só garotas, mas melhores amigos são pessoas para as quais podemos contar tudo sem ficar com medo de que elas nos deixem com menos do que antes.

– É assim mesmo – eu disse. – Exatamente.

Era quase como se ela soubesse que eu tinha beijado a Kim.

– E... Dahlia... Tem uma coisa que eu preciso te falar. Quero dizer que sinto muito por ter sido rude com você naquele primeiro dia. Eu não sabia. E nunca pensei que você ou qualquer outra pessoa no mundo pudesse querer Bosten e eu por perto. Então... Hã... Me desculpa?

Então Dahlia me abraçou com força e me apertou com vontade. Ninguém jamais tinha me abraçado daquela forma em toda a minha vida. Ela acariciou meu cabelo e disse:

– O que eu vou fazer
sem vocês por perto?
O que eu vou fazer?

No aeroporto, Kim se despediu de mim e de Bosten com um beijo, mas não um beijo como aquele que ganhei dela naquela tarde em que fomos para a rua C. Foi um beijinho triste, porque dizia adeus, como também disse a mão de Evan para a minha mão quando nos cumprimentamos.

Ela e Evan foram conosco no carro de Dahlia. Fiquei feliz por aquilo, não só por mim e por Bosten, mas também porque não queria que tia Dahlia ficasse sozinha depois que partíssemos.

Apertei Dahlia com força quando tivemos de ir, e então Bosten e eu passamos pelo portão de embarque sem olhar para trás. Eu não queria olhar para ela de novo porque estava começando a chorar – todos estávamos – e me eu senti como se algo dentro de mim estivesse morrendo.

Nada nunca mais seria igual de novo.

O voo de Los Angeles a Seattle não era longo o suficiente para fazer aquela tristeza sair da minha cabeça, ou para me fazer parar de pensar no monte de “nuncas” que iam se empilhando: “nunca isso” em cima de “nunca aquilo”, sobre um “nunca aquele outro”, como montanhas à minha frente.

Logo antes de o avião pousar, Bosten me deu um soquinho no ombro e disse:

– Sa dessa.

Dei um soquinho de volta:

– Sai dessa você.

– Eu sei.

– O que o Paul disse ontem à noite?

Eu já sabia a resposta. Dava para dizer pelo modo aliviado como meu irmão passou a agir depois que Dahlia e eu voltamos de nossa caminhada.

– É... Ele disse que já terminou com a namorada.

– O experimento dele não foi muito longo, né?

Bosten sorriu e balançou a cabeça.

– Não.

– Ah, meu Deus! Olha só para vocês dois! – exclamou a senhora Buckley praticamente às lágrimas quando nos viu no aeroporto. Dei uma olhada rápida para Paul e vi em seus olhos o quanto ele queria abraçar meu irmão.

E pensei: *Por que ele não pode fazer isso? Que coisa besta.*

– Vocês estão tão morenos! Parecem outras pessoas! – ela disse. –

Olha só para esse cabelo!

Acho que não tinha percebido o quanto ficar no mar o dia todo tinha mudado nosso visual. Estávamos bronzeados e com uma aparência saudável. Até a senhora Buckley mencionar, eu não tinha nem notado o quanto o cabelo de Bosten tinha ficado mais claro.

E agora estávamos de volta, na terra das salamandras das cavernas. Onde minha mãe e meu pai moravam.

Além de me causar uma ereção todas as vezes em que eu a via, a senhora Buckley também dirigia o carro mais legal que alguém podia imaginar. Era um Trans Am azul e branco novinho, completo, com ar-condicionado e uma coisa parecida com um grande pássaro pintado no capô.

Bosten e eu enfiamos nossas coisas no porta-malas e então Paul disse:

– Vou deixar o Palito ir na frente. Ele é o mais alto mesmo.

Eu não achava que era o mais alto, mas também não ia implorar para me espremer no banco de trás. Aliás, sempre existia a possibilidade de a mãe dele esbarrar os dedos na minha perna quando fosse mudar de marcha.

Quando chegamos ao outro lado do Estreito de Puget, a senhora Buckley perguntou se precisávamos ir em casa pegar roupas ou alguma outra coisa, e Bosten e eu dissemos “não” ao mesmo tempo.

Me virei para trás e olhei para o espaço entre os bancos.

Paul estava com a mão no joelho de Bosten, e o braço do meu irmão estava esticado no topo do banco com os dedos encostando na nuca de Paul. Era algo até inocente, eu acho, e não tinha jeito de a senhora Buckley adivinhar o que se passava.

Eles pareciam muito contentes, e eu ficava feliz com aquilo. Mas talvez eu tenha admirado por tempo demais, porque Paul me lançou um olhar furioso que me fez voltar para a frente.

Saímos do carro quando chegamos à casa dos Lohman. Era tão perto da minha casa que eu praticamente podia sentir o cheiro da fumaça de cigarro exalando da poltrona do meu pai, do outro lado da estrada.

A senhora Lohman abriu a porta da antessala e ficou esperando na varanda. Emily se espremeu por trás de sua mãe e apareceu acenando para mim.

Eu estava muito feliz em vê-la e aliviado por poder parar de me locomover um pouco, depois de ser levado de um lado para o outro, e de ficar sentado por um dia inteiro.

Enfiei a cara por dentro da minha camiseta Sex Wax e respirei fundo.

– O que diabos você está fazendo? – perguntou Bosten.

– Eu ainda estou com o cheiro da praia. Da casa de Dahlia.

Bosten chegou o nariz próximo ao meu pescoço.

– É verdade, está mesmo.

E era exatamente o que eu queria. De caso pensado, eu não tinha tomado banho depois da última vez em que fomos surfar. Meu cabelo ainda tinha um pouco de areia também.

A senhora Lohman disse:

– Palito! Chegou bem a tempo para o jantar.

– Já estou indo, senhora Lohman.

Bosten se aproximou, tirou minha bagagem do portamalas do carro e pôs ao lado do meu pé.

Ele parecia triste. E Paul parecia ansioso. E a senhora Buckley parecia o que sempre parecia.

Perfeito.

Dei um abraço no meu irmão. Com exceção daquela vez em que ele estava no nono ano e sumiu de casa por quatro dias, nós nunca tínhamos ficado em casas separadas por mais que uma noite, em que algum dos dois dormiu na casa de um amigo. E mesmo assim, na nossa família, essas ocorrências eram raras.

– Te amo, Bosten.

– Também te amo, Palitoso. A gente se vê no sábado.

– Isso aí.

– Ei – ele disse logo que eu me virei para ir embora. – Foi bom demais, não foi?

– Como foi.

Minha mala pareceu ainda mais pesada quando subi os degraus em direção à senhora Lohman e à Emily. Bosten entrou no banco de trás do carro e Paul foi na frente com sua mãe. Em um minuto, aquele carro esportivo incrementado já tinha ido pela estrada de Pilot Point.

A primeira coisa que eu tive de fazer quando entrei na casa, logo depois de tirar meus tênis novos, foi explicar para Emily e para seus pais o que era aquela

Realmente não tinha nada de mais, mas eu também não iria contar para a senhora Lohman que a filha dela e eu já tínhamos nos visto completamente nus antes.

Como Emily disse, sua mãe provavelmente não entenderia.

Emily começou a dar risada. A mãe ficou com raiva.

– Feche os olhos, Emily!

É, com certeza. Contar para a senhora Lohman sobre o banho estava completamente fora de questão. Tipo, para sempre.

E eu não tinha mesmo qualquer opção a não ser ficar parado lá. Estava descalço e havia leite e pedaços de vidro em volta de mim.

– Acho que eu deveria ter contado que Bosten e eu não podemos usar pijama em casa. Lá na tia Dahlia, ela até deixava a gente tomar café de cueca. Não tem nada de mais mesmo.

Era o que Emily diria também, se não estivesse rindo tanto.

– Palito! Querido, não se mova. Não quero que você corte os pés. Pare de catar esses vidros agora. Eu já volto.

Ela se virou rapidamente e empurrou Emily para o corredor, mas ainda pude ver sua cabecinha se esticar ao lado da cintura da mãe e sorrir para mim antes que ela ficasse completamente protegida daquela minha inconveniência e fosse enxotada para o quarto dela. De algum ponto do corredor, ouvi a voz da minha melhor amiga dizendo:

– Boa noite, Stark McClellan. Estou feliz de você ter voltado para casa.

Eu gostava de como Emily dizia meu nome.

A senhora Lohman voltou, sem fôlego e ainda corada. Conforme ela tinha mandado, não me mexi nem um centímetro de onde estava, com os pés no meio de uma poça de leite que eu gostaria mais de ter bebido do que pisado em cima.

– Aqui, meu anjo, senta. Ai! Me desculpa!

Ela estava mesmo passando do ponto. Me sentei na beira da cama e a senhora Lohman, gentil e cuidadosamente, passou uma toalha nos meus pés. E, sim, eu me senti mal com o fato de que ela fazendo aquilo me fazia sentir muito, muito bem.

– Que pena pelos biscoitos – eu disse. – A senhora faz os melhores biscoitos do mundo.

Ela olhou para mim.

Pensei que ela ia começar a chorar. Até enxugou entre meus dedos. Estava definitivamente passando do ponto.

– Ah, eu nem sei o que fazer. Nunca soube como é ter um rapaz em casa. Por favor, me perdoe, Palito.

O modo como ela disse “rapaz” soou como se aquilo fosse uma doença.

– Não é... nada... de mais.

A senhora Lohman puxou as cobertas da cama, então encaixou minhas pernas magras na volta de seu braço e as deslizou para os refrescantes lençóis que cheiravam tão bem. Ela levantou minha cabeça, afofou dois travesseiros sob meus ombros, enfiou as beiradas das cobertas bem apertadas debaixo do colchão como se eu fosse uma múmia e então me deu um beijo, bem no alto da cabeça.

– Me desculpe.

Passando do ponto. E começando a queimar.

Então ela disse:

– Já vou trazer mais biscoitos e outro copo de leite. Não saia daí.

Aparentemente, ela pensava que rapazes – “rapazes” – podiam desaparecer

quando desse vontade ou algo assim.

E por que, afinal, eu iria querer ir para outro lugar, se a senhora Lohman estava voltando com mais biscoitos?

Não consegui dormir.

E não conseguia parar minha cabeça.

Então rolei para o meu lado esquerdo. Prendi tudo lá dentro.

Era para matar de fome aqueles bichos.

Minha mãe e meu pai
nunca nos quiseram.

Eu.

Bosten.

Especialmente eu.

Eu era uma lembrança
de tudo o que estava errado.

Mas Bosten veio antes
e pagou por mais tempo.

Ele fez as contas.

As coisas não mudam quem você é.
E as coisas não apenas acontecem.

Me senti besta por chorar.

Eu podia ter chorado em mil outras ocasiões antes.

Mas me sentia tão pequeno e sozinho,
e queria muito me esgueirar pelo corredor e pôr minha mão no rosto de Emily
ou deitar minha cabeça no colo de sua mãe.

Queria que tia Dahlia me abraçasse bem forte
e me deixasse relaxado como se nada existisse entre nossos corações.

Eu queria
Eu queria
uma mãe.

Sonhei que estava escalando
a janela do quarto de São Fillan
carregando uma tocha.

De manhã
minhas correntes não tinham se afrouxado.

Acho que a senhora Lohman em certa medida esperava que eu aparecesse para tomar café vestido só de cueca. Ela ainda estava nervosa e envergonhada com o que tinha acontecido no meu quarto na noite anterior. Dava para notar pelo jeito como manteve o olhar baixo, como se estivesse se concentrando em contar o número exato de vezes que ela girou freneticamente em direção horária o batedor na tigela com massa de panquecas.

Então, facilitei as coisas para ela. Usei a bermuda que tia Dahlia tinha

comprado para mim, calcei meias limpas e vesti uma camiseta branca sem estampa, que era para ela não precisar ficar olhando para aquela palavra que deixava as pessoas tão desconfortáveis. Quando ela finalmente ousou dar uma olhada furtiva para o meu lado durante seus afazeres e viu como eu estava, quase deu para sentir a onda de alívio que correu por ali, como se fosse uma daquelas marolas maiores que se formavam além do extremo acidentado do cais de pedra, elevando meu espírito e fazendo eu me esquecer da noite horrível que acabara de ter, sem conseguir dormir na minha cama lá em cima.

– Emily! – ela gritou com voz profunda pela extensão da casa. – Seu amigo está pronto para o café!

Alguma coisa no modo como a senhora Lohman falou aquilo me deixou com um nó na garganta.

Eu queria abraçá-la.

Mas não abracei.

Emily desceu as escadas de chinelos, vestindo um pijama amarelo estampado de coelhos. Parecia tão macia e aconchegante. Eu me perguntei como é que seria dormir junto com ela, quero dizer realmente dormir, não qualquer coisa mais. Mas só de pensar aquilo já imaginei como seriam as outras coisas também.

Olhei para minhas mãos na mesa. Eu não estava me sentindo muito bem. Tudo estava diferente.

Antes que eu tomasse conhecimento, Emily veio até onde eu estava sentado, pôs as mãos dos dois lados do meu rosto e o levantou.

As pessoas não costumavam tocar em mim.

Mas dava para suportar quando Emily o fazia.

– Você está com uma cara horrível – ela disse. – Como um guaxinim. Olha para seus olhos!

E eu me perguntei como é que alguém poderia olhar para os próprios olhos.

– Deixe-me ver – disse a senhora Lohman.

O pai de Emily deixou o jornal de lado e se inclinou na minha direção de um jeito que ficamos cara a cara.

– Você está meio abatido do pescoço para cima, filho.

– É que eu não dormi muito a noite passada – eu disse.

Então a senhora Lohman me pegou pela cabeça, olhou bem direto nos meus olhos e pôs a palma da mão na minha testa. Seus olhos se encheram de preocupação.

– Pobrezinho.

O modo como ela falou aquilo não foi só querendo dizer “Estou preocupada com que você não esteja se sentindo bem”. Foi mais como “Seus pais estão se separando. Você não tem mais família. Você nasceu errado. Tem alguma coisa faltando. E, a propósito, pode ser que você esteja resfriado também”.

– Você está quente – ela disse. – Pobrezinho.

Àquela altura, eu já estava farto de ser alvo de pena e de tantos toques. Dei um suspiro. Queria estar lá com a tia Dahlia na praia.

– Precisamos pôr você de volta na cama.

Senti o cheiro de panquecas queimando. Queria que aquilo fosse na minha própria casa.

A senhora Lohman pôs a mão no meu ombro e afastou minha cadeira para que eu pudesse ficar em pé. Acho que eu estava mesmo me sentindo meio tonto e com frio, mas também não tinha dormido nada, e minha cabeça ainda estava

tomada por todo aquele barulho horrível.

– Ah, é uma pena, Palito – disse o senhor Lohman. – Hoje, planejava levar você e a Emily para o cais para pescarmos um pouco.

Ele pareceu sinceramente desapontado. Era esquisito. Digo, ter pessoas preocupadas com como eu me sentia.

O senhor Lohman tinha uma lojinha perto do cais que vendia equipamento de pesca e lanches, e ele gostava de nos levar para pescar em seu barquinho.

– Talvez você se sinta mais disposto amanhã – ele disse.

Eu concordei, e a senhora Lohman começou a me conduzir para fora da cozinha, em direção à escada.

– Fred, desliga aquilo, por favor – ela disse, apontando para a chapa quente.

Emily passou na nossa frente enquanto subíamos a escada e abriu a porta do meu quarto. Eu já tinha arrumado a cama e, quando a mãe dela viu, deu um muxoxo meio desapontado do fundo da garganta. Mas aquela também era uma regra da minha casa. Não podíamos sair do quarto de manhã sem antes arrumar nossa cama. E pôr a camisa para dentro.

Emily puxou as cobertas da cama e ficou lá do lado, assistindo enquanto sua mãe me levava pelo piso perfeitamente limpo onde ela tinha derramado o leite na noite anterior.

– E você saia do quarto enquanto o rapaz deita na cama – instruiu a senhora Lohman.

Enquanto se dirigia para o corredor, antes de virar de costas para a porta, Emily me deu um olhar sarcástico de quem dizia que nada daquilo importava, no fim das contas.

Emily.

Tirei a bermuda e quase desabei sobre o lençol. Então a senhora Lohman descalçou cuidadosamente minhas meias e ajustou as cobertas em cima de mim. Passou a mão pela minha testa de novo e soltou um leve e solidário murmúrio que dizia “Ah, assim...”.

Com um movimento das mãos, ela estalou minha bermuda no ar, deixando-a retinha e macia de novo, e a dobrou em volta das minhas meias.

– Vou trazer alguma coisa para você comer, querido. Agora, por que não tira essa camiseta? Você deve estar derretendo de calor.

Me sentei na cama.

Emily voltou ao quarto no momento em que eu puxava a camiseta pela cabeça. Então a senhora Lohman disse:

– Acho que é melhor ligar para...

Quem? Para quem ela iria ligar? Minha mãe tinha ido embora e... meu pai? Ele simplesmente não era a pessoa a se chamar nesse tipo de situação.

– Não! – eu disse. Deixei minha camiseta cair no chão. Ela já estava até um pouco úmida e a senhora Lohman, me olhando com preocupação e condolência, a apanhou no mesmo instante.

– Vou lavar isso.

– Por favor, não precisa ligar para ninguém, senhora Lohman. Por favor. Eu vou ficar bem.

Ela puxou as cobertas até meus ombros e eu me deitei nos travesseiros.

– Vou trazer algo para você comer, meu anjo.

O modo como ela olhou para mim fez eu me sentir horrível, como se eu fosse chorar ou algo assim. Enquanto nos deixava sozinhos lá, a senhora Lohman ainda disse:

- Acho que podemos esperar e ver como você fica à tarde.
– Obrigado.

Emily puxou uma cadeira e se sentou bem perto do meu rosto. Tão perto que eu podia sentir o perfume de seus cabelos.

- Você não vai querer tomar café? – perguntei.
- Vou comer aqui em cima. Com você.
- Me desculpa por isso, Emi.
- Não seja bobo.
- Eu não estava triste até ontem à noite. Acho que estou sendo bobo mesmo.
- Bom, então pode parar.
- Tudo bem.

Ela penteou meu cabelo com os dedos. Nunca havia feito aquilo antes, não daquele jeito. Eu fechei os olhos.

- Queria que eu pudesse fazer você se sentir melhor.
– Você já está fazendo.
– Vai ficar tudo bem.
– Emi?
– O quê?
– Nada...
– O que você ia dizer?
– Hã... Você vai com seu pai até o cais hoje?

Ela riu.

- Não era isso que você ia dizer, Stark McClellan.
- Agora eu gosto disso...
- De quê?
- De quando você fala meu nome.

– Bem, é seu nome. E seu nome sempre foi seu nome. E não, eu vou ficar aqui com você. Estava com saudades.

- Estava com saudades de você também, Emi.

A senhora Lohman apareceu na porta carregando uma bandeja com panquecas, suco e leite.

- Só não deixe cair – brinquei.

A senhora Lohman sorriu. Mas dava para notar que ela ainda estava preocupada comigo, e também com meus pais.

- Eu nunca tomei café na cama – eu disse.

– Bem, espero que isso te ajude a se sentir melhor, querido. É só dizer para a Emily se você precisar de qualquer coisa.

Emily saiu do caminho quando a senhora Lohman pôs a bandeja sobre minhas pernas, dizendo:

- Volto já, Stark McClellan. Vou pegar um pouco para mim.

E então correu do quarto.

- Isso é novidade? – perguntou a senhora Lohman.
– Hein?

- Ela te chamar de “Stark McClellan”.

- Ah – dei de ombros e enchi a boca de panqueca. – Ela só está brincando.

E eu não melhorei.

Emily ficou sentada lá comigo o dia todo, como disse que faria.

Acordei suando muito no começo da tarde, enquanto a senhora Lohman estava lá embaixo falando com meu pai ao telefone. Nem importava o que eles

conversaram. Só de saber que aquilo estava acontecendo já comecei a me sentir pior.

Emily enxugou minha testa com um pano frio e úmido. A sensação foi como a do nosso banho juntos.

– Está se sentindo um pouco melhor? – ela sussurrou.

Balancei a cabeça. Empurrei as cobertas completamente para longe. Eu estava ensopado de suor, mas imediatamente comecei a tremer com um frio intenso e súbito.

– O que você está fazendo? – disse Emily com ar irritado. Ficou em pé e pegou minhas cobertas para puxá-las de volta sobre os meus ossos que batiam.

Peguei a mão dela e a interrompi. Abri sua palma e a encostei sobre meu peito, observando sua reação. Eu não sei ao certo o que estava pensando. Estava muito doente e febril, e só queria a mão fria de Emily me tocando. E queria que todo aquele barulho na minha cabeça desaparecesse.

Emily esperou. Ela não recuou. Manteve a mão no meu peito. Pude sentir na mão dela as batidas do meu coração.

– Minha mãe está vindo.

Ela separou o lençol que estava embolado e amarfanhado em meio à roupa de cama e o estendeu sobre mim.

– Tudo bem? – ela disse.

Fechi meus olhos e concordei.

A senhora Lohman entrou pela porta.

– Ele acordou – disse Emily. – Estava bem quente.

Pude ouvir a mãe de Emily se sentando na cadeira ao meu lado. Ela então passou o pano frio sobre minha testa. Abri os olhos.

– Seu pai disse que eu devo ligar para ele de novo se achar que você precisa ir ao médico.

– A senhora acha que eu preciso ir ao médico?

– Não, Palito.

Fiquei daquele jeito até a quinta-feira. Então a febre cedeu.

A senhora Lohman não voltou a ligar para o meu pai, mas eu infelizmente teria de voltar para casa no sábado. Tinha feito as contas.

Eu estava fedendo. Precisava de um banho.

– Eu também queria, mas não podemos – Emily sussurrou. –

Quería lavar seu cabelo. Mas...

– Eu sei. Diz para sua mãe que eu acho que consigo levantar agora.

– Não, eu vou lá preparar o banho para você.

– Obrigado.

Ela ficou dentro do banheiro me assistindo enquanto eu sofregamente descia dentro da banheira.

Desta vez, acho que ambos sentimos como se estivéssemos roubando alguma coisa. A senhora Lohman estava na cozinha. Não dissemos nada.

Emily veio e se sentou na beirada da banheira. Encheu o potinho com água morna e derramou sobre a minha cabeça. E ela ia esfregando os dedos no couro cabeludo, e de novo e de novo. Então veio o friozinho do xampu, mais água e o pano que ela usou para esfregar o sabonete na minha nuca, ombros e peito.

Eu poderia ter dormido ali. Tudo estava muito quieto e perfeito. Era como não estar vivo e não estar morto ao mesmo tempo. Emily então se inclinou e

sussurrou no meu ouvido:

– É melhor eu ir.

Eu assenti. Mantive meus olhos baixos, observando os gruminhos de espuma que giravam sobre a água. Me perguntei como estariam as ondas lá na praia.

Ela chegou os lábios perto da minha orelha.

– E você, seu pateta, esqueceu de trazer roupas para vestir depois. Vou pegar alguma coisa para você.

– Tá certo.

Então, Emily fez uma coisa. Foi como um milagre. Ela me deu um beijo por trás do pescoço.

Não foi como o beijo de Kim. Foi uma coisa maior, uma coisa pura que, ao mesmo tempo, não tinha nada de mais, mas também continha mais palavras do que eu conseguiria aprisionar na minha cabeça. Fechei os olhos.

Ela disse:

– Agora, eu quero que você fique bom.

Então a ouvi sair pela porta.

Ficamos sentados no andar de baixo o resto da tarde com a senhora Lohman, jogando Banco Imobiliário e bebendo chá quente com mel e limão. Eu queria desesperadamente ir lá fora, mas a mãe de Emily insistentemente teimou que eu não deveria. Mais que tudo, eu queria ficar a sós em algum lugar com Emily. Mas o fato de eu me sentir melhor também me trouxe à mente tia Dahlia e Bosten, e também uma contagem de tempo entre o então e o agora, entre o primeiro momento e o que viria depois, e aquilo fez eu me sentir tão pequeno, como se eu fosse uma pluma boiando no mar.

Na manhã de sexta, depois do café, Emily e eu saímos de casa e fomos andar no bosque, ao longo da costa do estreito até o cais. A senhora Lohman finalmente me deu permissão para ir lá fora, mas deu instruções claras de que ligaria para o pai de Emily na lojinha em uma hora para ter certeza de que eu estava vivo.

Era um dia perfeito de primavera, frio e límpido, e dava para ver a vastidão escura e reta do mar pelas frestas entre os pinheiros e os cornisos. Pensei se poderia tocar a água e assim sentir algum tipo de ligação com Evan e Kim, e também com tia Dahlia.

E eu estava finalmente sozinho com Emily.

Quando chegamos perto de uma parte mais estreita da costa, pude ver o extremo do cais e as pessoas se escorando em sua grade, pescando com seus casacos coloridos.

– Ei – eu disse.

E peguei a mão dela.

– O quê?

– Nada. Eu só queria pegar na sua mão.

– Ah. Tudo bem.

– E dizer obrigado, também.

Emily deu de ombros e sorriu.

– Por nada.

– Eu gosto de você.

– Dã! É claro...

Ah, Emily. Por que ela tinha de ser sempre daquele jeito?

– Mas eu acho que a gente não deveria mais tomar banho juntos.

– Oh. Tá certo. Mas por quê?

Engoli em seco.

– Porque tudo está diferente agora.

– Você diz, como com seu pai e sua mãe?

– Não. Não tem nada a ver com eles.

Paramos de andar. Pude ver o telhado da loja do senhor Lohman na ponta do cais.

– Sou eu. Tudo está diferente, Emi. Eu tenho medo de que possa acontecer alguma coisa.

– Eu juro que às vezes não te entendo.

Ela soltou minha mão e desceu pelas pedras da costa. A maré estava baixa.

Fiquei em pé no alto olhando para ela.

– Por que é que tudo sempre parece sem importância para você, Emily?

Ela pôs a mão sobre a testa para poder me ver com o sol bem atrás de mim.

– E por que é que você sempre tem de deixar as coisas maiores do que elas são, Palito?

Aquilo me deixou com raiva. Com tanta raiva, na verdade, que eu nem quis responder. Mas as palavras ficaram na minha cabeça. Senti como se pudesse explodir.

Eu queria ir para casa.

Me virei e andei para longe dela.

Como ela podia dizer uma coisa daquelas?

Será que ela não enxergava como eu era?

Tudo tinha mudado.

Tudo tinha tomado uma dimensão maior.

Tudo era feio.

E eu só estava procurando por alguma coisa que importasse.

– Ei! Ei? Aonde você acha que está indo? Você não pode simplesmente se virar e ir embora!

– Por que não?

Eu nem queria ouvir mais nada. Emily escalou de volta atrás de mim, mas eu já estava de volta ao bosque, andando rápido. Andando para longe dela.

– Ei! Me desculpa se eu disse alguma coisa errada, Palito.

Eu continuei em frente. Quando estava perto o suficiente para pôr a mão em mim, ela disse:

– Stark McClellan, pare agora!

Me virei e olhei para ela.

– Eu quero ir para casa – minha voz estava embargada de frustração. – Eu quero ver o Bosten.

– Oh...

Foi exatamente nesse momento que eu a agarrei e juntei minha boca à dela. E a beijei de forma perfeita, justamente do jeito que eu vinha querendo fazer havia muito tempo.

De princípio, acho que isso a surpreendeu. Mas eu continuei beijando e beijando, afagando sua nuca perfeita com minha mão, abrindo minha boca, provando seu hálito enquanto eu deslizava a mão para dentro de seu suéter e apertava a maciez de suas costas para que nossos corpos ficassem tão juntos quanto conseguissem.

Quando eu parei e olhei nos olhos dela, eles estavam escancarados. Dava para

dizer que algo tinha mudado nela. Ela ficou séria de repente, como se eu a tivesse assustado. Ela disse:

– Oh...

– É. “Oh...”

– Eu... Hã... É... Stark...

– Eu sei.

– Quer fazer isso de novo?

E eu tentei parecer tão Emily quanto pude:

– É. Talvez a gente possa fazer. Um dia desses.

Então me virei e comecei a ir de volta para a costa e o cais. Simples assim.

– Você está brincando comigo? – Emily veio correndo atrás de mim.

– Está brincando, não está? Não está?

– Não precisa deixar as coisas maiores do que elas são.

Ela agarrou minha camiseta e me virou.

– Stark McClellan!

Então eu a beijei de novo. E era por isso que a gente não podia mais tomar banho juntos. Pelo menos durante um tempo.

Minha mãe ligou para os Lohman aquela noite, depois do jantar.

Ela queria falar comigo.

Fiquei com medo.

Segurei o telefone por um momento e olhei para Emily e para seus pais.

Queria que eles sássem dali, mas, se sássem, eu tinha medo de que fosse desligar sem nem dizer “alô”. Era como se eu pudesse sentir o cheiro do cigarro vindo do bocal do telefone.

– Palito?

– Alô?

– Como você está, meu bem? A senhora Lohman disse que você estava doente.

– Eu... hã... estou bem, mãe.

– Não roa as unhas. Você pega todo tipo de coisa se roer as unhas. Por causa da sujeira, você sabe.

– Pode deixar, não estou fazendo isso, mãe.

– E então, como estava a Califórnia? E nem me diga que você não gostou. Eu já conversei com Bosten.

– Ah. Mãe?

– O quê?

– Quando é que você volta para casa?

Olhei para a senhora Lohman quando disse isso. Parecia que ela ia chorar. Eu não queria deixá-la triste.

– Eu vou te levar para fazer compras no sábado que vem. Pelo seu aniversário. Eu ia fazer 14 anos na quinta-feira. E isso não importava em nada para mim.

– Ah...

– Talvez possamos ir os três. O aniversário de Bosten também está próximo.

O aniversário de Bosten só seria dali a quatro meses.

– Ah...

– Eu te pegoi ao meio-dia. Podemos ir a Bremerton, se você quiser.

Não consegui dormir.

Tudo o que fiz foi ficar deitado lá, pensando em voltar para casa de manhã. Imaginei que Bosten poderia entrar no meu quarto a qualquer momento e dizer

algo como “Ei, Palitoso, levanta daí e vamos explodir alguma coisa”. Mas isso não aconteceu.

Mais que tudo, eu estava com medo de ver meu pai de novo.
Mas era assim que as coisas seriam dali em diante.

Devia ser meia-noite. A televisão lá embaixo já tinha se calado havia muito tempo, e a casa estava completamente escura. Ouvi um dedo batendo na minha porta. Achei que Emily de alguma forma sabia o que eu estava pensando.

Ela sempre sabia. Ela entrou e se sentou na cadeira ao meu lado. Acho que só ficamos olhando um para o outro. Pareceu uma eternidade inteira embolada em um minuto.

Ela então se deitou ao meu lado na cama, deslizando sob as cobertas e me deu um abraço. Foi apertado e bem firme, e aquilo me fez acreditar que nada no universo poderia ficar entre mim e Emily Lohman. Meu coração pulava enquanto nos abraçávamos. Senti meu pênis ficar junto dela, separado apenas pela fina camada de algodão da minha cueca, e aquilo me deixou apreensivo e excitado ao mesmo tempo.

Emily pôs o rosto perto do meu no travesseiro e sussurrou bem levemente:

– Só quero que você saiba que eu fico muito triste com toda essa situação, Stark. Só quero que você saiba que eu sempre estarei aqui para você.

Então ela se levantou e saiu.

Simples assim.

A primeira coisa que meu pai falou quando o pai de Emily me deixou em casa foi:

– Imagino que você tenha de lavar algumas peças de roupa para recomeçar na escola na segunda-feira.

Ele ficou lá fora conversando com o senhor Lohman enquanto eu carregava minha mala casa adentro e pela escada até o porão. Emily ficou esperando no carro. Tentei não ver nossa despedida silenciosa como um problema.

Havia coisas que eu achava que precisavam ser ditas, mas nós não chegamos a abordá-las. Além disso, todas as palavras estavam presas na minha cabeça, de qualquer jeito.

Prometemos um ao outro nos encontrar no dia seguinte, o último de nosso feriado. Pensei que então eu, talvez, pudesse contar as coisas para ela. Parecia que eu havia ficado fora por muito tempo, mas, no momento em que pus o pé na porta e senti o cheiro da minha casa, todo o tempo e a distância se quebraram como vidro sob um golpe de martelo.

Dei uma olhada para ver se Bosten já estava em casa também. Não estava. Como de costume, ele tinha sido esperto e feito seus arranjos.

Tentei me manter ocupado e me fazer tão invisível quanto pudesse. Desfiz minha mala. O traje de surfe que Evan havia me dado estava pendurado na borda da minha janelinha, para que eu pudesse admirá-lo. Ainda tinha o cheiro do mar.

Escondi minha camiseta Sex Wax bem no fundo da minha gaveta de meias. Acho que nunca na vida meu pai tinha bisbilhotado minhas coisas, mas eu poderia estar enganado.

O caso é que tudo era diferente agora.

O pacote de parafina deixei debaixo do meu travesseiro, para que eu pudesse sentir o cheiro quando fosse dormir. Era como se eu tivesse total controle do meu mundo quando estava dentro do meu quarto. Mas acreditar nisso era bobagem.

Meu pai desceu as escadas enquanto eu estava pondo as roupas na máquina de lavar. Ficou em pé no último degrau, fumando e olhando para mim. Tive de me concentrar no que estava fazendo. Ele me deixou preocupado, pois eu esperava que ele fosse me dizer que eu estava fazendo alguma besteira, e aí me diria o quanto eu era burro.

– Quando seu irmão chegar, nós três vamos sentar e ter uma conversa.

– Ah. Tudo bem.

– As coisas serão diferentes de agora em diante. Temos de pensar em novas regras. Vocês dois terão de dar conta de mais coisas na casa.

– Sim, senhor.

Ele ficou me observando por mais alguns minutos. Quando seu cigarro queimou até o filtro, ele voltou lá para cima.

No começo da noite, logo antes de escurecer, meu pai foi até a casinha do poço

artesiano com a caixa de ferramentas, proferindo xingamentos. A ponta acesa de seu cigarro se movia para um lado e para o outro a cada “maldito isso e aquilo” e “merda” que seus lábios murmuravam.

Fiquei muito aliviado quando vi o Trans Am da senhora Buckley vindo pela rodovia e entrando pelo caminho de casa. Calcei rápido os sapatos e corri pelos degraus da antessala para recebê-los.

Tão logo Bosten e a senhora Buckley saíram do carro, percebi que algo estava errado. Ambos me viram – não tinham como não ver –, mas nenhum dos dois fez menção de me cumprimentar. E Paul não estava junto. Eram só os dois.

– Ei! – eu disse, me aproximando do carro.

A senhora Buckley abriu o porta-malas para Bosten e ele pesarosamente levantou sua mala e veio andando na minha direção.

Algo definitivamente estava errado. Bosten parecia assustado e adoentado.

– Ei, Palito – ele disse ao passar por mim, arrastando sua mala pelos degraus da antessala.

– O que...?

– Onde está seu pai, Stark? – a senhora Buckley não parecia ela mesma quando perguntou. Aquilo me deu um certo medo.

– Está consertando a bomba do poço. Tem algumacoisa errada?

Ela não respondeu. Se virou e foi andando na direção do poço pelo caminho aberto no morro. Pensei que deveria ir com ela por uma questão de educação, mas parei depois de dar um passo e fui atrás de Bosten dentro de casa.

Ele tinha deixado a mala e os sapatos na antessala. O ouvi indo pelas escadas até o porão. Deixei meus sapatos para trás e fui atrás dele.

– Bosten?

Ele não disse nada. Entrou no meu quarto e se sentou pesadamente em minha cama, encarando o chão por entre os joelhos.

– Qual o problema?

– Estou enrascado. Bastante.

– O que aconteceu?

Bosten olhou para mim. Eu já sabia o que ele ia dizer. Ele respirou fundo e começou:

– Ela...

– Você e Buck?

Ele assentiu.

– Ela deu um escândalo. Nós achamos que não tinha ninguém em casa. Ela nos pegou juntos.

– Ai...

– A princípio, não aconteceu nada. Ficou tudo silencioso e com um clima pesado, como se uma bomba tivesse explodido. Nós ficamos parados lá feito bobos e envergonhados.

– E o que ela fez?

– Começou a gritar e a chorar logo depois. Ligou para o pai de Paul no campo de golfe e o fez correr para casa. Então começou a bater no Paul e a quebrar coisas. Disse que iria chamar a polícia e mandar nos prender, que o que ela nos viu fazendo era contra as leis de Washington e de Deus, e que nós dois deveríamos ir para a cadeia. Ela enlouqueceu. E então me mandou sumir da casa dela.

– E o que você vai fazer?

– Papai vai me matar.

– Precisamos ir, Bosten. Vamos sair daqui antes que ele chegue.
– Para onde nós podemos ir?
– Sei lá. Vamos para os Lohman. Eles vão saber o que fazer. A gente deveria ir para lá pelo menos até as coisas se acalmarem.

Foi quando a porta da frente bateu violentamente e pudemos ouvir – até sentir – a vibração das passadas de meu pai lá em cima, entrando em casa feito uma tempestade, derrubando as coisas e berrando para meu irmão sair de onde estivesse.

– Bosten!

– Vamos logo – sussurrei.

Mas Bosten só ficou sentado lá, paralisado.

Meu pai já estava nas escadas e descendo.

– Bosten!

As luzes do porão se acenderam.

E lá estava ele, na minha porta, transbordando de raiva.

Fiquei com tanto medo que senti minha garganta se fechar. Meu pai veio até a cama, agarrou Bosten pelo colarinho e o arremessou pela porta.

– Eu já deveria saber que você era assim. Saia logo daqui! Suma lá para cima, sua bichinha de merda!

Meu pai tentou chutá-lo, mas Bosten estava longe demais. Então foi atrás dele e tentou agarrá-lo pelas costas da camisa, mas Bosten jogou as mãos dele para o lado.

– Me deixa em paz! Você nunca mais vai encostar em mim de novo!

Bosten tropeçou para fora do quarto e meu pai foi atrás dele.

Me levantei e comecei a ir junto, mas meu pai se virou de uma vez com a mão fechada e disse:

– Você não se mova! Se sair da porra deste quarto, eu quebro seu pescoço!

E bateu a porta quando saiu.

Tudo o que eu podia fazer era ficar sentado lá e ouvir o que se passava no andar de cima. Empilhei coisas atrás da porta. Não queria que ele voltasse atrás de mim. O que mais eu poderia fazer? Era pior do que qualquer coisa que eu tivesse imaginado. Mas era assim que as coisas eram na nossa casa. Elas não iam acontecendo. Sempre se mantinham daquele jeito.

Subi na minha cama totalmente vestido e deixei as luzes acesas. Apertei meu ouvido contra o cano. O retângulozinho em cima de mim era agora só um espelho escuro para a noite lá fora.

Os primeiros sons
foram de coisas se quebrando.

Coisas grandes.

Coisas que ninguém jamais iria consertar.

Souo como se a própria casa
estivesse se desfazendo.

Ouvi algumas palavras.

Maldito

Bicha

Anormal

Depois das palavras, mais coisas se quebraram. Mas eu nunca tive tanto medo na vida quanto no momento em que um grande silêncio bateu e permaneceu.

Tudo perfeitamente silencioso. Até que o cinza da manhã começou a aparecer do outro lado da minha janelinha.

Até aquele dia, eu nunca tinha ficado no meu quarto até as 10 da manhã.

Era domingo.

Mas eu tinha de sair. Tinha de ver se Bosten estava bem.

Na noite anterior, eu tinha escorado uma cadeira na maçaneta da porta e a pressionado com uma cômoda para garantir. Meu pai não veio ao quarto durante aquela noite. Mesmo depois de ter afastado a barricada, ainda esperei com a orelha contra a porta de madeira por muitos minutos.

Me imaginei em um daqueles filmes de ficção científica em que o mundo inteiro era destruído e eu era o único sobrevivente que tinha ficado escondido em uma câmara subterrânea. Fui ver se havia algum som vindo do cano. Até escalei para ver pela janela o quintal todo até a entrada e a trilhazinha até o poço onde eu tinha visto por último a senhora Buckley na noite anterior.

Nada.

Abri minha porta e me esgueirei escada acima até a casa.

Era como se tudo tivesse sido virado do avesso. A poltrona do meu pai estava caída de costas, como se alguém fosse se sentar nela para ficar observando o teto. Tudo o que uma vez estivera pendurado e emoldurado estava agora derrubado ou quebrado. Havia buracos do tamanho certo de uma mão na parede, como órbitas oculares vazias; e eu tinha de ter cuidado ao andar, mesmo na ponta dos pés, porque havia cacos de vidro para todo lado.

A única coisa que não estava tombada era a estreita mesa onde o cinzeiro de meu pai ainda se encontrava perfeitamente centralizado e cheio. Mas não havia som algum.

Andei bem de leve pelo corredor que dava para a escada que ia para o quarto de meus pais. O quarto de São Fillan estava aberto, vazio. Intocado.

Fui até o quarto de Bosten. Sua porta estava fechada. Esperei no corredor um pouco, mas não consegui ouvir nada vindo lá de dentro, então cuidadosamente abri a porta do quarto do meu irmão. Também estava vazio.

Tudo lá dentro estava perfeitamente arrumado.

Finalmente, reuni a coragem necessária e praticamente flutuei, silenciosamente, até o quarto de meus pais. Mantive os pés bem próximos das paredes laterais enquanto subia, para que as tábuas da escada não rangessem.

A porta estava aberta. Vi meu pai lá dentro enrolado nas cobertas, dormindo. Ele deve ter sentido que eu o estava observando. Imediatamente rolou na cama e se sentou. Ele ainda estava totalmente vestido. Só ficou olhando para mim. Nenhum dos dois falou nada por um tempo interminável.

– O que você quer?

– Cadê o Bosten?

Meu pai se deitou de novo.

– Foi embora. Quem sabe? Talvez ele esteja com o amigo bicha.

Voltei para o meu quarto lá embaixo.

Eu estava sozinho na casa agora.

Bosten tinha ido embora.

POR ULTIMO:

Bosten

Os dois carros estavam nos mesmos lugares já gastos onde sempre ficavam. Pingava água dos para-choques e dos para-lamas nos locais em que o orvalho se juntou e escorreu durante a noite.

Tudo parecia igual visto de fora.

Mas as coisas estavam diferentes.

Tentei bolar um plano, mas era como estar em uma estrada que não apenas se bifurcava, mas se dividia e se contorcia como as cobras na cabeça de Medusa. E todas as escolhas distorcidas à minha frente eram aterrorizantes. Não importava no que Bosten acreditava, eu sabia que não era corajoso o suficiente.

Senti como se meu pai estivesse vigiando da janela lá de cima, então não me virei nenhuma vez. Nem fiz menção. Segui a trilha da entrada até a rodovia e a atravessei. Me abaixei sob o arame farpado que cercava o pasto na propriedade dos Lohman.

Depois que já tinha me espremido por entre os fios da cerca, só fiquei lá em pé esperando alguma coisa – qualquer coisa que fosse – acontecer do outro lado da estrada, com as caixas de correio tortas, a rampa que levava até minha casa, que estava agora obscurecida por uma carreira de pinheiros.

Eu gritei.

Gritei tão alto quanto pude. Senti como se a carne da minha garganta fosse rasgar. E foi a mesma palavra de novo e de novo, para que ela se propagasse adiante e também ficasse na minha cabeça para sempre.

Bosten.

Bosten.

Bosten.

Eu não cheguei a ir à casa deles.

Emily veio me procurar porque eu tinha faltado ao café da manhã, depois de ter prometido estar lá. Era quase meio-dia quando ela me encontrou. Eu ainda estava em pé ao lado da cerca de arame farpado, olhando para a estrada e esperando meu irmão aparecer.

– Stark McClellan.

Foi como se ela tivesse me acordado. Emily parou em meio à grama atrás de mim, com as mãos nos quadris. Acho que ela já estava me observando havia algum tempo.

– Aconteceu uma coisa.

– O quê?

– Bosten foi embora.

– O que você quer dizer com “foi embora”? Para onde?

Foi a primeira vez que eu de fato pensei nisso. Digo, não dava para tirar da minha cabeça que meu irmão tinha ido embora, mas pensar em para onde ele teria ido fazia as coisas ficarem ainda mais incertas, e mais assustadoras também.

Dei outra olhada para a estrada. Emily se aproximou e pôs a mão no meu ombro, mas era quase como se eu nem conseguisse sentir mais.

- Você precisa me contar o que aconteceu, Palito.
- Eu sei.

Contei tudo a Emily.

Tentei ser forte.

Primeiro, contei a respeito de Bosten e Paul Buckley. Fiquei observando os olhos dela para ver se ela daria algum sinal de achar que Bosten era doente ou mau ou algo assim, ou mesmo se ela olharia para mim e se perguntaria se eu também era gay. Talvez ela tenha até pensado isso, mesmo. Afinal, nós já tínhamos tomado banho juntos. Ela já tinha me visto nu mais de uma vez, e sei que ela sentiu quando eu me encostei nela enquanto estávamos deitados na cama e nos abraçamos. Além disso, eu nunca tinha tentado nada além daqueles beijos de língua dois dias antes, e os beijos nem tinham mesmo a ver com sexo, eram outra coisa.

Eu sei disso agora.

Então, contei a ela a respeito de meu pai e de como ele nos batia quase toda semana. Contei sobre o quarto de São Fillan. E contei também sobre aquela vez em que meu pai chegou em casa bêbado e me encontrou lá no quatinho, em como ele pensou que eu era Bosten e começou a me agarrar. A me tocar.

Emily só observou enquanto eu narrava. Ela não disse nada, só manteve os olhos em mim, como se quisesse me dar a certeza de que estava tudo bem eu dizer o que quer que eu tivesse a dizer. Comecei a me sentir como se estivesse deixando sair todo aquele veneno de uma vez por todas. Como se todas as palavras pudessem finalmente sair da minha cabeça.

- Então, não tenho certeza, mas acho mesmo que meu pai vem fazendo coisas muito ruins com o Bosten. Muito piores do que só nos espancar uma vez ou outra. Bosten começou a me contar isso uma vez, mas eu não quis ouvir.

Pensei naquela noite em que fugimos e fomos de carro para Bremerton e comemos hambúrgueres no café chamado Nico.

Eu nem tinha percebido até a hora em que falei a respeito do problema entre meu pai e Bosten, mas Emily tinha começado a chorar.

- Por favor, não chora, Emi.

Levantei minhas mãos e limpei seu rosto com os polegares. Então nos abraçamos e ficamos em pé juntos ao lado da cerca. Dois carros passaram pela estrada.

Não dissemos nada. Só nos abraçamos.

- Eu... hã... Eu te amo, Emily. Sabia? - eu não tive vergonha ou medo de dizer. - Então, por favor, não chora, tá?

- Claro que eu sei que você me ama. Você acha que eu sou burra?

- Não acho, não.

- Bom, eu te amo também, Stark McClellan.

- Eu sei.

Então eu disse:

- Quer tentar montar nas suas vacas bestas?

Por alguma razão, Emily começou a chorar com mais vontade quando eu disse aquilo. Eu não consegui entender. Mas então, de uma hora para a outra, tudo ficou mais importante para ela. De uma hora para a outra, eu acho.

Andamos pelo bosque até a praia. Emily e eu nos sentamos de mãos dadas na areia, perto do mesmo lugar onde tínhamos dado nosso primeiro beijo.

– Se ele não voltar, eu vou ter de fazer alguma coisa – eu disse. – Não posso viver lá sozinho.

– E o que você vai fazer?

– Se Bosten não voltar para casa até terça-feira, eu vou sair para procurá-lo.

– Para onde ele iria?

– Acho que eu sei.

– Bom, então eu vou com você.

– E aí vamos ficar os dois enrascados. Não quero que seu pai e sua mãe fiquem com raiva de mim.

– Então eu vou pedir para eles me deixarem ir.

Emily era sempre daquele jeito.

– Não. Por favor, não diga nada.

– Talvez você devesse ligar para o Paul da minha casa.

Pensei em como a senhora Buckley estava da última vez em que a vi; em como Bosten contou que ela tinha falado para ele “sumir da casa dela”.

– Talvez eu devesse tentar isso.

Mas eu já estava fazendo meus planos. Tinha de decidir qual dos caminhos seguir se Bosten não voltasse. Eu ainda estava com a carteira e a habilitação dele dentro da mala embaixo da minha cama, desde aquela vez em que ele me fez ir dirigindo até o restaurante de comida mexicana com Evan e Kim. E já tínhamos pagado ao senhor Lohman os 99 centavos que ele nos cobrou na lojinha para fazer uma chave extra para o Toyota. Bosten também tinha aquela chave em sua carteira. Agora ela era minha.

Daria a ele mais dois dias. E aí eu teria de fazer alguma coisa. Precisava então me preparar porque já sabia, lá no fundo, que Bosten nunca mais voltaria para casa de novo.

Emily me levou para a casa dela e eu finalmente tomei coragem de ligar para a casa de Paul. Estava na cara que a mãe dele iria atender. Eu os conhecia bem o suficiente para saber que Paul não teria permissão de chegar nem perto do telefone depois do que a senhora Buckley o pegou fazendo. Ela soou fria, como se fosse alguém estranho, e me disse apenas que o filho estava “indisponível”. Aquilo me fez sentir muito mal, aquele tom em sua voz, tão cheio de mágoa e ódio.

– Senhora Buckley, eu fiz alguma coisa errada?

E fiquei esperando. Naquele momento, pensei que eu talvez tivesse mesmo feito alguma coisa errada. Porque eu sabia o que vinha acontecendo entre Bosten e Paul, mas fiquei calado. Não era mesmo algo a ser comentado. Para mim, era uma situação sem saída, em que eu não tinha como ganhar. Mas, ainda assim, eu nunca acreditei que houvesse qualquer coisa de errado no que eles faziam. Como poderia ser errado estar apaixonado por alguém que pensa o mesmo que você, que você respeita e em quem confia?

Quase dava para sentir a senhora Buckley pensando na minha simples pergunta.

– Não, você não fez nada de errado, Stark.

– Tá certo. Me desculpe se eu tiver feito.

– Não se preocupe, vai ficar tudo bem.

– Senhora Buckley, o Bosten sumiu. A senhora por acaso saberia onde ele está?

– Não.

– Se a senhora o vir, por favor, diga a ele que precisa voltar para casa?

– Tudo bem, Stark.

– E, por favor, diga ao Buck que eu mandei um “oi”.

Ela simplesmente desligou o telefone. Eu me perguntei o que ela realmente pensava a meu respeito.

Emily implorou à mãe que pedisse ao meu pai para eu ficar para o jantar. Não foi difícil, porque a senhora Lohman percebeu a urgência no pedido de Emily. Acho que ela talvez tenha pensado que tinha alguma coisa a ver com a separação de meus pais. Mas realmente não tinha nada a ver com aquilo.

Ela disse ao meu pai que me levaria de volta para casa às 7 horas, para que eu não precisasse cruzar o pasto no escuro. Mas meu pai não parecia se importar mesmo com o que quer que eu fosse fazer.

Quando voltei para casa, estava tudo escuro. O carro de meu pai não estava lá.

– Você vai ficar bem, querido? – a senhora Lohman perguntou com os dedos no meu ombro, me parando por um momento logo que eu abri a porta para sair.

– Vou ficar bem, senhora Lohman. Obrigado.

– Palito, eu me sinto tão mal por tudo isso...

Olhei para Emily com uma expressão no rosto que eu sabia que ela entenderia. Dizia algo como “Por favor, não diga nada a respeito de Bosten”. Emily fez que sim com a cabeça.

A senhora Lohman então me deu um abraço e um beijo no alto da cabeça.

– A gente se vê no ponto de ônibus, Emi.

Saí do carro e andei até a antessala. Estava sozinho.

É difícil de explicar, mas a casa cheirava a coisas quebradas. Talvez fosse a poeira da parede rachada, o ar parado, a fumaça de cigarro estagnada, o balde de lixo da cozinha que não era esvaziado havia dias. Não sei. Tudo estava com cheiro de quebrado.

Fui lá para baixo, me fechei no meu quarto e preparei minhas coisas para ir à escola na manhã do dia seguinte. Deitei na minha cama e, parado lá, olhei pela minha janelinha. Dava para ver as estrelas. Pressionei meu ouvido no cano, mas não vinha som nenhum.

Acordei depois das 2 horas da manhã. Meu pai tinha voltado. Pude ouvi-lo andando dentro da casa no piso de cima. Eu sabia exatamente o que ele estava fazendo. Foi aos dois quartos que davam para o corredor. Pelo cano, ouvi ele chamando o nome de meu irmão.

– Bosten?

Nada. Então, ouvi seus passos pesados e vagarosos subindo as escadas para o quarto.

Fiz umas torradas e saí para a escola antes que meu pai acordasse.

Emily pôde ver pela minha expressão que nada havia mudado durante a noite. Nos encontramos no ponto de ônibus, como sempre acontecia. Eu estava usando meu gorro dos Steelers pela primeira vez desde que eu o havia deixado de lado lá na casa de tia Dahlia.

Nós mal conversamos qualquer coisa durante toda a manhã. Fomos de mãos dadas no ônibus da escola, mas pude sentir o nervosismo dela como se fosse eletricidade pulsando em sua pele. Não era de modo algum o jeito normal de

Emily. Dava para dizer que ela estava fazendo as contas, que sabia que eu estava falando sério quando disse que iria atrás de Bosten se ele não voltasse até terça. E terça era dali a algumas horas apenas.

Eu já estava com tudo pronto. Levaria até roupas para meu irmão. E nossos trajes de surfe também.

Durante o recesso de Páscoa, Ricky Dostal tinha tirado os pontos, e voltou inteiro, mas com uma cicatriz, à aula de educação física do professor Lloyd. No vestiário masculino, enquanto trocávamos o uniforme para a aula, ele e Corey Barr fizeram questão de falar bobagens a meu respeito, obviamente pensando que isso iria me atizar a alguma revanche. Mas eu estava preocupado demais pensando em outras coisas.

E também, nós só tínhamos quatro minutos para vestir o uniforme. Então, o quanto de bobagem eles poderiam falar nesse tempo? Bem, no fim das contas, acabaram falando bastante.

Quando se vive em Point No Point, é impossível ter uma vida privada, mesmo que meus pais fossem bons em fazer os McClellan parecerem perfeitos e normais. Então, é claro que todo mundo na escola já sabia da separação dos meus pais. Em Point No Point, divórcios eram tão comuns quanto acordar e ver um unicórnio pastando no seu jardim.

E me perturbou um pouco que Ricky e Corey tenham tentado pegar no meu pé usando essa desculpa. O que mais me deixou irritado foi que eles, seja lá por qual motivo, enfiaram na cabeça que a separação tinha alguma importância para mim, quando na verdade aquilo importava bem menos que as outras coisas. Tentei ignorá-los, mas enquanto eu vestia meus shorts gelados de educação física, já estava pensando em qual dos dois eu iria socar primeiro, se as coisas chegassem nesse ponto.

Acho que tudo tinha mudado mesmo.

– Ah – disse o Ricky –, e todo mundo está falando do seu amigo bichinha, o Porra Fodaley, que tentou cortar os pulsos ou coisa assim. Tinha polícia e ambulância na porta da casa dele ontem à noite. E você, seu retardado, estava sabendo disso? O viadinho do Fodaley é tão burro que tentou fazer isso usando uma tesoura. Fiquei sabendo que ele quase morreu.

Aquilo me deixou paralisado.

– O quê?

– Haha! – Ricky cutucou Corey com o cotovelo. – E você nem sabia? Desculpa aí por ser o primeiro a contar, retardado. Seu namoradinho está no hospital psiquiátrico. Espero que você e o porra do seu irmão não fiquem arrasados por serem os últimos bostas neste mundo a ficar sabendo.

Corey riu.

Pelo menos eles ainda não estavam sabendo de nada sobre o sumiço de Bosten. Ainda.

E chamar Paul de bicha? Era só o jeito de todos os garotos do nono ano chamarem uns aos outros, mesmo entre amigos. Pelo que pude entender daquilo, ninguém sabia a respeito de Bosten e Paul serem gays. Eu tinha certeza de que teria ouvido muito mais se soubessem. E tinha mais certeza ainda de que o senhor e a senhora Buckley nunca diriam a ninguém a verdade sobre seu filho.

Ricky soltou um peido e enfiou a mão na saqueira para ajeitar as bolas.

Eu me sentei no banco no meio do corredor dos vestiários e fingi amarrar

meus sapatos enquanto o senhor Lloyd ficava na porta escancarada com seu caderninho azul de anotações, gritando “Vamos com isso, meninas!”, enquanto os garotos marchavam organizadamente, todos iguais, para dentro do ginásio.

Aquele dia parecia se esticar e se expandir. Os minutos se passavam como semanas no inverno. E eu não conseguia parar de pensar no pobre Paul Buckley e em como tudo deve ter parecido impossível e sem esperanças para ele, a ponto de ele tentar se matar. Eu queria poder lhe dizer alguma coisa, mas tinha a sensação de que jamais veria Buck de novo. Quanto mais eu pensava naquilo, com mais raiva ficava da senhora Buckley. Não havia nada de errado com Paul. Ele era gay, não suicida. Pelo menos não até sua mãe dar um escândalo por causa daquilo, ameaçando chamar a polícia para o próprio filho só porque ele estava apaixonado por outro garoto.

E me apavorava pensar no que Bosten estaria fazendo, especialmente se ele de alguma forma tivesse ficado sabendo de Paul. Com isso, me senti ainda mais resolvido na minha decisão de partir atrás dele.

Tentei imaginar como tinham sido as coisas entre ele e meu pai, como se eu tivesse podido ver e ouvir com clareza o que realmente tinha acontecido naquela noite em que Bosten desapareceu. Eu só podia desejar e fantasiar que meu irmão tivesse revidado contra meu pai, da mesma maneira que ele esmurrou o babaca do Ricky Dostal.

Emily se sentou no banco do corredor e eu escorei meu queixo contra a janela. Nós nos demos as mãos.

– Stark? – ela sussurrou com o rosto bem perto da minha orelha. Ainda assim, tinha tanto barulho no ônibus que eu mal pude ouvi-la.

– O quê?

– Eu queria te beijar de novo quando a gente chegar ao nosso ponto. Como a gente fez aquele dia.

– Tudo bem... Hã... Bem no acostamento da estrada? Na frente de todo mundo do ônibus?

Ela empurrou minha mão.

– Não seja bobo.

Emily riu.

– Você pode vir comigo para minha casa só um pouquinho?

– Sua mãe está lá?

– Está.

– Então eu acho que nós não vamos poder tomar banho juntos nem deitar na cama de novo.

Me senti meio culpado por meu pinto estar ficando duro enquanto eu pensava em fazer aquelas coisas; e no quanto a mão de Emily estava perto da minha braguilha.

– Aposto que meu pai não está em casa. Nós podíamos fazer alguma coisa lá em casa se você quiser.

Honestamente, eu esperava que ela dissesse que queria.

– Você sabe que é melhor a gente não fazer nada desse tipo agora.

– Eu sei.

Claro que ela tinha razão.

Tudo estava diferente, e tudo agora tinha muito mais significado para nós dois.

Nós nos beijamos no bosque perto da casa de Emily até os músculos do meu queixo começarem a doer e eu ficar todo suado e sentir tudo molhado dentro da minha cueca. O rosto de Emily estava vermelho e ela estava respirando em soluços breves, sem conseguir falar. Peguei sua mão.

– Vamos. Sua mãe vai começar a se perguntar onde você está.

– Eu te amo, Stark – ela falou com um tom triste. Eu sabia sobre o que ela estava falando.

– Eu te amo, Emily.

Mais tarde, antes que eu fosse para casa, ela correu a mão para dentro do meu bolso e deixou 60 dólares lá dentro. As pontas de seus dedos também tocaram a ponta do meu pênis e aquilo quase me fez desmaiar.

– Você vai precisar de algum dinheiro – ela disse.

– Hã...

Eu não sabia o que dizer. Emily tirou a mão do meu bolso. Ficamos em pé na varanda sob o frio vento de abril que soprava do oeste.

– E é melhor você se cuidar, Stark McClellan.

– Tá certo.

– E é melhor você voltar também.

Meu pai não estava em casa.

Coloquei as minhas coisas e as de Bosten no banco de trás do Toyota. Enquanto ia embora com o carro, fui pensando:
eu dirijo à noite,
eu faço coisas explodirem,
dou beijo de língua em meninas mais velhas
quando ninguém está olhando,
eu tomo banho e fico na cama com a Emily Lohman,
porque eu a amo,
eu a amo,
eu a amo,
e eu roubo o carro dois dias antes
de fazer 14 anos
para poder ir à Califórnia
e impedir meu irmão
de fazer alguma besteira.

No meu aniversário de 14 anos, dormi no banco de trás do carro que eu tinha roubado. Estava enrolado em um saco de dormir com a cabeça sobre as roupas do meu irmão, que ainda cheiravam a cigarro e ao desodorante de Paul.

Eu tinha estacionado em um terreno lamacento atrás de um posto de gasolina, esperando até que alguém chegasse e abrisse o lugar. Sabia que estava em algum lugar ao norte de Portland, e o Toyota tinha ficado sem combustível.

Com medo da polícia, eu me mantive longe das rodovias principais tanto quanto pude, mas tinha quase certeza de que eu tinha feito uma curva errada depois de entrar no Oregon e acabei indo mais na direção do Canadá do que da Califórnia. Arrumar um mapa provavelmente seria uma boa ideia.

Eu estava com muito medo de parar em um posto. Nunca na vida tinha parado para pôr gasolina em um carro só por minha conta, e nos últimos dois dias eu tinha me convencido de que todo mundo estaria à procura do ladrão de carros que não tinha a orelha direita.

Então, nunca tirei o gorro dos Steelers que Emily me deu.

Passei a maior parte do primeiro dia parado ao lado do rio Cowlitz, com fome e à espera de alguma coisa que nunca aconteceu. Fiquei sem gasolina na noite de quarta, por volta das 10 horas. Tive de deixar o carro em ponto morto e empurrá-lo sozinho com a janela aberta para que eu pudesse manobrar até chegar em algum lugar. Estava chovendo enquanto eu fazia isso, então joguei o gorro de Emily dentro do carro e continuei empurrando, contando os carros que iam passando por mim sem nem mesmo diminuir a velocidade. Foram onze.

Na hora em que finalmente cheguei ao posto, estava ensopado e tremendo. Tirei toda a roupa ali mesmo naquele chão de lama atrás de um maldito posto de gasolina, nos arredores de um lugar chamado Scappoose, no Oregon, em meio à escuridão e à chuva, para então poder vestir roupas secas e me acomodar no saco de dormir aquela noite.

Deixei todas as coisas molhadas no porta-malas. Não tinha comido nada desde o dia anterior. Era assim que as coisas seriam, eu decidi. Quando deu meia-noite, cantei “Parabéns” para mim mesmo.

Só havia três pessoas no mundo de que eu sentia falta: Bosten, Emily e a tia Dahlia. Então, fingi que eles estavam todos ali, cantando comigo, mesmo que aquele lugar parecesse tão ermo.

A chuva soava como um enxame de insetos tentando devorar a carcaça do carro para poder entrar. Eu estava com medo. Então, fui dormir.

Willie Purcell e uma moça chamada April, que naturalmente presumi que fosse esposa ou namorada dele, me viram por lá e me acordaram batendo no vidro do carro por volta das 9 da manhã do dia seguinte. A chuva tinha parado durante a noite. O céu estava claro e azul.

– Está tudo bem? Você está bem, amigo? – e Willie continuava batendo no vidro com uma moeda entre o polegar e o

indicador.

Quando abri os olhos, lancei um olhar atravessado para ele. O que mais alguém poderia fazer? Aquele som estava bem próximo da coisa mais irritante que eu já tinha ouvido e eu só queria que ele parasse com aquelas malditas batidas. Pelo menos eu tinha tido o bom senso de trancar as portas do carro.

Talvez Willie e April tivessem pensado que eu estava morto ou algo assim.

– Tô bem, tô bem – eu disse. – Só fiquei sem gasolina.

Me estiquei até onde pude sobre o banco do passageiro da frente, que eu tinha abaixado para poder esticar as pernas, e abri a porta do carro. Willie abriu o que faltava da porta e olhou para dentro, com um meio-sorriso, do jeito como se olha uma truta na ponta da linha de pesca.

– Então eu acho que você escolheu o melhor lugar possível para ficar sem gasolina – ele disse.

Quando olhei bem para Willie, ele me pareceu alguém doente. Era muito pálido, sua pele era da cor das teclas brancas do piano, e tinha cabelos ruivos encaracolados que desciam sobre as orelhas, com leves traços de uma barba rala que obviamente nunca tinha sido raspada sob a volta de seu queixo. Seu rosto era todo pontilhado de sardas.

Abri o zíper do meu saco de dormir e enfiei os pés nos tênis que a tia Dahlia tinha me comprado.

Foi como se eles estivessem esperando que eu fizesse alguma coisa, mas tudo o que fiz foi ficar sentado lá no banco de trás daquele Toyota roubado com os pés esticados sobre o banco da frente, bocejando. Percebi que nunca na vida tinha acordado de uma noite de sono sem estar com uma ereção, e aquela manhã não era exceção. Eu não tinha intenção nenhuma de me tocar e nem de tentar ficar escondendo aquilo ao sair do carro em frente ao Willie e à moça.

Ela teria me inspirado uma ereção de qualquer modo, só pelo jeito que estava olhando para mim. Dava para notar que não estava usando sutiã. Havia algo de que eu gostava muito no jeito como seus seios se moviam sob o tecido de algodão, tão sutilmente pesados. Eu a encarei. Ou seus seios, pelo menos.

– Ele é só um garoto – ela disse.

– O que você está fazendo aqui? – Willie soava um pouco entusiasmado demais para meu gosto.

– Estava só dormindo – eu disse. – Eu te disse. Fiquei sem gasolina ontem à noite.

Willie obviamente trabalhava ali. Não dava para imaginar ninguém mais aparecendo em um posto de gasolina de manhã, vestindo um macacão azul com um emblema da Exxon bordado no peito, a não ser que fosse um frentista. Ele chegou a mão aberta para dentro do carro para me ajudar a levantar.

– Bom, então vamos empurrar a caranga até a bomba e arrumar as coisas para você.

Puxei meu gorro dos Steelers bem para baixo, de modo que ele cobrisse aquele erro que eu tinha na cabeça. Eu estava prontinho para sumir dali.

Enquanto enchia o tanque, Willie e a moça se apresentaram. Eu me atrapalhei ao tentar fazer as palavras saírem suavemente da minha boca, mas consegui falar com eles que meu nome era Bosten McClellan. Tentei não olhar diretamente para eles quando disse aquilo. Sou um péssimo mentiroso. Em vez de olhar, fiquei observando os números rodando na bomba.

– Boston? Digo, como o nome do lugar? – Willie perguntou.

– Não. É com “e”. É o meu nome.

Willie deu de ombros.

– Acho que é um nome legal – disse April.

Olhei para os seios dela; descobri que precisava mijar.

– Qual a sua idade? – ela perguntou.

– Hã... – eu quase disse a eles que era meu aniversário. Tive de pensar a respeito. – Faço 17 em agosto.

E só de falar sobre o Bosten – ou fingir que vivia a sua vida – me fez sentir uma saudade imensa dele.

Willie levantou o capô do Toyota e começou a checar o estado do motor. Eu não sabia nada a respeito daquelas coisas. A bomba parou e Willie disse:

– E para onde você está indo, afinal?

Ele limpou o medidor de óleo em um pano azul velho que estava em seu bolso de trás. Pensei em mentir de novo, mas imaginei que aquilo não importava. Pelo menos não ali, em um fim de mundo chamado Scappoose.

– Estou indo para a casa da minha tia. Na Califórnia.

April disse:

– Bacana!

Agradei ao Willie e paguei pelo combustível. Entrei no carro e o liguei. O motor girou e funcionou durante uns três segundos, e então todos ouvimos um estalo súbito e o carro morreu completamente. Olhei para o Willie que disse:

– Ah, não... – levantou o capô de novo. – É a correia do ventilador.

– É... o quê?

Quando girei a chave de novo, não houve nada além de um clique e um chiado.

Saí e andei até a frente do carro. Quando olhei para baixo, vi aquela cobra preta de borracha esgarçada encolhida no chão logo abaixo do motor.

– É... – Willie olhou para mim com olhos sinceros e apoloéticos. – Aposto cinco dólares que seu alternador já era.

Tanto fazia se ele estivesse falando chinês.

– Será?

– Já era.

Contando com o dinheiro de Emily que eu deixava no bolso de trás, dentro da carteira de Bosten, mais os dez dólares que eu tinha escondido na minha mala, eu ainda tinha um total de 61 dólares depois de pagar pela gasolina. Fosse lá a respeito do que Willie estava falando, não parecia uma boa notícia para mim.

April se espremeu em frente ao para-choques, entre Willie e eu, e olhou o bloco do motor. Não tive como não reparar que seus seios ficaram pendurados quando ela se inclinou para a frente, e pensei que ela devia saber mais sobre carros do que eu jamais saberia. E ela já tinha de ter notado como eu estava olhando para ela também. Esfreguei os olhos.

– Quanto vai custar arrumar isso?

– Pode ser que eu te arrume um reconicionado e instalado por uns 30 dólares – ele disse.

– Oh...

April olhou para mim. Alguma coisa em seus olhos me dizia que ela se importava. Ou talvez eu só estivesse hipnotizado por seus peitos.

– Acho que eu posso pagar isso.

– Bom, de qualquer modo, não é para hoje. Vou precisar que o meu fornecedor de peças de Portland venha até aqui. Talvez ele arrume isso logo de manhã – Willie disse.

Dei um suspiro.

– Você acha que teria algum problema se eu dormisse no carro de novo esta noite? Não quero ter de pagar para ficar em algum lugar. Tenho medo de que eu não tenha dinheiro suficiente para chegar à casa da minha tia nesse ritmo.

Willie olhou para April e depois para mim.

– Olha, vou te falar o seguinte. Eu tenho um barco no rio, que é como uma casa flutuante, com um quarto extra que eu costumo alugar. Ninguém está lá agora. Eu poderia te deixar ficar lá esta noite, eu acho. Talvez amanhã também, se precisar.

– Eu não me importo de dormir no carro...

– Faça como achar melhor, garoto. Eu não vou pedir para você pagar aluguel. Você não deveria ficar aqui sozinho. Nós vemos a polícia por aqui praticamente todos os dias, sabe.

Olhei nos olhos de Willie quando ele disse aquilo. Ele sabia que eu não tinha contado a história toda. Ele não era burro.

– É um barco legal – disse April.

– Sem cobrar nada? – perguntei.

Willie sorriu.

– Nada, garoto. Espero que você chegue à Califórnia. Nós conseguimos consertar esse carro até amanhã, e eu ainda te dou o desconto todo que eu puder no preço. Vai ser só o custo do material, sem mão de obra.

– Mas por quê?

Willie sorriu mais uma vez.

– Eu fugi de casa bem mais que algumas vezes. Mas nunca cheguei a lugar nenhum quando tentei fazer isso.

Empurramos o Toyota para dentro da oficina e fiquei ali pelo posto por mais algumas horas, ajudando Willie a abastecer os carros e a limpar os para-brisas dos clientes. Era o mínimo que eu podia fazer, considerando o quanto ele estava querendo me ajudar. Por dinheiro nenhum.

April ganhava a vida cortando cabelos na cidade. Uns dez minutos depois que Willie e eu empurramos o Toyota para a área de serviço, ela foi embora na caminhonete deles, mas disse que voltaria para me pegar depois do meio-dia e então me levaria ao barco.

Eu me senti de verdade um pouco desconfortável com aquela combinação, mas era assim que as coisas seriam. Eu estava preso ali naquele lugar e não tinha jeito de driblar a situação. Era como estar sozinho à deriva no mar. E tudo o que eu podia fazer para acalmar minha cabeça era continuar pensando em como, de alguma forma, Bosten chegaria à casa da tia Dahlia antes de mim e estaria lá me esperando quando eu finalmente aparecesse.

Mas eu fiz as contas. Eu ainda tinha um longo caminho pela frente. Ambos tínhamos.

Eu me refresquei no banheirinho sujo que ficava ao lado do posto. Havia um daqueles porta-toalhas que ficava girando um mesmo pedaço nojento de tecido de algodão por uma abertura na parte de baixo. Eu nem queria encostar naquilo.

Quando saí, estava com minha camisa de flanela desabotoada e com a camiseta de baixo para fora da calça jeans. Eu a tinha puxado para enxugar o rosto. Saí também com o gorro dos Steelers na mão. Não estava prestando muita atenção por onde andava e acabei topando de frente com o Willie. Foi quando ele viu minha orelha.

– Opa! – ele disse. – Espera aí.

Pôs as mãos pretas de óleo nos meus ombros e me segurou a uma distância razoável. No rosto, tinha a expressão de alguém que assiste a um acidente horrível.

Eu sou um acidente.

Acha que eu não sei disso?

– Uau! O que aconteceu com você?

Me atrapalhei com o gorro, mas o enfiei bem apertado na cabeça.

– Nada aconteceu comigo. Eu nasci assim.

Willie percebeu que eu tinha ficado irritado com aquilo. Ele se afastou, embaraçado.

– Me desculpa, Bosten. Eu... hã... Você consegue ouvir direito?

Pus minha camiseta para dentro da calça e comecei a abotoar a camisa de fora.

– Eu ouço bem. Olha, se você acha que eu sou uma aberração ou coisa assim, então você e a April podem me deixar ficar no carro, como pedi antes.

– Ei, não, espera um pouco... – disse Willie. – Eu não quis dizer nada com isso, garoto. Aposto que você já aguentou merda suficiente para a vida toda por causa disso. Me desculpa mesmo, de verdade.

“Que se foda”, pensei. Já estava cheio daquilo. Tinha aguentado o suficiente. Andei para longe do Willie. Continuei indo em frente, seguindo pela estrada na direção da cidadezinha que via à distância.

– Ei! – Willie gritou por mim. Mas não me seguiu. – Ei! Bosten!

Um carro parou no posto quando olhei para trás. Cuspí no chão à minha frente e continuei andando. Eu não sabia o que estava pensando. Não é que eu fosse caminhar até a Califórnia. E tudo o que eu tinha no mundo – uma mala com uma etiqueta, a única coisa onde constava meu nome escrito, com dez dólares guardados lá dentro – estava dentro do carro que eu tinha roubado e que agora estava quebrado e sem poder sair do posto de gasolina.

Estava com tanta raiva que tudo o que eu queria era dar um grito e esmurrar alguém. Qualquer pessoa. Aquele era meu aniversário de 14 anos. E era daquele jeito.

Eu já estava farto desses rompantes de raiva que começavam a aparecer do nada, porque eu não conseguia controlá-los. Não conseguia controlar mais nada de mim mesmo. Porque tudo tinha mudado.

Então, continuei andando até que uma caminhonete passou calmamente ao meu lado, foi mais um pouco adiante e parou no acostamento da pista, bem no meu caminho. April estava ao volante. Quando ela se virou e olhou para mim, me bateu uma fantasia instantânea de chegar na cabine e enfiar a língua na boca dela. Com isso, comecei a ter uma ereção, o que me fez me sentir ainda mais enojado de mim mesmo. Puxei minha camisa para fora, para que a barra cobrisse minha virilha. Percebi que eu não tinha sido nem um pouco discreto ao fazer aquilo e senti meu rosto corar, porque ela tinha visto tudo.

Ela abriu a porta e veio para a traseira da caminhonete quando viu que eu tinha parado de andar.

– Está tudo bem, Bosten?

Dei uma respirada profunda.

– Está.
– Quer entrar na caminhonete? Posso te mostrar o barco agora, se você quiser.

Eu não conseguia parar de pensar em agarrá-la. Engoli em seco.

– Talvez seja melhor eu pegar minha mala.

– Tudo bem. Vamos lá.

Subi na cabine e April fez um retorno pelo meio da pista.

– Você não ficou com raiva, ficou? Willie está se sentindo péssimo. Às vezes, ele simplesmente não sabe bem como dizer as coisas. Sabe, ele... Bom, ele não é muito maduro.

– Está tudo bem – eu disse. – Acho que eu só estou meio estressado por causa de como as coisas vão indo.

April pôs a mão na minha coxa. Eu desesperadamente queria pegar no meu pinto. Minha mão apertou o descanso de braço e eu me ajeitei para trás no banco, como se estivesse sendo jogado para a frente em uma montanha-russa.

– Você vai gostar do barco – ela disse. – É um lugar bem bacana de ficar.

Willie se aproximou enquanto eu puxava minha mala do banco de trás do Toyota.

– Olha, garoto, você tem de acreditar em mim quando eu digo que não queria falar nada de mau. Espero que você não fique chateado com isso. – E estendeu a mão para mim. Apertei a mão dele.

– Não se preocupe com seu carro, cara. É moleza. Logo que eu conseguir a peça pra você, vamos colocá-lo correndo de volta na estrada e você vai estar na Califórnia antes que possa perceber.

– Tudo bem.

– A April vai te mostrar como é o barco. Sinta-se em casa por lá. Liga a televisão. Eu chego em algumas horas.

– Willie... Hã... Eu sinto muito pela forma como agi.

– Esquece...

Eu poderia esquecer. Isso seria fácil. Mas eu só conseguia sentir que Willie e April desejariam nunca ter oferecido ajuda a alguém como eu.

Na tarde do meu aniversário de 14 anos, o céu ficou listrado com faixas de nuvens brancas como giz, tão baixas que eu quase podia senti-las me pressionando e pesando sobre mim, como se fosse um teto feito de esponjas encharcadas no qual eu podia pôr a mão se tivesse coragem de levantar meus braços alto o suficiente.

Aqui, o rio Columbia parecia mais uma baía calma e reta, pontilhada por ilhotas protuberantes que brilhavam por causa das fileiras de pinheiros prateados. April tirou a caminhonete da estrada e manobrou para que os pneus se encaixassem perfeitamente nos rastros de lama cavados entre a grama amarronzada que ainda não tinha se recuperado do inverno. Eu me perguntei por que alguém pensaria em fazer sua casa na água ali, naquele ponto.

– É aqui – ela disse.

A casa flutuante de Willie se erguia do espelho d'água cinzento do rio como um bloco quadrado. Uma passarela branca de metal começava na margem gramada e descia até a doca flutuante de madeira que cercava a estrutura. Tinha a aparência perfeita de uma casa que tinha sido construída sobre a água, branca, com dois andares, um telhado azul e uma porta de garagem retangular, onde caberia um barco pequeno, no andar de baixo, sob uma sacada e uma varanda cercadas que ficavam à frente das janelas dos quartos de cima. Não havia

nenhum outro barco, nenhum vizinho, nada em direção alguma, pelo que eu podia ver.

Levantei minha mala da caçamba da caminhonete e segui April pela passarela que rangia. Senti como se estivesse indo para a cadeia ou para um hospital, uma coisa assim. Tudo se movia: a passarela de metal, a doca, até a própria casa falseava um pouco quando o nosso peso formava ondulações sob nossos pés. Aquilo me deixou tonto.

– Alguma vez já estive em uma casa flutuante, Bosten?

Nem precisei pensar a respeito.

– Não.

Fui seguindo April até o passadiço que dava na varandinha, e ela então abriu a porta da frente da casa. Fomos para dentro. Deixei minha mala no chão acarpetado. O lugar era completamente diferente do que alguém esperaria do interior de um barco. A sala de estar, na frente, parecia com algo que se podia ver em um apartamento comum, com um carpete verde-escuro, um sofá, uma poltrona, uma mesinha de centro com tampo de vidro, quase no formato de uma prancha de surfe. A sala era ampla e rodeada por janelas que davam para o rio e para as margens. Ela se abria para a cozinha, separada apenas por um balcão como o de um bar que fazia as vezes de mesa de jantar. No fundo, havia três portas abertas para os quartos e um pequeno banheiro no meio.

– Pode deixar sua mala naquele quarto – disse April, apontando para a porta da esquerda. – É o que Willie aluga. É onde você vai dormir hoje.

– Tudo bem.

– Bem melhor que um banco de trás, não acha?

– Bom... É mesmo.

O quarto tinha uma pequena cama de acampamento coberta com uma manta vermelha de veludo cotelê. Tinha também prateleiras vazias que pareciam feitas de pinheiro e saíam de uma das paredes. Por alguma razão, de imediato imaginei que muitos e muitos inquilinos tivessem ido e vindo ao longo dos anos.

Então, April me mostrou o restante do lugar.

Primeiro, o banheiro.

– Só tem água quente o suficiente para uma chuveirada, então, se você quiser tomar banho, é melhor fazê-lo agora, antes que o Willie volte.

(Eu me perguntei como seria tomar banho com a April. Pensei que seria gostoso, especialmente quando ela disse para tomar o banho naquele momento mesmo.)

Depois, a sala de estar.

– A TV pega três canais de Portland no VHF, mas talvez você tenha de brincar um pouco com a antena interna para conseguir assistir.

(Alguma coisa no que ela disse ali me fez perceber que eu estava com o pinto duro.)

Então, a cozinha.

– Pode beber a água direto da torneira.

Willie não vai achar ruim se você procurar alguma coisa para comer na geladeira.

Só tenha certeza de deixar pelo menos três cervejas para ele. Willie sempre bebe três cervejas quando chega em casa.

– Eu não tomo cerveja.

– Nunca?

O modo como aquela pergunta soou fez minha boca se encher de água. Eu não conseguia parar de pensar em beijá-la, sentir o gosto de sua língua, pôr minhas mãos dentro de sua blusa.

– Nunca.

Tive de respirar fundo. De novo.

– Você parecia mesmo um bom garoto quando te vi da primeira vez.

Eu parecia um monstro.

Quem você está querendo enganar?

Tirei meu gorro dos Steelers e fiquei olhando para os olhos de April. Ela nem titubeou, nem fez qualquer expressão duvidosa. Apenas sorriu.

– Quem corta seu cabelo, afinal?

Olhei para o chão.

– Da última vez foi minha mãe. Já faz algumas semanas.

Ela deu de ombros.

– Está uma bagunça. Eu poderia dar uma acertada, se você quiser.

April levantou a mão. Eu sabia o que ela estava para fazer, mas, por algum motivo, não pude evitar me desviar quando ela penteou o lado do meu cabelo com as pontas dos dedos.

Ninguém me toca. Eu sabia que ela podia ver como eu tinha ficado sem jeito.

– Eu meio que quero deixar crescer.

– Eu poderia tirar só as pontas. Assim, ele vai ficar bom quando crescer. Não vai parecer mais curto de jeito nenhum.

– Mesmo?

– Claro. Vá lá na cozinha e sente em um dos banquinhos do Willie. Vou pegar a tesoura.

A cozinha tinha um chão de linóleo laranja. Puxei um dos banquinhos que estavam próximos ao balcão e me sentei. April foi até o banheiro. De lá, ainda me gritou:

– E tire a camisa também.

Primeiro, tive de ajeitar minha ereção. Aquilo estava me matando. April estava me deixando louco. Eu tirei minha camisa e a camiseta e me sentei no banquinho da altura da cintura, esperando por ela. Pensei em como seria o gosto de cerveja. April chegou na cozinha com uma tesoura e um pente preto fino. Travei os olhos em seus seios que balançavam quando ela andava.

Logo que ela tocou em mim, fiquei completamente teso. Ela correu a mão pelo topo da minha cabeça, puxou meu cabelo usando o pente e deu umas tesouradas rápidas. Senti calafrios descendo do meu pescoço até meus mamilos. E me senti bobo e infantil quando April suspirou, deixou seus apetrechos no balcão e disse:

– Relaxa, Bosten. Você não precisa ficar com medo.

Então ela começou a esfregar minha nuca e os ombros tão forte que quase doía, até meus músculos se soltarem um pouco. Foi uma sensação muito boa, mas não sensual. Foi a sensação de alguém sendo legal comigo. April recomeçou a cortar meu cabelo. Ele fazia cócegas quando ia caindo na minha pele e me fez espirrar uma vez.

– Saúde.

– Obrigado.

– Aí está. Prontinho.

Ela chegou na minha frente.

– Você é um garoto bem bonitão.

Eu sou feio.

Não minta para mim.

Eu sou feio.

Não queria me mover.

Ela tirou os cabelinhos dos meus ombros e do peito com os dedos. Calafrios de novo.

– Agora eu varro. É o que sempre faço em casa – eu disse.

– Deixa de bobeira. Aqui é onde eu corto o cabelo do Willie também.

Olhei para o chão laranja.

– Aposto que você nem vê o cabelo dele quando cai no chão.

Ela riu.

– É melhor você ir se lavar.

– A Emily diz que eu sempre deveria tomar um banho depois de cortar o cabelo.

– Emily é sua namorada?

– É. E nós tomamos banho de banheira juntos.

Fiquei vermelho de novo. Pude ver minha pele branca corar na barriga. April arqueou as sobrancelhas.

– Você faz isso, é? Acho que você não é o garoto bem-comportado que eu achei que era, afinal de contas.

Eu ri.

– Mas você não vai querer tomar banho de banheira aí quando vir a imundície que é a banheira do Willie. É melhor ficar em pé.

– Oh... – e eu, burro como sou, pensei que ela estivesse dizendo para eu ficar em pé naquele momento. Então fiquei, esperando sem jeito que April não percebesse que eu tive de mexer de novo naquela dureza toda entre minhas pernas, de modo que não ficasse tão aparente.

Ela não viu. Já estava pegando uma vassoura e a pá no canto ao lado do fogão.

– Então tudo bem se eu tomar um banho?

Eu não tomava banho desde segunda-feira, depois da aula de educação física. Provavelmente estava cheirando como o Paul Buckley em um dia ruim.

– Claro. Sinta-se em casa. Tenho mesmo de ir devolver a caminhonete do Willie.

April apoiou a vassoura contra o fogão, então andou até mim e me deu um abraço apertado. Seus seios, pesados e fartos, se apertaram contra meu peito nu. E tenho certeza de que ela pôde sentir a ereção dentro da minha calça pressionando a maciez de sua barriga, mesmo que ela educadamente tenha fingido não perceber.

– A gente provavelmente se vê amanhã, Bosten.

– Você não vai voltar?

Ela riu.

– Eu não moro aqui. Willie é meu primo. Ele só está me deixando usar a caminhonete depois que eu destruí meu carro na ponte uma semana atrás.

– Ah...

– Meu marido e eu moramos em McNulty.

Então eu me senti realmente estúpido. E sozinho.

– Tchau para você.

Assisti ela sair pela porta e ir embora.

– A gente se vê, April.

Entrei no banheiro e tomei um banho em pé dentro da banheira ensebada do Willie.

Dormi vendo televisão no sofá.

O noticiário de Portland me fascinou e também me deixou horrorizado. Foi provavelmente a primeira vez em que eu prestei atenção ao noticiário na vida. Por alguma razão, eu estava convencido de que, se assistisse por tempo suficiente, veria alguém falando da história dos dois irmãos adolescentes desaparecidos no noroeste de Washington.

Quando acordei, a TV ainda estava ligada e já era noite. Willie estava cozinhando alguma coisa. Seu cabelo estava molhado e ele estava usando somente uma cueca samba-canção de bolinhas, descalço e bebendo uma cerveja. O cheiro do vapor e do sabonete exalava do banheiro aberto. Imaginei que ele tinha acabado de sair do banho. Eu me sentei e Willie se virou quando viu que eu estava acordado.

– Ei. Seu alternador chegou agora à noite. Amanhã de manhã, a primeira coisa a fazer é instalá-lo.

Esfreguei os olhos.

– Desculpa. Eu não tinha a intenção de dormir aqui.

– Problema nenhum. Estou fazendo salsicha. Você gosta?

Eu estava faminto.

– Gosto.

– Mas só tenho catchup. Eu detesto mostarda.

– Está ótimo.

– Quer uma cerveja?

– Não, obrigado.

Willie deu de ombros como se não entendesse aquilo. Acho que “adolescente” sempre significava “bebedor de cerveja” em Scappoose, Oregon.

Quando dormi aquela noite,
sonhei que
Bosten tinha morrido.

Eu não tinha percebido o quanto duas noites dormindo no banco de trás do Toyota tinham me deixado cansado. Então, quando acordei no quarto alugado de Willie no dia seguinte, já era quase meio-dia e eu estava totalmente sozinho na casa flutuante de novo.

Nem me preocupei em me vestir. Imaginei que Willie era como a tia Dahlia no que dizia respeito ao código de vestimenta da manhã, ou da noite. Fui até a sala. Foi quando vi o bilhete que ele tinha deixado para mim no balcão.

Eu sempre aprendia as coisas devagar e tinha um problema em especial com o que chamavam de “aquisição de linguagem”. Mas a gramática de Willie me fez sentir como um professor universitário.

bostin

vo conserta seu carro pa você hoje. Discupe que não tem telefone pa eu chama você quando fica pronto. Vorto quando acabar la no posto. Tem chocolate com leit na cosinha se você gosta de beber isto. Si demora dimais ou der agum pobrema pode fica até amanhã. Até mais tardi.

willie

Tive de lavar a panela que ainda estava com algumas salsichas frias para poder esquentar água para o chocolate que Willie tinha deixado, mas era aquilo mesmo o que eu queria, e estava bom demais depois de uma longa noite de sono como aquela.

Comecei a sentir tantas saudades da Emily que até doía.

E eu nem queria pensar no Bosten.

Mas os dois estavam aprisionados dentro de mim.

O rio estava quieto feito um cemitério, e eu queria ir embora dali. Mas estava preso lá, boiando na água, indefeso, justo como eu tinha imaginado tantas vezes antes. Tentei assistir ao noticiário, convencido de que finalmente ouviria a respeito de mim e de Bosten, mas ou nós dois não éramos importantes o suficiente, ou então ninguém sabia que estávamos desaparecidos.

Garotos desapareciam o tempo todo, eu acho, e Bosten já tinha tecnicamente idade suficiente para cuidar de si mesmo. Pelo menos já era velho o bastante de acordo com meu pai e com o estado de Washington, mesmo que o estado de Washington tivesse outras regras especiais para garotos como Bosten e Paul.

Nada mais aconteceu até Willie chegar.

Já tinha escurecido.

Então, aconteceram mais coisas do que eu gostaria de ter na cabeça.

Pelas janelas da sala, vi os faróis da caminhonete de Willie vindo aos pulos pela margem do rio. Ouvi que ele falava com alguém quando atravessou a passarela de metal, mas estava escuro demais; então, naturalmente presumi, já um pouco animado, que April estivesse com ele.

Não era ela.

Alguna coisa estava diferente. Deu para notar na mesma hora.

Talvez o modo como eu ouça as coisas, ou o fato de eu não ouvir bem, me deixe mais sensível às expressões nos rostos das pessoas, ao jeito como elas flexionam determinados músculos. Como naquele momento em que a senhora Buckley levou Bosten lá para casa e eu pude perceber, só pelo jeito como eles andavam, que alguma coisa não estava certa. Quando Willie abriu a porta, eu estava bem em frente e olhei bem para a cara dele. Ele parecia outra pessoa.

Passou por mim carregando um saco de papel cheio de compras que parecia pesado. Estava cheio de garrafas de cerveja. Ouvi os vidros batendo uns nos outros quando ele pôs o embrulho no balcão da cozinha. Havia outro homem mais velho atrás dele na varanda escura. Pus minha mão na cabeça. Era um hábito que eu tinha quando me via por perto de gente que eu não conhecia, especialmente se eu fosse surpreendido. Queria me assegurar de que estava usando o gorro dos Steelers.

Sorri para o Willie. Acho que eu estava me sentindo sozinho depois de ficar sentado naquela casa o dia todo.

– Ei, Willie. O carro está consertado?

Willie estava com um olhar sério, até meio irritado. Estendeu as chaves do Toyota e eu as peguei.

– Está funcionando bem, garoto.

Então puxou do bolso do macacão um recibo copiado em carbono e me deu.

– Custou 30 pratas. Bem como eu tinha te falado.

– Ah...

O homem na varanda entrou na sala e fechou a porta. Pus a mão no bolso de trás para pegar a carteira de Bosten e dei a Willie uma nota de 20 e duas de 5.

– Obrigado mesmo, Willie. Acho que eu deveria ir agora.

Me esforcei para fazer as contas, tentando pensar em quanto dinheiro eu ainda tinha e se aquela quantidade seria suficiente para eu chegar até a casa da tia Dahlia. O homem mais velho vinha carregando uma bolsa de lona daquelas de viagem. Ele a deixou no chão e foi até o sofá onde eu havia passado o dia vendo televisão. Tinha um cabelo grisalho arrepiado que o fazia parecer que tinha tomado um choque e estava usando uma jaqueta de flanela em estilo militar que exalava um odor úmido de suor.

– Muito bem – disse Willie. – Amanhã de manhã eu te levo de volta ao posto. Hoje é sexta-feira, garoto, e eu queria farrear um pouco, se estiver tudo bem para você.

O que eu podia dizer?

Só me lembrei do quanto era longa a caminhada da casa ao posto de gasolina.

– Ah... Hã... Pode crer.

Willie puxou duas garrafas marrons do saco de papel. Ele tinha um abridor de garrafas chumbado na parede da cozinha. Deixou as tampinhas caírem e rolares pelo assoalho.

– Quer uma, garoto?

– Não. Não, obrigado, Willie.

Dei uma olhada para o homem no sofá. Ele não disse nada, só deu um grunhido ininteligível quando Willie estendeu uma cerveja para ele sobre a mesa de centro. Então Willie colocou um pacote de cervejas na mesinha e se sentou, arrastando a poltrona pelo carpete para ficar mais perto e poder alcançá-las.

– Ah – ele disse –, esse é meu amigo Brock.

O velho olhou para mim e cumprimentou com a cabeça. Seus olhos eram fundos e amarelados.

– E o nome do garoto é Bosten – completou Willie.

– Oi – eu disse.

– Já estive em Boston. Uns vinte anos atrás, eu acho – Brock disse.

Nem me importei em corrigi-lo. Fiquei parado lá, me perguntando se eu deveria me sentar ou sair dali e pensando em quantas vezes na vida Bosten deve ter tido de ouvir comentários a respeito do feijão à moda de Boston, da Festa do Chá de Boston ou sobre o time dos Boston Red Sox.

Willie terminou sua cerveja, pegou outra garrafa e a abriu com a beirada de uma chave que ele apoiou na mão. Deixou a tampinha cair no tapete.

– Você vai ter de tirar sua tralha do quarto. O Brock vai alugá-lo por hoje.

Eu realmente não entendia o que estava se passando. Ainda não sei exatamente o que aconteceu naquela noite. O velho olhou para mim como se esperasse eu dizer alguma coisa.

– Tudo bem – e comecei a andar em direção ao quarto. – Talvez então eu possa dormir no sofá.

– Não – disse Willie. – Nós vamos ficar aqui farreando. Você pode ficar no meu quarto.

– Ah...

Brock tirou o casaco e o largou no chão perto do pé do sofá, como se estivesse marcando território e mostrando que não queria nenhum garoto por ali. Era seu território de farra, pensei. Eu nem tinha tanta “tralha” assim para tirar do quarto, de qualquer maneira. Sem muito cuidado, enfiei tudo meu que estava na cama dentro da mala e a carreguei para o quarto de Willie.

– Talvez seja melhor se eu não te atrapalhar. Não é uma caminhada assim tão

longa até onde o carro está.

– São oito quilômetros – disse Willie. – Relaxa.

Brock então olhou para mim e depois para Willie. Pude perceber que ele estava silenciosamente decidindo alguma coisa a meu respeito, e logo descobri do que se tratava.

Willie disse:

– Ele é tranquilo.

Brock enfiou dois dedos no bolso da camisa e puxou uns quadradinhos dobrados de papel branco. Espalhou-os no tampo de vidro da mesa à sua frente como se fossem um baralho. Willie deu uma batidinha no meu braço com o cano da garrafa.

– Bosten, pode me fazer um favor?

Eu já estava confuso o suficiente a respeito daquilo tudo. Imaginei um monte de coisas pouco razoáveis que Willie poderia me pedir naquele momento.

– Claro.

– Põe uma música aí, pôe? E depois vai lá na primeira gaveta da pia e pega duas lâminas para mim. Elas estão bem na frente.

– Hã... Tudo bem.

Liguei o aparelho de som de Willie. Ele ficava em cima de três engradados de leite virados de cabeça para baixo ao lado do balcão. Começou a tocar Buffalo Springfield. Era meio antigo, mas eu gostava. Pensei em todas as vezes em que vi Bosten dançar e cantar ao som de “Mr. Soul”.

“É estranho que eu tenha mudado? Não sei, por que você não pergunta a ela?”

As lâminas estavam embrulhadas uma a uma em papéis grossos. Eram lâminas de corte unilateral e estavam bem onde Willie disse que estariam. Eu ainda não tinha ideia do que ele queria com elas. Quando as peguei, lembrei do Paul Buckley e me perguntei se ele estaria bem.

Brock desenrolou um dos quadradinhos de papel e deixou cair de dentro um pó branco no tampo de vidro. Dei as lâminas ao Willie e fiquei observando enquanto ele desembalava uma delas. Brock me pegou olhando para aquilo embasbacado.

– Nunca viu coca antes? – ele disse. – Onde você cresceu, afinal? Em um convento?

Duas coisas se passaram pela minha cabeça. A primeira: eu acho que Brock não queria que eu realmente respondesse àquilo; e não, eu nunca tinha visto coca antes. Eu só sabia o que era. Mais ou menos. Balancei minha cabeça e engoli em seco.

Willie começou a repartir a coca em linhas cada vez mais finas com a lâmina. Fazia um som interessante, a secura dos grânulos, o guincho agudo da lâmina contra o vidro, e Willie ia juntando o pó em uma pilha perfeita. Me sentei no carpete com as mãos para trás e os joelhos dobrados.

– Quer provar um pouco, garoto? – Willie perguntou.

Me peguei arregalando os olhos. Balancei a cabeça. Pensei que aquela coisa matava as pessoas, e ali estavam dois homens crescidos usando aquilo bem na minha frente como se estivessem em volta de uma fogueira assando marshmallows ou algo assim.

– O que isso faz com você?

Brock disse:

– Faz você se sentir como novo. Vaifundo, moleque.

Eu não queria me sentir “como novo”.

– Não, obrigado. Eu realmente não faço nada disso.

– Ah, aposto que você faz algumas coisas – disse Brock. – Especialmente quando ninguém está olhando – ele e Willie então riram como se soubessem de alguma coisa a meu respeito que eu mesmo não sabia. Aquilo fez eu me sentir como se eu fosse alguém assustador.

Willie correu a lâmina pelo vidro e separou uma grossa linha branca de coca da pilha maior. Então procurou no bolso a nota de 20 que eu tinha lhe dado. Enrolou a nota em um tubinho e ofereceu a Brock.

Acho que a etiqueta da cocaína ditava que Brock era obrigado a gesticular um silencioso “depois de você” para Willie, somente girando a mão graciosamente em um movimento quase religioso. Willie não contestou. Eu nunca tinha visto nada como aquilo.

Me fascinava e me deixava horrorizado ao mesmo tempo.

Mas lá estava eu, flutuando na água.

Indefeso.

Então, o que mais eu podia fazer?

Só fiquei assistindo.

Willie pôs uma extremidade da nota em sua narina, fixou a outra ponta com o indicador e inalou metade da carreira. Fechou os olhos, deu outra fungada e olhou para mim com uma expressão estranha e satisfeita no rosto. E então terminou a linha com a outra narina. Eles se revezavam.

Tanto Brock quanto Willie fizeram a mesma coisa de novo e de novo, usando dois dos pacotinhos. Também ficavam me encarando, o que me fez sentir como se eu estivesse no lugar errado, porque tudo o que eu fazia ali era observá-los como se estivesse assistindo a um filme. Quando eles esvaziaram a caixa de cerveja, Willie lambeu o dedo e o correu pela superfície da mesa. Ele estava suando, assim como Brock. E eu só conseguia pensar que dentro da casa estava frio.

Me levantei e virei o disco que tocava. Fiquei olhando Willie esfregar o dedo na gengiva, daquele jeito como a gente escova os dentes quando não tem escova. Percebi então que eu não tinha carregado minha escova de dente quando saí de casa.

Willie deixou a ponta de seu dedo branca de coca de novo. Assim que eu me virei de volta em frente ao aparelho de som, ele ficou de pé e se aproximou de mim. Pôs uma mão atrás da minha cabeça, do jeito que se faz com uma garota quando vamos beijá-la, e, antes que eu pudesse fazer qualquer coisa, enfiou o dedo na minha boca.

Brock ficou sentado no sofá rindo.

– Isso aí! A primeira coca do garoto!

Eu me debati para longe do Willie, mas já era tarde. Seu dedo já tinha percorrido o interior da minha boca. Pensei em mordê-lo, mas fiquei assustado demais para isso. Tinha gosto de veneno. Tinha gosto de algo que você usaria para limpar respingos de tinta. Empurrei Willie para trás.

– Que porra é essa, Willie? Que merda você tá fazendo?

E eu já sentia como minha boca estivesse se descolando da minha cara. Willie riu.

– Esse troço é bom, não é não, garoto?

Brock ria.

– Faz ele cheirar uma carreira! Vamos segurá-lo e obrigar ele a cheirar!

Eu não sabia o que fazer. Meu coração estava disparado e eu honestamente pensei que ia morrer. Mas uma parte do meu cérebro também me dizia que eu

tinha acabado de ver aqueles dois imbecis cheirarem um lote inteiro daquela coisa e eles não estavam mortos.

– Larga de mim, porra! Por que diabos você fez isso?

Cuspi no chão, tentando tirar aquela porcaria da minha boca, mas ela não saiu. Enquanto Willie e Brock riam desbragadamente, saí de perto deles com raiva, entrei no quarto de Willie e bati a porta.

Ainda os ouvia rindo de mim no outro aposento.

Me sentei na beirada da cama de Willie com as mãos no rosto.

Minha cabeça pegava fogo, cheia de palavras.

Eu tinha de me acalmar.

Eu tinha de me acalmar.

Eles continuaram rindo.

Alguém trocou a música.

Ouvi Brock me chamando de bichinha.

Ele falou para Willie me mandar sair do quarto e ir chupar o pinto deles. Willie disse que não.

Brock disse que ia entrar no quarto e me forçar a fazer aquilo.

Disse que o garoto deveria pagá-los por eles deixarem que eu ficasse ali.

Willie disse para deixar o garoto em paz, que ele já estava perturbado.

Então, batidas na porta da casa flutuante.

Ouvi mais vozes.

Eram mais homens do lado de fora da sala.

Era a festinha de Willie.

Risadas.

Música.

Só fiquei sentado lá.

Meu coração batia tão forte que eu achei que ia quebrar minhas costelas.

Eu queria ir embora, mas não havia jeito de sair.

Queria ir embora.

Mas nem me mexi.

O barulho da festa só crescia.

Talvez uma hora depois, ou talvez tenha sido só um minuto,

um minuto no qual meu coração bateu

o equivalente a uma hora inteira da minha vida,

eles começaram a brigar por algum motivo.

O velho abriu minha porta.

A fumaça veio atrás dele.

Então fechou a porta e ficou tudo escuro.

Ele disse “Garoto, tira a camisa”.

Eu disse não.

Ele disse que eu tinha de pagar para ficar ali.

Eu disse que Willie tinha me falado que eu não precisava pagar.

Brock disse “Foda-se o Willie”.

Ele me agarrou e me jogou no chão.

Puxou a carteira de Bosten do meu bolso.

Tirou tudo o que eu tinha lá dentro.

O velho disse que, de uma maneira ou de outra, eu iria pagar.

Eu disse que precisava daquele dinheiro para ir à Califórnia.

Ele disse que, quando eu ficasse sem dinheiro, talvez então devesse começar a fazer boquetes por cinco dólares, eu acho.

“Quer ganhar um dinheiro, garoto?”

Comecei a chorar.

Mandei ele se foder e ele saiu do quarto.

Não muito tempo depois, alguém começou a dar tiros na sala.

Houve cinco disparos.

Eu contei.

Então, ficou tudo tão silencioso quanto a morte.

Eu tinha de sumir dali.

Esperei até não aguentar mais. Eu tremia tanto que fiquei até enjoado.

E durante algum tempo da minha espera, eu desesperadamente precisava urinar, então fiz isso no canto do quarto de Willie. Veio um som grave do carpete onde a poça se formou, e eu pude sentir o calor e o cheiro exalando daquilo. Tinha o cheiro do vestiário depois da aula de educação física do senhor Lloyd.

Respirei profundamente e girei a maçaneta. Ela não fez nenhum som, mas como eu poderia saber se sim ou se não? Minha pulsação era como um tornado raivoso aprisionado dentro da minha cabeça. Abri a porta.

A primeira coisa que me atingiu foi o frio. A porta da frente estava aberta. A mesa de vidro onde Willie e Brock tinham cheirado sua coca estava quebrada em um lado. Pareciam dentes de cristal. Também havia um buraco de bala bem no centro. O toca-discos de Willie estava girando, mas a agulha estava levantada apontando para o teto, como se dissesse “Olha lá em cima, garoto”.

E a sala cheirava a sangue. Todo mundo sabe como é o cheiro de sangue, e, quando há muito, aquele cheiro meio que faz você querer vomitar. O velho que tinha roubado meu dinheiro estava esticado no sofá. Parecia que ele estava em meio a uma poça de sangue, seus olhos estáticos e abertos, olhando pela sala, assistindo ao disco que girava e girava sem fazer som. Não dava para ver nenhuma marca nele, mas por baixo de sua pele havia uma cor estranha. E, mesmo de longe, do outro lado da sala onde eu estava, quase dava para sentir como ele estava gelado.

Se ele ainda estivesse com meu dinheiro, ele estaria no bolso de trás, em algum lugar daquela poça de sangue sobre a almofada do sofá. Nem me importava mais quanto dinheiro era. Eu não ia mesmo encostar minha mão naquele velho.

Willie estava no quarto alugado onde eu tinha dormido sem pagar na noite anterior. Só pude ver seus pés pela porta entreaberta. Ele estava de cara para o chão, sem um sapato, e tinha claramente pisado em sangue com sua meia branca. Não importava.

Dava para dizer pela imobilidade de Willie que ele não iria se levantar dali de jeito nenhum. Peguei minha mala e fugi.

Lá fora, o ar estava úmido e frio.

A caminhonete de Willie não estava mais lá. A casa flutuante e o rio estavam perfeitamente quietos e escuros.

Segui os rastros de lama até a rodovia, tomando o cuidado de manter meus pés na grama. Eu não queria deixar pegadas. Quem quer que tivesse feito aquilo não devia saber que eu estava no quarto de Willie. Ou talvez soubessem que era só um garoto lá dentro. Era o único jeito de explicar por que eu ainda estava respirando.

Antes de eu chegar à estrada, me escondi embaixo dos pinheiros e esperei por

um tempo. Pensei que quem tivesse feito aquilo talvez pudesse voltar. Tão silenciosamente quanto pude, abri minha mala. Eu com certeza não seria capaz de carregá-la até o posto, mas sabia que havia dez dólares lá dentro, que o velho não tinha me roubado. Tirei o dinheiro e enfiei no meu bolso da frente. Aquilo me fez pensar em Emily. Pensei que nunca mais iria vê-la de novo, ela e Bosten.

Ainda assim, eu não podia simplesmente deixar minha mala para trás. Alguém a encontraria e eu seria pego. Decidi carregá-la o tanto que aguentasse, e então voltaria para resgatá-la depois que pegasse meu Toyota no posto de gasolina. Pensei que qualquer pessoa que soubesse que eu tinha estado naquele lugar iria pensar que eu tinha alguma coisa a ver com a morte daqueles homens. Eu ou alguém chamado Bosten.

E eu sabia com certeza que nunca mais queria pôr os olhos naquela casa outra vez.

Quando o sol nasceu e eu desliguei os faróis, estava passando por um lugar chamado Sutherlin. Estava cansado demais para continuar dirigindo, mas assustado demais para dormir. Imaginei os pesadelos que eu certamente teria, mesmo sabendo que eu os estava tornando piores ainda dentro da minha cabeça: Willie, Brock, a espera naquele quarto depois dos tiros – era outro quarto de São Fillan – e eu me perguntando se meu irmão estaria em algum lugar, qualquer lugar; se ele inclusive estaria vivo.

Só quando me pus de novo atrás do volante do meu carro roubado e liguei o motor é que me dei conta de que eu não era mais Bosten. Mas eu não sabia mais quem era, porque tudo em Stark McClellan havia mudado.

Concluí que Willie tinha salvado minha vida. Pode nem ter sido sua intenção, mas se eu não tivesse ficado com raiva dele como fiquei, e então batido a porta do quarto, eu provavelmente estaria lá fora quando o tiroteio começou. Acho que, às vezes, coisas que parecem muito importantes tomam outro aspecto quando a gente se vira e olha de novo alguns quilômetros adiante.

E Sutherlin ficava a uns 225 quilômetros de distância de lá.

Ainda havia combustível no carro, e a Califórnia ficava mais próxima. Mas eu tinha de descansar. Parei em uma pequena mercearia e comprei um pão de forma branco e um pote de pasta de amendoim. Decidi que, naquele momento, aquilo era tudo o que eu poderia comprar para viver. Tinha de usar cada centavo restante para pôr gasolina. E eu já sabia que meu dinheiro não me levaria nem perto de onde eu queria estar.

Sentado no estacionamento, comendo um sanduíche na manhã seguinte à minha estada em uma casa flutuante onde pessoas tinham sido assassinadas, comecei a imaginar em que momento eu teria de finalmente abandonar o carro e começar a andar. Sentei no banco de trás do Toyota e tirei meus sapatos. Estiquei minhas pernas por cima do banco do passageiro. Quando dormi, não tive sonho nenhum.

Aquilo aconteceu bem ao sul de Fresno, na Califórnia, na manhã seguinte. Nos últimos oitenta quilômetros, fiquei com os olhos mais presos ao indicador de combustível do que à estrada na minha frente. Eu sabia o que estava para acontecer. Tinha só uma moeda de dez centavos no bolso. Era minha última alternativa, imaginei. Sabia que os Lohman ou a tia Dahlia aceitariam uma chamada minha a cobrar se eu finalmente decidisse fazer isso e gastar aquela última moeda. Mas eu estava com muito medo para falar com eles também.

Depois de ficar sem gasolina em Scappoose, eu sabia o que aconteceria logo que o motor começasse a falhar. Apertei a embreagem e deixei o carro descer o quanto pude. Ele chegou em um estacionamento forrado de cascalho que ficava em uma parada à beira da estrada e era dividido em duas áreas, uma para carros e outra para caminhões grandes, com uma separação gramada no meio, onde havia banheiros e algumas árvores murchas.

E foi isso.

Simples assim.

Nem dava para dizer que fiquei muito desapontado. Sob alguns aspectos, estava até aliviado. Desde que tinha deixado Point No Point, ficar sem gasolina era a única coisa que eu sabia mesmo que ia acontecer e que realmente aconteceu. E, olhando em retrospecto, acho que tinha ficado anestesiado, talvez até em choque, depois de ver o que eu vi duas noites antes naquele rio nos arredores de Scappoose. Todas as vezes em que minha cabeça tentava refazer as imagens daquele velho e de Willie deitados em seu próprio sangue, eu balançava a cabeça rapidamente para dissipar. Já vinha fazendo aquilo com tanta frequência nos últimos dois dias que comecei a pensar que estava desenvolvendo um tique.

Por ali havia somente mais um carro, que estava parado mais perto dos banheiros, com uma família do lado de fora olhando enquanto seu cocker spaniel fazia cocô na grama. Do outro lado estava uma carreta Kenworth preta de dezoito rodas engatada em um trailer todo pintado com vegetais sorridentes e saltitantes, com o escrito “Teixeira Farms” do lado.

Pelos meus padrões de Washington, aquele lugar estava estupidamente quente. Abri ambas as janelas e fiquei sentado no carro só pensando na vida e observando o cachorrinho de rabo cortado fazer um círculo perfeito enquanto deixava suas lembranças no chão.

Talvez uns cinco minutos depois, a família chamou o cachorro e voltou à estrada. Fiquei olhando para eles sem deixar transparecer que estivesse olhando. Então, saí do carro e puxei minha bagagem do porta-malas. Vesti minha bermuda e a camiseta Sex Wax que tia Dahlia comprou para mim, além do gorro que Emily tinha me dado. Tirei tudo o que eu pude de dentro da mala, deixando somente uma muda de roupas para mim, outra para Bosten, minha pasta de amendoim e o pão, e nossos trajes de surfar.

Pensei que eu talvez fosse a única pessoa no estado da Califórnia a colocar uma roupa de surfe na bagagem. Deixei a mala próxima ao para-choques, então me sentei de novo ao volante e escrevi uma mensagem no saco de papel em que minha comida tinha vindo.

A quem possa interessar

Meu nome é Stark McClellan. Sou de Point No Point, no condado de Kitsap, Washington. Eu fugi de casa e estou viajando com a identidade do meu irmão. O nome dele é Bosten McClellan. Dois dias atrás, eu estava em uma casa flutuante em uma baía em Scappoose, no Oregon, quando dois homens foram assassinados. Um deles se chamava Willie Purcell e o outro eu só conheci pelo primeiro nome, Brock. Eu estava escondido em um quarto quando tudo aconteceu e não vi quem deu os tiros. Mas, quando saí, a caminhonete de Willie tinha sido roubada também. Meu irmão Bosten não teve nada a ver com isso.

Stark McClellan

Dobrei o saquinho com cuidado e o deixei dentro do porta-luvas. Então

respirei fundo, tirei o bilhete de novo, embolei o papel, andei até a lata de lixo e joguei o saco amassado lá dentro. Voltei ao Toyota pela última vez. Fechei as janelas e tranquei as portas. Então, peguei minha mala e comecei a andar.

Tudo parece maior, mais longe e mais devagar quando você está andando por uma estrada. Fiquei com a sensação de que tinha levado uns quinze minutos só para chegar até a metade da rampa que dava na rodovia principal. Nessa hora, a enorme carreta também já estava deixando a parada. Ela tremeu ao passar pela rampa de cascalho. O caminhão então parou. O motorista pôs o braço para fora da janela e mostrou o rosto.

– Aquele ali é o seu carro?

Olhei para ele, apertando os olhos. Ele era negro. Só havia dois garotos negros na minha escola em Washington. Acho que eu nunca tinha falado com um adulto negro na vida.

– Agora não é mais...

Ele apontou o polegar para minha mala.

– E você pretende pegar um ônibus ou algo assim?

Eu não tinha plano nenhum.

– Estou sem gasolina e sem dinheiro.

– Bom, você não vai conquistar nenhuma namorada desse jeito – ele disse. O motorista então olhou para a estrada e checkou os retrovisores. Eu fiquei observando. Ele tinha um cabelo preto perfeitamente redondo e um bigode que se dobrava até embaixo do queixo. – E aí...? Para onde você está indo?

– Para a Cali... – e me peguei sendo burro outra vez. – Estou tentando chegar a um lugar chamado Oxnard.

– É uma andada boa até lá. Eu estou indo para Long Beach. Se quiser, você pode vir comigo para Los Angeles. Fica daqui umas quatro ou cinco horas. Talvez seu pessoal em Oxnard possa ir te pegar em LA.

Olhei bem para a estrada. Então olhei para o motorista mais uma vez.

Andei pela frente do caminhão e ele abriu a porta do passageiro. Estava difícil para eu ajeitar minhas pernas naquela cabine. O piso em frente ao banco do passageiro estava cheio de latas de refrigerante, alguns calçados de reserva, sacos de comida e revistas. Mas notei que não havia nenhuma *Penthouse*. Bom, pelo menos nenhuma que eu pudesse ver.

Logo que eu subi na cabine, o motorista começou a pegar tudo o que ele conseguia alcançar e jogar para trás, em uma espécie de quartinho que ficava atrás dos bancos. Tinha também uma cama dobrável e até mesmo uma televisãozinha afixada na parede.

Eu nunca tinha visto o interior de um caminhão na vida. Pensei que alguém poderia viver ali para sempre, se precisasse.

– Aqui... – ele pegou minha mala e a depositou dentro de um compartimento de plástico atrás do meu banco.

Eu me sentei. O homem acelerou o motor e empurrou o câmbio para a frente.

– Quer uma Coca ou coisa assim? Pode se servir.

– Obrigado.

Abri uma lata de Coca. Estava quente, mas eu não me importei nem um pouco. Pelo menos ela não colou no céu da minha boca como tinham feito as únicas outras refeições que eu tinha comido desde o dia anterior.

O nome do motorista era Sutton Broussard. Ele me contou toda a sua história de como veio do oeste, lá da Luisiana; e agora ganhava a vida transportando alcachofras para o sul da Califórnia. Eu nunca tinha visto uma alcachofra na vida,

mas pensei que, pelo tamanho do caminhão de Sutton, o pessoal no sul da Califórnia devia gostar bastante delas.

Disse para ele meu nome verdadeiro e que eu tinha feito 14 anos três dias antes, mas não muito mais que isso. Eu não queria arriscar criar mais problemas para o Bosten fingindo ser ele e, de qualquer modo, não precisaria mais dirigir mesmo. Então não fazia diferença.

– Quatorze anos e dirigindo carro?

– É que eu sou bem alto.

– É, dá para ver. Dá para ver mesmo – disse Sutton. – E sua mala tem etiqueta de Washington. Você está bem longe de casa, eu diria.

Podia ser, eu pensei, que ele estivesse prestando atenção demais às coisas. Talvez todo mundo notasse de maneira natural algumas coisas que eu achava que fossem tão óbvias que eu nem me importava com elas.

– Você não vai fazer nenhuma coisa esquisita nem nada assim, vai?

Sutton franziu a sobancelha.

– Eu já ia te perguntar exatamente a mesma coisa.

Tomei um gole da latinha e Sutton continuou:

– E por que você perguntaria uma coisa dessas? Você acha que um cara vai fazer alguma coisa estranha só porque ele te ofereceu uma ajuda?

Ele parecia estar meio na defensiva e até um pouco irritado. Mas, sim, acho que era aquilo mesmo que eu tinha pensado.

– Me desculpe.

Estávamos na estrada agora, e indo rápido. Eu me sentia como um gigante. Estar na cabine daquele caminhão era como montar no nariz de uma baleia.

– E onde você mora, afinal?

– Em lugar nenhum. Naquele carro até alguns momentos atrás. Mas estou indo para a casa da minha tia.

– Ah, sim. Em Oxnard, não é isso?

– E você, mora neste caminhão?

Sutton riu. Apontou para um par de fotografias pequenas e desbotadas que estavam coladas na parte de baixo da prateleira que havia sobre sua cabeça.

– Essas são minha esposa e minha filha. Nós temos uma casa em Salinas.

Fiquei pensando se eu tinha passado por Salinas. Não consegui me lembrar. Sutton limpou a garganta.

– Pega uma Coca para mim, por favor?

– Claro.

Ele abriu a lata ainda com as mãos no volante. Então disse:

– E o que aconteceu aí com você?

A princípio, aquilo me chocou, como se ele soubesse de alguma coisa da história de Willie e Brock, mas então notei que ele começou a desenhar um círculo no ar em volta da orelha. Eu me certifiquei de que o gorro dos Steelers ainda estava na minha cabeça.

– As pessoas geralmente não percebem isso quando eu estou com o gorro.

– Ah, mas eu percebo as coisas – ele disse. – Eu sabia que havia algo de errado com você no minuto em que você estacionou naquela parada. Vi como você ficou observando aquelas pessoas com o cachorro. Deu para notar que estava em algum apuro. Então, quando vi que você começou a andar, pensei comigo mesmo “É, aquele garoto precisa que alguém lhe dê uma mão”. Eu noto essas coisas.

– Ah...

Tirei meu gorro. Estava muito quente, e o vento no meu cabelo suado era uma

sensação ótima. Passei a mão sobre a minha cabeça, surpreso com o fato de eu já poder segurar o cabelo que crescia. Meu pai nunca toleraria um cabelo daquele tamanho.

– Eu nasci assim.

A cabeça de Sutton se virava mecanicamente de um lado para o outro, olhando para mim e para a estrada à frente.

– Bem – ele disse –, eu nunca vi nada assim antes.

Eu sou feio.

– Aposto que não.

– E você não consegue ouvir nada desse lado?

– “Nada” é a única coisa que eu consigo ouvir.

Sutton riu.

– É sorte sua, então. Deve ser bom não precisar ouvir metade das bobagens que o resto de nós tem de ouvir todo dia.

Precisei pensar a respeito.

– Não sei...

– Eu acho que sim – ele disse. – Mas eu não vou te perguntar mais nada. Aí você não precisa me contar a respeito do carro, Stark, ou de onde você vem. Eu nem quero saber.

– Eu fui roubado – eu disse. – Um cara velho roubou meu dinheiro todo, a não ser pelos dez dólares que eu tinha escondido na mala. É por isso que eu ia andar.

Imaginei Brock, frio e duro, deitado lá naquele sofá onde eu tinha ficado por dois dias assistindo aos noticiários. Eles já deviam ter encontrado os corpos àquela altura. Tentei pensar se eu tinha deixado alguma coisa para trás denunciando que eu tinha estado naquela casa flutuante.

– Tem gente que não merece andar neste mundo – decidiu Sutton.

Aquilo me deixou incomodado.

– Eu não guardo rancor.

– Me diga como você faz isso, Stark. Se eu fosse você, imagino que eu estaria guardando muita raiva.

– Não com relação ao dinheiro. Ou ao velho, isso não.

Havia outras coisas, no entanto.

– Muito bem. Olha, se você estiver cansado, pode dormir no colchão aí atrás. Não precisa se preocupar com nada. Mas tem uma coisa...

– O quê?

– Nós vamos chegar a Bakersfield daqui a mais ou menos uma hora. Tenho de te falar que nós vamos passar por um posto da polícia rodoviária.

A ideia de ver a polícia me dava medo. Talvez Sutton pudesse ver isso em mim.

– E para que temos de fazer isso?

– Eles geralmente revistam todos os caminhões. Eu acho que você não vai querer que eles te vejam.

– Por que você pensou isso?

Mudei de posição. Meu banco já estava úmido de suor.

– Porque acho que você provavelmente fugiu de casa em Washington. E aquele seu carro que ficou sem gasolina não deve ter sido emprestado para um garoto de 14 anos por livre e espontânea vontade, com permissão para dirigir entre três estados.

– É. Provavelmente.

– E eles também devem perguntar o que um garoto branco está fazendo no

caminhão comigo.

– Talvez você possa dizer que é meu pai...

Sutton riu.

– Que merda...

– Bom, eu não estou cansado.

Mas fui dormir assim mesmo na cama nos fundos da cabine.

Acordei aterrorizado, me sentindo sufocado em meio a todo aquele vermelho, com um calor dos infernos e dificuldade para respirar.

Pensei que estava de volta à casa flutuante. De alguma forma, imaginei ter ouvido o barulho de cinco tiros e fui contando:

um,

dois,

três,

quatro,

cinco.

Simple assim.

E tudo o que eu conseguia ver era vermelho na minha frente. Achei que era o forro de veludo cotelê vermelho daquela cama no quarto de aluguel em que Willie me deixou ficar sem pagar. Ouvi vozes de homens. Elas pareciam estar longe. Eu estava sufocado. Precisava de ar. Agitei meus braços e me sentei. O caminhão.

Eu tinha me esquecido completamente de que estava dentro de um caminhão em algum lugar da Califórnia. Ele não estava se movendo, e eu pude ver uma linha de luzes amarelas piscantes mais à frente, pelo para-brisa. A cabine estava vazia. A porta do motorista estava aberta. Sutton deve ter me coberto com o saco de dormir vermelho de nylon que estava sobre mim, para ajudar a me esconder.

Estávamos parados no posto da polícia rodoviária. Me ergui uns poucos centímetros e pude ver uma carreira de viaturas na margem direita da estrada em frente ao caminhão. Abaixei a cabeça e me cobri de novo. E esperei. Tentei ouvir as vozes que vinham fracamente lá de fora da porta aberta.

Obrigado, Mike.

garotos

McClellan

norte de Washington

ninguém falou nada se estão juntos

onde um deles

eu não o vi

Oregon

assassinatos

ou

maldito banho de sangue

alguma coisa

Toyota

“Vou ficar de olhos abertos enquanto volto para Fresno.”

“A gente se vê, Sut.”

“É isso aí, Mike.”

Era como estar de volta àquele quarto, esperando e esperando. Senti o balanço do caminhão quando Sutton subiu de volta para seu banco, percebi a mudança no ar dentro da cabine quando sua porta se fechou e então veio a vibração leve no colchão fino da cama quando o motor girou.

Eu estava com tanto calor ali debaixo. Começamos a nos mover. Descobri meu rosto, respirei fundo e vi Sutton guardar cadernos e papéis no compartimento acima de sua cabeça.

– O que eles falaram para você?

Sutton deu um pulo quando eu falei.

– Puta merda, garoto! Não aparece com essa cara assim e começa a falar do nada. Eu quase me mijeí aqui.

– Desculpa.

O caminhão se arrastou para a frente e começou a desenvolver. Logo, já estávamos tomando velocidade e nos afastando da área de inspeção.

– Tudo bem. Você já pode sair agora.

Eu escalei pelo espaço entre os bancos e deixei o vento que vinha da janela aberta soprar meus cabelos.

– O que eles falaram para você? – repeti.

Sutton olhou para mim.

– Você tem um irmão?

– Tenho.

– Qual é o nome dele?

– Bosten.

Fiquei olhando para Sutton. Dava para ver que ele estava pensando em muitas coisas. Fazendo suas contas.

– E onde ele está?

– Eu estou tentando encontrá-lo.

– Olha... Só vou perguntar isso uma vez.

– Certo.

– Você está dizendo a verdade?

– Estou. Eu fingi ser ele. Tenho a carteira de motorista. Só assim eu podia dirigir. O que eles falaram para você?

Sutton não disse nada.

– Eu estou mesmo com a habilitação dele. Eu te mostro. Você vai ver que nem parece mesmo comigo.

Puxei a carteira vazia do meu bolso de trás, tirei a habilitação de Bosten e a estendi para mostrar a Sutton. Ele mal olhou.

– Tudo bem. Me desculpa. Eu acredito em você.

– Eu não fiz nada de errado. Só estou tentando achar meu irmão.

– Eu sei. Ninguém acha que você fez nada de errado. Os policiais acham que você está com problemas.

Começamos a dirigir pela encosta das montanhas. A estrada era íngreme e o caminhão parecia se arrastar morro acima, tremendo. Conteí a Sutton a história toda. Não disse por que Bosten tinha fugido de casa, mas conteí que Emily tinha me dado 60 dólares e que eu tinha roubado o carro do meu pai e acabei indo parar em um lugar chamado Scappoose. E conteí tudo a respeito de Willie e April e o que tinha acontecido a Brock na casa flutuante. E falei de como eu estava com medo de acabar sendo morto também.

Sutton só balançou a cabeça devagar.

– Que merda...

Depois disso, eu já não estava com vontade de falar mais. No alto do morro, Sutton encostou em uma parada de caminhões para abastecer seu veículo.

– Eles têm uns hambúrgueres bem bacanas por aqui – ele disse. – Vamos pegar alguma coisa para comer. Tudo bem?

- Eu só tenho dez centavos...
- Não te perguntei nada de dinheiro.

Sutton pagou meu lanche. Comemos em silêncio. O lugar já tinha barulho suficiente, aliás, e minha cabeça estava tão cheia de palavras que eu nem conseguia distingui-las. Eu ficava me perguntando por que é que tem gente neste mundo, como Sutton, que ajuda as outras pessoas simplesmente porque podem, enquanto há pessoas como Brock e Willie, como a senhora Buckley, ou como Emily e sua mãe; e pessoas como minha mãe e meu pai.

Mas todo o meu questionamento sempre me levava de volta a Bosten e em como ele tinha me dito que as coisas não fazem das pessoas o que elas são. Simplesmente não acontece assim.

Tomei um *milk-shake* de baunilha. Há alguma coisa nos *milk-shakes* de baunilha que faz com que tudo pareça estar bem. Ou pelo menos um pouco melhor. E eu não estava usando meu gorro. Estava cansado de usar o gorro.

Sutton só bebeu água, daquele tipo que eles te dão em paradas de caminhão, servida em copos de plástico com grandes cubos de gelo bem límpido. Mas, apesar de ser gelo e plástico, aquilo sempre tinha gosto de metal. Ele então disse:

- Eu decidi uma coisa.

- O quê?

Mas eu já sabia o que ele estava para dizer. Eu vinha me aprontando para aquilo desde bem antes de Sutton pensar a respeito. Ele ia me falar que, quando ele se levantasse para ir embora, era para eu continuar sentado lá, e que eu estaria por minha conta a partir de então. Não havia razão para ele me dizer qualquer outra coisa que não fosse aquilo.

Eu dirijo à noite.

Eu explodo coisas.

Eu faço as pessoas serem mortas.

- Eu provavelmente vou ter um abatimento no meu pagamento por causa do atraso. Mas ali na frente, daqui a alguns quilômetros, vou desviar do caminho e pegar a 126. Dali é mais ou menos uma hora e meia até Oxnard.

Eu o analisei detidamente. Nunca tinha encontrado alguém como Sutton antes. Bem, talvez a senhora Lohman, se ela dirigisse um caminhão. Ele perguntou:

- Você sabe chegar à casa da sua tia?

- Eu já dirigi pelos arredores.

Sutton riu.

- Que merda... Mas você não vai dirigir meu caminhão. Nem me importa o quanto você é durão.

Eu nunca pensei que eu era durão.

Quando chegamos no pedaço estreito de rodovia logo depois do raso leito do rio que seguia para oeste em direção a Ventura, enfiei minha mão suada no bolso e comecei a rodar aquela minha única moeda de dez centavos entre os dedos. Fiquei imaginando como seria quando eu aparecesse de surpresa na porta da tia Dahlia, e isso me dava um certo medo. Muito embora eu não tivesse qualquer dúvida de que ela fosse chorar e fazer festa para mim, e de que me acolheria sem fazer perguntas ou impor regras, tentei procurar dentro do meu coração alguma vibração fraca que indicasse que a estrada estava me levando para mais perto de Bosten.

Mas tudo o que eu sentia era um vazio escuro. Comecei a balançar minha cabeça de novo para não pensar, para afastar as imagens ruins da minha mente. Sutton perguntou:

– O que você tem?

Eu não queria contar a ele que eu continuava visualizando aquele velho morto no sofá e o pé ensanguentado de Willie saindo pela porta do quarto onde eu tinha dormido, lá naquela fria e silenciosa casa flutuante no rio Columbia.

– Nada...

O sol começou a se esconder por detrás das pontas emplumadas dos eucaliptos gigantes que tinham sido plantados em filas perfeitas para demarcar os limites dos pomares e proteger as carreiras de laranjeiras e limoeiros da chegada do frio mais intenso. Passamos por trilhos de trem, por uma cidade minúscula chamada Fillmore e então por um outro lugar chamado Santa Paula, onde mexicanos vendiam frutas ou tocavam música na beira da estrada.

– Você vai estar em casa antes do pôr do sol, Stark.

– Obrigado – eu disse. – Mas eu só queria te perguntar uma coisa.

– Pode perguntar.

– Por que você fez isso por mim?

– Porque eu sei como são as coisas.

Eu nunca achei que alguém soubesse realmente como “as coisas” eram. Pelo menos não como elas eram para mim.

– Você sabe?

– Sei.

– Você costuma comer comida mexicana?

– Todo mundo come comida mexicana na Califórnia...

– Um dia, quando você voltar, nós vamos todos comer comida mexicana juntos.

– Está combinado – Sutton disse. – Não se esqueça. Você me deve essa.

Eu não me esqueceria.

Todo mundo deve ter pensado que tinha alguma coisa errada. Digo, era talvez a primeira vez que uma carreta daquele tamanho cheia de alcachofras passava pela avenida Oceânica e parava no asfalto cheio de areia em frente à casa da tia Dahlia.

Parecia uma eternidade desde que eu tinha estado lá.

Eu nem precisava contar.

O sol já tinha descido para abaixo da linha do horizonte marcado pelo mar, e eu percebi que havia uma cor muito peculiar que a luz formava ali precisamente naquela hora do dia. Mas adiante na rua, vi Evan e Kim e outros garotos que surfavam na costa andando descalços pela praia com suas pranchas embaixo do braço.

Evan olhou para o caminhão. Deu para ver que ele comentou alguma coisa com os outros, provavelmente algo do tipo “O que aquele mané está fazendo por aqui?”. Claro que ele não tinha como saber que o mané em questão dentro da cabine era eu. Tive vontade de gritar para ele e sua irmã e quase o fiz, mas não queria que Sutton pensasse que eu já estava me livrando dele e o deixando para trás de maneira assim tão rude.

– Aqueles dois ali na frente são meus amigos – eu disse.

– Bem-vindo ao lar, Stark.

A porta da tia Dahlia se abriu para o lado de dentro de maneira quase suspeita. Me lembrei de como eram finas as paredes de sua casa, então dava para imaginar como a potência daquele motor a diesel estaria fazendo tudo tremer ali. Quando ela pôs o rosto para fora da casa, abri a porta do meu lado e disse para Sutton por cima do ombro:

– E você não vá embora!

Corri para baixo e dei um abraço nela. Me esforcei para não chorar. Me forcei a ser durão como Bosten era e como Sutton achava que eu era. Tia Dahlia me apertava e me beijava e ficava dizendo e repetindo:

– Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Ah, meu Deus!

Tia Dahlia tentou convencer Sutton a entrar. Também ofereceu dinheiro. Ele disse que não aceitaria. Eu sabia que ele não iria aceitar mesmo antes de ele dizer uma palavra. Sutton explicou que provavelmente se enrascaria um pouco por estar atrasado e tinha de voltar rápido para a estrada litorânea, então pediu desculpas por não poder ficar.

No tempo todo em que eu estava descarregando minha mala do caminhão e mesmo depois, quando estava acenando para Sutton enquanto ele partia, tia Dahlia não desgrudou as mãos de mim nem por um minuto. Era quase como se ela estivesse com medo de que eu fosse sumir de novo.

Ela tinha um monte de perguntas para me fazer. Eu tinha o mesmo tanto para ela. Mas fiquei sabendo logo de começo, mesmo antes de sair do caminhão, que Bosten não estava lá. Dava para sentir. E só de me perguntar a respeito dele me fez sentir um peso grande, como que desacelerando minha cabeça e me impedindo de entender exatamente o que se passava.

Dahlia levou bem uma meia hora para se acalmar. Eu disse a ela que não estava com fome, mas ela insistiu em fritar bacon e ovos para mim. Enquanto ela fazia suas coisas na cozinha, xingando a torradeira que queimava um lado do pão, levei minha bagagem para o quarto que meu irmão e eu tínhamos dividido. Acho que fiquei lá por um tempo pensando na vida, em Bosten e em como aquela mala já tinha estado em um lugar onde pessoas foram assassinadas. Então tia Dahlia apareceu na porta com uma expressão de quem ainda não acreditava que era eu mesmo ali na sua frente, e me pegou pela mão e me levou até a mesa.

– Olha, Stark – ela disse –, agora você tem de me contar o que está acontecendo.

Naquele momento, eu pude perceber em suas feições que ela já tinha uma ideia do que se passava. Mas não tinha jeito de ela saber metade das coisas ruins que já haviam acontecido comigo e com Bosten.

Me sentei e comecei a comer. Tia Dahlia cobriu minha mão esquerda com a dela.

– Nem sei por onde começar, Dahlia.

– A polícia veio aqui dois dias seguidos procurando por você e Bosten – ela disse. – Onde está seu irmão?

Abaixei meu garfo e olhei diretamente para ela.

– Não sei. Pensei que ele estivesse aqui. Esperava que ele estivesse.

Os olhos de tia Dahlia estavam marejados e pesados de preocupação.

– No primeiro dia foi um detetive do Oregon, perguntando só a respeito de Bosten. No dia seguinte, ele voltou com outro detetive de Washington. E então ele perguntou de você também.

Eu não sabia o que dizer. Me senti culpado, mesmo não tendo feito nada de errado. Ela disse:

– Me disseram que alguém tinha sido assassinado. Me deu tanto medo que eu

achei que ia morrer. Pensei que tivesse sido você ou Bosten.

Balancei a cabeça.

– Eles não te disseram quem tinha morrido?

– Não. Não disseram mais nada, a não ser que tinha havido um assassinato no Oregon e que eles precisavam encontrar vocês dois.

Empurrei meu prato para longe. Não conseguia comer. Devo ter ficado sentado lá por uns cinco minutos, só olhando para a comida que Dahlia tinha feito para mim. Estava tudo muito silencioso.

– Algumas pessoas foram baleadas. Foi em um barco. Eu estava escondido em um quarto. Não vi quem atirou ou por que o tiroteio começou. Quando saí, havia duas pessoas mortas, e quem quer que tivesse feito aquilo já tinha sumido.

Senti a mão de Dahlia tremer sobre a minha. Ela então ficou em pé, me deu um abraço e disse:

– Ai...

Acariciou meu cabelo e me deu um beijo no alto da cabeça. Acho que ela estava chorando.

– Preciso te contar a respeito de mim e de Bosten. E da razão de eu estar aqui.

Acredito que, de diversas formas, as memórias são como os sons que ficam presos dentro da minha cabeça. Eles ficam só rodopiando lá dentro em seu próprio ritmo, criando sua própria ordem, fazendo suas próprias contas. Digo isso porque, enquanto estávamos sentados lá e eu tentava contar a Dahlia a história toda – tudo mesmo –, eu me via às vezes tendo de retornar a um ponto anterior quando alguma coisa esquecida vinha à tona e se mostrava importante.

E nada do que aconteceu conosco faria sentido se eu não deixasse os verdadeiros monstros que nadavam em minha cabeça aflorarem e mostrarem seus dentes. *E não há amor na minha casa, somente regras.*

Mas há um quarto.

Contei para ela a respeito do nosso nome e de São Fillan, e de como eu acreditava que aquela história fosse real, e ela disse:

– Não há nada de errado com você.

Quando ela falou aquilo,
soou como verdade,
soou como correntes se afrouxando.

E a minha janelinha,
e o nosso jeito secreto de fugir,
e tudo o que Bosten e eu tivemos na vida foi um ao outro.

Contei sobre Ricky Dostal,
contei para ela cada detalhe sobre o que nos acontecia no quarto de São Fillan,
sobre o balde,
o que meu pai fez
com Bosten,
o que meu pai fez com Bosten,
o que o nosso maldito pai fez,
e como eu sonhei que um dia
eu seria corajoso o suficiente para matá-lo,
mas Bosten era mais forte
e mais esperto que eu e ele foi embora.

E contei a ela o que aconteceu com o Buck,
tive de contar,
sabia que não faria diferença para ela,
mas que deixou meu pai enlouquecido.
Buck tentou se matar usando uma tesoura
e eles o internaram,
e então eu peguei o carro para me salvar,
e para salvar Bosten também.

Dahlia me deu um tapinha no joelho. Ela esperou até ter certeza de que eu tinha terminado.

– Seu irmão me contou a respeito dele. Lembra daquela noite, você me pediu para ir fazer uma caminhada com você?

Assenti com a cabeça.

– Naquela noite, Bosten me contou por que você quis ir para fora enquanto ele estava ao telefone. Me contou a respeito do rapaz lá em Washington. E ele disse que é por isso que ele te ama tanto, Stark. Porque nenhuma dessas outras coisas das suas vidas se mete entre vocês dois. Nada disso muda o modo como nós nos sentimos com relação ao outro.

– Eu preciso encontrá-lo.

– Eu sei. E nós vamos.

Na segunda-feira, não havia na praia nenhum dos garotos que a gente sempre via. Afinal, garotos normais vão à escola.

Eu dormi até muito tarde e não consegui ver Evan e Kim antes de eles pegarem o ônibus para a escola. Fiquei chateado com isso, mas Dahlia me disse que preferiria me ver dormindo a me acordar.

Enquanto eu estava sentado lá tomando o café que ela tinha preparado antes mesmo de eu abrir os olhos, Dahlia disse que nós tínhamos coisas a fazer.

– A começar por um banho – eu disse. – Acho que estou fedendo tanto que eu poderia até talhar o leite.

A última vez em que eu tinha tomado banho tinha sido quando a April cortou meu cabelo, no dia do meu aniversário.

– E, enquanto eu estiver lá, talvez seja melhor deixar minhas coisas na sua máquina de lavar. Eu não tenho nenhuma outra roupa para vestir.

Dahlia ficou surpresa.

– E o que você está levando na sua mala?

– Nossos trajes de surfar, uma muda de roupas para o Bosten, umas meias sujas, minhas calças jeans, umas cuecas e um recorte de jornal com a foto de um OVNI.

Ela sorriu e balançou a cabeça.

– O que eu vou fazer com você, Stark...?

Dahlia me levou a uma loja da Sears em Ventura e comprou todas as roupas de que eu precisaria nos dias seguintes, até meias. E cuecas e camisetas que não eram brancas. Me troquei no provador do shopping.

Então ela atravessou Oxnard e me levou até o colégio Anacapa, estacionando seu Dodge em uma vaga logo em frente ao escritório onde estava escrito “visitantes”.

– O que você acha? – ela perguntou.

E o que era para achar daquele lugar...?

– Não tem corredor na entrada.

Aquela foi a primeira coisa que notei a respeito da escola. Todas as salas de aula se abriam para o lado de fora e, em vez de corredores, só havia calçadas.

A segunda coisa em que pensei foi se eles me colocariam na sala dos mentalmente retardados.

Acho que Dahlia percebeu o nervosismo em que eu fiquei enquanto nós estávamos sentados lá em frente àquela escola. Eu nunca me encaixei naturalmente em situações que envolvessem gente nova; e me apavorava pensar que, em algum lugar do outro lado daquelas paredes texturizadas que nós admirávamos, havia um professor de educação física pronto para tomar nota de tudo quanto pudesse a respeito da minha vida, minhas medidas, o que eu estava vestindo e se eu tinha tomado banho ou não.

Tia Dahlia pôs a mão no meu braço.

– Vamos só ver como são as pessoas lá dentro. Aí a gente começa a conversar sobre como serão as coisas. Mas sabe de uma coisa, Stark? Isso significa que eu pretendo que você fique aqui comigo. Teriam de me mandar para a cadeia antes de eu deixar você voltar para Washington.

Eu nunca tinha visto alguém ficar do meu lado daquele jeito, exceto Bosten e Emily. Aquilo fez eu me sentir mais seguro e um pouco sozinho ao mesmo tempo. Eu não sabia o que faria se nunca mais pudesse ver a Emily Lohman de novo. Me senti pequeno e muito distante dela. Engoli a apreensão e disse:

– Tudo bem.

Eu estava morto de medo de que eles fossem me arrancar da secretaria e me jogar logo de cara em alguma aula hostil, provavelmente educação física. Mas, quando conversamos com a funcionária, ela deu à tia Dahlia um *kit* de matrícula que listava tudo de que eu precisaria antes de eles me encaixarem em alguma turma. Aquilo significava que eu estaria liberado pelo menos durante alguns dias. Quando voltamos para fora, tia Dahlia disse:

– Foi melhor do que eu esperava. Tenho a sensação de que as coisas vão dar certo entre nós. Claro que isso depende do que você quer, Stark. Só quero que você tenha certeza de que você está seguro aqui.

– Eu sei. Obrigado, tia Dahlia.

O que era estranho para mim era o quanto eu sentia que realmente tinha encontrado a minha casa, talvez pela primeira vez na vida.

Depois que saímos da escola, andamos por Oxnard e fomos a uma mercearia. Tia Dahlia disse que ela provavelmente não tinha nem biscoito velho em casa para me dar e estava com medo de que eu fosse começar a roer a mobília se ela não comprasse mantimentos.

No caminho até lá, dei uma olhada no material de matrícula e achei a página que mais me dava medo: “Exigências para participação na turma masculina de educação física”. A lista trazia as mesmas palavras importantes com que os senhores Lloyd do mundo se preocupavam: banhos diários, desodorante, higiene, suporte atlético.

Ah, a escola...

Me perguntei quanto tempo levaria para eu ter de socar a cara de algum dos “caras-chave” de Anacapa.

Porque tudo era diferente agora.

À tarde, tia Dahlia ligou para minha mãe. Fingi que estava dormindo no meu quarto. Até tirei minha roupa e me enfie debaixo das cobertas. Minha camiseta e cuecas novas tinham aquele cheiro químico que eu sempre adorava. De qualquer forma, eu não iria falar com minha mãe. E não achava que ela queria falar comigo também.

Elas estavam combinando coisas. Minha mãe enviaria a papelada que a escola exigia para eu começar a assistir às aulas. Fiquei com os olhos fechados, mas pude perceber pelo jeito da conversa que minha mãe não se importava nem um pouco que tia Dahlia estivesse planejando me deixar morar com ela.

Minha mãe sempre fazia suas contas, e acho que agora finalmente os números estavam fechando para ela.

Não mais que vinte minutos depois do telefonema, enquanto eu ainda estava deitado em silêncio na minha cama com a porta aberta, quatro policiais bateram na porta da frente perguntando se eu estava lá e se eles podiam entrar.

A polícia provavelmente tinha alguma diretriz especial que dizia para eles chegarem sempre que a pessoa procurada estivesse deitada e só de cuecas. Quer dizer, o que você pode fazer em uma situação dessas? A única hora pior do que essa seria se você estivesse no mictório segurando o pinto, como quando Ricky Dostal começou toda a história que me trouxe até aqui. Eu juro que pensei em fugir, mesmo que não soubesse do que exatamente eu estaria fugindo.

Me sentei na cama. Dava para ver a porta certinho de onde eu estava.

Dois dos policiais estavam usando uniforme, com seus distintivos brilhantes e armas; os outros dois, mais à frente, usavam ternos e gravatas e tinham uma expressão de tédio. Eles estavam lá me procurando. Era simples assim.

Então lá estava eu, sentado à mesa da cozinha da tia Dahlia, descalço e só usando minha camiseta Sex Wax nova e cueca, falando com os detetives Adam Berkowitz, de Portland, e Guy Sheehan, de Seattle. Me perguntei por que alguém daria o nome de “Guy” para um sujeito, mas o pensamento fugiu rapidinho da minha cabeça assim que Berkowitz falou o meu nome.

– Então, você é Stark McClellan?

Parecia algo que um xerife em um filme de faroeste diria logo antes de atirar no cara em quem ele sabia que teria de atirar mesmo sem saber o nome. Era parte do plano.

– Hã, sou.

Os dois uniformizados, que eram do Departamento de Polícia de Oxnard, ficaram esperando lá fora em sua viatura, na frente da casa. Acho que eles já conheciam as histórias que diziam que surfistas daquela praia deixavam ratos mortos nos limpadores de para-brisa de viaturas vazias. Pelo menos foi o que Evan me contou, e eu acreditei.

O detetive Berkowitz se sentou bem na minha frente, tão perto de mim que teve de abrir suas pernas para que elas não trombassem com as minhas, meio como se ele estivesse pronto para aplicar uma tesoura se o camarada na frente dele fizesse algum movimento errado. Tia Dahlia ficou sentada do outro lado da mesa olhando alternadamente para mim e para cada um dos outros, com uma expressão de quem não hesitaria em matar qualquer um deles se eles viessem com alguma ideia de me tirar dela.

– Tem muita gente te procurando – a voz de Berkowitz soou lúgubre.

– Hum...

Engoli um bolo na garganta. Olhei para tia Dahlia. Ele nem se moveu. Então Guy Sheehan, de Seattle, disse:

– O carro de seu pai foi encontrado nos arredores de Fresno. Um homem chamado Willie Purcell o consertou em um posto de serviços no Oregon. Mas seu pai estava em casa, no condado de Kitsap, nas duas últimas semanas.

Então, ao mesmo tempo, eu disse uma coisa e tia Dahlia disse outra:

– Sou novo demais para dirigir.

– Stark não roubou o carro de ninguém.

Guy Sheehan indicou com o queixo o detetive Berkowitz e apontou para sua própria orelha direita. Senti como se todo o meu sangue estivesse se esvaindo do meu corpo. Só fiquei encarando o enorme bigode do detetive Berkowitz.

– Ninguém disse que você roubou nada, filho – disse Berkowitz.

O bigode de Sheehan não intimidava tanto. E ele tinha espinhas no rosto, o que meio que diminuía seu aspecto assustador. Mas eu não gostei do modo como Berkowitz tinha me chamado de “filho”. Ele então chegou para a frente e seu joelho pressionou minha coxa desnuda.

– Você conhece uma moça chamada April Van Hecht?

Me desviei dele.

– Conheço uma moça chamada April. Nunca soube o sobrenome dela. Ela é prima do Willie. Ela cortou meu cabelo na semana passada. No dia do meu aniversário.

– Então quer dizer que você tem 14 anos agora?

– Isso.

– Mas você disse a ela que seu nome era Bosten McClellan. Que tinha 16 anos.

– Não achei que eu fosse ter problema só por fingir ser mais velho.

– Ninguém disse que você está com problemas – disse Sheehan.

– Então por que é que tem quatro policiais de três estados diferentes aqui na casa da minha tia?

Eu percebi que não deveria ter dito aquilo logo que as palavras saíram da minha boca. Era o tipo da coisa que me faria ganhar um tapa se eu estivesse na minha casa lá em Washington. Berkowitz recostou em sua cadeira.

– E você pode me dizer o que aconteceu naquela casa flutuante?

Eu esperei e respirei fundo duas vezes.

– Eu não sei o que aconteceu lá. Estava escondido no quarto de Willie. Ouvi cinco tiros. Exatamente cinco. Eu estava com medo demais para sair de lá. Aliás, estava com medo do Willie e do outro cara, um velho chamado Brock. Eles tinham cheirado cocaína a noite toda, então eu fiquei escondido no quarto.

Não contei a eles sobre a outra coisa que Brock tentou fazer comigo ou o fato de que ele roubara meu dinheiro. Então Guy Sheehan chegou bem perto de mim, me encurralando contra a ponta da mesa, entre ele e Berkowitz.

– E você cheirou cocaína com eles, Stark?

Ouvi tia Dahlia dar uma respirada profunda quando ele perguntou isso. E eu menti:

– Não.

Bom, não era tecnicamente mentira. Willie tinha posto aquilo à força na minha boca. E eu disse:

– Eu não faço essas merdas. Nunca, nada disso.

Olhei para Dahlia.

– Desculpe. Não quis falar palavrão.

Fiquei vermelho. Ela acariciou minha mão.

Ouvi o motor a diesel do ônibus da escola roncando na rua bem em frente à casa. Queria desesperadamente correr lá para fora, mesmo de cueca, e implorar que Evan e Kim me tirassem dali. Que me levassem para o mar.

Os detetives ficaram lá por quase duas horas. Quando acabaram de fazer perguntas, me fizeram dar uma declaração por escrito a respeito do que tinha acontecido em Scappoose. Quando assinei, Guy Sheehan disse:

– Seu pai não quis que enquadrássemos você por ter pegado o carro dele sem habilitação.

Acabei de escrever minha declaração. Deveria ter guardado aquele saquinho de compras para dar a eles. Eram as mesmas palavras que eu tinha posto lá.

– Tenho certeza de que não valeria a pena para ele.

Espiei pela janela da frente para ter certeza de que os policiais tinham ido embora. Quando eles sumiram da avenida Oceânica, fui me vestir.

Tia Dahlia parecia preocupada. Doía vê-la daquele jeito, porque eu sabia qual era a causa de seu sofrimento. Jurei naquele momento que nunca mais faria nada que pudesse trazer problemas para ela. Dei um abraço e disse que eu sentia muito, e ela me embalou para a frente e para trás em seus braços, enquanto dizia:

– Não seja bobo, Stark. Você não fez nada de que deva se desculpar.

E por mais que eu estivesse morrendo de vontade de sair para a praia e encontrar Kim e seu irmão, fiquei sentado à mesa da cozinha com Dahlia e, juntos, preenchemos os papéis de matrícula da minha nova escola.

Minha tia nunca teve filhos. Ela me perguntou o que era uma saqueira e por que só os rapazes tinham de levar aquilo para a escola. Então eu expliquei. Mas contei a versão *à la* Palito, não aquela historinha em que os senhores Lloyd do mundo esperavam que a gente acreditasse. Nós dois ficamos rindo daquilo.

Quando me sentei na areia fria, enfiando meus dedos nela como se estivesse tentando – finalmente – me fixar naquele lugar do mundo e observando Evan e Kim lutarem para pegar as ondas que chegavam picadas perto do cais de pedra, decidi que pediria à tia Dahlia para ligar para Emily aquela noite. Só de pensar em ouvir a voz da minha amiga me deu um aperto no peito, e eu honestamente não sabia se conseguiria falar com ela sem cair no choro. Mas eu tinha de me forçar a não chorar, eu pensei. Porque tudo era muito diferente agora.

Evan finalmente me viu sentado lá quando sua cordinha se desprende e ele teve de perseguir a prancha até a areia a uns cinco metros de onde eu estava.

– Puta merda!

Ele deixou cair a prancha, então se virou de novo para a água e gritou:

– Kimmy! Olha quem está aqui! O Palito voltou! Puta merda!

Evan me puxou pela mão e me deu um tapinha no ombro.

– Mas que porra é essa, cara? Achei que vocês estivessem em Washington.

Eu fiquei olhando para trás dele para ver Kim sair da água.

– Meu irmão ainda não chegou. Mas parece que vou ficar aqui de vez.

– Vai arrumar escola e tudo?

– Isso aí.

– Caramba! Então eu vou matar aula amanhã e a gente vai para a rua C.

Evan chegou mais perto. Inclinou a cabeça como se estivesse vendo alguma

coisa em um microscópio.

- Falei alguma coisa errada, Palito? Tá rolando algum problema?
- É que... É uma longa história que eu tenho de contar para vocês.
- E cadê sua roupa de surfar?

Kim já tinha saído da água. Se abaixou, soltou sua cordinha e subiu os poucos metros que nos separavam. Lá estava ela conosco. Se é que era possível, Kim Hansen estava ainda mais bonita do que eu me lembrava, mais do que eu imaginara em todas aquelas vezes em que fantasiei com ela desde que o recesso de Páscoa tinha acabado.

- Está na casa da minha tia. Amanhã eu surfo com vocês, certo?
- Você voltou! – disse Kim, parecendo sinceramente feliz em me ver de novo.

Antes que Evan pudesse dizer qualquer outra coisa, sua irmã pôs os braços em torno de mim e me deu um beijo bem na boca.

Eu teria engolido um oceano inteiro de água salgada se ele tivesse o gosto que senti nos lábios de Kim. Mas foi um gosto ligeiro. Afinal, o irmão dela estava logo ali do lado. Mesmo assim, o beijo me fez fraquejar e me deixou sem ar. E me fez planejar que, em um futuro próximo, Kim e eu pudéssemos fazer melhor do que aquilo.

– Oi, Emi.

– Meu Deus! Palito, você está bem?

– Estou com tanta saudade...

Tia Dahlia limpou a garganta e deixou bem claro que estava indo lá para fora.

– Eu te amo, Emily.

– E eu amo você, Stark McClellan.

Tenho de dar um jeito de não ficar engasgado.

– Por favor, diz que você está voltando para casa.

– Te amo tanto, Emi. Queria poder te abraçar e ficar abraçado para sempre.

– Stark?

– Não dá mais para eu ficar aí com meu pai.

– Por favor, volta.

– Eu tenho de viver aqui com a tia Dahlia, agora.

Quando eu falei aquilo, Emily começou a chorar.

– Você vai gostar dela, Emi. Ela prometeu que você poderia vir ficar com a gente durante o verão. Eu durmo no sofá. A não ser que ninguém perceba que eu não estou lá.

– Como é que eu vou fazer sem você aqui?

– Não falta muito para o verão.

– Eu sei que você não pode voltar. Mas odeio isso.

– Eu amo você.

– Você promete que eu vou poder ir aí visitar?

– Prometo.

– Você vai esperar por mim?

– Eu acho que a tia Dahlia não se importaria se a gente tomasse banho junto.

– E é melhor você não fazer isso com mais ninguém.

– Prometo não fazer.

Quando tia Dahlia voltou, veio trazendo sorvete de morango da Loja da Esquina. Esse era mesmo o nome do lugar que vendia iscas, parafina para surfe e cerveja, e que ficava na ponta da praia. Ela pôs uma velinha de aniversário bem no meio do tijolo de sorvete e a acendeu, e prometeu nunca mais esquecer do meu aniversário de novo. Então, depois que assistimos à televisão e começamos os dois a cochilar no sofá, tia Dahlia me levou para a cama e deu um beijo na minha testa.

– Acho que agora que você já tem 14 anos, eu perdi muitas chances de te pôr para dormir e de dar um beijo de boa noite, Stark.

– Nem tanto – eu disse.

Ela apagou a luz e fechou a porta, e as palavras de Emily tentavam devorar minha cabeça para sair lá de dentro.

Eu sei que você não pode voltar.

Em uma sexta-feira
antes do dia de São Patrício,
Emily Lohman plantou em mim um milagre.
Quando eu acordei.

Quando acordei

de manhã,
minhas correntes tinham se afrouxado.

Eu sei que você **não pode voltar.**

Na segunda-feira seguinte, eu comecei no colégio Anacapa. Fui usando meu gorro dos Steelers. Estava com medo.

Tia Dahlia me levou até lá. Ficamos sentados no estacionamento juntos. Ainda faltava quase uma hora antes da primeira aula e quase ninguém tinha chegado ainda. Eu estava nervoso com aquela situação nova. Não conhecia ninguém. Evan e Kim já estavam no ensino médio. Eu não conseguia me imaginar mais deslocado do que eu estava ali, naquela nova escola.

Mas isso era só uma parte.

Eu já estava na Califórnia havia uma semana e ainda não tínhamos tido notícias de Bosten. Tia Dahlia percebeu o que estava acontecendo comigo. Eu me sentia como se estivesse morrendo, como se estivesse perdendo minha ligação com a coisa mais importante do mundo.

Não me puseram na sala dos retardados mentais.

Acho que eles nem tinham uma assim em Oxnard. Mas, durante o horário de orientação, me mandaram ver a enfermeira da escola, uma senhora negra grandalhona chamada senhorita Mendoza, que tinha mãos quentes e uns dentes grandes que apareciam sempre que ela sorria.

Ela me pediu para tirar o gorro.

Eu já sabia do que se tratava.

– Não sou retardado mental.

Aqueles dentes.

Ela pôs sua mão enorme e quente no meu ombro.

– Minha nossa, você com certeza tem mais de um e oitenta. Você joga basquete?

Balancei a cabeça.

Imaginei que eles tomariam minhas medidas na aula de educação física naquele mesmo dia.

– E quem foi que disse que você é retardado mental?

Dei de ombros.

Tirei o gorro.

A senhorita Mendoza me deu umas balas. Aquilo não era ruim, digo, ela me examinar. Ela era muito gentil e eu me sentia confortado quando ela tocava meu pescoço, procurando coisas que eu nem sabia que estavam lá.

Anotia.

Ela deu um nome para aquilo: nascer sem uma orelha.

Se chamava anotia.

Naquele tempo todo, eu nunca soube que tinha um nome.

Que era uma coisa com nome.

A palavra entrou na minha cabeça e ficou lá.

Tinha um som legal.

Era confortável.

Era como se eu fosse alguma coisa.

Aquilo me fez sentir tão bem que eu queria dar um abraço na senhorita Mendoza.

Ela sabia quem eu era, como se eu fosse só mais um garoto na escola, e talvez pela primeira vez na vida eu senti como se aquilo não tivesse importância nenhuma. Me perguntei se ela sabia o nome para quem nasceu com três mamilos.

– Você não é a primeira pessoa que eu vejo e que é assim.

Havia outros.

– Mesmo?

– Com certeza. Qualquer dia, talvez você possa vir aqui com a sua tia e a gente converse a respeito.

Eu concordei.

– Tudo bem.

– Você me avise se isso te trazer qualquer problema para fazer as coisas na sala e nós vamos dar um jeito. Certo, Stark?

– Tudo bem.

– E seja bem-vindo à Califórnia. Espero que você goste da sua nova escola.

– Ah, eu gosto.

Quando voltei para a sala, fui me sentindo mais alto.

Anotia.

Escrevi aquele nome para ver como ele parecia escrito.

O colégio Anacapa era diferente em quase tudo do colégio que eu frequentava em Point No Point. Para começar, havia garotos de todas as cores. Havia mexicanos, filipinos e negros; e mesmo os garotos brancos não eram tão brancos feito cola como eram os lá de Washington.

Em Washington, quase todo mundo era da cor de estômago de peixe.

E o professor de educação física não usava óculos escuros que escondiam seus olhos. Talvez ele não tivesse muita experiência, mas ele também não carregava para todo lado nenhum caderninho de anotações. E nós fazíamos a aula do lado de fora.

O pessoal o chamava de treinador Mo. Seu nome de verdade era senhor Mortenson, mas acho que Mo era mais fácil de dizer.

De qualquer modo, soava bem.

Era como anotia.

Durante a aula de educação física, o treinador Mo pediu para um garoto de sobrenome Sage me levar ao vestiário e pedir ao Jerry para estampar meu nome na camiseta e no short. Todos os garotos tinham seu sobrenome escrito em preto em seu uniforme de educação física, e Jerry era o cara que trabalhava no vestiário e ficava encarregado dos chuveiros, das toalhas e de estampar as coisas. O garoto Sage usava óculos de aro grosso preto e tinha muitas sardas.

– Vem. Vamos lá – chamou. E então perguntou – Qual é seu nome?

– Hã... Stark.

– Ué, esse é seu nome? Eu achei que tinha ouvido o treinador Mo te chamar de McWilliams ou coisa assim.

– Ah. Stark é meu primeiro nome. Meu sobrenome é McClellan.

– Seu primeiro nome é “Stark”?

– Pois é, é esquisito...

– Bom, nem tanto. Meu primeiro nome é Miles, mas ninguém me chama

assim. Me chamam de Ed. Meu nome do meio é Edward. Qual é seu nome do meio?

– Alden.

– Eeeeca... – Miles Edward Sage não tinha mesmo nenhum medo de ser bem honesto. – Bom, não vou contar para ninguém, Stark.

– Muita gente me chama de Palito.

– É meio besta também.

Dei de ombros.

Eu já estava me acostumando a ser chamado de Stark mesmo.

Jerry trabalhava atrás de um cercado de tela. Não sei por que tiveram de colocar aquela tela com uma espécie de janela no meio em seu “escritório” de entrega de toalhas, monitoramento de chuveiros e impressão de estampas. Talvez os garotos jogassem coisas nele, pensei.

Tirei minha camiseta e passei por baixo da tela. Dava para sentir o cheiro do vapor de tinta enquanto Jerry estampava meu nome no peito da camiseta. Era como o cheiro da cocaína. Então ele a dobrou e me deu de volta. Estava escrito “MC CLELLAN”.

Acho que não usavam minúsculas no alfabeto da educação física. Eu a vesti e aquilo fez eu me sentir como um garoto comum da escola.

Quando tirei meu short, meio que já tinha certeza de que Ed Sage me jogaria para fora do vestiário e me seguraria contra a parede na frente da aula das meninas, então me preparei para fazer dele o primeiro garoto em quem eu daria um soco na Califórnia, se as coisas chegassem a tal ponto.

Mas acho que Ed era tranquilo.

Ele só balançou a cabeça e disse:

– Isso é tão coisa do oitavo ano...

Jerry começou a escrever no meu short.

– O quê? – perguntei.

– Ainda usar saqueira nesta época do ano – Ed explicou. – Se atualiza, Stark. No nono ano, a gente usa isso talvez no primeiro dia. Ou na primeira semana toda, se o cara for muito mariquinha. Mas ninguém fica conferindo. O que eles poderiam fazer? Te levar para a detenção por não usar saqueira?

Eu não sabia o que eles poderiam fazer.

Nunca me perguntei aquilo na aula do senhor Lloyd.

Era uma regra, e o senhor Lloyd anotava tudo. Ed continuou:

– O treinador Mo diz que não está nem aí para o que a gente usa para segurar os bagos, desde que não seja uma cueca samba-canção aparecendo por baixo do short. Aí ele acha ruim. Mas usar saqueira em pleno abril? Isso é muito oitavo ano.

– Oh.

Jerry passou o short por baixo de sua tela.

– Bom, eu não tenho nenhuma samba-canção.

– Então você deveria ir tirar isso. Assim os outros garotos não vão gozar a sua cara.

– Tudo bem.

Comecei a voltar para o corredor onde meu escaninho estava.

– E anda logo, que é para a gente poder jogar – disse Ed.

– Tudo bem.

– E joga essa porra no lixo.

Miles Edward Sage era meu primeiro amigo no colégio Anacapa.

– Eu gosto daqui.

Deu para ver a preocupação se esvair do rosto da tia Dahlia quando sentei no Dodge e fechei a porta. Deslizei no banco e dei um beijo na bochecha dela.

– Gostei bastante desta escola. Muito mesmo.

– Eu estava tão preocupada com você que achei até que ia passar mal. Você não sabe como fico feliz de ouvir que você gostou daqui, Stark.

– Não foi nada de mais. Nada de mais mesmo.

Depois da aula era hora do surfe para os garotos da praia.

Eu estava lá na água, flutuando entre Evan e Kim, e tudo parecia certo para mim. Perfeito. Não havia ondas. Só estávamos boiando. Evan cutucou meu braço.

– Ei, é sua tia.

Me virei para poder ver a areia.

À tarde, quando você sai da água e o sol está em um ângulo mais baixo atrás de você, tudo no litoral se parece com um filme em technicolor, com muita claridade e cores brilhantes como em uma feira.

Um vestido azul com papagaios e bambus se erguia na areia ao lado da tia Dahlia.

Minha mãe tinha vindo atrás de mim.

Ela estava fumando um cigarro. Mesmo lá, em meio à água, eu pude subitamente sentir o cheiro da fumaça. Plantei o rosto na minha prancha.

Queria flutuar para longe dali.

– O que há? – Kim perguntou.

– É a minha mãe.

– Ah.

Evan e Kim sabiam o suficiente de como eram as coisas lá em casa. Tinha contado a eles a respeito de minha mãe e meu pai, do quarto de São Fillan, e eles sabiam que Bosten tinha fugido de casa depois daquela última briga com meu pai.

Eu não tinha contado toda a verdade sobre o motivo da briga ou sobre Paul Buckley. Não porque eu tivesse vergonha do Bosten ou algo assim. Nunca teria vergonha do meu irmão. Eu só achava que uma coisa assim – Bosten ser gay e tudo mais – era algo que, se alguém precisasse saber, ele mesmo tinha de contar na hora em que achasse melhor. Como ele tinha feito com a tia Dahlia.

Isso se ele algum dia voltasse.

– Você precisa cortar o cabelo.

Simples assim. Foi a primeira coisa que ela me disse quando saí da água.

Desde a última vez em que ela tinha me parado no ar gelado da varanda e me passado a máquina, naquela manhã depois de Bosten, Paul e eu dispararmos o OVNI que atacou Seattle, meu cabelo tinha crescido tanto que ele já até cobria o lugar onde minha orelha deveria estar.

Eu dirijo à noite.
Eu explodo coisas.
Eu tenho anotia
e cabelo grande.
Agora, some daqui,

E o que eu poderia responder para aquilo?

– Não, não precisa – Dahlia respondeu por mim.

Olhei para trás só uma vez. Evan e Kim ainda estavam lá na água. Acenei para eles e apontei para a prancha que estava comigo. Era para Evan saber que eu a colocaria de volta em seu quintal.

– Preciso devolver a prancha ao meu amigo. Já volto para casa em um minuto.

Joguei aquelas palavras sobre ela como duas facas,

“amigo”

“casa”.

Tia Dahlia e minha mãe ficaram esperando na sala enquanto eu me trocava. Minha mãe estava fumando. Dava para sentir o cheiro rastejando sob a minha porta. Ninguém nunca fumava na casa de tia Dahlia.

Eu queria quebrar alguma coisa. Foi como ficar preso naquela casa flutuante. Não tinha escapatória. Só havia silêncio – e fumaça – do outro lado da porta. Me odiei por fazer isso, mas eu estava com tanto medo ali na Califórnia quanto tinha estado lá no rio no Oregon. Então, vesti uma camiseta branca e uma camisa de botões por cima, enfiada para dentro da calça jeans. Minha mãe e meu pai carregavam aquelas suas regras para todo lado como se fossem espadas invisíveis.

Vi como Dahlia olhou para mim quando finalmente saí do quarto. Dava para notar que ela estava desapontada comigo por ter me dado por vencido. Me sentei na ponta do sofá de modo que tia Dahlia ficasse no meio. Minha mãe acendeu outro cigarro.

– Como você está, Palito?

– Bem. Você sabe onde está o Bosten?

Tia Dahlia estava com o olhar fixo em minha mãe.

– Não.

– Por que você está aqui?

– Não é muito educado da sua parte perguntar isso. Achei que você queria que eu viesse.

Olhei para minha calça jeans. Era nova e bem passada. Eu deveria tê-la tirado ali mesmo e entregado para tia Dahlia. Eu não merecia coisas boas daquele jeito.

– Eu queria.

– Eu vim ver se você queria voltar para casa agora.

– Eu não sei o que isso significa.

Olhei para os olhos de tia Dahlia. Pareciam carregar um peso enorme. Eu não podia magoá-la. Não deixaria minha mãe tratá-la daquele jeito.

Como se ela não importasse.

Como se nós fôssemos duas malas vazias,

e minha mãe estivesse lá para pegar

as coisas sem dono que iam saindo de nós.

Não havia nada

me unindo

à minha mãe.

Fiquei sentado

sentindo as coisas

que me mantinham unido
a mim mesmo,
meu irmão,
Dahlia,
juntos.

– Arrumei um lugar confortável. Em Seattle. Em um prédio grande de alvenaria.

– Eu comecei hoje na escola daqui.

Eu não ia chorar.

Eu não ia chorar.

Tentei não pensar em nada.

Dava para sentir.

Minha mãe apagou o cigarro.

Então eu fiquei em pé. Tinha de fazer algo antes que começasse a me lamuriar feito uma maldita criancinha. Por algum motivo, só conseguia pensar em Jerry estampando aquele MC CLELLAN no meu uniforme – será que aquilo não era o suficiente para me dizer que eu não podia ir embora dali?

– Hoje foi a porra do meu primeiro dia na escola aqui! A porra do primeiro dia!

Minha mãe se levantou. Tia Dahlia disse:

– Por favor...

Olhei para a janela. Evan e Kim estavam lá fora na rua ao lado do carro alugado da minha mãe, ainda molhados em seus trajes de surfe. Parecia que eles estavam esperando que algo acontecesse. Talvez que começasse a sair fumaça da casa. Sei lá.

E minha mãe estava prestes a me bater por dizer aquilo, mas eu fiquei firme. Não me encolhi, como posso ter feito em alguma outra vez.

Ergui minha mão, e então minha mãe congelou. Percebi como ela ficou fraca e sem ação. Acho que foi a primeira vez que percebi isso.

– Você já não é mais tão grande para mim, mãe.

Ela se sentou. Eu me virei rápido e corri de volta para o quarto. Bati a porta. Tirei as roupas que tia Dahlia tinha me comprado para eu usar na minha nova escola. Dobrei-as seguindo os vincos que já existiam, de um modo tal que aquelas roupas poderiam se misturar perfeitamente às outras coisas na prateleira da loja.

Percebi que meu rosto estava molhado. Eu era só um garotinho burro e feio. Deitei na minha cama e enfiei meu rosto no travesseiro. Eu não ia chorar. Eu não ia gritar. Só fiquei lá esperando.

Quando Bosten estava no oitavo ano,
lembro de como ele era mais alto que eu,
e eu estava na turma dos garotos normais,
mas não sabia fazer nada muito bem,
e os garotos me chamavam de retardado.

Eram três garotos maiores,
e um deles me empurrou
na porta da loja do senhor Lohman.
E Bosten disse:
– Ninguém sacaneia meu irmão, seu merda!

Mas eu devia ter dito a ele
que um monte de gente faz isso.
Bosten levou um soco no nariz e um chute na barriga.

Eu vim ver
se você queria voltar para casa agora.

Aqui vão cinco balas
para os rapazes no barco.
E mais uma para o santo.

Eu adormeci.

E sonhei de novo que Bosten tinha morrido. O sonho se passou na casa em Washington, e eu estava deitado em minha cama com a orelha colada no cano para ouvir meu pai e Bosten brigando lá em cima, enquanto mantinha meus olhos fixos na janelinha, aquele retângulo áureo cheio de noite. Vi meu pai carregando Bosten para fora pela trilha do poço. Ele pôs Bosten dentro da casinha e o trancou lá dentro. Fechou a porta e disse que ali ia mais um para o santo.

Quando acordei, ainda estava chorando. Tia Dahlia se sentou na cama ao meu lado. Já estava bem escuro, e ela fez uma massagem em círculos com a palma das mãos no meio das minhas costas.

– Não se preocupe, querido. Não se preocupe. Você não vai a lugar nenhum.

Minha mãe tinha pegado seu carro alugado e ido embora.

Mas a casa ainda guardava o cheiro dela.

- Talvez você devesse ficar em casa hoje e não ir à escola – disse Dahlia.
– Não quero.

Naquela tarde, as ondas tinham voltado à praia. Surfei com Evan e Kim, e já estava ficando bom naquilo. Às vezes, Evan e eu trocávamos de prancha depois da arrebentação e eu tentava manobrar com a dele, que era menor. Ele estava me ensinando a girar e então subir e descer pela frente da onda. Ou pelo menos ficava assistindo enquanto eu capotava todas as vezes. As pranchas mais curtas permitem que você explore por inteiro uma boa onda. É como roubar do bolso de um cego.

Quando estávamos lá no mar, fazendo uma última troca, vi tia Dahlia na areia. Na verdade, ela já estava com água até o joelho, sacudindo os braços e gritando. Não dava para dizer com certeza o que ela queria dizer, mas eu consegui distinguir uma palavra com clareza.

Bosten.

– Ei – Evan disse, dando um toque no meu braço. – Ela está falando alguma coisa sobre o seu irmão.

E eu já estava remando freneticamente rumo à praia. Tia Dahlia voltou para a areia fugindo da espuma branca das ondas. Evan e Kim estavam logo atrás de mim quando eu consegui alcançar o chão com firmeza suficiente para ficar em pé.

– Ele está no telefone.

Arranquei a cordinha do meu tornozelo e larguei a prancha de Evan. Não conseguia pensar em mais nada, a não ser em Bosten.

Finalmente. Ele estava vivo!

Corri pela areia até a casa de Dahlia, xingando meus pés que derrapavam e os músculos em minhas pernas que ardiam feito fogo. Aquilo pareceu uma eternidade, como correr em cimento pastoso. Passei voando pela cerquinha destruída e alcancei a porta da frente. Deixando pegadas de areia e pingando, trombei em tudo até chegar à cozinha e finalmente agarrei o telefone que estava na mesa.

– Bosten!

– Meu garoto Palitoso!

Meu peito começou a pular como se eu estivesse com soluços. Eu estava tão feliz e animado de ouvir meu irmão de novo. Nem sabia dizer se eu estava rindo ou chorando.

– Bosten, em que porra de lugar você estava?

– Merda, em todo lugar.

– Onde você está agora? Está tudo bem?

– Eu estou bem, Palitoso. Estou em L.A.

– Nós vamos te buscar. Nós estamos indo te buscar agora, tá certo?

– Espera um pouco.

– Como assim “espera um pouco”?

– Eu tenho de achar outra moeda.

A telefonista está dizendo que meu crédito acabou.

– Onde você está?

– Eu não sei que lugar é este aqui.

É em Hollywood, eu acho.

– Onde a gente pode te pegar?

– Não sei bem.

Olha, amanhã eu vou estar em um lugar chamado rua dos Anjos.

Fica no centro, ao lado da Broadway
e da rua Três, ou talvez da Seis.

Eu só sei como chegar lá.

É um lugar para garotos.

Garotos de rua.

– Certo. Nós vamos lá.

– Palitoso?

– O quê?

– Acho que seria melhor não trazer a Dahlia aqui.

– Por quê?

– É melhor não. Tudo bem?

– Por quê?

– Veja se você consegue me trazer uns 20 dólares.

Acho que Bosten ficou sem moedas, porque aquilo foi a última coisa que eu o ouvi dizer. Chamei seu nome três ou quatro vezes no telefone silencioso, mas não havia nada. Quando olhei para o outro lado da sala, vi Dahlia, Evan e Kim de pé do lado de fora, na areia em frente à casa, como se estivessem esperando minha permissão para se aproximar e saber o que estava acontecendo.

Eu me sentei à mesa segurando o queixo e olhando para o telefone. Ouvi Dahlia dizendo a Kim e Evan que eles podiam entrar mesmo molhados e cheios de areia, mas Evan recusou. – Está tudo bem, a gente espera aqui fora.

Ela pegou o telefone, pôs no ouvido e depois no gancho.

– O que ele disse?

Tentei pensar. Era como se eu não conseguisse lembrar do que ele havia dito. Foi como se tudo tivesse sido despedido de novo.

Engoli em seco. De repente, dei por mim de novo, sentado na cozinha da tia Dahlia, vestindo aquela roupa de borracha, espalhando areia e água salgada para todo lado.

– Ele está bem.

– Ele não quis dizer onde estava. Perguntou se você tinha conseguido chegar aqui e então disse que precisava falar com você. E foi só isso.

– Ele ficou sem dinheiro para continuar a ligação.

– Ele vai ligar de novo, querido.

Tia Dahlia acariciou meu pescoço. Senti meu cabelo molhado se dobrar entre os dedos dela. Olhei de novo para Evan e Kim, me levantei, fui até o meu quarto e peguei roupas secas que enrolei e voltei trazendo até a porta da frente.

– Vou lá ajudar meus amigos e cuidar das pranchas e de todo o resto – eu disse. – Volto na hora do jantar.

E então saí.

Evan soltou nuvens finas de fumaça do baseado a cada palavra que disse.

– Cara... Pede para ela. Você não pode roubar o carro da sua tia.

Eu roubo carros.

Troquei de roupa na casa dos gêmeos, e depois nós três fomos sentar na areia protegidos do vento da tarde pelos pedregulhos enormes que se empilhavam e formavam o cais de pedra.

– Eu não sei o que fazer. Não quero magoá-la, mas meu irmão deve ter algum motivo para não querer que ela vá lá.

Kim estava sentada tão perto de mim que nossos joelhos se tocavam.

– Como ele parecia estar no telefone?

– Para ser sincero, foi tudo meio como um borrão. Eu fiquei muito emocionado só de saber que ele estava vivo. Nem sei te dizer o quanto eu estava com medo de que alguma coisa terrível tivesse acontecido com ele.

Evan puxou a última tragada do baseado e jogou fora a pontinha úmida em meio às pedras. – Quer que eu vá com você?

Balancei a cabeça.

– Parece que Bosten não quer mais ninguém lá.

Kim pôs a mão na minha perna. Nossos olhares se encontraram e eu sabia que íamos nos beijar de novo, e que seria naquele dia mesmo. Me odiei e me senti culpado, como se estivesse esquecendo meu irmão, porque aquela garota às vezes tornava impossível eu pensar em qualquer outra coisa que não fosse o gosto de sua boca.

Mas tudo estava muito diferente agora.

Minha boca se encheu subitamente. Ela disse:

– Você tem de ser honesto com seu irmão e também com a sua tia. Os dois te amam.

Engoli.

Ela me seguiu quando voltei para casa para jantar. Eu sabia que ela faria isso, e então nós nos escondemos atrás da Loja da Esquina entre dois latões de lixo por pelo menos quinze minutos, nos beijando com as línguas se entrelaçando nas bocas um do outro. Ela sussurrou:

– Acho que você é muito corajoso.

Eu roubo carros.

Pressionei meu corpo ao dela. Já estava sem fôlego, e Kim tinha posto sua mão entre minhas pernas e começado a me esfregar. Ninguém nunca tinha me tocado daquele jeito antes. Corri meus dedos para dentro de sua blusa e senti seus seios. Eram frios e firmes. Então eu a empurrei de leve.

– Precisamos parar.

– Por quê?

– Porque eu sou burro.

– Do que você está falando?

– Cacete!

Me virei e corri pela rua até a casa da tia Dahlia. Não me virei nem uma vez para olhar para Kim. Não queria que ela visse o quanto eu era burro. Porque eu de repente comecei a pensar em Emily e em Bosten. Em meu pai e minha mãe. E me senti horrível e sujo.

Eu sou feio.

Não consegui olhar nos olhos da tia Dahlia depois daquilo. Eu sentia como se estivesse roubando alguma coisa de cada pessoa que se importava comigo, e não conseguia viver com aquilo. Decidi contar a verdade.

- Me desculpe, Dahlia.
- Por quê?
- Por não contar a verdade.
- Oh.

Ela abaixou seu garfo. Tinha feito espaguete para o jantar. Minha mãe nunca fazia espaguete em casa. Tia Dahlia cozinhava bem. Tudo o que ela fazia ficava perfeito.

– Bosten quer que eu vá vê-lo. Ele vai me encontrar amanhã em um lugar de Los Angeles chamado rua dos Anjos. É para onde vão os garotos que fogem de casa. Mas ele me pediu para ir sozinho. Acho que está com medo de alguma coisa.

Tia Dahlia ficou quieta por um longo tempo. Então disse:

- Você não vai me abandonar, vai?
- Eu nunca faria isso.
- Bem...
- Eu sei dirigir.
- Você me disse isso uma vez.
- E tenho altura.
- Você é bem mais alto que eu.
- Prometo que vou voltar para casa.
- Vou ligar para a escola amanhã de manhã. Aviso que você está doente e vai ficar em casa.

- Obrigado.
- E é melhor você trazer aquele garoto de volta para casa também.

Era aquilo que estava me perturbando. Eu não sabia exatamente se Bosten queria voltar para casa.

- Vou tentar.

A manhã chegou pesada e cinza, como se a praia estivesse envolta em um grande casaco de lã molhado.

Não consegui dormir direito aquela noite. Acho que tia Dahlia também não, porque a casa nunca tinha ficado em um silêncio tão profundo quanto na hora em que nos sentamos para tomar café e comer ovos mexidos.

- Se você disser para eu não ir, eu não vou.
- Não vou pedir isso.

Ela me deu um mapa do sul da Califórnia. Parecia um daqueles modelos do corpo humano, cheio de linhas azuis e vermelhas correndo na superfície. Na noite anterior, traçamos um caminho para eu fazer da praia em Oxnard até o centro de Los Angeles, e eu tentei memorizá-lo o quanto pude, mas minha cabeça nunca tinha sido muito boa para essas coisas.

Claro que eu estava com medo.

Ela também me deu 35 dólares, que eu dobrei e enfiei na carteira de Bosten. Eu nem tinha pedido, mas, de algum modo, Dahlia sabia que nós íamos precisar de dinheiro.

Acho que ela fez contas.

Esperei dentro de casa até que todos os garotos da praia já tivessem pegado o ônibus para a escola. Vi Evan e Kim saírem também. Sei que tia Dahlia achou

estranho que eu não estivesse animado para falar com eles, mas eu não conseguiria encarar nenhum dos dois aquela manhã.

Eu estava convencido de que algo terrível aconteceria comigo quando eu saísse. Era uma certeza ainda mais forte do que a sensação de perigo que tive quando me escondi naquela casa flutuante e contei os cinco tiros.

Os fantasmas daqueles disparos ainda ecoavam uma vez ou outra dentro da minha cabeça.

Tia Dahlia me deu um abraço bem forte antes que eu partisse. No fundo, eu esperava que ela não fosse me largar, ou então que fosse mudar de ideia e me proibir de fazer algo tão estúpido e imprudente quanto o que eu estava para fazer. Mas eu só estaria mentindo para mim mesmo se pensasse, por um momento que fosse, que ela agiria daquele jeito. Então entrei no carro e segui pela avenida Oceânica.

Simples assim.

Ao meio-dia, eu estava em Los Angeles. E estava completamente perdido.

Percebi que não dá para ler mapas enquanto a gente está dirigindo, e aquele que minha tia tinha me dado não mostrava nada das ruas de mão única que tinham me encurralado, me isolando na direção errada e me fazendo boiar em meio a um rio incessante de carros que levavam pessoas que pareciam saber exatamente para onde queriam ir.

Finalmente, frustrado com o fato de que eu seria jogado para tudo quanto era lado até ficar sem gasolina, parei o Dodge em um estacionamento plano e aberto cercado por uma corrente. Tive de pagar a um homem três dólares para deixar o carro ali, mas estava feliz de depender somente de minhas pernas fora daquele tráfego pulsante.

Não estava usando mais o gorro que Emily me deu. Meu cabelo já tinha crescido o suficiente para que as pessoas não fossem mais atraídas imediatamente para aquele lado da minha cabeça. Mas claro que elas ainda notavam. Quando você nasce como eu nasci, aquela inclinada óbvia da cabeça e o olhar arregalado de estranhos são quase como avisos de um predador para uma pobre presa. Bem, eu vi aquele mesmo olhar atônito quando paguei o dono do estacionamento com uma nota de cinco e fiquei esperando enquanto ele se atrapalhava contando os dois dólares de troco.

Acho que deve ser difícil fazer contas quando você está em frente a um sujeito como eu.

Ele era baixo e atarracado, com dedos curtos e um grosso bigode grisalho que rivalizava com aquele bigode monstruoso do policial que me tirou da cama de cueca. Eu tinha rasgado a beirada do mapa e estava segurando o pedaço na mão, na esperança de que aquele homem pudesse decodificar tudo para mim. A página trazia uma visão ampliada das ruas do centro de Los Angeles.

– Eu estou meio perdido – disse ao homem.

Ele tinha um sotaque carregado, mas eu nem tinha ideia de qual fosse sua origem. Ele acenou com o pedaço rasgado como se aquilo cheirasse mal.

– Isso Flower.

E apontou no mapa, com meus olhos seguindo seu dedo gordo.

– E ali Wilshire.

Gostei do modo como ele pronunciou “Wilshire”. Soou como “Weelshider”. Olhei para o mapa. Localizei a parte com as regiões de Wilshire e Flower.

– E para que lado fica a Broadway?

Ele balançou o braço para a esquerda.

– Broadway. Para lá. Talvez seis

– Ah. Hã... Obrigado.

Comecei a andar pela rua girando o mapa na minha mão para que ele estivesse sempre na mesma orientação que eu estivesse seguindo.

– Ei Garoto.

Parei e me virei. O homem veio e ficou bem na minha frente, como se pensasse que eu não conseguiria ouvi-lo. Ou algo assim. Eu já tinha visto aquela cena vezes suficientes para saber o que ele estava pensando.

– Eu tranca portão dez de noite. Dez de noite, trancado.

Ele disse batendo as palmas das mãos. Boa tentativa de linguagem de sinais. Assenti com a cabeça e fiz o mesmo gesto para o homem do estacionamento.

– Tudo bem. Às dez da noite.

Ele fez que sim.

O centro de Los Angeles cheirava a urina, vômito e fumaça. Imaginei que o inferno deveria ter aquele cheiro. Era como se a cidade inteira estivesse recoberta por uma película pegajosa, aquela mesma na qual você tenta não pisar no chão de um banheiro masculino. As solas dos meus tênis ficavam grudadas nas calçadas. Pensei que provavelmente ficariam grudadas também ao chão do inferno.

A área em torno da Broadway era bagunçada e barulhenta. Os prédios eram muito altos e colados uns nos outros, e as ruas recebiam somente laivos ocasionais de luz do sol, mesmo o céu já tendo clareado desde aquela manhã. No nível do chão havia uma sequência enorme de lojas que vendiam coisas que eu nunca achei que as pessoas iriam querer comprar, ou pelo menos não nos arranjos que estavam nas vitrines e nas entradas dos lugares.

Em uma venda, havia uma pirâmide perfeita de limões empilhados logo ao lado de uma mesa cheia de pacotes de plástico com meias e cuecas, e tudo enfileirado embaixo de uma prateleira cheia de rádios e pilhas. A maioria das lojas tinha anúncios escritos em espanhol.

Acho que muitas pessoas à minha volta nem mesmo falavam a mesma língua que eu.

Já tinha ido a Seattle algumas vezes, e sempre pensara nela como uma grande cidade. Mas eu nunca tinha imaginado que um lugar poderia ser tão intimidador ou tão agitado e sob constante vibração – de movimentos, sons, cheiros, luzes e sombras – quanto Los Angeles.

Eu devo ter parecido um bobo andando por ali, olhando em volta para ver tudo quanto eu podia, enquanto passava pela multidão de pessoas que faziam compras e se misturavam e trombavam umas nas outras por toda a rua. Quando virei a esquina da Broadway, dei de frente com um garotinho que estava correndo na calçada para longe da mãe. Ele veio direto com a testa no meu saco. Eu gemi e apertei a barriga.

Me perguntei por que é que ser atingido nas bolas sempre dava a sensação de que seu fígado e os intestinos estavam sendo sugados com um canudo pelo seu umbigo. O menino se afastou de mim sem nem se alterar. Continuou correndo como se nada tivesse acontecido. A mãe, carregando um bebê que dormia em seus braços, me ignorou e só passou ao lado, apressada atrás daquele menino da cabeça perigosa.

Só fiquei parado lá esperando a dor passar e meus órgãos internos voltarem

para seus lugares iniciais. Ali era a esquina da Broadway com a Seis.

Não vi nenhum lugar chamado rua dos Anjos. Mas havia tanto a ser visto, tantos detalhes, e ficava tudo junto em um mesmo lugar como se fosse alguma pintura insana. Fui andando pela Broadway.

Em frente a uma das lojas, um homem estava sentado atrás de uma mesa dobrável. Ele ia disparando uma palavra atrás da outra em espanhol para um pequeno grupo que tinha se juntado ali em volta. Uma mulher na beirada da mesa segurava um bolo de notas amassadas enquanto o homem embaralhava em círculos cascas de nozes viradas para baixo em frente a ela. Ele levantou uma das cascas e revelou uma continha amarela lá debaixo. Então continuou falando e falando, sua voz como uma música, ou uma poesia, criando uma dança de sons dentro da minha cabeça. Observei suas mãos e ouvi sua narração.

A movimentação e o tom de sua voz me hipnotizavam, e às vezes o grupo todo ria junto de alguma coisa. O homem que comandava o jogo era provavelmente muito engraçado, e ao mesmo tempo ia misturando e girando aquelas cascas vazias.

Eu nem achava que as pessoas faziam aquilo de verdade, exceto talvez em filmes que mostravam outros tempos e outros lugares. Mas ali estavam, à sombra dos arranha-céus, a dança e o espetáculo tomando forma em frente aos meus olhos, em plena calçada de Los Angeles. Aquilo era fantástico para mim. Eu achava maravilhoso.

Fiquei assistindo àquele jogo por um tempo. O dinheiro trocou de mãos. O homem raramente desviava os olhos de suas nozes. Quando o fazia, só dava uma olhada rápida em volta, como se estivesse tirando fotos instantâneas dos espectadores à sua volta feito uma metralhadora. Então, ele me notou e parou de embaralhar as mãos.

Apontou para mim e disse alguma coisa. Pareceu algo amigável. Ele tinha olhos bondosos. Mas todo mundo que estava em volta da mesa se virou e olhou para mim. Esperavam que eu fizesse alguma coisa como resposta ao homem. Então ele fez um gesto apontando da minha direção para a sua mesa de jogo. Me senti ficando vermelho. Não sabia o que fazer. As pessoas começaram a falar, tentando me dizer alguma coisa, me chamando de “joven”.

Joven.

Balancei a cabeça, cheguei para trás e tentei sumir na calçada em meio à multidão que se movia como o mar agitado, mas parecia que eu nunca conseguia me misturar. Em lugar nenhum. Especialmente não ali em Los Angeles.

À medida que eu ia andando pela calçada, minha rota de fuga ia sendo bloqueada por uma parede de pessoas que cortavam a calçada e criavam uma trilha para a escadaria na porta da frente de uma igreja. Eu não conseguia me desviar de todos aqueles corpos. A rua estava congestionada e parada. Havia carros sobre o meio-fio, decorados com fitas coloridas e flores de papel e com as portas abertas.

Vieram de dentro da igreja quatro meninhas com vestidos amarelos cheios de babados, *leggings* brancas que se dobravam nos tornozelos e sapatos pretos tão lustrosos que dava para ver seu reflexo neles. Cada uma saiu carregando uma cesta de flores, e elas iam espalhando pétalas e pedaços inteiros na calçada por onde passavam. Então, oito meninos, todos mexicanos, saíram também como soldados em fila, todos trajados em ternos e gravatas verdes bem combinados e cabelos penteados para trás, tão brilhantes quantos os sapatos das garotinhas. Homens e mulheres de diversas idades, todos de pele bronzeada, exibindo seus

ternos e vestidos, andavam por ali como caçadores que carregam um troféu e aguardavam ao lado dos carros abertos com os olhos vidrados na fachada da igreja.

Por fim, o noivo e a noiva saíram pela porta, e todos os presentes bradaram saudações alegres e musicais. O rapaz parecia assustado. Eu entendia como ele estava se sentindo, com todas aquelas pessoas olhando para ele. Ele era magro, com um bigodinho muito ralo, e vestia um terno bem simples com uma camisa amarela. Ele voltou seu olhar para mim e, naquele momento, foi como se ambos soubéssemos de alguma coisa a respeito um do outro.

Ele parecia ter uns 17 anos. E achei que ele tinha um ar corajoso. Não me senti mal ou deslocado enquanto assistia ao noivo conduzindo sua noiva para um dos carros. Quando as pessoas em fila se dispersaram atrás deles, formou-se um caminho entre a multidão e eu continuei andando pela calçada, procurando qualquer sinal que apontasse para uma rua dos Anjos.

Parei em frente a um estabelecimento com a palavra “*carniceria*” escrita em tinta azul no largo vidro da frente. Em algum momento, aquele escrito tinha tomado chuva, e ele agora escorria janela abaixo como parafina derretida.

Lá dentro, vi um balcão de vidro cheio de carne, linguças de cor pálida e partes de animais. Uma moça bonita de avental branco estava do outro lado, e uma senhora mais velha que estava de costas para mim ia apontando e indicando que “não” com o dedo em riste para as coisas que a moça ia levantando e mostrando. E “não” de novo.

No fundo da loja, um homem parrudo usando uma camiseta toda manchada de sangue cortava uma parte que parecia um joelho com um cutelo grande e reto, enquanto um cigarro aceso pendia de seus lábios e o fio de fumaça entrava nos olhos dele. Mesmo de onde eu estava ali na calçada dava para ouvir as batidas poderosas do cutelo, e eu ainda pude ver o pó de osso e o tutano que se espalhavam pela tábua de corte.

Em frente à moça mais nova, bem no meio da vitrine de carnes, havia uma enorme cabeça de porco, descolorida e esbranquiçada, sorrindo para mim com os olhos apertadinhos como se ele estivesse dando uma risada, muito feliz por eu estar ali para vê-lo, mesmo ele estando rodeado por bandejas cheias de miolos de boi, línguas e tripas.

Pensei que ele estava ali como o rei de todas aquelas coisas mortas, o governante de todas aquelas peças que tinham sido cuidadosamente arrumadas em torno dele, de todas as partes faltantes ao redor do mundo.

Eu nunca tinha visto nada daquele jeito na vida – com certeza nunca tinha visto uma cabeça de porco inteira para vender – e tentei calcular se haveria um preço para se comprar algo como aquilo. E ele tinha orelhas legais, também. Me perguntei se alguém poderia comprar só uma orelha.

Uma balança com uma bacia de aço inoxidável pendurada ficava em cima do balcão. Aquilo me remeteu a algum tipo de adereço de filme de terror. A moça então pôs alguma coisa vermelha e úmida na bacia e ficou olhando o indicador da balança dançar em sentido horário e se contorcer até chegar a um valor. Seus cabelos escuros caíram por cima dos ombros e ela disse alguma coisa para a velha freguesa, que assentiu com a cabeça. Fiquei bestificado com sua boca, com a brancura de seus dentes. Ela era realmente muito bonita.

Devia ser a filha do açougueiro, pensei, porque não tinha como ela ser muito mais velha do que eu. E me perguntei se ela alguma vez já teria beijado algum garoto branco de Washington. Um que tivesse anotia. Olhei para a cabeça de

porco de novo.

Quando levantei os olhos, notei que a garota me viu. Talvez ela soubesse que eu a estivera observando, mas então só ficamos olhando um para o outro por um momento. Ela não sorriu. Eu também não. Foi como se ela me conhecesse. Ela puxou um pedaço de papel pardo de debaixo do balcão e embrulhou aquilo que tinha pesado. Enquanto passava o papel em volta da carne, girando o pacote, virando-o de cabeça para baixo, notei que seu esbelto braço esquerdo terminava pouco depois do cotovelo. Mas ela trabalhava rápido, como se a falta de uma mão não fosse nada para ela.

O açougueiro continuava martelando. A mulher mais velha contou seu dinheiro em uma carteira de cor laranja. Fiquei observando a moça atrás do balcão e me perguntando se a senhorita Mendoza teria algo a dizer para ela também. Ela olhou para mim outra vez. Eu fui embora dali.

Me arrependi de ficar olhando para aquela garota. Foi como se eu tivesse roubado alguma coisa dela. Talvez ela tenha pensado a mesma coisa a meu respeito. Talvez fosse por isso que o porco estava sorrindo.

Eu quase passei da rua dos Anjos sem percebê-la.

Bem, nem havia muito a ser percebido para começo de conversa; era só uma placa torta e pintada à mão, pregada no alto de uma porta pesada com uma janelinha gradeada no meio. A porta ficava espremida de maneira bem pouco chamativa entre duas lojas. Quando eu a abri, a única coisa que havia do outro lado era um surrado lance de escadas, escuro e estreito, que levava diretamente a uma outra porta.

Aquilo me lembrou da saída do porão na minha casa. Eram as escadas que me levavam ao quarto de São Fillan, à minha mãe e ao meu pai. Mas aquelas escadas na rua dos Anjos cheiravam a urina. Fiquei parado em meio a uma poça – provavelmente de urina mesmo – no andar mais baixo.

Uma lâmpada amarelada sem lustre pendia do teto sobre as escadas. Estava presa por um fio enegrecido. Quando a porta se fechou atrás de mim, foi como se eu tivesse entrado em outro mundo, talvez até em outro tempo. As escadas rangiam sob meus pés.

Olhei para trás e vi a pegada do meu tênis impressa nas manchas de urina dos degraus mais baixos. Quando cheguei mais perto da porta de cima, pude ler as palavras estampadas em tinta preta de spray:

ABRIGO DE JOVENS RUA DOS ANJOS

Eu não queria mais esperar. Me imaginei abrindo aquela porta e olhando diretamente nos olhos de meu irmão, vendo-o exatamente como da última vez em tínhamos estado juntos e felizes, naquela manhã de Páscoa quando surfamos juntos lá na praia. Mas a porta se abriu para outra sala escura e silenciosa. Entrei.

Tinha cheiro de fumaça. Fiquei parado com a mão na porta em uma velha antessala bem pequena, com um sofá rasgado e uma mesa cheia de revistas igualmente rasgadas e livros sem capa. Uma televisão sem som ficava no chão ao lado de uma parede. Só havia uma das metades de uma antena interna. Vendo a outra faltando, pensei:

“Acho que eu cheguei no meu lugar.”

No fundo da sala havia um balcão de atendimento curvo, de madeira, como aqueles que veríamos em um velho hotel decadente. Um homem fumando um

cigarro se apoiava do outro lado, como se fosse um *barman* cansado.

Ele não tinha nenhum cabelo no alto da cabeça, o que ajudava a dispersar a luz das fracas lâmpadas que ficavam nos falsos candeeiros atrás do balcão. Mas o cabelo dos lados da cabeça ia até os ombros. Ele disse:

– Você é o último.

– Hã... Eu sou?

Foi muito surreal, como se aquele cara estivesse me esperando. Por um momento, achei que eu pudesse estar morto e ali fosse o lugar aonde a gente vai para ser identificado, ou talvez para encontrar partes faltantes. Olhei para ele na esperança de que fosse dar alguma outra pista do que estava acontecendo. Como se nós estivéssemos conversando em código ou algo assim.

Conforme meus olhos iam se ajustando ao ambiente, pude ver um corredor atrás dele e uma porta com um número de metal pregado nela. Ele deu outra longa tragada em seu cigarro.

– A última cama. Você nunca veio aqui antes?

Balancei a cabeça e mantive minhas costas contra a porta que dava nas escadas.

– O quarto 2 tem três camas. Dois rapazes já vieram hoje. Você é o último.

O homem calvo apertou seu cigarro entre os lábios e puxou uma prancheta de debaixo de seu balcão. Começou a escrever alguma coisa nela e conferiu as horas em seu relógio de pulso. Olhei para a porta de novo.

– Você é novo nas ruas, não é?

Balancei a cabeça.

– Hã... Eu não vivo na rua – e limpei a garganta.

Não havia janelas na sala, e eu então percebi a quantidade de fumaça que já tinha preenchido aquele espaço entre o homem e eu.

– Estou procurando meu irmão. Ele me ligou ontem e disse que estaria aqui.

Dei um passo à frente com cautela. Na parede atrás do homem havia uma placa. Dizia “Normas da rua dos Anjos”.

Acho que aquilo estava lá só para fazer garotos como eu e Bosten nos sentirmos em casa.

PROIBIDO DROGAS.

PROIBIDO FUMAR NOS QUARTOS.

SE VOCÊ TEM MENOS DE 18 ANOS,

A LEI DA CALIFÓRNIA EXIGE QUE O ABRIGO LIGUE PARA UM RESPONSÁVEL.

PERMITIDA A ESTADIA POR NO MÁXIMO DUAS NOITES.

Na parte de baixo do cartaz, escrito no que parecia ser lápis de cor vermelho, alguém tinha adicionado “Proibido fazer sexo”. Mais embaixo, em lápis preto, “Especialmente com o Steve”. Presumi que Steve fosse o sujeito careca fumando o cigarro, o cara que tocava aquele lugar. Ele deixou o lápis sobre o balcão.

– O nome do meu irmão é Bosten McClellan.

– Eu conheço o Bosten.

Por alguma razão, só de ouvir Steve dizer aquilo eu fiquei com o coração batendo mais rápido.

– Ele está aqui?

Steve balançou a cabeça. Caíram cinzas sobre o balcão e ele as limpou com o braço.

– Não. Ele deu entrada hoje, mas está na rua agora. Você sabe como ele é... Ele precisa se acertar.

Precisa dar uma parada.

Ou então vai acabar morto.

Todo mundo já tentou conversar com ele.

– Oh...

Eu não sabia se aquilo significava que era para eu ir embora.

– Você sabe se ele vai voltar logo?

– Ele sabe que precisa voltar antes de meia-noite.

Pensei no homem que fecharia o portão às “Dez de noite”.

– Meu irmão só tem 16 anos.

– E o que tem isso a ver? – Steve pareceu irritado. Apertou a bituca do cigarro na tampa de um pote de picles e a torceu.

Eu não sabia o que aquilo tinha a ver. Só quis que Steve me assegurasse de que Bosten ficaria bem.

Dei de ombros.

– Escuta. Todas as vezes em que seu irmão veio aqui... – e Steve parou para consultar as páginas em sua prancheta. – Foram três vezes nas últimas duas semanas. Já ficou aqui três vezes, contando com a entrada de hoje de manhã.

Steve fez as contas. Virou a prancheta na minha direção para que eu pudesse lê-la.

– Está vendo esse número de telefone aqui?

Steve roía as unhas. E seu dedo era amarelado. Ele o usou para apontar para o número que estava ao lado do nome de Bosten. Era o número de nossa casa em Washington. Fiz que sim com a cabeça.

– E aí, conhece, garoto?

– É o nosso número.

– Todas as vezes em que ele ficou aqui, eu falei com seu pai. Nós temos de fazer isso. Para pegar a permissão dele. Falei com ele uma hora atrás.

– Quer dizer que... meu pai sabe que Bosten está aqui?

Steve soltou um breve suspiro, que é o que as pessoas fazem quando estão prestes a me chamar de retardado.

– Você sabe como são as coisas, garoto. Seu pai não quer o rapaz de volta mesmo.

Por que não daria permissão?

Se ele não desse, nós teríamos de expulsar seu irmão.

Você não é burro.

Sabe o que acontece com garotos

como o Bosten nas ruas.

Seu velho até mandou uma grana para ele uns dias atrás.

Eu não sabia o que acontecia com garotos como o Bosten nas ruas.

Então, acho que eu era mesmo burro.

– Meu pai mandou dinheiro?

– E você sabe o que garotos que estão na rua fazem com o dinheiro. Ou o que eles fazem para conseguir uma grana. E Bosten precisa segurar a onda tanto em uma coisa quanto na outra.

Eu não sabia nada daquilo. Decidi não perguntar a ele mais nada a respeito de garotos que estão na rua, porque acho que ele ainda não sabia o quanto eu era burro naquele assunto. E acho que eu estava com medo de descobrir coisas demais sobre o Bosten. Só engoli o bolo que estava na minha garganta.

– Eu vim para levá-lo de volta para casa.

- Para Washington?
- Vamos ficar com minha tia agora. Em Oxnard.
- Olha, boa sorte para você nessa tarefa...
- Tem alguma coisa dele aqui?
- Do Bosten? Aquele cara só carrega a roupa do corpo.

Steve puxou outro cigarro.

- Fuma?

Me estendeu o maço.

- Não.

- Ah, você não é mesmo das ruas.

- Pois é.

Steve acendeu o cigarro. Ele apertou os olhos quando inalou a fumaça, como se tivesse doído. Achei aquilo legal. Perguntei:

- Posso ficar aqui e esperar pelo meu irmão?

Steve apontou para o cartaz com as normas da casa.

- Pode ficar por até duas noites, se quiser.

Eu não queria. Me sentei na parte menos esburacada do sofá. Steve ainda acrescentou:

- E a TV não funciona.

E guardou sua prancheta.

Fiquei encarando a parede e a televisão que não tinha uma orelha. Fiquei sentindo a presença de Steve ali, só parado em pé, me olhando, mas não queria mais falar com ele. Havia uma tampa de plástico de uma lata de café daquelas grandes em cima dos livros e revistas rasgados na mesa. Estava lotada com tudo quanto era tipo de bituca de cigarro. Tentei contá-las e identificar as marcas.

Peguei um livro.

A capa estava rasgada. Então o virei e olhei para a lombada. Por um momento, pensei, sem a capa, era como se o livro também não tivesse uma orelha. Na lombada havia um nome, *O apanhador no campo de centeio*.

Eu nunca tinha ouvido falar dele.

- E qual é o seu nome, afinal?

Steve ainda estava olhando para mim. Acho que, quando tudo o que você tem é uma televisão quebrada e um monte de livros rasgados, deve ser melhor ficar encarando a parte de trás da cabeça de um garoto feio. Eu quase falei “Palito”, mas me contive.

- Stark McClellan.

- Você quer falar com seu pai?

- Não.

Pus o livro de volta, girei a tampa cheia de bitucas, continuei contando.

- O que aconteceu com sua orelha?

- Nada – eu disse. – Eu tenho anotia.

- Ah...

Steve disse aquilo como se soubesse exatamente do que eu estava falando.

E talvez pensou que alguma outra coisa cairia de mim se ele continuasse encarando.

Fiquei pensando

na moça da *carniceria*.

Em como ela poderia ser um anjo.

E adormeci sentado naquele sofá despedaçado

Eu sei

Estou flutuando.
E vejo todas as pessoas
que vêm e vão,
e vêm e vão,
carregadas pelas correntes
contra as quais não podemos nadar.
Às vezes,
estendemos a mão para elas,
mas nossa tentativa de tocá-las
é efêmera.
Paul Buckley,
Willie,
April,
Sutton,
Emily.

Somente os sons
e as palavras
ficam presos na minha cabeça.

Aqui estão cinco tiros.
Aqui está o santo.

Bosten e eu nunca deixaríamos o mar
nos separar e nos afogar.

Nós dois sempre fomos tudo o que nós tivemos na vida.

O braço de alguém está sobre o meu ombro. Havia uma respiração quente e pesada perto do meu pescoço.

– Palito?

Meus olhos estavam fechados, e eu sei que isso vai soar estranho, mas eu senti o cheiro do Bosten.

Conheço o cheiro do meu irmão, esteja ele limpo ou sujo, molhado ou seco. Antes que meus olhos se abrissem, eu sabia que era Bosten que estava ali ao meu lado, e as palavras na minha cabeça imploravam

não deixe que isso seja um sonho.

– Palitoso?

Então eu o vi.

– Você não vai dizer nada?

Bosten pôs as mãos sobre meus ombros, seus olhos a centímetros dos meus. Eu não conseguia falar. Ele estava diferente. Acho que eu estava também.

Porque tudo tinha mudado.

Bosten estava magro, pálido e cinzento. Seus olhos estavam muito negros e ele parecia um homem adulto. Havia uma penugem levemente dourada em seu queixo e na dobra dos maxilares, em frente às orelhas.

Ele estava com as mesmas roupas que usava naquele dia em que a senhora Buckley o levou lá para casa, mas elas agora estavam imundas. Sua camiseta estava marrom e a camisa de fora tinha buracos.

Mas era meu irmão.

Eu o agarrei e encostei meu rosto em seu pescoço. Não falei nada e também não o soltei. Percebi que Bosten estava chorando. Aquela era uma coisa que meu irmão nunca tinha feito na minha frente.

– Me desculpa, Palitoso. Eu não queria te deixar com medo nem nada assim.

Pus minha mão em seu cabelo e o afaguei.

– Eu estava com tanto medo.

E estava com muito medo de verdade de que aquilo fosse um sonho, então o afastei e olhei para ele de novo. Seus olhos estavam marejados e eu os enxuguei com os polegares.

– Mas que diabos... Cacete, Bosten...

E comecei a chorar também.

– Gostei do seu cabelo – e Bosten passou a mão como um pente sobre a minha cabeça.

– Você precisa de uma roupa nova. E de um banho – eu disse, puxando os pelos em seu queixo. – E precisa começar a se barbear também.

Olhei por sobre o meu ombro. Steve não estava mais lá. Não havia mais ninguém naquela saleta a não ser meu irmão e eu.

– Você trouxe alguma roupa para mim? – perguntou Bosten, se sentando no sofá. Estava com o braço em volta do meu ombro, então eu me inclinei junto com ele quando ele foi pegar o cigarro que estava fumando.

– Não. E você não fuma.

Bosten deu de ombros. Seus olhos sorriam para mim, mas seu rosto parecia muito cansado.

– Não? Então olha só.

Então ele deu uma longa tragada no cigarro e nem alterou sua expressão. Achei aquilo ainda mais legal do que o jeito que Steve fazia. Bosten ainda exalou a nuvem de fumaça pelo nariz.

– E dinheiro?

– Eu estou com dinheiro. Mas você vai voltar para casa comigo. Para a tia Dahlia.

Bosten recolheu o braço. Apagou o cigarro e esfregou as mãos nos joelhos engordurados de sua calça. Não olhou para mim. Eu sabia o que meu irmão queria dizer quando não olhava para mim.

– Como você chegou aqui?

– Vim dirigindo.

Eu dirijo à noite.

– E fiquei perdido também.

Só então me lembrei.

– Ah, droga... Que horas são?

– Por volta de meia-noite.

– Merda. O cara do estacionamento trancou o portão com o carro da Dahlia lá dentro.

– O Steve disse que você pode ficar com a terceira cama no nosso quarto. Já tem um outro garoto lá chamado Jericho. Ele é um amigo. A gente meio que cuida um do outro. Estamos sempre juntos.

– Eu tenho aula amanhã.

– Você está indo à escola?

– Estou. E estou gostando de lá.

Bosten não disse nada. Enfiou os dedos no bolso de sua camisa, puxou um maço amarfanhado de cigarros e acendeu um.

Eu tinha trazido dois pedaços de papel no mesmo bolso onde estava a carteira de Bosten: a quina rasgada do mapa de Los Angeles e o recorte de jornal de Kingston com a foto da granada que tínhamos soltado, nosso ataque de disco voador.

Desdobrei a fotografia e fiquei olhando para o rosto de Bosten.

Ainda pude perceber seus olhos se maravilharem, mas também vi que aquela sensação tinha sido obscurecida por todas as coisas que já tinham nos acontecido desde a noite do jogo de basquete.

Bosten sorriu.

– Isso aí foi há tanto tempo...

Estava segurando seu cigarro do mesmo jeito que nossa mãe fazia, encurvado na palma da mão.

– Nem tanto.

Meu irmão ficou encarando aquela imagem como se fosse um filme ou algo assim, como se pudesse vê-la se transformando ou queimando bem ali na mão dele.

– Você sabe o que aconteceu com o Buck?

– Não.

Pensei no que eu deveria dizer. Ainda podia ouvir as palavras de Ricky Dostal e Corey Barr no vestiário em meio às risadas deles, dizendo que Paul Buckley tinha tentado se matar com uma tesoura de costura.

– Eles o puseram em um hospital.

– Não precisa me contar – Bosten disse.

– Uma hora dessas eu conto.

– Tudo bem.

– Vamos para casa, Bosten.

Fiquei olhando ele fumar. Ele pôs o recorte na mesa junto aos livros rasgados. Pude perceber que ele estava pensando em muitas coisas. E eu disse:

– Você é tudo o que eu tenho na vida.

– Não é verdade.

– Por favor?

Bosten equilibrou o cigarro na beirada da mesa de modo que as cinzas caíssem no chão. Desabotoou sua camisa e a tirou. Sua camiseta de baixo estava coberta de sujeira e havia um rasgo grande na barriga.

– Acho que seria melhor eu não voltar com você.

E Bosten dobrou sua manga esquerda para que eu visse as marcas em seu braço, no pulso e na volta do cotovelo, feitas com agulhas usadas sem cuidado por garotos de rua que torravam seu dinheiro e se prostituíam por aquilo. Uma das marcas de agulha estava cheia de pus. Estava bem ao lado de outra que parecia ter sido feita naquele dia mesmo.

Bosten ficou lá parado, me observando enquanto eu via o que ele tinha feito consigo mesmo. E ele tinha uma expressão que dizia “Eu avisei”.

Pensei nos braços do Paul Buckley.

Tentei me lembrar se em algum dia da minha vida eu já tinha ficado com raiva de Bosten ou desapontado com ele.

– Você está tentando se matar ou o quê?

Bosten deu de ombros.

– Sei lá...

Ele sorriu como se aquilo não fosse nada de mais. Esticou a manga de volta sobre o braço. Antes que ele pudesse se encostar de novo no sofá e pegar seu cigarro, eu me levantei rápido e agarrei meu irmão pelo colarinho. Bosten se assustou.

– Ei, o que...?

Eu o empurrei para o chão e o joguei de costas contra o balcão de Steve. Eu nunca tinha brigado com meu irmão, nunca na minha vida, mas não sabia mais o que fazer. Tinha medo de que ele fosse se matar. Imaginei ele tendo o mesmo fim de Willie.

E eu sabia que Bosten sabia lutar. Era burrice eu pensar que ele não me daria um soco na cara depois de eu fazer aquilo com ele, mas tudo o que meu irmão fez foi se acalmar e desistir bem ali na minha frente.

– Mas que porra é essa, Bosten? Você não pode fazer isso comigo! Não pode me deixar sozinho assim!

Bosten só ficou parado com os braços pendendo ao lado do corpo.

– E o que você vai fazer?

Me dar uma surra? Feito o que o pai fazia?

Eu o larguei e fui para longe.

– Vai se foder, Bosten.

– Está vendo?

Eu sempre soube

que um dia desses

você ia tomar coragem

para se defender sozinho.

Meu irmão andou até a mesa e pôs o cigarro de volta nos lábios.

– O Steve ficaria puto se nós puséssemos fogo neste lugar.

– Eu estou indo embora.

Nem me virei. Estava enojado demais para olhar para Bosten. Fui até a porta e a abri.

– Ela vai se trancar e você não vai poder voltar até amanhã ao meio-dia.

– Eu não vou voltar. Estou indo para casa.

Era como um sonho. Eu não acreditava que aquilo estivesse acontecendo, mas ouvi a tranca da porta travar atrás de mim e só sei que, em um segundo, eu já estava nas escadas, descendo, cheirando aquele fedor de urina no corredor escuro. A porta se abriu de novo lá atrás.

– Ei. Espera. Você esqueceu a foto do OVNI.

Eu parei. Bosten disse:

– Deixa eu acordar o Jericho. Ele é muito bom em arrombamentos. Nós vamos ter de tirar o carro da tia Dahlia se você quer tanto assim me levar para casa.

O garoto chamado Jericho era pequeno e parecia um rato, com um bigodinho ralo cor de âmbar sobre o lábio. Ele usava óculos de aro grosso, o que o deixava ainda mais com aparência de roedor. Ele me disse que tinha 17 anos e que tinha fugido de casa em Utah e vindo para Los Angeles. E disse que seria mamão com açúcar

tirar o carro da tia Dahlia do estacionamento. Quando ele falou em mamão, fiquei com fome.

Andamos pela Broadway até a rua Cinco e viramos à direita. Jericho sabia exatamente qual era o estacionamento na rua Flower onde eu tinha deixado o carro.

– O dono aqui é da Grécia ou algum lugar assim. Ele é um babaca, mas às vezes deixa a gente pegar um cigarro – disse Jericho.

A cabeça dele tremia quando ele andava, e ele fungava constantemente e ia enxugando o líquido do nariz com a manga da camisa.

– Você pode vir com a gente – eu ofereci. – Digo, se estiver precisando de um lugar para ficar durante um tempo.

– Grande merda – ele respondeu. – Por acaso parece que eu preciso de algum lugar para ficar?

E limpou o nariz de novo. Ele parecia sim precisar de um lugar onde ficar, mas fiquei com medo de dizer e deixá-lo com raiva.

– Desculpe.

– Cacete. Seu irmão mais velho só fala de você o tempo inteiro. É como se você fosse o herói da vida dele.

– Cala a boca – disse Bosten.

Jericho tremia e fungava.

– Tudo bem. Às vezes ele também fala de injetar merda no braço.

Deu uma risada e tentou dar um tapinha no ombro de Bosten, mas só acertou o ar.

– E do que é que você fala o tempo todo, hein? – Bosten disse.

– De ficar doidão. E do meu querido Bosten.

Resolvi que eu não gostava do Jericho, mas disse a mim mesmo que, se ele sabia de um jeito de tirar o Dodge do estacionamento do grego, então era melhor eu ficar calado. Havia pessoas – pessoas adultas – enroladas em cobertores e no que mais pudessem usar, deitadas nos bancos da Praça Pershing. O odor pungente que vinha deles era como um incenso feito de sujeira e derrota. Uma delas levantou a cabeça quando a gente passou. E nos chamou:

– É o Jericho e dois de seus bonitões. Tem alguma coisa aí para gente, Jota? Tem?

Jericho não falou nada. Só continuamos andando. Fazia calor. Deve ser mais fácil morar nas ruas se for em um lugar como Los Angeles, pensei. Na rua Flower, Jericho disse:

– E quando é que eu vou te ver de novo? Vou ficar com saudade, gato.

Então ele deu um beijo em Bosten bem na boca. Bosten olhou para mim. Pude perceber que ele ficou sem jeito. Mas eu não liguei. Só queria dar um murro naquele moleque com cara de rato. Eu disse:

– Eu vou escrever para você nosso endereço e o telefone em Oxnard, caso você esteja na área.

Jericho riu.

– Querido, eu estou sempre na área. Só nunca estou naquela área.

Ele pôs aquele braço que tremia em torno da cintura do meu irmão.

– Aqui está.

Nós três estávamos nos fundos do estacionamento. O Dodge não tinha sido a única vítima do confinamento “Dez de noite”; o grego guardava outros carros lá também. Jericho envolveu a corrente com os dedos e a estudou como se fosse um general planejando um ataque-surpresa.

– Tem luz demais aqui na frente. Se a polícia passar, vai ver a gente. Acho melhor a gente só tirar o carro.

E eu me perguntei como é que ele queria tirar um carro dali com aquele portão. Ele disse:

– Você. Irmão mais novo. Fica ali vendo se a polícia aparece.

E apontou aquela mão cheia de catarro para a esquina. Eu não me importava em ficar de vigia, mesmo que não tivesse a menor ideia do que fazer se visse a polícia, porque também não queria saber o que Jericho e meu irmão iam fazer para liberar o carro da tia Dahlia.

Entretanto, poucos minutos depois, a resposta ficou óbvia. Jericho sempre levava pesados alicates no bolso de trás, e não demorou nada para ele cortar um buraco na cerca grande o suficiente para passar um tanque.

Simples assim.

Eu dirijo à noite.

Eu explodo coisas.

Eu roubo carros.

Nós três nos sentamos no banco da frente com Bosten no meio. Eu meio que esperava que Jericho saltasse do carro no primeiro sinal vermelho, mas ele não fez isso. O assoalho do Dodge raspou um pouquinho quando eu dirigi pela calçada e passei pelo meio-fio. Por sorte, não havia trânsito nenhum, porque eu andei um quarteirão inteiro na contramão.

Quando pus o carro de volta na direção certa, Jericho se declarou o navegador e foi nos guiando para oeste na Sunset até chegarmos no Santa Monica Boulevard procurando algum lugar para comer alguma coisa. Tomamos café no Denny's, em Hollywood, à uma da manhã.

As pessoas que trabalhavam lá não foram nem um pouco gentis conosco. Deu para perceber que Bosten e Jericho já tinham estado lá antes. Enquanto comíamos, Jericho anunciou com orgulho:

– Esta é provavelmente a primeira vez que eu não sou expulso daqui.

Bosten sorriu, olhou para suas panquecas e disse:

– Talvez...

Por volta das 2 horas da manhã, estávamos em frente a um prédio abandonado onde só ficavam drogados e garotos de rua. Foi lá que Jericho pediu para deixá-lo. Bosten também conhecia aquele lugar, mas eu nem quis saber a respeito. Quando Jericho abriu a porta e saiu do carro, agarrei o pulso de Bosten assim que ele se distanciou de mim.

– Não vá lá para fora.

– Não vou deixar você sozinho, Palito.

Eu o deixei ir. Não vi o que eles fizeram. A única coisa que me importava era que Bosten voltasse para o carro e eu o levasse para casa; que nós voltássemos juntos para casa como deveríamos. Eu os ouvi conversando, mas não quis saber o que falavam. Me senti um pouco malvado por afastar Bosten de alguém de quem ele gostava, mas eu sabia que meu irmão não podia continuar vivendo daquele jeito.

Bosten não aguentaria muito mais aquela vida. Ele era como um cavalo selvagem correndo a toda direto para um penhasco que ele sabia que estava logo adiante. Meu irmão então entrou de novo no carro. E eu respirei aliviado. Ele notou.

– Escuta. Eu já te falei. Não vou te deixar sozinho.

– Tudo bem – eu disse com a voz trêmula.

– Eu vou me comportar.

– Tudo bem.

Esperai ele fechar a porta.

– Acho que você deveria dar um dinheiro para o Jericho por ele ter nos ajudado.

Eu já tinha prometido nunca mais fazer nada que causasse sofrimento à tia Dahlia, então mal pude olhar na cara dela quando nós finalmente chegamos de volta à praia. Eram quase 4 da manhã. Dahlia tinha adormecido no sofá da sala com todas as luzes da casinha acesas. Ela estremeceu logo que nós entramos juntos. E então começou a chorar.

Dahlia pôs as mãos nos meus ombros e deu um beijo na minha orelha. Ela sussurrou:

– Desde a primeira vez em que eu te vi, soube que você era alguém de valor. Sempre soube que era.

Agarrou Bosten e o encheu de beijos. Pôs as mãos em seu cabelo imundo e disse:

– Eu estou tão feliz por você estar de volta! Você está tão lindo! Meu querido, você está tão lindo!

Bosten a abraçou de volta.

Fui para o meu quarto e peguei as roupas limpas que eu tinha carregado aquele tempo todo para o meu irmão em minha mala. Deixei-as no banheiro perto da pia e então liguei o chuveiro para ele.

As coisas mudam.

Às vezes, as coisas se consertam.

O braço de Bosten melhorou,
mas alguma coisa em nós dois permaneceu vazia,
e não era uma coisa que alguém pudesse definir,
e nós sabíamos disso.

Então, juntos, nós a mantivemos acorrentada,
dentro de um quartinho em algum lugar,
esperando até ficar de manhã.

Sempre fica enevoadado na praia da Califórnia em junho.

O ano escolar está quase acabando.

Bosten está matriculado em um supletivo,
mas não sei se ele aprendeu direitinho a seguir em frente.

Kim e Evan estão esperando lá fora.

Bosten e eu ainda dormimos na mesma cama na casa de tia Dahlia.

E estamos indo para o mar.

Copyright © 2011 Andrew Smith
Copyright © 2011 Feiwei and Friends Books, an imprint of Mcmillan
Copyright © 2014 Editora Gutenberg
Título original: *Stick*

Todos os direitos reservados pela Editora Gutenberg. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos ou em cópia reprográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL
Alessandra J. Gelman Ruiz

EDITOR ASSISTENTE
Denis Araki

ASSISTENTE EDITORIAL
Felipe CastilhoCarol Christo

REVISÃO
Renato Potenza RodriguesEduardo Soares

CAPA
Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial

DIAGRAMAÇÃO
Christiane Moraes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Smith, Andrew

Minha metade silenciosa / Andrew Smith ; tradução Rodrigo Seabra. --
Belo Horizonte : Editora Gutenberg, 2014.

Título original: *Stick*.

ISBN 978-85-8235-124-6

1. Ficção norte-americana I. Título.

13-13661

CDD-813

Índices para catálogo sistemático: 1. Ficção : Literatura norte-americana 813

EDITORA GUTENBERG LTDA.

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301
Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários . 30140-071 Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3214 5700

